

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS DE  
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

**FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**ELISANGELA APARECIDA DA ROCHA**

***Claridade* - o canto e o louvor de um povo no percurso da construção  
identitária: O diálogo com o regionalismo**

**Versão corrigida**

**São Paulo  
2015**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS COMPARADOS DE  
LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA  
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO**

***Claridade* - o canto e o louvor de um povo no percurso da construção  
identitária: O diálogo com o regionalismo**

**Elisangela Aparecida da Rocha**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo como exigência parcial para a obtenção do título de Doutora em Letras.

Orientadora: **Profa. Dra. Tania Celestino de Macêdo**

Versão corrigida

**São Paulo  
2015**

ROCHA, Elisangela Aparecida da. **Claridade - o canto e o louvor de um povo no percurso da construção identitária**: O diálogo com o regionalismo

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof(a). Dr(a). \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento. \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof(a). Dr(a). \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof(a). Dr(a). \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof(a). Dr(a). \_\_\_\_\_ Instituição \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## **CABOVERDIANAMENTE**

*Detém-te lágrima*  
*Não ferimos ainda o último combate*  
*Ah este desejar loucamente o sol*  
*este ansiar febril por fontes que*  
*não há*  
*Detém-te e espera*  
*caboverdianamente espera*  
*o dia em que*  
*devagarinho*  
*penetrarás*  
*a terra geminada de esperança*  
*Detém-te lágrima*  
*que estás no limiar*  
*do reino*  
*encharcado de sol*  
*do belo reino encharcado de sol*  
*a razão crioula da nossa luta*  
*Detém-te e olha*  
*as palavras feitas raízes*  
*entrelaçadas de amor*  
*e sangue*  
*confundidas na mesma seiva*  
*que alimenta*  
*montes*  
*e sargaços*  
*Detém-te lágrima*  
*e aguarda*  
*calmamente aguarda*  
*caboverdianamente (Ovídio Martins)*

## **Agradecimentos**

À FAPESP, pelo fomento à pesquisa.

À minha orientadora professora Doutora Tania Celestino de Macêdo, pela disposição acadêmica e pelo apoio, minha gratidão sempre.

À professora doutora Rita de Cássia Natal Chaves pelas orientações, pelo amparo acadêmico, intelectual e pessoal nos momentos essenciais.

Aos professores da área pela contribuição intelectual e acadêmica, em especial ao professor doutor José Nicolau Gregorin Filho.

Aos professores Cláudio Furtado, Omar Ribeiro Thomaz, Nazir Can e Benjamim Abdala Junior, membros da banca de defesa.

Ao professor Antonio Carlos Aleixo pela presença fundamental em toda minha trajetória.

A Renato Mendes Alves que em todos os momentos esteve comigo, dando apoio, amparando e dando força.

À Avani Souza Silva pelos longos diálogos, trocas de materiais e pelo suporte emocional durante toda a caminhada, sem você teria sido muito mais difícil.

À Juliana Salvadori pelas leituras, força e apoio sempre.

À Luciana Vedovato pelas leituras fundamentais e amizade preciosa.

A Antonio Marcos Roseira, Eliane Gonçalves da Costa, Silvana Loch, Cibele Introvini, Osvaldo Moyano Marin, Onofre dos Santos Filho, Nazir Cahn, Flávia Bandeca Biazetto, Luzia Barros e a todos meus amigos que direta e indiretamente estão neste trabalho.

À minha família, meus pais José Divino da Rocha e Neusa Aparecida da Rocha, meus irmãos, sobrinhos e cunhados, em cuja união me estruturo.

## RESUMO

ROCHA, Elisangela Aparecida da. ***Claridade - o canto e o louvor de um povo no percurso da construção identitária***: O diálogo com o regionalismo. Tese de Doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo – FFLCH, 2015, p 230.

*Claridade* - revista de letras e artes é considerada um dos principais marcos do desenvolvimento literário no arquipélago de Cabo Verde. O lema “fincar os pés no chão crioulo” fulgurou como estratégia na busca de temas que refletissem a realidade social das ilhas. O contato com escritores brasileiros (modernistas e regionalistas), a partir dos anos de 1930, foi a força motriz para o desenvolvimento e modernização literária cabo-verdiana. Nesse processo, os estudos de Gilberto Freyre, notadamente o Manifesto Regionalista, foram especialmente significativos por oferecerem o arcabouço teórico e metodológico para a valorização das raízes culturais das ilhas e de sua formação social. O presente trabalho estrutura-se na análise das ações envolvendo o grupo claridoso, questionadoras da identidade cultural e literária do arquipélago, por meio da valorização dos aspectos regionais, cujos registros figuram nas publicações de *Claridade*, entre os anos de 1936 e 1960.

**Palavras-Chave:** *Claridade*; Literatura cabo-verdiana; Identidade Regional, Brasil, Regionalismo.

## **ABSTRACT**

***Claridade* - a people's song and praise in its identity construction: dialogue with regionalism.** Doctoral Tesis. São Paulo: Universidade de São Paulo – FFLCH, 2015, p. 230.

*Claridade* - literature and arts journal - is considered a landmark in the literary development of Cape Verde. The motto “set feet into creole ground” remained a strategy in the search of themes that reflected the social reality of the islands. The contact with Brazilian writers (modernists and regionalists), from the 1930s on, was a driving force to the development and modernization of Cape Verde literature. Gilberto Freyre's works, particularly his *Regionalista Manifesto*, played a significant role since they provided a theoretical and methodological framework to the acknowledgment of cultural roots and the islands' social formation. This study centers on the analysis of *Claridadoso* group, whose activities questioned the Literary and cultural identity of the islands by taking into account the regional aspects, as shown by *Claridade* editions from 1930s to 1960s.

**Key words:** *Claridade*; Cape-verdian literature; Regional Identity, Brazil, Regionalism.

## Sumário

<b>Considerações Iniciais .....</b>	<b>8</b>
<b>Capítulo 1 - Claridade e os claridosos: Literatura e Intervenção .....</b>	<b>15</b>
1.1 - A intelectualidade cabo-verdiana: Militância literária e cultural .....	24
1.2 - Das primeiras iniciativas do grupo aos sinais consolidação do Sistema Literário cabo-verdiano .....	40
1.3 - Das leituras sobre a Claridade e o grupo claridoso .....	48
1.3.1 - Com a palavra os claridosos: Baltasar Lopes e Manuel Lopes .....	53
1.3.2 - As vozes da época: do alumbramento de Manuel Ferreira à crítica de Onésimo Silveira.....	57
1.3.3 - As interpretações contemporâneas: a formação da identidade literária e o pensamento regionalista .....	66
<b>Capítulo 2 – Uma lente nas publicações da <i>Claridade</i>.....</b>	<b>72</b>
2.1 – Quadro 1 – Quadro Geral da revista <i>Claridade</i> .....	74
2.2 – Quadro 2 – Evasão .....	89
2.3 – Quadro 3 – Fome .....	90
2.4 – Quadro 4 – Diálogo com o Brasil.....	91
2.5 – Quadro 5 – Aspectos Regionais .....	92
<b>Capítulo 3 - Estudo Analítico dos textos da revista Claridade .....</b>	<b>95</b>
3.1 - "Mas uma coisa será o desejo de evasão, de raiz intelectual. Outra será a necessidade de emigração, de raiz econômica" .....	100
3.1.1 - A geração que não vai para Pasárgada .....	120
3.2 - "Tão silenciosa tragédia das secas nessas ilhas".....	125
3.3 - Cabo-Verde e Brasil: Ressonâncias de outras latitudes .....	136
3.4 - Os aspectos regionais materializados nos textos da revista Claridade.....	149
<b>Capítulo 4 - Consciência regionalista e o sentimento nacional .....</b>	<b>173</b>
4.1 - Identidade Regional .....	176
4.2 - Gilberto Freyre: Manifesto Regionalista e o contato entre Claridade e o regionalismo pernambucano.....	193
4.3 - "O mestre desiludiu-nos": Os escritos de Gilberto Freyre e a repercussão nos intelectuais cabo-verdianos.....	204
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>217</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>222</b>

## Considerações Iniciais

*Dez ilhas pirandelicamente à procura de alguma coisa que até hoje não encontraram: um destino definido, claro, digno deles e do autor de sua vida histórica que foi, sem dúvida alguma, Portugal. Autor e personagem vivem inquietos à procura deste destino; e às vezes os personagens queixam-se do autor. (Gilberto Freyre, **Aventura e Rotina**)*

Historicamente a literatura cabo-verdiana tem sido dividida em duas fases distintas: antes e depois da *Claridade* - revista de artes e letras, cujo primeiro número veio à luz em 1936. Mesmo incorrendo nos riscos que tal simplificação levanta, não podemos nos furtar de encarar o surgimento da revista como um marco que colocou em prática o projeto gestado por anos: a criação de uma literatura que pudesse ser, de forma genuína, chamada cabo-verdiana.

Pires Laranjeira (1995), no entanto, em sua periodização da literatura cabo-verdiana, apresenta o surgimento da *Claridade* como o terceiro período de desenvolvimento da literatura do arquipélago, antecedido pelos períodos: “Das origens até 1925” e o período “De 1926 e 1935”, o primeiro marcado por uma profusão de publicações cujos fundamentos não eram necessariamente literários e pela criação da imprensa, em 1877; e o segundo, conhecido como Hesperitano, caracterizado pelo “cabo-verdianismo” e pelo culto do mito poético da Atlântida perdida, no caso Cabo Verde.

O período claridoso, ou terceiro período da literatura cabo-verdiana, para Pires Laranjeira, é também chamado de período Regionalista, uma vez que o objetivo dos intelectuais envolvidos no projeto era voltar aos valores da terra, dando origem ao famoso lema, cunhado por Manuel Lopes, “Fincar os pés no chão crioulo”.

A afirmação da caboverdianidade, aquilo que identifica e caracteriza sujeito ilhéu como cabo-verdiano, se daria por meio da afiliação às forças determinadas pelo clima, pelo mar, pela condição arquipelágica, pela situação econômica e política do sujeito crioulo, elementos que se tornariam temas e inspiração para a literatura cabo-verdiana.

A revista *Claridade* contou com 9 números, publicados até o ano de 1960. Com edições inconstantes e períodos de hiato entre uma publicação e outra, todos os números se mantiveram dentro do projeto de valorização regional e da temática de cariz cabo-verdiana. A respeito dos temas das publicações, diz Manuel Lopes em entrevista: “Cada um fazia-o (texto) livremente, só devíamos respeitar uma cláusula: a de tratar de assuntos que dissessem respeito a Cabo Verde” (2001, p.75). Em síntese, esse “mergulho no húmus crioulo” (LOPES, 1959) iniciou um movimento literário que implicou sobretudo no encontro com o homem e a terra cabo-verdiana.

Há um consenso entre os estudiosos e os escritores do grupo que a força catalisadora que forneceu “o auxílio metodológico e como investigação” (LOPES, 1986) para o estudo da realidade cabo-verdiana – assim como para o desenvolvimento de uma literatura genuinamente crioula-, aproximou-se de propostas estéticas e teóricas levadas a cabo no Brasil, sobretudo ligados ao período modernista brasileiro.

Deve-se assinalar inclusive que o contato com a literatura brasileira remonta a períodos anteriores aos anos de 1930. Já no início dos anos de 1900, de acordo com o Manuel Ferreira (1986), as referências a obras e a escritores brasileiros, seja na literatura, seja na imprensa, povoam as produções cabo-verdianas, por meio de dedicatórias a escritores ou transcrições de poemas de autoria brasileira: “[...] de

forma a mais variada, o Brasil fixou-se na poesia caboverdiana” (FERREIRA, 1936, p. XXVIII). Os poetas José Lopes e Pedro Cardoso são os mais entusiasmados com a literatura aqui produzida.

O impacto maior da literatura brasileira viria com o contato dos jovens idealistas da *Claridade* com a nossa moderna literatura e com os escritos teóricos do antropólogo Gilberto Freyre, entre os anos de 1920 e 1930. Tal contato será considerado na análise do papel de *Claridade* no contexto da formação da identidade literária cabo-verdiana. Sobretudo o **Manifesto Regionalismo** do autor pernambucano será observado no diálogo com o regionalismo brasileiro que surpreendemos nas nove edições da revista.

No primeiro capítulo deste trabalho, apresentamos a gênese do grupo claridoso e o papel dos intelectuais. Partimos das ideias expostas sobretudo no prefácio à edição fac-similada de *Claridade*, organizada por Manuel Ferreira, de que - mais que uma proposta de discussão exclusivamente literária - , *Claridade* constituiu uma intervenção no panorama cultural cabo-verdiano dos anos de 1930. Para tal objetivo recorreremos à conceituação de intelectual de pensadores como Antonio Gramsci e Edward Said. Ainda neste capítulo traçamos - tendo como ponto de partida a reflexão de Antonio Candido sobre a formação da literatura brasileira, algumas considerações configuração do sistema literário cabo-verdiano.

Para compreendermos o lugar da revista na história cultural do país, lançamos mão de entrevistas concedidas por seus fundadores, textos e artigos de intelectuais da época e interpretações recentes sobre o seu impacto no processo de formação da literatura cabo-verdiana.

No capítulo 2 apresentamos os quadros sinóticos (geral e temáticos) visando mostrar, de forma radiográfica, a natureza das publicações presentes em *Claridade*, o seu conteúdo e os diálogos intra e intertextuais com outras obras, publicações ou contextos de produção. A sucessão dos quadros patenteia uma quantidade significativa de textos literários publicados, demonstrando a sua importância para a formação e configuração do sistema literário cabo-verdiano, pois foi com o seu advento que se iniciou a deflagração de publicações literárias de forma sistematizada no arquipélago. Em suma nosso objetivo é o de auxiliar futuros pesquisadores na identificação dos textos e temas presentes na revista.

No capítulo 3 desenvolvemos as análises dos textos publicados na *Claridade* tendo como eixo três temas que consideramos capitais para a identificação do discurso da caboverdianidade: Evasão, Fome e o Brasil. Esses temas foram selecionados por compreendermos que serão os responsáveis pelo que Antonio Candido chama de “[...] continuidade literária- espécie de transmissão da tocha entre os corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os delineamentos de um todo” (2009, p. 25).

Jorge Barbosa, na edição n.1 de *Claridade* apresenta um poema em que fala do drama da fome, associando-a à necessidade de partir. Enfatizando uma relação de causa e consequência, evidencia-se que o homem cabo-verdiano foge da estiagem e da fome, mas leva consigo a melancolia e a nostalgia típica do povo ilhéu. A fome tira o cabo-verdiano de seu arquipélago, mas o cabo-verdiano não é capaz de tirar o arquipélago de dentro de si.

POEMA  
Cruzaste  
mares  
na aventura da pesca da baleia,

nessas viagens para a América  
de onde às vezes os navios não voltam mais.  
[...]  
Em terra  
nestas pobres ilhas nossas  
és o homem da enxada  
abrindo levadas à água das ribeiras férteis  
cavando a terra sêca  
nas regiões ingratas  
onde às vezes a chuva mal chega,  
onde às vezes a estiagem é uma aflição  
e um cenário trágico de fome!  
Levas aos *bailes nacionais*  
a tua  
melancolia  
no fundo da tua alegria,  
quando acompanhas as mornas com as posturas  
graves do violão  
ao apertas ao som da música crioula  
as mulheres amoráveis contra o peito.  
[...]  
A América ...  
A América acabou-se  
para ti  
Fechou as portas à tua ânsia de expansão!  
[...]  
O teu destino ...  
O teu destino  
sei lá!  
Viver sempre vergado sobre a terra,  
a nossa terra  
pobre  
ingrata  
querida!  
Ser lavado talvez um dia  
na onda alta de alguma estiagem!  
como um desses barquinhos nossos  
que andam pelas Ilhas  
e o Oceano acabam também por levar um dia!  
[...]  
Oh Caboverdeano humilde  
anónimo  
- meu irmão! (CLARIDADE, n.1, 1936, p.10).

É possível fazer a leitura do poema como uma síntese das propostas sobre a revisão dos temas cultivados pela *Claridade*: o querer partir e ter de ficar ou querer ficar e ter de partir, o apelo do mar na vida do cabo-verdiano, que será grandemente

discutido na literatura cabo-verdiana, a seca e a fome, a força da música na alma do povo crioulo, a nostalgia, o espírito cabo-verdiano na diáspora que nunca se esquece de sua terra e as emigrações para a América.

Ainda no capítulo 3 apresentamos os aspectos regionais presentes nas publicações da revista *Claridade*. Procuramos ver o regionalismo, a marcar o projeto de criação de uma literatura cabo-verdiana, em seu diálogo direto com o regionalismo brasileiro, mais especificamente o gestado em Pernambuco, a partir dos esforços teóricos e metodológicos de Gilberto Freyre.

Em 1926, no I Congresso Brasileiro de Regionalismo, Gilberto Freyre apresenta os preceitos básicos que iriam compor seu importante Manifesto Regionalista. O congresso organizado na cidade de Recife aconteceu como resultado dos trabalhos desenvolvidos pelo Centro Regionalista do Nordeste, criado em 1924 com o intuito de defender as tradições regionais do nordeste brasileiro. A história da criação e discussões realizadas na instituição, de acordo com Neroaldo Pontes de Azevedo (1984), podem ser reconstruídas pelas publicações ocorridas no **Diário de Pernambuco**, as quais integram a obra **Livro do Nordeste** (1925) – coletânea de textos que refletem os esforços de valorização das características desta região brasileira. Nesta coletânea está presente o poema “Evocação do Recife” de Manuel Bandeira, feito a pedido de Gilberto Freyre, que provocou imensa admiração nos poetas cabo-verdianos. Nas palavras de Baltasar Lopes “[...] em poesia foi um alumbramento a “Evocação do Recife”, de Manuel Bandeira”(1956, p.5).

No capítulo 4, com base na conceituação de identidade e região, procuramos refletir sobre o processo de construção de identidade regional do arquipélago no

período claridoso, observando a dimensão e os impasses da consciência regional no processo de formação identitária do país. A identificação com os valores europeus, a crítica ao distanciamento entre os intelectuais e o continente africano, a mestiçagem compreendida como mote para a chamada diluição da África são temas polêmicos que integramos nesta discussão.

Ainda neste capítulo, abrimos a discussão sobre a controversa relação dos claridosos com Gilberto Freyre, observando os ecos de seu manifesto regionalista e a repercussão de sua visita a Cabo Verde, em 1951. O contato de Freyre com o arquipélago resultou em escritos marcados por fortes reações dos intelectuais cabo-verdianos, entre os quais destacou-se Baltasar Lopes, em cuja formação evidenciava-se confessada ressonância das teorias freyrianas.

## Capítulo 1 – *Claridade* e os claridosos: Literatura e Intervenção

*Tínhamos de intervir. Mas na óbvia impossibilidade do emprego de meios de acção direta, que opção nos restava? Também obviamente, seria a imprensa a nossa arma. [...] Travaríamos o combate por um meio que nos fosse permissível. [...] (Baltasar Lopes)*

Em 1986 Manuel Ferreira por ocasião das comemorações dos cinquenta anos de surgimento da revista *Claridade*, organiza e lança, como parte da **Coleção para a História das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa**, uma edição *fac-similar* dos nove números publicados em Cabo Verde entre os anos de 1936 e 1960.

Bastante significativo nesta edição é o “Prefácio”, no qual Ferreira traça minuciosa análise, abordando não somente os aspectos referentes ao contexto político-cultural e econômico do surgimento de *Claridade*, mas também os (menos enfatizados, em geral) aspectos teóricos e filosóficos que permearam a gênese do grupo e, conseqüentemente, da revista. Além do “Prefácio”, destacam-se os “Depoimentos” de Baltasar Lopes e Manuel Lopes, dois dos mais engajados no projeto *Claridade*, ainda vivos à época.

A epígrafe que abre este capítulo, extraída do depoimento de Baltasar Lopes, dá o mote para nos aprofundarmos no caráter político e militante do grupo claridoso, configurado nos textos publicados na revista ao longo de seus nove números e tão cobrado, ao longo do tempo, por outras gerações.

Quando aparece em 1936, *Claridade* registra, de acordo com Baltasar Lopes,

as preocupações há muito alimentadas pelos integrantes do grupo, em particular a necessidade de contestar, intervir e atuar de modo mais efetivo nos acontecimentos que a colônia vivia:

[...] estávamos em nítida posição contestatária perante a orientação política que subjazia à administração da, então, colônia de Cabo Verde, com seu fascismo de importação e imitação e ignorava ou violava os mais elementares princípios que regem a vida do homem e do cidadão e salvaguardam a liberdade individual. Tal situação despertou toda a capacidade de militância, na medida então possível, do nosso pequeno grupo. (LOPES, 1986, p. XIII).

A inserção da revista em tal contexto e seu modo de atuação justifica nosso interesse em estudá-la em seus nove números. Contudo, o presente capítulo objetiva, além de apresentar um panorama histórico do surgimento de *Claridade* – revista de Arte e Letras, isto é, das condições sócio-históricas e do contexto global em que ela se inseriu, evidenciar o diálogo que teceu com o movimento modernista brasileiro. Conforme sublinha Benjamin Abdala Junior (2007), o modernismo brasileiro apresentou o “modelo de ruptura” que o grupo da *Claridade* buscava, uma vez que lhe permitiu transitar pela língua portuguesa a partir de outras referências, que não as de Portugal.

Pretendemos ainda discutir a gênese da intelectualidade crioula, isto é, o perfil do intelectual cabo-verdiano – seus contatos com outras “latitudes”<sup>1</sup> e linhas de pensamento –, assim como suas aspirações naquele momento histórico específico, em termos culturais e políticos. Outro aspecto que pretendemos abordar é a relação de *Claridade* com as outras publicações cabo-verdianas dos anos de 1930 a 1960, assim como discutir a crítica feita ao grupo fundador do periódico, sobretudo a partir

---

<sup>1</sup> Emprestamos o termo “latitude” de Baltasar Lopes que o utiliza para se referir às “inspirações” recebidas dos movimentos modernista e regionalista brasileiros e neo-realista português.

das argumentações de Onésimo Silveira.

É conhecido que o grupo claridoso foi para Cabo Verde um símbolo de busca de independência cultural que mais tarde culminaria na independência política, ou seja, *Claridade* representou o empenho na construção de uma identidade regional lançando as bases para o que, no futuro, viria a constituir a identidade nacional do arquipélago. Desse modo, entre alguns intelectuais contemporâneos é consenso que em Cabo Verde as bases para a formação de uma identidade nacional estabeleceram-se antes da emergência do Estado Nacional:

A literatura cabo-verdiana pode ser dividida em dois períodos: antes e depois da revista *Claridade*(1936-1960). A trajetória dessa revista corresponde a circunstâncias políticas, sociais, históricas e literárias que, a partir da década de 30, levaram os escritores cabo-verdianos a se preocuparem com a identidade de sua literatura, uma identidade com marcas regionais, que viriam a evoluir, a partir da Segunda Guerra Mundial, para uma ruptura mais acentuada, de caráter nacional, em relação aos padrões literários metropolitanos. (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 263).

Considerando a reflexão de Stuart Hall “[...] as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural [...]” (2006, p. 47) é patente o papel pioneiro que tanto o grupo claridoso quanto a revista desempenharam na formação da identidade cultural.

Assim, pautaremos nossa investigação em um panorama de investigação que privilegie a análise dos impactos concretos dos fatores socioculturais na elaboração da revista, como na atuação e repercussão desta na sociedade e na série literária em que se inseriu.

O estudioso cabo-verdiano Manuel Brito-Semedo (2006)<sup>2</sup> apresenta dois momentos fundamentais no processo de construção da identidade nacional em Cabo Verde. Esses momentos são anteriores à independência do arquipélago e anteriores à formação do Estado Nacional cabo-verdiano<sup>3</sup>. De acordo com Brito-Semedo, o primeiro situa Cabo Verde em dois quadros que ele chama de “quadros de referência”: o quadro geo-histórico e o quadro socioeconômico. O quadro geo-histórico tem como referência a descoberta do arquipélago, a importância de sua localização<sup>4</sup> para a construção de sua história; o quadro socioeconômico volta-se para o processo de formação da sociedade e os elementos dos quais resultaram o sujeito cabo-verdiano, isto é, sua característica de sujeito miscigenado.

O segundo momento, apresentado como fundamental no processo de construção identitária, centra-se na emergência de uma elite<sup>5</sup> letrada no arquipélago, que pensa sua terra, representa-a e, por meio de sua produção, transforma-a. Este é nosso ponto de partida, uma vez que o papel dessa elite intelectual formada em Cabo Verde foi o de analisar, criticar e pensar as condições sócio-históricas do povo

---

<sup>2</sup> BRITO-SEMEDO, Manuel. **A construção da identidade nacional** – Análise da imprensa entre 1877 e 1975. IBNL, Praia, 2006. Esta obra de Brito-Semedo é um apoio valioso para nosso estudo, pois apresenta uma discussão detalhada e crítica sobre o papel da imprensa na formação da identidade nacional cabo-verdiana e faz a retomada histórica da formação desta imprensa e seu papel nos diferentes momentos históricos cabo-verdianos.

<sup>3</sup> A concepção de Estado Nacional passa pela conceituação de dois termos, Estado e Nação. O Estado é a organização social e o sistema político adotado por esta nação. Para Stuart Hall, a cultura de uma nação é a principal responsável pela construção da identidade nacional: “As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzirem sentidos sobre ‘a nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas” (HALL, 2006, p. 51). Pretendemos nos aprofundar nesses conceitos no desenvolvimento da tese.

<sup>4</sup> Cabo Verde é um arquipélago composto por dez ilhas, cuja localização é fator determinante para sua formação sócio-histórica.

<sup>5</sup> A respeito da gênese de uma elite letrada no arquipélago, Brito-Semedo esclarece: “O estabelecimento de uma Instrução Pública funcionando com restrições financeiras e limitações orçamentais do Estado, desde o seu início, exigiu uma participação por parte dos seus utentes, de forma a garantir a continuidade da sua existência, fazendo desse sistema de ensino elitista” (BRITO-SEMEDO, 2006, P.117)

cabo-verdiano, processo que se consolidou a partir da publicação dos números da *Claridade* - revista de artes e letras.

O grupo claridoso se forma no arquipélago movido pela necessidade de pensar o cotidiano cabo-verdiano. Embora não reconhecido por alguns intelectuais como grupo engajado, sua atuação é palpável na formação de uma consciência literária, cultural e intelectual para a colônia. É preciso, no entanto, que as ações, publicações e bandeiras do grupo sejam analisadas e compreendidas à luz das configurações histórico-políticas da época.

Quando o primeiro número da *Claridade* foi lançado, em 1936, o grupo inicial pretendia fundar um jornal como veículo de divulgação literária. Tal empreitada, no entanto, afigurava-se impossível, pela inexistência de recursos financeiros disponíveis, os intelectuais envolvidos no projeto eram, principalmente, funcionários públicos, cujos rendimentos não possibilitavam sua realização. Desse modo, a opção pelo gênero revista foi motivada por um veículo mais barato e pela facilidade de espaçar as publicações (considere-se o hiato que se estabeleceu, principalmente, entre o terceiro e o quarto números, entre 1937 e 1947, e entre o sétimo e o oitavo, de 1949 e 1958, respectivamente. Entre o primeiro e o último número decorreram vinte e quatro anos.

Os anos de 1930 foram bastante difíceis em termos políticos e econômicos. Convém lembrar que o mundo nesta década sofria o impacto devastador da recessão de 1929 e estava às voltas com uma Europa que tinha à espreita os regimes nazista e fascista, na Alemanha e Itália. Esses dois eventos acabam por serem determinantes em Cabo Verde: primeiro, por serem os Estados Unidos um dos principais destinos dos emigrantes cabo-verdianos; e segundo, pelo fato de o

regime fascista ter inspirado o salazarismo português, o que afetou a vida na colônia. Somadas a esse quadro, as constantes crises de escassez de alimentos, resultante das longas estiagens no arquipélago, constituíram um núcleo temático literário.

Nosso intuito aqui não é fazer uma extensa retomada histórica e contextual da vida no arquipélago durante os anos que precedem à independência, mas, de forma pertinente, situar histórica, econômica, social e politicamente as condições de nascimento da revista. Não podemos falar da publicação sem considerarmos, por exemplo, a atuação da censura; ou como a dificuldade de deslocamento entre as ilhas e o conseqüente isolamento insular foram importantes na determinação de sua caracterização. Tampouco podemos olvidar o papel da temática da seca, um dos assuntos principais para a criação estética do grupo, já que as ilhas a sofriam neste momento histórico. E ainda, como as efervescências culturais<sup>6</sup> externas foram as janelas por meio das quais os intelectuais cabo-verdianos vislumbraram as transformações possíveis em seu próprio contexto. Por estarem também com suas atenções voltadas para os acontecimentos de outras partes do mundo, não acreditamos ser possível a coincidência a partir dos pressupostos teóricos que as ações do grupo estivessem alinhadas às discussões realizadas em 1927, no IV Congresso Panafricanista:

No IV Congresso, realizado em Nova Iorque, em 1927, onde estiveram representantes da Costa do Ouro, Serra Leoa, Libéria e Nigéria, os delegados voltaram a reclamar um voto nos seus governos, o direito dos nativos às suas terras e recursos naturais, uma educação moderna de todas as crianças, o desenvolvimento da África em proveito dos africanos e não somente dos europeus, o tratamento dos homens civilizados como civilizados, qualquer que fosse sua origem, raça ou cor (BRITO-SEMEDO, 2006, p. 202).

---

<sup>6</sup> Aqui pensamos, sobretudo, no neo-realismo português e brasileiro. O neo-realismo marcou um período de profundas discussões político-sociais no campo da literatura.

Brito-Semedo destaca ainda a forte adesão que os intelectuais das ilhas tiveram aos ideais pan-africanistas. Não queremos com isso associar a imagem dos africanistas ao primeiro grupo claridoso, mas destacar a presença dessa preocupação há muito acalentada de se voltar para sua terra. As observações de Brito-Semedo corroboram a percepção desse ideário: “[...] a militância dessa elite intelectual cabo-verdiana nas organizações pan-africanistas e a sua colaboração nos jornais por estas publicados em Lisboa serviram para despertar nessa elite o espírito africanista[...]” (Idem, p. 213).

No artigo “Fulgor e Esperança de uma nova idade”, Manuel Ferreira (1986, p. XIX – XCIX) analisa os elementos que ele chama de exógenos e endógenos na gênese do pensamento da caboverdianidade. Para Ferreira, os elementos exógenos configuram-se pela presença de intelectuais portugueses nas ilhas, o contato com a revista portuguesa *Presença* e o espelho do modernismo brasileiro<sup>7</sup>. Por outro lado, os endógenos relacionam-se às tradições culturais e literárias do arquipélago.

Por ora, interessa-nos focalizar nos elementos exógenos a configuração que se tinha à época do surgimento da revista. Acrescentamos aos elementos enumerados por Manuel Ferreira as condições socioeconômicas do arquipélago. O período compreendido entre 1932 a 1958 é conhecido em Cabo Verde como o período da Consciência Regionalista ou a Geração de Baltasar Lopes.

O termo “consciência” alude ao sentido de tomar conhecimento para

---

<sup>7</sup> Temos em mente que os contatos entre essas literaturas se justificam a partir das teorias do professor Benjamin Abdala Junior, que aponta a existência de um macrossistema literário de língua portuguesa, que se alimenta não somente de um passado comum, como também da atualização de cada sistema literário respectivo e cuja atualização se dá por meio dos fatores históricos de convergência (tradição ou rupturas): “Quem inicia o estudo comparativo das literaturas dos países de língua oficial portuguesa depara-se, de imediato, com uma tradição histórico-cultural comum, que permeia as suas produções artísticas” (ABDALA JUNIOR, 2007, p. 35).

transformar, o que se aproxima dos objetivos buscados pelo primeiro grupo claridoso. Cabo Verde, por essa época, acumulava um histórico de secas sucessivas – que dizimavam grande parte da população –, sem contar a recessão econômica de 1929, já mencionada. Esses elementos despertaram nos intelectuais a necessidade de representar Cabo Verde como um lugar com cultura, consciência e identidade próprias. Mas, para isso, seria preciso enfrentar a censura do governo de Salazar que, de acordo com Baltasar Lopes, não admitia e nem tolerava o emprego, por exemplo, da palavra “fome”. Essa era a fórmula salazarista de mascarar a situação calamitosa agravada pelo colonialismo português.

Logo naqueles terríveis anos trinta, com Mussolini e Hitler berrando pelas Europas e ameaçando este mundo e o outro, com os seus afluentes prontos a imitá-los, tal o Doutor Salazar em Portugal, de que dependíamos politicamente, Salazar e a sua censura implacável, que não deixava passar qualquer vislumbre e autonomia de espírito, precursor, na sua óptica, de uma actuação virada para independência das colónias; censura que, inclusivamente, não admitia nem tolerava o emprego da palavra *fome*, não fossem os cenáculos internacionais saber que em Cabo Verde havia fome, porque a haver fome, isto seria um atestado de incapacidade da administração colonial portuguesa [...] (LOPES, In: FERREIRA, 1988, p. XIV).

*Claridade* aparece na ilha de São Vicente. Logo, as condições econômico-sociais da ilha à época da publicação do primeiro número são também relevantes para a compreensão do surgimento do debate proposto pelo grupo. Dias difíceis aqueles – fome, recessão, abandono e censura. Tudo isso se aliava à crise do Porto Grande<sup>8</sup> do Mindelo, que em seu auge contribuíra com grande parte dos rendimentos do arquipélago. A decadência do porto, iniciada ainda no final do século

---

<sup>8</sup> O Porto Grande da Ilha de São Vicente a colocou na posição de uma das ilhas mais importantes do arquipélago, principalmente pela sua representatividade econômica e financeira. Durante seus períodos áureos, o Porto Grande contribuíra com dois terços do rendimento da colônia, o que torna compreensível o impacto de sua decadência na sociedade cabo-verdiana.

XIX, foi responsável pelo aumento do desemprego, que conseqüentemente e, de forma sucessiva, afetou o comércio da ilha, estendendo a problemática ao aspecto social. Com a diminuição do movimento do porto não havia circulação de dinheiro e a população não podia adquirir os produtos básicos para a subsistência, o que fortalecia um dos maiores fantasmas cabo-verdianos: a fome.

Diversos fatores contribuíram para a decadência do porto de São Vicente. Dentre eles, a falta de uma estrutura mais moderna e os impostos cobrados de modo abusivo, encarecendo os transportes e a manutenção dos navios a vapor – gradualmente substituídos pelos navios movidos a óleo mineral, que demandavam menor número de reabastecimentos e o fato de serem direcionados para outros portos do Atlântico também contribuiu para a decadência do Porto Grande. Brito-Semedo refere-se à crise do Porto Grande:

Cabo Verde, atravessava, portanto, uma profunda e grande crise económica devido à situação e decadência do Porto Grande, por falta de medidas atempadas do Governo de Lisboa, agravada pela seca e falta de produção agrícola, o que afetava todos os sectores, desde os comerciantes, aos trabalhadores da boca do porto, passando pelos homens do campo (BRITO- SEMEDO, 2006, p. 290).

Esse contexto acaba por despertar na elite intelectual crioula a necessidade de “fincar os pés no chão”, metáfora célebre criada por Manuel Lopes ao revelar o programa da *Claridade* (LOPES, 1959, p. 7) como um modo de, por meio da arte, posicionar-se a respeito da situação vivida no arquipélago.

### 1.1 - A Intelectualidade cabo-verdiana: militância literária e cultural

Para o sociólogo polonês Zygmunt Bauman, a identidade não pode ser entendida como um conceito dado *a priori*. Enquanto processo, identidade é construção, esforço, objetivo: “como uma coisa que ainda se precisa construir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais” (BAUMAN, 2005, p. 22). Em Cabo Verde, o engajamento para a gênese de uma caboverdianidade é aspecto preponderante para o grupo claridoso, aspecto claramente configurado no instrumento de propagação dos ideais defendidos - a revista *Claridade*.

A publicação surge no contexto cabo-verdiano como um marco de modernidade que, por um lado, se apoia em um modelo brasileiro de autonomia literária e política, enquanto, por outro, alicerça-se em um forte sentimento de pertença em relação ao seu espaço – seja ele geográfico (regional) ou cultural – a permear textos literários e estudos sobre organização social, literatura e folclore do arquipélago.

O tradicional e o moderno são elementos espaciais e histórico-culturais que convivem no discurso da revista, sempre com o intuito de reforçar a autonomização de um discurso identitário: o tradicional é o caminho para inaugurar o novo, a nova literatura cabo-verdiana, que traduz a modernidade no espaço geográfico à luz da representação dos modernistas e regionalistas brasileiros. Manuel Brito-Semedo (2006) relata que o processo de construção da identidade de Cabo Verde está associado ao processo de tomada de consciência da crioulidade, sobretudo pelos intelectuais do arquipélago. Tal processo se inicia muito antes da independência e

constituirá um mote para as lutas de libertação. A ênfase na apresentação de aspectos culturais e regionais das ilhas ou o mergulho no chão crioulo traçará bases para a caboverdianidade:

Aplica-se aqui o conceito de *caboverdianidade* por semelhança aos de africanidade, angolidade e moçambicanidade, no contexto de África, Angola e Moçambique, respectivamente, porque o enunciado dos textos produzidos já reflecte o real cabo-verdiano e aquilo que o identifica, e ao mesmo tempo o distingue, sócio-culturalmente como povo. O início deste novo período é marcado pelo surgimento da revista *Claridade* – revista de artes e letras (S. Vicente, 1936-1960), cujo nome passou a designar uma geração de escritores e uma nova forma de fazer literatura (BRITO-SEMEDO, 2006, p. 186).

O pesquisador apresenta a formação da elite letrada no arquipélago como fundamental para o desenvolvimento deste processo de identificação e destaca três fatores que contribuíram para tal, primeiramente, a existência de escolas mantidas pela igreja e, segundo, o advento da instrução pública por volta de meados de 1800; a presença significativa de europeus intelectuais no arquipélago; e a emigração, que trouxe recursos para as famílias custearem a educação dos filhos. O passo seguinte foi criar meios para expansão dessa elite. A eclosão dos meios de divulgação cultural foi uma maneira da intelectualidade crioula atuar social e politicamente, expandindo o alcance das informações,

[...] os intelectuais constituíram a imprensa como espaço estratégico que simultaneamente cria Cabo Verde e os cabo-verdianos como o público ao qual se dirige, como objeto de apelo e por quem se intercede, e define os letrados como mediadores por excelência (ANJOS, 2006, p. 57).

Quando publicada pela primeira vez, *Claridade* tem em Cabo Verde a atribuição de instrumento de veiculação de ideias modernas em diálogo com a

tradição, com o intuito de fundar a literatura crioula, na sua singularidade. Desse modo, *Claridade* foi o passo inicial para a emergência de outras revistas e folhetos culturais do arquipélago, dentre os quais podemos destacar a *Certeza*, periódico de divulgação do grupo homônimo.

Referindo-se à *Claridade*, Baltasar Lopes esclarece que “não existia em Cabo Verde imprensa no sentido jornalístico da palavra. Nestes termos, o caminho possível seria criarmos a imprensa, mediante a fundação de um jornal, que seria nosso órgão de combate<sup>9</sup>” (LOPES, 1986, p. XXII).

Assim em Cabo Verde a imprensa assume a feição de “órgão de combate”, instrumento de veiculação dos ideais da intelectualidade crioula. Para Baltasar Lopes, a revista seria um órgão de combate à dominação e ao abandono impostos pela metrópole. Assolado por diversas crises, em sua grande maioria provocadas pelas secas constantes, fatores de ordem vária tornaram o arquipélago um palco propício para a luta pela autonomia.

Cabe-nos, assim, refletir a respeito dessa figura que materializou os ideais propostos para a gênese da caboverdianidade – o intelectual crioulo. Podemos mencionar personalidades como Manuel Lopes, Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Gabriel Mariano, para citar apenas alguns que pensaram a situação de Cabo Verde e propuseram uma pauta de discussão acerca de literatura, política, aspectos sociológicos e econômicos, que acabaram por materializar-se na produção literária do arquipélago.

Seria impossível falarmos de um acontecimento central na história da

---

<sup>9</sup> A afirmação acima reporta ao pensamento dos claridosos. Havia uma imprensa atuante em Cabo Verde por esse período, mas que, de acordo com Baltasar Lopes, não atendia aos interesses dos intelectuais do grupo *Claridade*.

formação da literatura cabo-verdiana sem nos determos um pouco mais demoradamente no papel do intelectual. Edward Said na obra **Representações do Intelectual**, afirma que “o papel dos intelectuais deve ser o de ajudar uma comunidade nacional a sentir uma identidade comum, e em grau muito elevado” (SAID, 2005, p. 41). Logo, o papel dos claridosos como intelectuais, nessa acepção do termo, é patente. Edward Said apresenta diferentes concepções de intelectual, dentre as quais três figuram como bastante elucidativas: a concepção gramsciana de intelectual orgânico; a concepção de intelectuais como a consciência da humanidade; e a concepção apontada a partir das teorias foucaultianas de existência do intelectual específico e não mais aquele intelectual universal presente no pensamento iluminista.

Sobre a concepção de intelectual orgânico, em sua obra **Os intelectuais e a Organização da cultura** (1982) Gramsci sublinha que os intelectuais atuantes na sociedade podem ser de dois tipos: o intelectual tradicional (professores, clérigos, que cumprem as mesmas tarefas cotidianamente) e o intelectual orgânico, que atua no sentido de organizar os interesses de grupos e classes, propondo uma nova cultura.

Outra concepção apontada por Said é a dos intelectuais que compõem um pequeno grupo de “reis filósofos superdotados e com grande sentido moral, que constituem a consciência da humanidade” (1969 apud SAID, 2005, p.20). Essa definição, cunhada por Julien Benda, e referenciada em Said, não coloca o intelectual, por exemplo, como um indivíduo que busca apenas objetivos práticos na sua atuação na sociedade, mas como um pensador que precisa se posicionar quase sempre em oposição ao *status quo*.

Em uma outra linha, o filósofo Michel Foucault propõe a ideia de intelectual específico, em oposição ao intelectual universal. O intelectual específico é aquele que domina profundamente um assunto, e é capaz de usar seu conhecimento em qualquer área. Temos hoje diversos exemplos de intelectuais específicos, como o linguista estadunidense Noam Chomsky, que transita entre sua área específica, a linguística, e, também, nas discussões acerca de política internacional, posicionando-se em relação ao seu próprio país.

Said reflete, a partir dessas postulações, sobre o papel do intelectual na sociedade moderna e propõe uma análise de como os movimentos da história estão de modo íntimo relacionados à formação intelectual, o que justifica também o significativo interesse em estudar a categoria teórica, do ponto de vista histórico e sociológico: “Não houve nenhuma grande revolução na história moderna sem intelectuais; de modo inverso, não houve nenhum movimento contra-revolucionário sem intelectuais” (SAID, 2005, p. 25).

A pergunta que surge, no entanto, é a respeito de quem pode ser considerado um intelectual. Said sintetiza: “indivíduo dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude, filosofia ou opinião para (e também por) um público” (Idem, p. 25).

Antonio Gramsci, ao afirmar que “todos os homens são intelectuais, poder-se-ia dizer então: mas nem todos os homens desempenham na sociedade função de intelectuais” (1982, p. 7) permite-nos refletir a respeito da função do intelectual. Para o teórico, tudo pode ser explicado à luz das relações desempenhadas na sociedade. Desse modo, podemos analisar o papel dos escritores do grupo fundador da *Clareza* questionando a centralidade deles no processo de formação da

caboverdianidade. O intelectual é aquele que, do lugar de onde fala, questiona e sensibiliza-se também com a situação do outro,

[...] todo homem, fora de sua profissão, desenvolve uma atividade intelectual qualquer, ou seja, é um “filósofo”, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, possui uma linha consciente de conduta moral, contribui assim para manter ou para modificar uma concepção do mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar (GRAMSCI, 1982, p. 7-8).

O pesquisador, crítico, teórico e ensaísta brasileiro Antonio Candido, em recente pronunciamento no âmbito da escolha de um intelectual da Universidade de São Paulo para o Ministério da Educação no Brasil, ressaltou a importância do papel do intelectual na sociedade, interferindo politicamente e se posicionando em relação a diversos assuntos do dia, de interesse social. Ele enaltece esse papel questionador do intelectual, tal como definido por Edward Said (2006).

O texto *J'accuse* (1898), de Émile Zola, constitui o momento fundador do movimento em que o escritor, como intelectual, atua decisivamente na sociedade. Esse texto é o grande exemplo da intervenção intelectual num caso notoriamente cívico e político. Nesse sentido, não nos parece fora de contexto a crítica ao papel dos intelectuais cabo-verdianos durante o período colonial, em que se limitavam a intermediar as demandas do povo, escrevendo requerimentos e ofícios, como analisado por José Carlos dos Anjos (2003).

Todavia, ressaltamos uma intervenção política mais clara dos intelectuais cabo-verdianos em dois momentos significativos da vida nacional: quando da proibição de emigrantes analfabetos por parte dos Estados Unidos, em que Eugénio Tavares se manifestou publicamente contra essa discriminação; e quando da contratação para as roças de São Tomé em que houve manifestações contrárias de escritores e poetas, tendo Onésimo Silveira à frente. Para Augusto Santos Silva:

Não podemos dispensar os intelectuais. E no sentido que a modernidade conferiu à palavra: não podemos dispensar a intervenção social, cívica e política, dos agentes do campo cultural, a partir dos lugares, das histórias e das lógicas deste campo. Intervenção sobre o seu “exterior”, na cidade e na cidadania: não é de artistas e escritores que falamos, sem mais; é de intelectuais, intervindo politicamente e com toda a amplitude do advérbio. (SILVA, 2004, p. 56).

Segundo Eduardo Prado Coelho, se se considerar que “os intelectuais são aqueles que se autorizam a si próprios a saírem do seu campo de especificidade e a terem opinião e outros domínios, estarão incluídos nesse rol escritores, poetas e artistas, o demonstra o leque que abrange os diversos tipos de intelectuais (2004, p. 15).

Segundo José Carlos dos Anjos, à medida que a luta armada ganhava legitimidade e conquistava territórios geográficos e simbólicos, o contexto literário cabo-verdiano era cada vez mais subordinado às demandas da revolução (ANJOS, 2006, p. 178). Para ele, essa transformação, atinge o próprio estatuto do intelectual, na medida em que se sobrepõe ao literário o aspecto político-militar.

Impõe-se ao intelectual cabo-verdiano um novo papel social, diferente daquele que lhe foi atribuído até então: o de mediador cultural. Nesse sentido, José Carlos dos Anjos lembra que Amílcar Cabral define intelectuais como todos aqueles que podiam ter responsabilidades político-militares na luta nacionalista (Ibidem).

Assim, configura-se um novo estatuto do intelectual, pois a partir da década de 1960, de acordo com José Carlos dos Anjos, a crescente importância do capital político levará à metamorfose do intelectual cabo-verdiano de literato para político ou político-literato (Ibidem, p. 128). Conclui o sociólogo:

A constituição de uma elite político-militar intelectual processa-se por duas vias: o desengajamento literário, que encaminha os novos

universitários diretamente para a atuação política, e o recrutamento populista a partir da base do exército de libertação nacional (camponeses e artesãos urbanos). Jovens camponeses da Guiné passam a ser canalizados para uma trajetória político militar com formação em países aliados ao processo de descolonização, nomeadamente a URSS, a Argélia e Cuba (ANJOS, 2006, p.180).

A educação ocupou posto central na luta de libertação nacional, tanto que, de acordo com o Relatório “A educação na Guiné-Bissau”<sup>10</sup>, de 1977, em 10 anos, o PAIGC formou mais quadros que o colonialismo em cinco séculos de dominação. Lisboa tinha projetos de escolarização diferentes de Cabo Verde para os demais países africanos.

Mário Pinto de Andrade lembra que no contexto dos países africanos de língua portuguesa, os primeiros letrados provieram da hierarquia católica, quer formados nos Institutos Missionários na metrópole, quer nos Seminários coloniais. Cita parte da carta do Padre António Vieira, de 1652, constatando a existência de significativo número de padres cabo-verdianos:

São todos pretos, mas somente neste acidente se distinguem dos europeus. Há aqui clérigos tão negros como azeviche, mas tão compostos, tão doutos, tão grandes músicos, tão discretos e bem morigerados, que podem fazer inveja aos que lá vemos, nas nossas Catedrais (ANDRADE, 1997, p. 35).

Referindo-se à formação intelectual cabo-verdiana o antropólogo José Carlos Gomes dos Anjos, em sua obra **Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde**, aponta-nos que, no final do século XIX, a formação de uma rede de intelectuais no arquipélago fundamenta-se a partir do acesso restrito que a população tinha ao que chama de “importação de modelos e diálogo com a intelectualidade da metrópole” (2006, p.18). Em outras palavras, Anjos apresenta os intelectuais do arquipélago

---

<sup>10</sup> Citado por Chabal, Patrick. Amílcar Cabral: revolutionary leadership and people's war. London: Hurst & Company, 2002, p. 115.

como um grupo de mediadores entre os nativos e as autoridades da metrópole. Esse lugar de intermediação, no entanto, não foi desde o princípio ocupado por esses intelectuais.

O processo de miscigenação e a conseqüente ocupação, pelo mulato, dos espaços políticos e administrativos da colônia foi longo e conturbado. A ideia de que, em Cabo Verde todo o processo político se deu de modo pacífico e amistoso é negada uma vez que a posição de mediador foi ao longo do tempo disputada por diferentes grupos, senhores de escravos, proprietários de terras e intelectuais.

O papel de mediação desempenhado pelos intelectuais cabo-verdianos foi conquistado paulatinamente a partir do desenvolvimento de um sistema educacional nas ilhas e conseqüente formação de um público letrado. Antes disso, o primeiro a ocupar a função de mediador, “responsável por estabelecer a transição entre o sistema tradicional e o sistema colonial” (ANJOS, 2006, p. 30), foi o grande proprietário de terras, respaldado pelo poder econômico e privilégio racial, ou seja, a minoria branca realizava essa função.

Com o declínio desse grupo e o surgimento das relações de trabalho pós-abolição da escravatura, o lugar passa a ser ocupado pelo patronato, em especial pelos proprietários dos *morgadios*, responsáveis por arrendar suas terras à população, com vista a criar uma relação de dependência, dominação e lucratividade, bem ao estilo do sistema escravocrata. Observemos que o papel de mediar as relações entre o povo e a administração da metrópole passa, neste momento, ainda e somente pelos aspectos econômicos, sociais e políticos. Essa conjuntura se revela de modo mais acentuado e evidente nas ilhas do Sotavento, que viveram de modo mais marcante a experiência das grandes propriedades de

terra.

De acordo com Anjos, a situação começa a adquirir nova feição com a decadência dessa classe dominante, branca, e a ascensão de pequenos proprietários, não brancos. Tal processo afetará também a centralização administrativa da colônia, restrita, até então, às cidades da Praia e ao Mindelo.

É necessário frisar que as ilhas cabo-verdianas não enfrentaram processos semelhantes de povoamento: enquanto as ilhas de Sotavento tiveram um povoamento mais restrito, marcado pelo estabelecimento de grandes propriedades e pelo regime escravocrata, o povoamento das ilhas do Barlavento caracterizou-se pelo estabelecimento de pequenas propriedades. Esse estado das coisas garantiu aos grandes proprietários de terra, nos primeiros momentos da colonização deterem grande parte do poder econômico e conseqüentemente político, bem como enviar os filhos para estudar na metrópole e, logo, perpetuar e mesmo fortalecer esse sistema de benefícios.

A posterior decadência desses proprietários proporcionou, por meio da migração, o desenvolvimento populacional do grupo de ilhas situadas no Barlavento<sup>11</sup>. Embora o desenvolvimento populacional tenha acarretado também problemas de ordem econômico-social, sobretudo pelo castigo das secas, o fortalecimento do sistema de ensino nestas ilhas trouxe benefícios de outra ordem, como a ocupação de cargos públicos do arquipélago.

Nesse contexto, o ensino é visto como instrumento para a manutenção da hegemonia das ricas famílias por meio da ocupação desses cargos e também como

---

<sup>11</sup> As migrações internas, inter-ilhas, são tratadas por António Carreira na obra **Cabo Verde** (Aspectos Sociais. Secas e Fomes do século XX).

forma de ascensão social e cultural das famílias não brancas, possibilitada, sobretudo, pelo fenómeno migratório. Nesse momento, observamos a ascensão do intelectual como mediador, não mais devido ao poder económico, mas, sobretudo, pelo domínio e conhecimento dos aspectos culturais e sociais do grupo a que pertence.

As considerações de Anjos são elucidativas para a compreensão deste movimento:

A origem social dos intelectuais, que inventam a identidade cabo-verdiana, deve ser encontrada no ponto de encontro de dois grupos sociais em trajetórias inversas: um grupo que, pelos negócios sobretudo relacionados com a emigração de grande parte da população cabo-verdiana, está em franco processo de ascensão; essa ascensão é relativamente reforçada pela decadência dos grupos dominantes brancos que, para escapar à catástrofe generalizada, investe na escolarização e nos cargos intermediários do funcionalismo. Entre as decadentes famílias brancas e as ascendentes famílias não brancas originam-se as principais expressões intelectuais cabo-verdianas da viragem do século. Das quatro ilhas de concentração de famílias brancas tradicionais em franco processo de decadência, são oriundos os mais consagrados poetas da literatura cabo-verdiana do primeiro terço do século: José Lopes (São Nicolau), Pedro Cardoso (da Ilha do Fogo), Januário Leite (de Santo Antão) e Eugénio Tavares (da Brava). Esta geração, nomeada, posteriormente, de romântico-clássica, tem no seminário da ilha de São Nicolau, a sua principal instituição de formação” (ANJOS, 2006, p. 51).

A presença e fortalecimento das instituições de ensino nas ilhas possibilitou o aparecimento de uma intelectualidade preparada para mediar e militar socialmente<sup>12</sup>.

É no texto literário pelo seu carácter de mídia escrita - no qual a linguagem verbal desempenha papel central - que podemos considerar a militância e mediação

---

<sup>12</sup> Esclarecemos que mencionamos mediar e militar em relação à *Clareza* justamente por acreditarmos que a esta também coube a função de mediar, de propor, sem conflitos, a construção do pensamento do arquipélago.

realizada pelo intelectual cabo-verdiano no contexto claridoso. A modernização artística da linguagem literária foi uma importante estratégia (discursiva) proposta por *Claridade*. A preocupação com a língua cabo-verdiana sempre ocupou o centro dos debates do grupo claridoso fundador, evidenciada pela escolha em publicar, logo nos primeiros números da revista, textos na língua materna e também ensaios linguísticos sobre a língua cabo-verdiana.

Embora a língua portuguesa fosse (e ainda o seja) a língua oficial das ilhas, a opção pelos textos escritos na língua do arquipélago denotam uma postura em defesa da caboverdianidade: afinal, o português é a língua paterna, enquanto a língua cabo-verdiana é a materna, na qual se aprendem as primeiras palavras. Hoje, por decreto do Conselho de Ministros, a língua cabo-verdiana ocupa também o lugar de língua oficial da antiga colônia<sup>13</sup>. Assim, verificamos no ideário claridoso o cuidado em registrar a importância da língua cabo-verdiana para a construção da identidade do arquipélago, o que não deixa de configurar uma intervenção ou opção político-estética:

Cada intelectual enquanto indivíduo nasce com uma língua e geralmente passa o resto da vida com essa língua, que é o veículo principal de sua atividade intelectual. As línguas são, naturalmente, sempre nacionais (...) embora um dos aspectos relevantes que pretendo salientar aqui é que o intelectual é obrigado a usar uma língua nacional não apenas por razões óbvias de conveniência e familiaridade, mas também porque ele espera imprimir-lhe um som particular, uma entonação especial e, finalmente, uma perspectiva que é própria dele (SAID, 2005, p. 39).

---

<sup>13</sup> A língua portuguesa, com a independência, passou ao estatuto de língua oficial, internacional do país. Mas a vida cotidiana decorre em crioulo e, portanto, a língua materna sempre foi a língua falada em Cabo Verde. Hoje, ao lado da portuguesa, tem estatuto de língua oficial e os órgãos governamentais buscam soluções para superar a diglossia e instituir o verdadeiro bilinguismo.

Em situação de diglossia<sup>14</sup>, os escritores lançam mão do português e do crioulo, hoje denominado língua cabo-verdiana, em sua produção intelectual: “Dentro dessa situação linguística de Cabo Verde, o escritor engajado domina as duas línguas e seus registros, valendo-se dessa diversidade para promover a identidade nacional e democrático-popular do país” (ABDALA JUNIOR, 2007, p. 124).

Assim, mais do que dominar o código da metrópole, desde a época dos nativistas (final do século XIX/início do XX) houve uma ação no sentido de reivindicar a presença da língua cabo-verdiana<sup>15</sup> nas produções literárias. Eugénio Tavares, em suas mornas escritas em língua cabo-verdiana, já acena para o objetivo de dar à língua materna um *status* literário: “Saber como usar bem a língua e saber quando intervir por meio dela são duas características essenciais da ação intelectual” (SAID, op. cit., p.33).

Ainda na concepção de Said, o intelectual pode também assumir a face daquele que Benjamin Abdala Júnior denomina de escritor engajado, atitude que se concretiza, sobretudo, na própria produção literária: “Seu engajamento real não pode permanecer na intenção de engajamento e ele só se efetiva no texto artístico, numa articulação com ‘ciência’ e ‘arte’ dos temas relativos às carências de seu povo” (ABDALA JÚNIOR, 2007, p. 17).

A materialidade desse engajamento pode ser observada no ensaio “Tomada de Vista”, do claridoso Manuel Lopes (CLARIDADE, n. 1, 1936, p.5), que aponta

---

<sup>14</sup> Diglossia: duas línguas vigentes em uma comunidade, sendo uma hierarquicamente superior, sobretudo no campo político, à outra (no caso, a língua portuguesa em superioridade à cabo-verdiana).

<sup>15</sup> Por várias vezes o governo colonial tentou proibir a presença da língua cabo-verdiana nas escolas. A saber, em 1849 e 1920, proibindo o uso do “dialecto creoulo” na instrução primária, e em 1932 no ensino liceal (BRITO-SEMEDO, 2006). Como programa político-estético, a língua cabo-verdiana terá dignidade literária logo no primeiro número da *Claridade*, em 1936.

aspectos da vivência do sujeito cabo-verdiano: a luta contra o ambiente hostil, a esterilidade da terra, o conflito com esse ambiente - o querer partir e o ter de ficar, o ter de partir e querer ficar -, as limitações impostas pelo colonialismo, o sentimento nostálgico do cabo-verdiano na diáspora e a morna como tradução desse sentimento. Essas reflexões sobre Cabo Verde e sua gente atuam também como aportes para sua obra ficcional, ponto de sustentação do pensamento intelectual presente na publicação e que irá repercutir na produção literária posterior, ou seja, na consolidação do sistema literário cabo-verdiano. O texto de Manuel Lopes ilustra o conteúdo programático da revista. Os aspectos relatados foram extraídos da vida cotidiana no arquipélago e passam a fazer parte das produções literárias claridosas e pós-claridosas.

No terceiro número da revista, publicado em 1937, Manuel Lopes retorna as “Tomadas de vista”. Naquele momento, o escritor estava preocupado de modo específico com os aspectos físicos do arquipélago e no modo como essa geografia se refletiria no comportamento dos cabo-verdianos. Pautando-se no heroísmo anônimo na luta com a natureza, na necessidade de emigrar, alude a um dos grandes debates em torno da literatura cabo-verdiana: o evasãoismo, objeto de crítica das gerações de poetas posteriores que acusaram os primeiros claridosos de esquivarem-se dos dramas de sua terra:

Evasão, será então a solução comum, assim como inquietação, o resultado último também comum. Ambos divisores comuns, com o lógico parentesco dos divisores comuns. Desta feita temos, *à peu-près*, a genealogia “psico-física” dos caboverdeanos (CLARIDADE n.2,1936, p. 10).

O poema “Écran”, publicado por Manuel Lopes ainda no primeiro número da

*Claridade* já antecipa este sentimento do cabo-verdiano que Manuel Ferreira analisa na apresentação da edição comemorativa da revista: “A chamada ‘evasão’ textual da *Claridade* outra coisa não era senão o recurso inconsciente contra a reclusão sem esperança. Funcionava como um protesto contra as condições limitativas impostas pelo sistema colonial” (FERREIRA, 1986, p. LXIV).

Outro elemento recorrente nas discussões de Manuel Lopes é a Morna cabo-verdiana. A música é tomada pelo escritor como mote para o questionamento acerca da tristeza ou alegria do povo do arquipélago:

É verdade que a morna presta-se a exprimir os mais variados estados de alma, prende-se aos movimentos, às circunstâncias, ela é, como o povo que a criou, plástica e maleável. Quando oiço tocar a morna, fica em mim esta interrogação: é triste ou alegre o povo que criou esta música? e ao mesmo tempo vem-me a memória este título dum capítulo de Jorge Amado: ‘Uma toada triste que vem do mar. (CLARIDADE n. 3, 1937, p. 10).

O trecho evoca-nos de imediato seu importante conto “Galo Cantou na Baía”, em que o nascimento da morna é comparado ao nascimento da Vênus em meio às espumas do mar. E, sem dúvida, também nos vem à mente sua obra maior, **Flagelados do Vento Leste**, em que o retrato do homem castigado pela seca e pela fome é acompanhado pela toada da morna.

Diferente do movimento modernista brasileiro, a *Claridade* não tinha um “manifesto de fundação” a nortear suas ações. Contudo, de acordo com Manuel Ferreira,

O Manifesto da Claridade, no entanto, estava lá. Na poesia, na ficção, nos textos em crioulo, na linguística, na meditação sociológica, antropológica, do homem cabo-verdiano, no registro folclórico: tudo orientado para o universo crioulo, para o

desenvolvimento de si próprio em relação com o outro (1986, p. LXIV).

A intelectualidade dos anos 1930, que teve na revista o espaço para expressar as suas angústias e as de seu povo, fê-lo de modo a demonstrar que o dilema ilhéu diante da seca, da emigração praticamente forçada, da dorlência ou inquietude de alma e, sobretudo, diante da opressão colonial também deveria estar presente e patente nas manifestações culturais e literárias do arquipélago.

A proposta da revista foi de uma travessia rumo à consolidação de um projeto cultural e literário que abalaria também os aspectos sociais cabo-verdianos. A tomada de consciência de sua identidade, ainda regional, foi o ponto de partida para que se lançassem as bases para o pensamento nacionalista. O regionalismo da primeira geração da *Claridade* marcou o projeto de “finçar os pés” em solo crioulo. O desenvolvimento da consciência regional torna-se uma estratégia para os intelectuais cabo-verdianos da época sinalizarem que Cabo Verde não se alinhava, de forma unívoca a Portugal. O posicionamento literário, social e político, proposto pelo grupo da *Claridade*, concretiza esse processo de divergência.

A opção do grupo não foi a de um confronto direto com o colonizador (o que inviabilizaria a publicação pela crueza da censura), mas sim utilizar de meios legais e autorizados como estratégia para burlar o sistema na defesa dos interesses cabo-verdianos, sobretudo no campo da singularidade cultural.

## 1.2 - Das primeiras iniciativas do grupo aos sinais da consolidação do Sistema Literário cabo-verdiano

*Claridade* é uma publicação sobre a cultura em geral, e o subtítulo de seus números deixa clara esta opção – Revista de Arte e Letras. Nosso objetivo, no entanto, é analisá-la em seu aspecto literário, face à natureza da área de estudos a que nos filiamos.

Assim, cabe ressaltar a contribuição da teoria do estudioso brasileiro Antonio Candido para a compreensão do fenômeno literatura. Sua teoria do sistema literário e sua concepção sociológica, ainda hoje, constituem pilares que sustentam o trabalho com a literatura em terras brasileiras. Em sua obra **Literatura e Sociedade**, Candido (2010) afirma que as relações da obra de arte (dentre as quais inclui a Literatura) com a sociedade são inegáveis, em especial no que diz respeito ao tripé: autor, obra e público. Para o crítico, uma obra literária só está acabada no momento em que é lida, repercute e atua socialmente, já que “o público é fator de ligação entre o autor e sua própria obra” (CANDIDO, 1995, p. 35).

A literatura para Candido cumpre sua função a partir do momento em que se insere num grupo e passa a fazer parte dele, cumprindo sua função social. Se o literário é entendido pelo modo como o leitor interpreta a obra, não apenas por expressar sentimentos ou argumentos, então a composição de uma obra não é inocente, pressupõe a interação com o meio de produção e de difusão. De acordo com Antonio Candido, tal fenômeno ocorre porque toda escrita configura um diálogo entre o autor e o seu público: “A literatura é, pois um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores, e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a” (1995, p. 74).

Em Cabo Verde, assim como nas demais ex-colônias africanas de língua portuguesa, a imprensa teve papel relevante na formação da tradição literária. À *Claridade* coube o papel de precursora, porém são vários os veículos informativos, revistas, jornais, boletins que podemos destacar na divulgação dos trabalhos de poetas e escritores crioulos. No que se refere à *Claridade*, seu papel não foi apenas o de divulgar, mas também o de tentar delinear as especificidades da cultura e literatura cabo-verdianas, para a formação do sistema literário no arquipélago.

Ressalve-se que o intento de renovação estética é observado na produção literária de Cabo Verde até a contemporaneidade o que lhe confere um aspecto de amadurecimento rápido representado, por exemplo, por um Prêmio Camões para um autor<sup>16</sup> que atesta, além do conhecimento tácito da literatura universal, a carga de inventividade e de excentricidade face ao próprio sistema.

Dito de outro modo, *Claridade* surge no contexto cabo-verdiano como uma espécie de programa do núcleo da caboverdianidade, cuja gênese dialoga proficuamente com o modernismo brasileiro, principalmente na sua vertente realista-regionalista. O periódico foi o instrumento privilegiado de veiculação de ideias modernas em diálogo com a tradição cabo-verdiana para a fundação do novo, que se pudesse considerar como genuína literatura crioula. Desse modo, a *Claridade* constituiu o passo inicial para o surgimento de outras revistas e movimentos culturais no arquipélago<sup>17</sup>.

A emergência desses meios de divulgação cultural consubstanciou uma estratégia da elite intelectual para atuar social e politicamente, uma vez que os olhos

---

<sup>16</sup> Referimo-nos ao poeta cabo-verdiano Arménio Vieira, vencedor do prêmio Camões em 2009.

<sup>17</sup> Podemos citar as revistas *Certeza* (1944), *Suplemento Cultural* (1958) e *Seló* (1962).

da censura estavam fixos sobre as ações dos intelectuais na época. Por isso: “Em Cabo Verde foi a literatura que denunciou. Mais do que a crise agrícola que se lia, vaga, nos jornais, a literatura denunciou a seca, o abandono, a fome e a morte no arquipélago” (CRUZ, 2011, p. 63).

Quando surge, em 1944, a revista *Certeza*, publicação da Academia Cultivar, criada pelos estudantes do Liceu Gil Eanes, em São Vicente, observa-se a acentuação da ruptura com os valores hegemônicos tanto políticos quanto cultural-literários. A intenção da geração *Claridade* havia se estendido para as gerações vindouras: “O contributo fundamental da geração da *Certeza*, ou melhor, da sua ala mais radical e inconformista, parece-me ser assim, o aprofundamento da questão social cabo-verdiana” (ALMADA, 1998, p. 138).

Se *Claridade* havia iniciado uma revolução da literatura, sobretudo por meio da revisão dos temas candentes no momento e do estatuto conferido à língua materna e às tradições crioulas, à *Certeza* coube aprofundar essa revolução. Para tanto, propôs o rompimento com o projeto claridoso em alguns pontos polêmicos. Exemplo dessa ruptura é a proposta de engajamento explícito para dirimir o evasimismo atribuído à *Claridade* pelas gerações posteriores e tão duramente criticado por estas. Tal crítica, em face de uma leitura acurada e atual do conjunto da obra dos claridosos fundadores, revela-se exagerada e infundada, ponto a ser mais detidamente analisado adiante, quando atentarmos mais detalhadamente para a época de produção com seu alto teor de censura e repressão política.

No que se refere à *Claridade*, as sementes que germinaram as ideias de uma publicação de artes e letras, capaz de dar espaço para a divulgação de uma literatura criada e pensada em terras crioulas, foram cultivadas por longo tempo no

arquipélago. Projeto acalentado por jovens formados em terras portuguesas e em terras cabo-verdianas a proposta de uma literatura com sua marca era, acima de tudo, o registro de sua autonomia cultural.

O escritor Luís Romano (1954) evidencia em artigo na revista *Vértice* que os pontos iniciais do que chama de “maior movimento cultural” em Cabo Verde remontam ao ano de 1924. Assim, o ano de 1936 como a data oficial de surgimento dos ideais claridosos é apontado pelo próprio Baltasar Lopes como uma “efeméride a marcar uma conjuntura que se situava num tecido de preocupações longamente alimentadas pelos grupo” (In: FERREIRA, 1986, p.XIII).

O percorrer deste caminho inicial até a publicação, finalmente, do número 1 de *Claridade* em 1936, houve uma série de eventos que marcaram o processo de amadurecimento e até mesmo constituição de grupo e de sua proposta literária. João Lopes Filho retorna um pouco mais, estrutura esse percurso cronologicamente e apresenta três fases, segundo as quais, para ele, apresentam objetivos diferentes<sup>18</sup>, “[...] ‘período de arranque de reflexão’ à volta do ‘Círculo Cultural’, em Fonte Cônego (1922), seguindo-se-lhe a da ‘Tertúlia’, na Praia (1928) e finalmente o aparecimento de *Claridade*, no Mindelo (1936)” (LOPES FILHO, s/d)

Interessa-nos aqui abordar a noção de Sistema Literário e especificamente a noção de Formação de um sistema literário. Recorremos assim às premissas expostas por Antonio Candido (2010) em sua obra **Formação da Literatura**

---

<sup>18</sup> A referência feita por João Lopes Filhos traz a lume um importante dado a respeito da formação inicial do grupo, ao colocar como capítulos iniciais eventos ocorridos fora de São Vicente, na Praia, por exemplo, corrobora a negação de que os homens da *Claridade* estavam voltados somente para as questões dos sujeitos das ilhas do Barlavento, isso aliado aos registros observados na própria revista.

**Brasileira**, conceitos que nortearam estudos realizados por pesquisadores das literaturas africanas de língua portuguesa e que aqui nos auxiliam na arguição acerca do processo de formação do sistema literário cabo-verdiano.

Antonio Candido (2010) formula sua teoria de sistema literário tendo por base os primórdios da literatura brasileira. Tomando de partida o neoclassicismo e Romantismo brasileiros, esquematiza na literatura brasileira três etapas: “era das manifestações literárias”, “era da configuração do sistema literário” e “sistema literário consolidado”. A distinção entre manifestação literária e literatura é conveniente para a compreensão de formação proposta por ele. As manifestações literárias são as produções isoladas não representativas de um sistema. A literatura, por outro lado, é parte integrante de um sistema de obras ligadas por características comuns. No Brasil, a literatura enquanto sistema consolida sua formação ao longo do movimento romântico.

Na linha teórica de Antonio Candido temos como elemento basilar a compreensão de que a literatura existe como fenômeno civilizacional quando, por meio de aspectos interno e externos de funcionamento, fazem parte de um sistema de obras ligadas por denominadores comuns. Em Cabo Verde este processo se inicia com *Claridade*, que por meio dos aspectos internos de funcionamento da literatura como língua, tema e forma, aliados à inovação linguística e estética, já é possível observar que existe uma consciência dos intelectuais sobre a formação de uma literatura que atenda aos anseios de Cabo Verde.

A consciência de grupo por parte dos intelectuais, o reconhecimento que passou a existir de um passado literário local, a maior receptividade por parte de públicos, embora débeis e pouco numerosos, começaram a definir uma articulação dos fatos literários (CANDIDO, 2010, p. 33).

Por que nos interessa aqui especificamente a discussão das teorizações de Candido? Como podemos lançar mão de suas teorias para compreender o processo ocorrido em Cabo Verde? Foi a revista *Claridade* protagonista no processo de formação do sistema literário cabo-verdiano?

Ao falar da literatura brasileira Candido afirma que “[...] a literatura não nasceu aqui: veio pronta de fora para transformar-se à medida que se formava uma sociedade nova.” (2010, p. 12). Quando o primeiro romance **O Escravo** é publicado em Cabo Verde, escrito por um português, a sociedade que ali estava era outra, com outras visões, outros objetivos, o mesmo se pode observar com o aparecimento de *Chiquinho*, primeiro romance do período claridoso. Tanto um momento quanto outro falavam de Cabo Verde, referiam-se ao homem cabo-verdiano. O que nos leva a outro ponto das teorias de Candido fulcrais para nosso entendimento, as questões referentes aos temas e formas: a nova realidade transformada em temas, e as diferentes formas usadas como meios mais adequados para a expressão do local, aspecto em que a *Claridade* pode inovar por meios das inserções estéticas modernas em suas publicações.

Candido articula sua teoria também considerando como decisivos fatores externos. O que nos interessa, portanto, é entendermos de que modo tal teoria é importante para compreendermos como o processo ocorre na literatura cabo-verdiana, e se podemos identificar na revista o processo de configuração do sistema literário cabo-verdiano ou até mesmo o momento da consolidação deste na literatura crioula.

O sistema pensado por Antonio Candido trata de “um tipo de comunicação inter-humana”, que vai além das características: língua, temas e imagens. Esse tipo de comunicação é resultado da interação de elementos sociais e psíquicos manifestados histórica e literariamente. Assim são descritos três elementos externos que compõem o processo de formação do sistema literário,

[...] a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral uma linguagem traduzida em estilos), que liga uns aos outros (CANDIDO, 2009, p. 25).

Desse modo, estamos diante da importante tríade basilar da teoria de Candido, autor-leitor-obra, espaço para a comunicação inter-humana, espaço de contato, interpretações de diferentes realidades e, então, a continuidade, a tradição literária.

Quando a atividade dos escritores de um dado período se integra em tal sistema, ocorre outro elemento decisivo: a formação da continuidade literária, - espécie de transmissão da tocha entre os corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo, é uma tradição, no sentido completo do termo, isto é, transmissão de algo entre os homens, e o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir, para aceitar ou rejeitar. Sem esta tradição não há literatura, como fenômeno de civilização (2009, p. 26).<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> Benjamin Abdala Junior trava um diálogo com a teoria de Candido em sua obra **Literatura, História e Política**. Abdala Junior, no entanto, propõe um conceito ampliando a proposta de Candido, um conceito de macrossistema literário, englobando outras literaturas de língua portuguesa: “É dentro dessa dinâmica da comunicação em português, que envolveu historicamente constantes semelhantes da série ideológica, que podemos apontar para a existência de um macrossistema marcado como um campo comum de contato entre os sistemas literários nacionais. Quando aproximamos os sistemas nacionais é por abstração que chegamos a esse macrossistema que se alimenta não apenas do passado comum, mas também do diverso de cada atualização concreta das literaturas de língua portuguesa. E num movimento inverso, à diferenciação mais específica de cada nacionalidade nas atualizações desse macrossistema mais abstrato correspondem fatores históricos de

Antes do aparecimento do grupo já era possível observar sinais das temáticas crioulas nas obras de Eugenio Tavares e Pedro Cardoso. O que ocorre na *Claridade*, no entanto, é que tais temas entram de fato para a tradição literária cabo-verdiana e consolidam sua continuidade histórica. As temáticas apresentadas nas publicações serão evidenciadas, reapresentadas, negadas ou confirmadas ao longo da história da literatura cabo-verdiana, a partir dos anos de 1930<sup>20</sup>.

Para Tania Macêdo, a formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa articular-se-ão “necessariamente ao projeto de nação”<sup>21</sup> (2008) Para a estudiosa, a *Claridade* é um momento específico para a sistematização do sistema literário cabo-verdiano, considerado por ela já totalmente consolidado, “Ainda que haja manifestações literárias interessantes como o romance *O Escravo*<sup>22</sup> [...] é a revista *Claridade* que marcará um movimento de consolidação da literatura do arquipélago” (2008, p. 146).

---

convergência (da tradição e também de modelos culturais de ruptura). O artigo *Notas sobre o conceito de “Sistema Literário” de Antonio Candido nos estudos de literaturas africanas de língua portuguesa* de Anita Martins Rodrigues de Moraes é bastante elucidativo para compreendermos como as teorias de Candido foram importantes para os estudos acerca da literatura africana desenvolvidos por pesquisadores brasileiros.

<sup>20</sup> Referências aos temas claridosos constituirão um processo constante na literatura cabo-verdiana. Por exemplo, o tema da fome na obra de Luis Romano, o drama da partida na obra de Manuel Ferreira, Orlanda Amarilis, a miséria em Dina Salústio, a releituras da tradição cultural em Corsino Fortes, as secas e emigrações em Teixeira de Souza, para citar alguns nomes.

<sup>21</sup> A afirmação de Tania Macêdo articula-se às teses propostas por Anjos e Fernandes sobre a importância da *Claridade* para o pensamento nacionalista cabo-verdiano, para a tomada de consciência de si e de seu país, por meio de uma literatura que os expressasse, conforme veremos no terceiro capítulo.

<sup>22</sup> O romance *O Escravo* escrito pelo português José Evaristo D’Almeida no século XIX e publicado em 1856, é considerado por muitos estudiosos o primeiro romance de Cabo Verde. Em 1986, Manuel Ferreira apresenta em simpósio por ocasião das comemorações dos 50 anos de *Claridade* a comunicação “‘O Escravo’ e ‘Contos Singelos’; dois autores: José Evaristo D’Almeida e Guilherme da Cunha Dantas, fundadores da ficção cabo-verdiana.” (Apresentação a 2 edição de *O Escravo*, 1989). Manuel Veiga é outro crítico que pontuará a primícia da temática cabo-verdiana na obra *O Escravo*, o que a coloca com uma obra autenticamente cabo-verdiana “Não há dúvidas de que a obra de José Evaristo D’Almeida poderia, perfeitamente, ser escrita por um caboverdiano. Aliás, se não tivéssemos aprendido com Manuel Ferreira, que ele era português, nós depois de uma leitura de *O Escravo*, não teríamos dúvidas sobre a sua caboverdianidade. Cremos que, sendo ele originário de Portugal, a sua vivência, porém, era caboverdiana. E, se a probidade dessa vivência (que desconhecemos) coincide com a da sua obra, ao hesitamos em considera-lo – muito mais que um amigo – um irmão.” (Veiga, Manuel, 1989, p.24)

As investigações desenvolvidas pela pesquisadora apontam assim para um processo que se inicia com as manifestações literárias anteriores à *Claridade*, passando pelo romance de José Evaristo D’Almeida, os estudos de Pedro Cardoso e textos de Eugénio Tavares, considerado por ela o precursor do sistema literário cabo-verdiano, importantes para a tomada de consciência dos escritores do arquipélago e para seu amadurecimento com a moderna literatura inaugurada pela revista.

Por outro lado, o professor português Pires Laranjeira, ao falar da literatura cabo-verdiana, propõe o estudo da literatura crioula a partir uma periodização dividida, segundo ele, em seis períodos. Iniciado nas origens do arquipélago à atualidade. Segundo a proposta de Laranjeira, em Cabo Verde a “**Consolidação** do sistema e da instituição literária” (ROCHA, 2001, p.7) se afirma verdadeiramente no período que ele denomina de Sexto período, iniciado em 1993 e que permanece até a atualidade, isto é, defende um momento bastante tardio no processo.

No entanto, na esteira das teorizações de Candido, partindo da compreensão de que a consolidação do sistema literário se alicerça na continuidade e na formação da tradição literária, em sua função histórica, literária e social, é na *Claridade*, que encontra-se sua gênese e consolidação.

### **1.3 - Das leituras sobre a *Claridade* e o grupo claridoso**

Com o intuito de retomar e apresentar os posicionamentos de alguns intelectuais cabo-verdianos, integrantes ou não do grupo da *Claridade*, propomos trazer à luz algumas leituras sobre a revista e o grupo claridoso. Embora eventualmente recorramos a estudiosos de outras latitudes, acreditamos ser

fundamental compreender Cabo Verde, sua cultura, sua história e sua mundivivência a partir de reflexões dos próprios cabo-verdianos. Uma vez que o lugar de onde nós falamos é o lugar do outro e só nos é possível uma leitura mais próxima e atenta por meio da voz dos que viveram e vivem a experiência materializada na literatura africana de língua portuguesa.

A conclusão de que *Claridade* representou um importante momento de transformação para a história literária e cultural do arquipélago africano foi, para muitos estudiosos que se detiveram neste questionamento, reconhecido e retomado apenas por ocasião da independência das ilhas, ou seja, quase 40 anos após a publicação de seu primeiro e já impactante número. Impactante, por trazer, em sua primeira página textos escritos em crioulo, a língua cabo-verdiana, língua mais tarde proibida nas escolas, por exemplo.

José Carlos Gomes dos Anjos, em sua obra **Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional**<sup>23</sup> (2006) apresenta o contexto histórico de emergência do grupo *Claridade* e de seu instrumento, a revista, como espaços cruciais nos embates para a definição da identidade cabo-verdiana, identidade, que, nas linhas da formação das identidades mestiças, estão marcadas pelo constante movimento da hibridação<sup>24</sup>. Segundo Canclini (2006) “[...] entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”. (p.XIX)

---

<sup>23</sup> A obra de José Carlos Gomes dos Anjos é resultado de sua pesquisa de doutorado realizado no programa de Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>24</sup> Néstor Canclini teórico das Culturas Híbridas aponta os estudos sobre hibridação como os responsáveis por transformar “o modo de falar sobre identidade, cultura, diferença, desigualdade, multiculturalismo e sobre pares organizadores dos conflitos nas ciências sociais: tradição-modernidade, norte-sul, local-global.” (2008, p.XVII)

O conceito de hibridação é relevante por ampliar e abranger a noção de contatos interculturais, dentre os quais Canclini apontará mestiçagem e sincretismo. Em Cabo Verde observamos esses dois processos como elementos fundacionais da construção da identidade cultural do arquipélago. O conceito de hibridação, segundo o autor, refere-se às explicações mais modernas da interculturalidade, uma vez que o termo mestiçagem, por exemplo, embora aborde tanto o aspecto biológico quanto cultural, é insuficiente para explicar a trocas interculturais ocorridas nas sociedades moderna.

Dentre os processos de misturas interculturais, o teórico insere: a mestiçagem (biológica e cultural), o sincretismo (combinação de práticas religiosas) e a criouliização (em sentido estrito refere-se à língua e culturas criadas por variações da língua básica no contexto da escravidão). Embora estabeleça o termo hibridação como mais adequado para nomear as “combinações de elementos” nas sociedades modernas e pós-modernas, as noções de mestiçagem, sincretismo e criouliização continuam a ser utilizados e atuam no sentido de especificar “formas particulares de hibridação, mais ou menos clássicas” (p.XXIX).

O processo de mestiçagem em Cabo Verde foi amplamente discutido por Gabriel Mariano, poeta, ficcionista, ensaísta e polemista cabo-verdiano. Em sua obra **Cultura Caboverdeana** reúne uma série de ensaios acerca da formação da identidade cabo-verdiana tendo por linha mestra a compreensão da mestiçagem.

Defendendo uma postura de que somente o processo de miscigenação ocorrido no arquipélago viria garantir aos povos levados para as ilhas as condições de fixação e sobrevivência, Gabriel Mariano coloca o mestiço como o elemento

capaz de se infiltrar nos espaços sociais e democráticos de Cabo Verde. A respeito do processo de mestiçagem em Cabo Verde sublinha:

A mestiçagem processou-se em larga escala em Cabo Verde. Favorecida e impulsionada por circunstâncias várias: por carência de mulheres brancas; pelo feitio garanhão do português; e ainda por relações sexuais havidas entre homens negros e mulheres brancas. Por outro lado, a própria orografia das ilhas, aliada à mobilidade dos primeiros comerciantes caboverdeanos, solicitava essa intensa osmose de sangues e também de sensibilidades. Tudo favorecendo uma grande liberdade de contactos, de movimentos, de resolução de problemas (MARIANO, 1991, p.72).

Para Anjos (2006), entretanto, a mestiçagem tão amplamente “elogiada” - resultando um povo marcado por características tão peculiares e particulares - é, em verdade, resultado de um processo violento, físico e psicológico, de apagamento da memória étnico-cultural dos escravizados, levados para Cabo Verde para o povoamento do arquipélago, desabitado até a chegada dos portugueses pelos anos de 1494.

Nas obras acerca da história social e da história literária cabo-verdiana a dualidade, africano-europeu, recorrentemente aparece. A mestiçagem que define etnicamente os cabo-verdianos os caracteriza também culturalmente, gera opiniões adversas e até mesmo algumas contendidas, como o polémico ensaio de Onésimo Silveira **Consciencialização na Literatura Cabo-Verdiana** (1951). Nesta publicação Silveira afirma que a formação europeia dos jovens envolvidos na criação de *Claridade*, os impedia, ou até mesmo os tornava incapazes de ver a situação real de Cabo Verde, ou seja, ver Cabo Verde com os olhos dos cabo-verdianos que viviam as mazelas da seca, da fome, da migração forçada e do abandono da

metrópole. Veremos também a questão exposta por Manuel Ferreira em **A Aventura Crioula**, ao atestar a respeito do debate sempre presente: são os cabo-verdianos africanos ou europeus? Ferreira defende que os cabo-verdianos são somente cabo-verdianos: “Afinal: África? Europa?: Cabo Verde.” (1967, p. 236).

O caráter híbrido que compõe o sujeito cabo-verdiano será também elemento fulcral nas arguições que se seguem à visita de Gilberto Freyre a Cabo Verde, em que afirma que o povo do arquipélago é marcadamente africano, deixando de lado o elemento europeu, importante componente étnico-racial do povo ilhéu. Esta afirmação (entre outras) provocou grave decepção nos intelectuais que tiveram as teorias freyrianas como fundamentos para o estudo das ilhas, tão próximas e com tantos pontos de diálogo e contato com a cultura brasileira, sobretudo a nordestina estudada e publicada por Gilberto Freyre em seus diversos livros lidos pelos principais intelectuais cabo-verdianos, assunto que discorreremos no quarto capítulo de nosso estudo.

A identidade mestiça estudada e desenvolvida por estudiosos cabo-verdianos, entre eles Gabriel Mariano, de acordo com Anjos, foi a antecipação engendradora da unidade nacional para a “implantação de um Estado Nacional”, por este motivo é possível compreender a “exploração” do caráter mestiço da cultura cabo-verdiana nos textos de *Claridade*.

### 1.3.1 - Com a palavra os claridosos: Baltasar Lopes e Manuel Lopes

*Eu canto e louvo à Claridade.  
Clara luz do meio dia / na espessa noite e colonial  
dureza.  
Eu canto e louvo a Claridade.  
Desencandeados ventos madrugada limpa, tempo  
inaugural,  
cantiga de pardal jardimol  
Eu canto e louvo a Claridade.  
Luminosamente vista*

*sentida luminosamente  
 esta branda pátria caboverdiana.  
 Em tom maior e solitário  
 de mãos dadas confortando  
 as dores da Mamãe-Terra parindo  
 seus filhos caminheiros.  
 E todavia encurralados, encurralados todavia na  
 espessa noite e colonial dureza.  
 Eu canto e louvo a Claridade.  
 Luminosos antepassados do futuro  
 em metal nobre construindo chaves  
 que,  
 sendo para abrir, abriram  
 as submersas portas, o solidário Amor.  
 Eu conto e louvo a Claridade. (Gabriel Mariano –  
 Louvação à Clariadade – 50 anos depois)*

Em 1992, em uma entrevista ao pesquisador Michel Laban, o escritor cabo-verdiano, Gabriel Mariano ao falar do papel do escritor afirma,

[...] o escritor – que antes de ser um escritor é um cidadão, é um homem envolvido pela sociedade em que vive, condicionado pela cultura da sociedade onde vive, (não é um ser de geração espontânea) –, nessa perspectiva, na medida em que o escritor está inserido numa nação, num grupo social, ele transporta – mesmo que não saiba – os valores, os desvalores, os traumas deste grupo social [...] A análise de uma obra literária poder revelar-nos a concepção que o escritor/cidadão tem da sociedade e perante a cultura e o sistema de relações engendradas pela sociedade. [...] A questão de saber se o escritor, enquanto escritor, tem deveres para com a sua terra, é assunto que diz respeito apenas ao escritor (LABAN, 1992, p. 297-298).

Importante teórico da sociedade cabo-verdiana, a afirmação de Mariano nos remete à visão crítica de alguns estudiosos da literatura cabo-verdiana acerca do papel e da postura dos intelectuais envolvidos no processo de criação e consolidação de *Claridade*. Ao falar do papel do escritor e como este está marcado pela sua mundivivência (emprestando o termo de Jorge Barbosa), Mariano permite analisar os intelectuais claridosos situados em seu tempo e espaço.

A *Claridade* quando surgiu, foi um grito de rebeldia, foi uma negação, embora não ostensiva – era difícil nos anos 30, com o fascismo

triunfante na Europa -, mas foi uma negação viril da “cultura”, entre aspas, que o colonizador português pretendia impor em Caboverde. A *Clairidade* nega globalmente aquilo que o colonizador português pretendia impor em Caboverde como sendo padrões culturais. (In: LABAN, p.320)

Ao falar dos ideais que os moveram na organização do grupo que viria a fundar a revista, optamos por dar voz aos intelectuais envolvidos no processo, o modo como o perceberam, o viveram e o analisaram posteriormente. Baltasar Lopes, em depoimento à edição fac-similar, organizada por Manuel Ferreira, toca exatamente no tema das limitações impostas pelas condições históricas de sua existência e menciona ainda o papel de intervenção que o grupo e a revista tiveram na consolidação de um novo modo de se fazer literatura em Cabo Verde.

Integrante da tríade fundadora do grupo, ao lado de Jorge Barbosa e Manuel Lopes, Baltasar Lopes, em suas entrevistas e depoimentos não se furta a declarar que o objetivo com a organização do grupo e da revista era sim de uma intervenção, que se não era possível no campo da política, se faria por meio da literatura.

Daqui do nosso posto menor de observação, que era a cidade do Mindelo, nós do Grupo tomávamos perfeitamente nota da situação geral. Por outro lado, estávamos em nítida posição contestária à orientação política que subjazia à administração da então, colónia de Cabo Verde, com seu fascismo de importação e imitação e ignorava ou violava os mais elementares princípios que regem a vida do homem e do cidadão e salvaguardam a liberdade individual. Tal situação despertou toda a capacidade de militância, na medida então possível, do nosso pequeno grupo (LOPES, 1986, p.XIII).

Convém considerar que o depoimento de Baltasar Lopes acontece em um momento de total liberdade de expressão, em um arquipélago livre e independente,

sua trajetória histórica de professor, advogado e pesquisador é o retrato de uma postura de intelectual militante.

Em entrevista a João Lopes Filho e publicada na revista *Ponto & Vírgula*, em 1984, detalha essa postura de transformação da realidade cabo-verdiana por meio da literatura. Para Baltasar Lopes, a intervenção só foi possível por meio da dedicação dos intelectuais em compreender sua própria realidade e a realidade de seu povo,

Embora haja quem não pense assim, a verdade é que uma das mais “urgentes” motivações de Claridade (revista e grupo) foi o estudo da realidade cabo-verdiana, com vista ao melhoramento económico e social de nossa gente, nomeadamente da que se situa nos níveis mais baixos de possibilidades. É justamente esta intenção programática que constitui o elo de ligação com as gerações subsequentes, cujo ideário, em termos de perspectiva de acção, assentava nessa mesma intenção (LOPES, P&V, nov/dez 1984, p.20).

Em 1991, ao falar sobre os objetivos almejados pelos jovens claridosos, é bastante eloquente:

A nossa reacção, evidentemente, era de não aceitação..., no sentido de não continuarmos aquele tipo de cultura, porque era uma cultura desinteressada, desinteressada do ponto de vista cabo-verdiano. Não sei quem é que dizia que eles andavam a cantar Diana no Mediterrâneo numa terra cheia de fome como esta, cheia de problemas... O problema é apenas nesse sentido – não é o não aceitar, aceitávamos, eu aceita aquilo porque eles eram o que eram. Viveram sob uma determinada ideologia, não aceitávamos seguir essa ideologia – repelíamos no sentido de não a aceitar, de não a seguir, de não a adoptar e não no sentido de que não deviam ser assim (LOPES, in: LABAN, p. 24).

O depoimento de Baltasar Lopes reforça a defesa, feita por si mesmo e pelos demais claridosos, de que a postura de contestação do grupo, e que se manifestou

nas publicações da revista, não residia no enfrentamento e negação direta das manifestações culturais e políticas da metrópole naquele momento, mas sim na não adesão a essas manifestações, então, seguir o caminho adverso era a atitude de refutação.

Esse caminho distinto tomado pelo grupo é o que Manuel Lopes denomina de “fincar os pés no chão crioulo”. Também em entrevista ao pesquisador francês Michel Laban (1992), ao ser questionado sobre a “necessidade de fincar os pés no chão” – expressão cunhada por ele mesmo – aponta:

[...] esse fincar os pés na terra teve para nós um significado especial. O impulso inicial implicaria esta metamorfose: em contato com a terra os pés se transformariam em raízes, e as raízes se embeberiam do húmus autêntico das nossas ilhas. *Claridade* nasceu logo que a segunda fase da metamorfose se consciencializou... A *Claridade* apresentou-se, segundo me parece, mais como o testemunho social e telúrico de tipo específico, se assim me posso exprimir, do que político e ideológico (aliás os tempos não davam para aventuras do género, como é do conhecimento geral (LOPES, in: LABAN, 1992, p.84).

É consenso entre os envolvidos do projeto *Claridade* a impossibilidade que se colocava diante de si de ações de carácter mais político e ideológico, a saída só poderia ser, por meio da ação cultural, “O passo inicial para a independência justifica-se pela cultura” (idem, p. 84).

A independência cultural norteará o discurso de Manuel Lopes, segundo o qual o rompimento com os ideais metropolitanos aconteceria por meio da aproximação da realidade local, a riqueza dos elementos regionais seria a arma para a transformação e isso que moveu a consolidação do projeto da revista:

Um grupo de amigos pensou que se deveria criar uma revista que permitisse romper com a tradição clássico-romântica de motivos alheios à nossa realidade. Tínhamos matéria-prima que estimulava a nossa independência cultural. [...] Impunha-se aproveitar a matéria-prima local que os séculos de relativo abandono permitiram criar e conservar, urgia essa consciencialização. Assim nasceu a revista *Claridade* (idem, p. 83).

Na mesma linha da defesa da revista como instrumento da independência cultural do arquipélago, em entrevista concedida a João Lopes Filho, publicada em *Ponto & Vírgula*, em 1984, afirma que *Claridade* foi “[...] o primeiro ‘Grito do Ipiranga’ literário de toda a África Lusófona.” (P&V, n.9, Mai/Junho, 1984, p.16).

A resistência do ideais claridosos deve-se, para Manuel Lopes pelo seu carácter regional e ao mesmo tempo universal. A característica cabo-verdiana, a personalidade própria e o particularismo indiscutível são os elementos responsáveis pela sobrevivência da revista e dos ideais que apregoou em suas publicações. *Claridade* permitiu que as vozes cabo-verdianas ecoassem para além das ilhas e fossem assim reconhecidas por suas características próprias. Expressar-se passa a configurar uma atitude de responsabilidade e coragem, para esses dois intelectuais fundadores da revista que materializou o projeto da caboverdianidade.

### **1.3.2 - As vozes da época: do alumbramento de Manuel Ferreira à crítica de Onésimo Silveira**

*A ninguém hoje oferece dúvidas que o maior acontecimento de todos os tempos na vida literária e cultural de Cabo Verde foi o aparecimento da revista Claridade, em 1936 (Manuel Ferreira).*

As publicações claridosas espalhadas ao longo de vinte e quatro anos abriram caminhos para diversos escritores que ainda hoje produzem em Cabo Verde. Manuel Brito-Semedo apresenta, a partir das colocações do claridoso Gabriel Mariano, os objetivos propostos pelos homens da *Claridade*, que viriam a ser registrados nos nove números publicados pela revista: “(I) exprimir literariamente, a situação e a movimentação do homem cabo-verdiano; (II) inventariar e estudar elementos que integram a cultura cabo-verdiana; (III) estudar os ‘processos’ de formação social das ilhas crioulas” (p. 319).

Compreendida por alguns como revolucionária e, por outros como uma grande expectativa não concretizada, a *Claridade* foi também em sua época incerteza para alguns intelectuais interessados em compreender o que propunham e o que motivava os envolvidos no processo de formação e estruturação de seus ideais.

Manuel Ferreira, português, importante estudioso da literatura africana de língua portuguesa, em especial da literatura cabo-verdiana, tendo inclusive produzido obras situadas do quadro histórico-literário da literatura cabo-verdiana<sup>25</sup>, coloca a revista e os intelectuais que a idealizaram como empenhados em criar uma literatura cabo-verdiana. Responsável pela edição *fac-similar* da *Claridade* em 1986, publicada nas comemorações do cinquentenário da revista abre o prefácio de sua autoria enfatizando:

Lançada em março de 1936, na cidade do Mindelo, ilha de São Vicente, viríamos a tomar conhecimento da *Claridade*, em 1942,

---

<sup>25</sup> Dentre as quais podemos citar Morna (1948) *Hora di Bai* (1962) e *Voz de Prisão* (1971), além de obras infantis e diversos estudos e ensaios específicos de literatura cabo-verdiana.

pouco tempo depois de termos desembarcado naquela cidade. Andávamos nesse tempo vivendo intensamente o projeto social de uma literatura empenhada – o neo-realismo – e, de repente, em ilhas longínquas, virem-nos parar às mãos, milagrosamente, os três números de uma revista literária e cultural caboverdiana foi um alumbramento. Nela víamos o modelo daquilo que ainda não tínhamos visto em Portugal: o social, o concreto como ponto de partida para um projecto literário e cultural nacional. (FERREIRA, 1986, p. XIX)

Observamos que Manuel Ferreira também irá defender que o projeto proposto pela *Claridade* - mesmo no espaço isolado das ilhas - por meio do ousado enfrentamento da censura imposta pela metrópole apresenta “uma revista moderna, em todos os aspectos, vincadamente nacional” (idem).

O trabalho desenvolvido por escritores cabo-verdianos, desde o século XIX<sup>26</sup>, foi, segundo, Ferreira, o adubo para que na década de 1930, Jorge Barbosa, Manuel Lopes e Baltasar Lopes, a partir do modelo brasileiro, pudessem transformar *Claridade* no “registro de uma nova poesia, de uma nova ficção, de uma nova cultura” (in: LABAN, p. 105).

Manuel Ferreira já havia anos antes apontado o valor da *Claridade* para formação da literatura cabo-verdiana, em sua obra **A Aventura Crioula**<sup>27</sup> ou Cabo Verde uma síntese étnica e cultural com um prefácio de Baltasar Lopes, de 1967.

---

<sup>26</sup> As produções literárias desenvolvidas no século XIX e início do séc. XX em Cabo Verde estão profundamente marcadas pelo romantismo e pelo simbolismo. Manuel Ferreira destaca como produções desse período as poéticas de José Lopes, Pedro Cardoso e Eugénio Tavares, os dois primeiros com a poesia bastante focada no mito hesperitano ou arsinario, segundo qual as Ilhas de Cabo Verde fariam parte do continente desaparecido de Atlântida. (FERREIRA, In: LABAN, p.104)

<sup>27</sup> **A Aventura Crioula** talvez seja um dos primeiros e mais aprofundados estudos sobre a história da cultura e literatura cabo-verdiana que se tenha conhecimento, tomando como mote inicial as críticas feitas por Gilberto Freyre por ocasião de sua visita ao arquipélago em 1952 e a resposta de Baltasar Lopes às colocações do sociólogo brasileiro, a aventura de Manuel Ferreira se propõe, a partir da síntese étnica e cultural, apresentar Cabo Verde aos navegantes, por meio de sua cultura, os aspectos da formação de seu povo, sua língua, sua música para que então se possa compreender o processo que levou a formação de sua literatura.

Com um longo espaço dedicado a falar sobre a *Claridade*, seu surgimento, seu contato com a literatura brasileira e portuguesa, sua transformação com a emergência, em 1944, da revista *Certeza*, de cunho mais marxista, assim como os percussores dos ideais apresentados pelos claridosos<sup>28</sup>, Manuel Ferreira afirma:

Quando em 1936 no arquipélago de Cabo Verde se publicava o primeiro número de *Claridade*, alguma coisa especial acontecia nas ilhas crioulas. E mais, alguma coisa de insólito se desenrolava no âmbito da literatura ultramarina de expressão portuguesa e concomitantemente no âmbito da própria literatura nacional, talvez sem que, de todo, os responsáveis se dessem conta do completo significado da empresa a que tinham metido os ombros (FERREIRA, 1967, P. 165).

A partir deste momento os textos da literatura no arquipélago, para Ferreira, são marcados pela caboverdianidade, e os modelos coloniais postos de lado. As gerações e revistas que se seguiram à *Claridade*, como *Certeza* e *Suplemento Cultural*, seguiram os caminhos iniciados pela geração de 1930. Se *Claridade* deu os primeiros passos no combate, as gerações posteriores irão destruir totalmente as influências da metrópole, consolidando, portanto, a independência.

O grupo claridoso, porém, não teve aceitação e compreensão unânimes. Contemporâneo aos claridosos e até mesmo publicando em uma ocasião na revista, uma voz opositora marcante é a de Onésimo Silveira que, em 1963, publica pela Casa dos Estudantes do Império, o ensaio **Consciencialização na literatura caboverdiana**. Em seu texto, Silveira não nega o papel precursor do grupo na trajetória da literatura cabo-verdiana, mas tece algumas considerações acerca do quão consciente é esta literatura no que se refere à sua funcionalidade,

---

Demonstraremos, ao longo deste trabalho, que a literatura caboverdeana, estando profundamente ferida de inautenticidade, não traduz nem produziu uma mentalidade consciencializada e daí se ter tornado, como não é difícil verificar, em título de prestígio da elite que a vem encabeçando e não em força ao serviço de Cabo Verde e suas gentes (SILVEIRA, 1963, p.8).

O título da primeira parte de seu ensaio é bastante esclarecedor “Inviabilidade do prosseguimento em Cabo Verde, do movimento Claridoso”. Com uma crítica contumaz, Silveira defende que somente por meio de uma “consciencialização com raízes no húmus étnico-social cabo-verdiano” (p.7) seria possível que os modernos literatos, do qual ele fazia parte na altura, pudessem tornar possível o ressurgimento de uma literatura, a partir dos anos de 1950, autêntica e atual em termos ideológicos.

O texto é escrito trinta e sete anos após a publicação do primeiro número de *Claridade* e três (três anos) após a publicação de seu último número, em 1960. Cabo Verde está em um momento histórico diferente, em um momento de luta pela independência, quando começam a aparecer os gritos da luta para formação de um Estado Nacional. Outro ponto a ser considerado é que, entre 1936 e 1960, enquanto ainda eram publicados os números de *Claridade*, outras revistas e periódicos surgiram e deram voz aos anseios dos intelectuais cabo-verdianos, apresentando outras linhas, outros pensamentos e outros diálogos.

Ao comparar a produção desencadeada pelo grupo claridoso e pelos escritores angolanos<sup>29</sup>, Silveira confere a esta *status* de autêntica, enquanto aquela

---

<sup>29</sup> No período em que escreveu **Consciencialização na Literatura Caboverdiana**, Onésimo Silveira vivia em Angola, onde permaneceu de 1959 a 1964, seu contato com os intelectuais angolanos, e as discussões acerca das atividades culturais angolanas foram o mote, segundo ele, para trazer a tona questões referentes a cultura cabo-verdiana.

traz o que ele chama de “literatura de exportação” (1963, p. 8). Consideramos que é preciso, neste caso, relativizar, já que Onésimo Silveira e os claridosos fundadores falavam a partir de lugares e tempos diferentes.

O grupo de Onésimo Silveira defende a consciencialização do homem africano. Surgido no seio da Casa dos Estudantes do Império, o grupo da “Nova Largada”, do qual Silveira fazia parte, já estava voltado para a ideologia nacionalista que alcançava os países africanos de língua portuguesa em busca da independência política, com partidos constituídos. Silveira empreende, ainda, a defesa da teoria de que “Cabo Verde é um caso de regionalismo africano” (1963, p. 7), tese adotada por seu grupo e não um caso de regionalismo europeu, cuja postura dedica aos claridosos. Outro aspecto pontualmente levantado pelo ensaísta é a origem da *Claridade*, que ele denomina “movimento”. Segundo Silveira, esta origem remonta aos processos de instrução existentes no arquipélago. Para ele, a infusão dos componentes europeus na educação dos jovens intelectuais da *Claridade* tomará parte tanto na gênese quanto na falência do “movimento”<sup>30</sup>.

O ensaio de Onésimo Silveira consiste em um manifesto em favor da “Nova Geração”, que procura fazer circular um ideário, considerado por ele, oposto àquele da *Claridade*. Os pontos combatidos pelo ensaísta estão voltados principalmente para os posicionamentos do grupo claridoso diante de temas como: a emigração; o privilégio, segundo ele, dado aos assuntos do homem das ilhas do Barlavento; e a proposta de um regionalismo europeu e não africano. Há assim com o ensaio de Silveira o vislumbre de uma geração com os olhos voltados para a África, que se

---

<sup>30</sup> Utilizamos aqui o termo movimento entre aspas por não compreendermos *Claridade* como um movimento, mas sim como, nos nove números da revista, uma sucessão de grupos diferentes de intelectuais que pensavam e escreviam Cabo Verde. O termo é, frisamos, empregado por Onésimo Silveira em seu ensaio e seu uso aqui se dá na tentativa de manter da coerência frente as suas considerações.

identificava com os processos e atividades políticas e culturais ocorridas no continente.

Uma das questões capitais da economia e cultura cabo-verdianas também é foco da intervenção, a emigração, que Silveira denomina de evasão. Esse evasão não está relacionado, segundo ele, à saída efetiva para os problemas enfrentados pelo homem cabo-verdiano, mas reduz-se tão somente a uma estratégia discursiva romântica e estereotipada do intelectual claridoso representar um problema tão sério em Cabo Verde: a necessidade de partir em busca da sobrevivência. A grande crítica feita a esse respeito relaciona-se ao “silenciamento” em relação à emigração para as roças de São Tomé<sup>31</sup>.

Gente de S. Vicente pã câ morrê de fome  
 Tem que bá'mbora pã S. Tomé!...  
 Cabá Vapor – cabá carvom!!! (CLARIDADE, n. 8, 1958, p.70).

Desse modo, o quadro que nos apresenta Silveira a respeito do grupo *Claridade* é de um grupo de intelectuais que fala da situação do povo ilhéu, mas de uma maneira superficial e que tem no evasão um subterfúgio para camuflar o desejo de estar mais ligado à Europa que à África.

O drama da evasão pretendeu ser a tradução intelectual do problema da emigração do ilhéu. Mas, conquanto fosse um dos principais tópicos do seu programa, em parte não expresso, esses homens não lograram tomar e manter, no plano literário e no da acção prática, as posições necessárias à denúncia desse problema em termos positivos (SILVEIRA, 1963, p.10).

---

<sup>31</sup> A emigração para as ilhas de São Tomé e Príncipe foi uma maneira de o governo colonial lidar com a questão da fome que assolava o arquipélago. No ano de 1864 parte para São Tomé o primeiro grupo de cabo-verdianos para trabalhar nas roças. Essa emigração se deu por meio de medidas legislativas, o que a caracterizava como uma emigração forçada, sendo os benefícios para o governo e grandes proprietários a mão-de-obra abundante e barata, além de livrar as ilhas cabo-verdianas dos milhares de famintos.

O privilégio que o grupo claridoso concede, segundo o autor, ao homem das ilhas do Barlavento ressalta a tendência europeizante da revista. Consideradas como as menos “ocidentalizadas”, as Ilhas do Sotavento teriam sido deixadas de lado, segundo Silveira, na construção da caboverdianidade proposta pelo grupo claridoso, permitindo assim a permanência de um modelo europeu de cultura.

Acreditamos que apresentar e discutir esse ensaio de Onésimo Silveira seja fundamental para compreendermos os processos de formação da literatura cabo-verdiana, visto que levanta discussões pertinentes no sentido de esclarecer certos pontos de não aceitação de *Claridade* e que merecem ser examinados com mais profundidade.

A primeira questão é pensar na formação da literatura cabo-verdiana como um processo, do qual fazem parte todas as gerações de poetas, romancistas e intelectuais, desde a nativista – centrada nas figuras de Eugénio Tavares e Pedro Cardoso – até às contemporâneas. Isso porque, de acordo com a concepção de literatura como sistema literário, conforme Candido (2009), essas sucessivas gerações atuaram no sentido configurar uma tradição literária do arquipélago.

Para isso lançaram mão dos instrumentos de que dispunham. Processo, ou *work in process* (em evolução), é a noção que também se aplica à transformação da revista quando analisada desde seu primeiro número, em 1936, ao último em 1960. Não é possível dizer que a configuração foi a mesma durante os vinte e quatro (24) anos de publicação. Tanto o é, que nomes que fazem parte do grupo de Onésimo Silveira, assim como ele próprio, também publicaram na revista *Claridade*<sup>32</sup>.

---

<sup>32</sup> Podemos citar poetas como Corsino Fortes, Ovídio Martins e o próprio Onésimo Silveira.

Outro ponto aventado por Silveira é a parcialidade de *Claridade* frente aos temas relacionados às ilhas do Barlavento. Argumentamos a esse respeito que a responsabilidade da publicação com o arquipélago como um todo se mostra nos diversos estudos publicados ao longo de sua existência. Como exemplo, temos os estudos sobre a ilha de Santiago, Ilha do Fogo, ou os estudos de Baltasar Lopes sobre a língua das ilhas, nos quais ele apresenta as especificidades da língua cabo-verdiana na ilha de Santiago em relação à ilha de São Vicente.

É importante lembrar ainda a simbologia que se depreende dos Batuques publicados em língua cabo-verdiana logo no primeiro número da revista, em 1936. Temos aqui dois pontos a serem analisados: primeiramente, o fato de a língua utilizada não ser o português e, em segundo lugar, o fato dos textos tratarem de uma manifestação cultural tipicamente badia (natural da ilha de Santiago). Esses registros, logo de início, demonstram que os olhos dos claridosos estavam voltados para todas as ilhas, e não somente, como indica Silveira, para a ilha de São Vicente.

O posicionamento de Onésimo Silveira é fundamental para acessarmos alguns pontos que os estudiosos de *Claridade*, de certo modo, sempre apresentam receio em discutir, pontos que não desmerecem em nada ou desvalorizam o simbolismo pertencente ao grupo, como grupo inovador, esteticamente revolucionário e que é o responsável pela configuração do sistema literário cabo-verdiano.

### 1.3.3 - As interpretações contemporâneas: a formação da identidade literária e o pensamento regionalista.

*Considerada pelos críticos como a revista mais importante da história da literatura cabo-verdiana, os princípios de construção da identidade propostos por ela continuam dominantes ainda hoje. (Anjos, 2006)*

A formação da literatura cabo-verdiana, que identificamos em *Claridade* seu ponto central, está ligada às questões relacionadas à formação identitária do arquipélago, uma vez que analisamos os textos presentes - textos que remetem a tradição e cultura popular - como elementos fundamentais que marcadamente configurarão a identidade crioula. Tomamos como marcação temporal para o que chamamos de interpretações contemporâneas os estudos realizados pós década de 1980 que sucedem a Independência cabo-verdiana e as comemorações de 50 anos da revista, marcadas, sobretudo pela publicação *fac-similar* dos nove números da *Claridade* sob a organização de Manuel Ferreira, publicação que traz em uma apresentação um importante estudo da revista além de depoimentos de Baltasar Lopes e Manuel Lopes.

Nos países africanos de língua portuguesa a literatura foi, de modo geral, um importante instrumento nas lutas de libertação e posteriormente na consolidação identitária das novas repúblicas. Referindo-se ao caso angolano, Rita Chaves sublinha:

Num mundo que a contaminação colonial povoou de colisões e desacertos, a literatura será uma das vias escolhidas para a formação de um mosaico capaz, ao menos, de sugerir alguma noção de unidade. Como um processo de auto-indagação, o seu exercício será um caminho para a construção da identidade de uma nação que

mal começava a ser imaginada (1999 p.20-21).

Em Cabo Verde não foi diferente, embora os caminhos e processos tenham sido outros. No arquipélago foi por meios institucionais que o governo, nas décadas de 1980 e 1990, assegurou que a *Claridade* fosse eleita oficialmente instrumento da independência literária do Arquipélago. José Carlos Gomes dos Anjos ao analisar a invenção das identidades nacionais a partir do papel das elites intelectuais coloca o grupo no centro deste processo em Cabo Verde, o que refletirá também no processo de independência política.

O Estado tem induzido os indivíduos a interiorizarem os princípios dessa visão de mundo de forma mais eficiente através dos sistemas de ensino da literatura, mas também por meio de actos solenes de consagração, como a comemoração do cinquentenário do aparecimento da revista em que, ao eleger-se oficialmente a *Claridade* como a “proclamação da independência literária de Cabo Verde” (ANJOS, 2006, p.76).

Naquele momento, 1936, embora ainda não se falasse em nacionalismo, as bases para a construção da nação, que surgiria mais tarde no arquipélago, já estavam sendo forjadas pelo trabalho literário dos intelectuais envolvidos na revista. Evento que, de acordo com Anjos, nos pós-independência, seria instituído como “... marco fundador da nacionalidade do arquipélago” (p. 76).

Por outro lado, o sociólogo cabo-verdiano alerta também para a supervalorização que é feita pelo Estado cabo-verdiano da ruptura feita em relação às influências portuguesas no campo da literatura e que migrariam também para o campo político. Anjos defende, e não está só, que o caso de *Claridade* foi marcadamente um caso de regionalismo literário, uma vez que não impunha clara

oposição aos modelos portugueses, tendo inclusive sido espaço para publicações que reafirmam que Cabo Verde é um importante pedaço Portugal, mas com sua clara individualidade<sup>33</sup>.

Acreditamos que a crítica mais contundente feita por José Carlos Gomes dos Anjos diga respeito à presença de intelectuais portugueses nas ilhas e o modo como o discurso destes coincide com o discurso que mais tarde, em 1936, aparecerá na revista. O aportuguesamento dos territórios colonizados representava a possibilidade do renascimento do colonialismo português. Ao tratar Cabo Verde como parte de Portugal, *Claridade* dialoga com o pensamento imperialista colonial e acaba por se tornar um espaço de demonstração da universalidade e glória da literatura portuguesa, conforme já afirmara o português Osório Oliveira (1937) em texto publicado na revista.

Outro elemento de adesão apontado por Anjos diz respeito à apropriação do discurso da localização estratégica de Cabo Verde, discurso propalado pelos portugueses que coloca a posição das ilhas no Oceano Atlântico como elemento que marcou a relação primordial estabelecida entre a colônia e a metrópole, a de entreposto comercial, que estabelece a primeira ligação com as terras brasileiras, esta localização estratégica no atlântico é apreendida pelos claridosos e ressignificada cultural e literariamente. Ou seja, Cabo Verde, por meio dos intelectuais claridosos, apreende o regionalismo com modo de regaste de autonomia, mas sem marcar claramente os limites de independência dos modelos portugueses.

Em sua obra **A construção da identidade nacional: Análise da imprensa**

---

<sup>33</sup> Referimo-nos ao texto "Palavras sôbre Cabo Verde para serem lidas no Brasil" (*CLARIDADE* n.2, 1936, p. 4)

entre 1877 e 1975, Manuel Brito-Semedo também reacende a discussão acerca da configuração de *Claridade* no processo de construção da identidade nacional de Cabo Verde. Denominando de *A Consciência Regionalista - A geração de Baltasar Lopes*, Brito-Semedo coloca o período que vai de 1932 a 1958 como um período marcado por grandes crises<sup>34</sup> que “mobilizou a elite intelectual a defender a sua terra e a afirmar a sua identidade regional” (grifos do autor, 2006, p.281).

A necessidade de defesa da terra nasce do apelo imposto pelas mazelas sofridas por seu povo. A década de 1930 é marcada por uma série de eventos que afetará sobremaneira o arquipélago, as secas, a recessão mundial (grande parte da população cabo-verdiana, já nesta época, vive na diáspora), a decadência do Porto Grande (principalmente motivado pelo deslocamento do tráfego para os portos das Canarias e de Dacar), as revoltas populares (a Revolta de Nho Ambrose<sup>35</sup>), eventos que irão despertar na elite intelectual do arquipélago a necessidade de expor, mesmo diante dos limites impostos pelo Estado Novo Português, as marcas da autonomia cabo-verdiana, o espaço literário como meio de lançar as bases para a

<sup>34</sup> António Carreira faz um importante estudo sobre os períodos de crise de seca e consequentemente de fome e mortalidade na obra **Cabo Verde: (Aspectos Sociais. Seca e fome do século XX)**, estudo que retomaremos no capítulo 2 desta tese.

<sup>35</sup> A revolta do povo do Mindelo, que foi um acontecimento histórico datado (07.06.1934), ao ser-lhe atribuída uma carga simbólica, transformou-se num mito. Nesta decorrência, Nhô Ambrôze, o líder dessa revolta, é feito herói. Por outro lado, Gabriel Mariano, ao transformar o carpinteiro de Ribeira Bote num símbolo da resistência, em poema datado de 1956, mitifica-o:

Capitão Ambrósio

1

*Bandeira  
Negra bandeira  
Bandeira negra da fome.  
Em mãos famintas erguidas  
Guiando os passos guiando  
Nos olhos livres voando  
Voando livre e luzindo  
Inquieta e livre luzindo  
Luzindo a negra bandeira  
Clara bandeira da fome.*

2

*Mãos erguidas  
Em força, duras, erguidas  
Pés marcando a revolta  
O povo marcha na rua.*

*Vai na frente o Ambrósio  
Mulato Ambrósio guiando  
Leva nas mãos a bandeira.  
Pesada e fria é a noite  
Injusta e amarga é a fome  
Mas vai na frente o Ambrósio”* (In: BRITO-SEMEDO, Manuel.

valorização das ideias, pensamentos e estéticas crioulas<sup>36</sup>.

A ideia de oposição ao regime Salazarista não é totalmente afastada, há um descontentamento com os rumos da política praticada no arquipélago e é a isso que se opõe a elite intelectual deste grupo constituído pelos homens da *Claridade*.

Esta etapa de regionalismo literário, cultural e político cabo-verdiano corresponde à omissão, apagamento ou afastamento da *Pátria* (Portugal), por amor à *Mátria* (Cabo Verde), a “Mamã-Terra” abrindo assim caminho para um processo que viria a culminar com a independência política das Ilhas. Processo esse que é levado às últimas consequências pelas gerações nacionalistas dos anos cinquenta e sessenta (BRITO-SEMEDO, 2006, p. 332).

Observamos que os dois intelectuais contemporâneos cabo-verdianos vislumbram o advento, o papel e as características da *Claridade* como um caso de regionalismo português que está, no entanto, intrinsecamente ligado ao processo de construção da identidade nacional do arquipélago. Para ambos esse processo de afirmação regional se dá graças ao contato com obras e escritores brasileiros, cuja produção filia-se à estética modernista voltada para o resgate regional, contato ocorrido, sobretudo graças ao sistema de empréstimos de obras que permitia a importação, por assim dizer, desses ideais com os quais os intelectuais claridosos se identificaram, importação que começa muito antes da década de 1930,

Com a geração da *Claridade*, esse regime de importação torna-se sistemático e estruturado a partir do princípio modernista da regionalização cultural. Isto é, o regime de importação da geração *Claridade*, assente fundamentalmente sobre os modelos de produção cultural propostos pelo modernismo, é favorecido pela ênfase na afirmação de espaços particulares (regionais) de produção cultural. É a partir da importação desse princípio de afirmação regional que os

---

<sup>36</sup> Manuel Brito-Semedo fala em sua obra na criação da União Regionalista caboverdeana, cujo Estatuto era publicado em 1932 no *Jornal de Notícias de Cabo Verde*, depois de aprovado pelo governo. A união regionalista era um grupo de caráter cívico, político e social cujo objetivo era a defesa dos interesses da colônia, com a instauração do Estado Novo português esta associação não foi autorizada a atuar por ameaçar o unitarismo da Nação Portuguesa. (BRITO-SEMEDO, 2006)

*Claridosos* fazem uma reivindicação de autonomia na produção literária. Começa-se a falar em literatura cabo-verdiana enquanto produção auto-referenciada, sustentada por uma rede de poetas e escritores residentes nas ilhas e por uma revista de edição local (Anjos, 2006, p. 108).

Diante disso analisamos a revista *Clairidade* como central para dois importantes eventos do arquipélago: Configuração de seu sistema literário e como marco fundador da consciência de nação crioula. Ambos aspectos retomados graças às revisitações feitas às publicações iniciadas em 1936 e estendidas até 1960.

## Capítulo 2 – Uma lente nas publicações da *Claridade*

A Revista Claridade foi muito importante para a consolidação do sistema literário cabo-verdiano, pois foi por intermédio dela que começou a haver publicações de forma sistemática no arquipélago, embora ela mesma não tenha tido publicações com periodicidade regular. A criação da Revista resultou em um incremento à jovem literatura crioula, já que abriu o caminho da publicação para os escritores do arquipélago que até então só conseguiam publicar na metrópole colonial.

Os ideais da revista persistem até hoje, porque fundamentalmente ligados à identidade cultural cabo-verdiana: incentivo maior à divulgação e preservação das tradições orais, das manifestações culturais (batuque, finaçon, festa das bandeiras etc.), a divulgação da música cabo-verdiana, sendo a morna internacionalmente conhecida, bem como a divulgação da literatura em outros espaços de língua portuguesa, além de Portugal, em que o Brasil foi contemplado por duas editoras brasileiras: “Escrituras”, com a coleção Ponte Nova, de São Paulo, e a Editora Nandyala, de Belo Horizonte (MG).

A preocupação pela independência de Cabo Verde não fazia parte do horizonte dos intelectuais aglutinados em torno da Revista Claridade, mesmo porque no final dos anos de 1930 não havia ainda começado os movimentos de luta pela independência dos países africanos de língua portuguesa, o que só viria a ocorrer após a 2ª. Guerra Mundial. No caso cabo-verdiano, a criação do PAIGC – Partido da Independência da Guiné e Cabo Verde, pelo nacionalista guineense Amílcar Cabral, só ocorre em 1956. No entanto, considerando que a formação do movimento de libertação nacional constitui-se em um processo, somente após a “II Conferência

Pan-Africana”, em Tunes (Tunísia), e a “Conferência de Quadros das Organizações Nacionalistas”, em Dakar (Senegal), é que, em 1960, consolida-se a fundação do PAIGC, sendo que a luta de libertação nacional conduzida por esse partido, nas matas da Guiné, inicia-se em 1963. As ideias independentistas que inspiraram a criação do PAIGC foram fecundadas no final dos anos de 1950, daí porque é um equívoco, do ponto de vista histórico, conferir esse protagonismo à Revista Claridade.

Ao analisar a Revista, podemos perceber os temas que afloravam na literatura cabo-verdiana: as tradições orais, a insularidade, o pasargadismo, o evasionismo, a fome, a seca, e a utilização da língua cabo-verdiana no espaço literário por excelência que representou a revista.

Em razão da importância histórica da Revista Claridade, como o primeiro veículo de divulgação literária em Cabo Verde, procedemos a um esquadramento de todas as edições, mapeando as publicações, com um pequeno resumo de seu conteúdo para orientar leitores e pesquisadores da Revista. Trazemos esse mapeamento, em forma de quadro sinótico, para consulta que, entendemos, resultará produtiva para dar a conhecer ao público o conteúdo da revista.

Neste capítulo, fazemos adiante um quadro sinótico dos diversos textos publicados ao longo dos nove números que servirá de apoio para as análises que serão desenvolvidas nos capítulos posteriores da tese, nomeadamente o capítulo terceiro. O quadro visa a informar de forma radiográfica a natureza das publicações, o seu conteúdo e os diálogos intra e intertextuais com outras obras, publicações ou contextos de produção.

Evidenciamos a opção por apresentar o gênero textual e não o tipo textual, uma vez que aquele apresenta uma infinidade maior de possibilidades de

apresentação, enquanto este, no campo dos estudos linguísticos, apresenta um conceito mais restrito. Por gênero textual compreendemos o texto exercendo sua função social, por meio de seu uso, por meio da materialização dos discursos vigentes, o que atende aos nossos interesses como estudiosos de literatura e sua linguagem. Com isso nos aproximamos dos conceitos de Candido a respeito do fato literário e sua função social, conforme mencionamos anteriormente.

### 2.1 - Quadro 1 – Quadro geral dos textos da revista *Claridade*

Número da Revista - Data	Texto	Autor	Gênero Textual / Discursivo	Tema
Claridade 1 – Março de 1936	Lantuna & 2 motivos de finaçon (Batuques da Ilha de Sant'Iago)	Autor desconhecido o Texto recolhido da cultura popular.	Finaçon: texto em verso, caracterizado pelo improvisado que compõe a primeira parte da manifestação popular do Batuque, presente mais fortemente na Ilha de Santiago em Cabo Verde.	-Religiosidade. A menção ao poder divino, ao relacionamento com Deus. -Aspectos geográficos de Cabo Verde. Apego aos elementos naturais das ilha. - Apego aos elementos opostos: velho/novo, subida/descida. -Tradição culinária santiaguense. - Presença do “grito” – representação do falar, do se expressar. Significativo por ser o texto grafado em crioulo.
Claridade 1 – Março de 1936	Bibia	Baltasar Lopes	Romance – Excerto do romance Chiquinho, publicado em 1947.	- Folclore; - Conhecimentos populares; - Crenças; - Religiosidade.
Claridade 1 – Março de 1936	Écran	Manuel Lopes	Poesia	- Evasão; - Relacionamento conturbado com o mar; - O querer partir; - A poesia como elemento para captação das imagens.
Claridade 1 – Março de 1936	Tomada de Vista	Manuel Lopes	Ensaio: primeiras marcas de um ensaio estético.	- Manifestações culturais – morna; - Os problemas acarretados pelo fato colonial;

				<ul style="list-style-type: none"> <li>- Reflexão a respeito do jeito de ser do cabo-verdiano, sua relação com o mundo e com sua terra.</li> </ul>
Claridade 1 – Março de 1936	2 poemas	Pedro Corsino de Azevedo	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- desorientação do eu;</li> <li>- busca pela perfeição;</li> <li>- inocência infantil.</li> </ul>
Claridade 1 – Março de 1936	Almanjarra	Osvaldo Alcântara - Pseudônimo de Baltasar Lopes	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cantigas de trabalho;</li> <li>- Engenho de cana;</li> <li>- Lendas populares.</li> </ul>
Claridade 1 – Março de 1936	Apontamento	João Lopes	Ensaio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Formação do povo cabo-verdiano - dois grupos: europeu e africano.</li> <li>- Reflexão sobre os dois modelos econômico-sociais, barlavento e sotavento.</li> <li>- Reflexão sobre o romance brasileiro “Menino de Engenho” e a compreensão da sociedade são-nicolense.</li> </ul>
Claridade 1 – Março de 1936	Poema	Jorge Barbosa	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Emigração</li> <li>- A dureza da vida nos navios;</li> <li>- O embate com a natureza hostil;</li> <li>- A morna – voz do mar;</li> <li>- O cabo-verdiano anônimo espalhado pelo mundo, que materializa todo o jeito de ser do povo de Cabo Verde.</li> </ul>
Claridade 2 – Agosto de 1936	Venus	Xavier da Cruz	Morna – poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Uso da língua cabo-verdiana;</li> <li>- Idealização da mulher amada;</li> <li>- Diálogo com as cantigas medievais de amor.</li> </ul>
Claridade 2 – Agosto de 1936	Um galo que cantou na Baía	Manuel Lopes	Conto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Alegoria do nascimento da morna;</li> <li>- A relação do cabo-verdiano, mar e música.</li> <li>• Texto que apresenta mudanças de títulos no decorrer das publicações, pós-Claridade.</li> </ul>
Claridade 2 – Agosto de 1936	Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil	Osório de Oliveira	Texto epistolar	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Apresentação dos aspectos sociais das ilhas;</li> <li>- A relação do Cabo-verdiano com o conhecimento;</li> <li>- O Brasil como o “exemplo” que a literatura</li> </ul>

				cabo-verdiana precisava.
Claridade 2 – Agosto de 1936	Notas para o estudo da linguagem das ilhas	Baltasar Lopes	Ensaio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Língua Cabo-verdiana é um resultado do choque cultural;</li> <li>- Formação da língua cabo-verdiana: modo como se forma e quais as necessidades que levaram a isso.</li> <li>- Caracterização social do fenómeno de formação da língua.</li> </ul>
Claridade 2 – Agosto de 1936	Vertigem	Jorge Barbosa	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pessimismo – suicídio;</li> <li>- A visão do mar – possibilidade de morte.</li> <li>- Apelo da terra – apego à vida.</li> </ul>
Claridade 2 – Agosto de 1936	Presença	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Crioulidade</li> <li>- Mar</li> <li>- Querer partir</li> <li>- Tradição</li> </ul>
Claridade 2 – Agosto de 1936	Mamã	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Mãe-terra;</li> <li>- A terra que alimenta;</li> <li>- A terra que se zanga.</li> </ul>
Claridade 2 – Agosto de 1936	O lobo e o Chibinho	Autoria desconhecida – conto popular	Conto popular	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Lenda do surgimento do tambor africano;</li> <li>- Elementos da fábula.</li> </ul>
Claridade 3 – Março de 1937	Poema de quem ficou	Manuel Lopes	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Partida</li> <li>- Amor à Terra.</li> <li>- Inquietude da alma cabo-verdiana.</li> </ul>
Claridade 3 – Março de 1937	Infância	Baltasar Lopes	Romance – Excerto de Chiquinho, publicado em 1947.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ilha de São Nicolau;</li> <li>- Contadeiras de estórias;</li> <li>- Batuque;</li> <li>- Morna;</li> <li>- Mar – morte;</li> <li>- Engenho;</li> <li>- Rocha escrita ;</li> <li>- Emigração – morte</li> <li>- Esperança de as-águas;</li> <li>- Pesca da baleia;</li> <li>- Escravidão;</li> <li>- O papel dos mais velhos na sociedade africana;</li> <li>- O respeito aos mais velho.</li> </ul>
Claridade 3 – Março de 1937	O sentido heroico do mar	Artur Augusto	Ensaio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Ensaio sobre os novos poemas cabo-verdianos do grupo Claridade;</li> <li>- Cabo-verdiano – o homem do mar, povo marinho;</li> <li>- Poemas e poetas que se apegam à temática marinha.</li> </ul>
Claridade 3 – Março de 1937	Poema	Jorge Barbosa	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Amores do passado;</li> <li>- Partidas;</li> </ul>

				- A perda dos sonhos.
Claridade 3 – Março de 1937	Apontamento	João Lopes	Ensaio	- Também presente na revista n.1, o apontamento de João Lopes versa agora sobre outros assuntos: - Reflexão sobre a violência no arquipélago; - Levantamento histórico dos momentos de tensão vividos nas ilhas; - Explicação para ausência de violência significativa no arquipélago.
Claridade 3 – Março de 1937	Nocturno	Oswaldo Alcântara	Poesia	- Religiosidade; - Sonhos; - Esperanças; - Amor; - A espera pelo amor.
Claridade 3 – Março de 1937	Tomadas de Vista	Manuel Lopes	Ensaio	- Estudo dos povos das ilhas, resultado da vivência e observação; - A dependência e luta contra a natureza.; - Evasão; - A tristeza cabo-verdiana “é o aspecto positivo da alma crioula”.
Claridade 4 - Janeiro de 1947	Música	Oswaldo Alcântara	Poesia	- Personificação da música – elemento desejado por muitos.
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	O Jamaica Zarpou	Manuel Lopes	Romance (Excerto de Terra Viva)	- A vida no mar em oposição à vida em terra; - A necessidade de partir em oposição ao desejo de ficar; - O desejo de partir e o risco de ter de ficar; - A partida como sinônimo de desenvolvimento pessoal e financeiro.
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Terra Longe	Pedro Corsino Azevedo	Poesia	- Querer partir; - Medo de partir; - Partir e ficar – desejo bipartido.
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	O poeta foi para a Terra-longe.	Baltasar Lopes	Prosa Poética	- Homenagem ao poeta Pedro Corsino Azevedo; - Temática da partida, medos e sedução pelo desconhecido, presente na obra de Pedro Corsino Azevedo.
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	<i>Consummatum</i>	Manuel Lopes	Poesia	- Solidão; - Renúncia; - Esperança.
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Uma experiência românica nos trópicos.	Baltasar Lopes	Ensaio	- Diálogo com os estudos de Gilberto Freyre; - Análise dos aspectos linguísticos do

				<ul style="list-style-type: none"> <li>arquipélago;</li> <li>- Reflexão sobre o português falado no Brasil;</li> <li>- Reflexão sobre a aculturação – evolução linguística: <ul style="list-style-type: none"> <li>• aceitação;</li> <li>• adaptação;</li> <li>• reação.</li> </ul> </li> <li>- Diferença entre as ilhas do Barlavento e Sotavento.</li> </ul>
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Há um homem estranho na multidão	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	Prosa poética	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Sebastianismo;</li> <li>- Pasargadismo – diálogo com a literatura brasileira;</li> <li>- Metalinguagem – o fazer poético.</li> </ul>
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Faminto	Osvaldo Alcântara	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Poema social;</li> <li>- Desigualdade;</li> <li>- Fome;</li> <li>- Exploração;</li> <li>- Poema de cunho mais político e questionador.;</li> <li>- Exame de consciência do eu-poético acerca dos problemas sociais.</li> </ul>
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Poema de amor	Arnaldo França	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Platonismo;</li> <li>- Diálogo com a poesia renascentista camoniana em relação à temática.</li> </ul>
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Carta para Manuel Bandeira.	Jorge Barbosa	Texto epistolar e poético	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Interdiscurso com o poema Estrela da Manhã de Manuel Bandeira.</li> </ul>
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Interpretações – “Clarissa” e a arte de Érico Veríssimo (Das notas para um estudo sobre a obra do romancista).	António Aurélio Gonçalves	Ensaio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Por meio de Clarissa a possibilidade de se estudar o conjunto da obra de Veríssimo;</li> <li>- Olhos voltados para a literatura brasileira;</li> <li>- Interesse não apenas no ciclo nordestino, mas também na literatura do sul do Brasil.</li> </ul>
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Poema para tu decorares -	Tomaz Martins	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Poema dedicado a Hortênsia;</li> <li>- Poema de luta;</li> <li>- Temática de cunho revolucionário.</li> </ul>
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Escritório	Nuno Miranda	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Metalinguagem;</li> <li>- A poesia perdida entre a objetividade do escritório contábil.</li> </ul>
Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Simplicidade	Jorge Barbosa	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A busca pela simplicidade ;</li> <li>- Desacerto com o mundo;</li> <li>- A simplicidade espontânea.</li> </ul>

Claridade Janeiro 1947.	4 - de	Lúcio – e - Fé	Autoria desconhecida – recolhido por Baltasar Lopes na Ilha de Santo Antão	Conto popular	- Temática religiosa; - Lenda sobre o surgimento do inferno e dos redemoinhos de poeira.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Uma experiência românica nos trópicos II	Baltasar Lopes	Ensaio	- Tratamento da língua cabo-verdiana como dialeto; - Reflexão sobre as poucas mudanças sofridas pelo português usado no Brasil; - Análise das questões envolvendo cor e escala social; - “Influência” brasileira na língua cabo-verdiana; - Democracia social em Cabo Verde.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Pura saudade da poesia	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	Poesia – prosa poética	- Metalinguagem; - Presença da musa; - Diálogo com a poesia clássica.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Deslumbramento	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	Poesia	- Anseio pela liberdade; - Fixação em um objeto externo à prisão, que simboliza esta liberdade; - Metáfora da terra cabo- verdiana e seu compromisso na luta pela libertação do arquipélago; - Uso de hipérbole para evidenciar o deslumbramento.
Claridade Setembro 1947	5 – de	<i>Ignoto Deo</i>	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	Poesia	- Menção a fatos religiosos, evidenciando mais uma vez a religiosidade cabo- verdiana. - Uso da língua francesa; - Poema lírico que fala da identificação de Deus no amor por outra pessoa, sem a qual o sujeito poético colocaria sua vida em risco sem hesitar.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Rapsódia da Ponta de Praia	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	Poesia	- Diálogo entre literatura e música; - Religiosidade – Espiritismo; - Texto composto com técnica de bricolagem.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Não era para mim	Jorge Barbosa	Poesia	- -poema lírico; - solidão do homem; - individualismo; - incapacidade de pertencimento.
Claridade Setembro de	5 – de	Conquista	Pedro Corsino	Poesia	- Marcas da poesia concreta;

1947		Azevedo		- A dualidade bem e mal.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Liberdade	Pedro Corsino Azevedo	Poesia  - A nova experiência do mundo depois que se é livre; - A poesia libertadora.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Luz	Pedro Corsino Azevedo	Poesia  - A luz que se faz com o riso.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Renascença	Pedro Corsino Azevedo	Poesia  - Este último poema da série apresentada no n. 5 da revista <b>Claridade</b> reúne as temáticas da esperança, da liberdade, da luz e retoma ao mesmo tempo o primeiro poema conquista, a conquista do homem renascido que vence os desafios. Poemas com forte carga simbolista. - Metáfora do homem cabo-verdiano.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Metamorfose	Aguinaldo Brito- Fonseca	Poesia  - Reapresentação da mitologia divina da criação; - As reações humanas e não divinas do homem.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Oportunidade perdida	Aguinaldo Brito- Fonseca	Poesia  - Metáfora da utopia; - O desejo da transformação e a falta de ação do ser humano.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Recaída	António Aurélio Gonçalves	Conto  - Alcoolismo; - Decadência gradativa do pai e a tentativa de salvar o filho; - Narrativa pessimista sobre a trajetória da família Oliveira Delgado.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Noctívago	Nuno Miranda	Poesia  - Solidão
Claridade Setembro 1947	5 – de	Poema para tu decorares (Para Hortênsia)	Tomás Martins	Poesia  - Temática da partida e do retorno; - Resistência; - Luta - O mar como rota de fuga e como caminho de volta à segurança.
Claridade Setembro 1947	5 – de	A conquista da poesia	Arnaldo França	Poesia  - Metalinguagem; - Retomada dos temas da Infância (Contos de fadas, castelos); - Presença da musa inspiradora.
Claridade Setembro 1947	5 – de	Interpretações: “Clarissa” e a arte de Érico Veríssimo (Das notas para um	António Aurélio Gonçalves	Ensaio  - Continuação do detalhado ensaio apresentado no número 4 da revista; - Profundo conhecimento e análise da obra de Érico

	estudo sobre a obra do romancista) – Parte II			Veríssimo. - Aponta o diálogo com o modernismo brasileiro.
Claridade 5 – Setembro de 1947	Estrutura Social da Ilha do Fogo em 1940	Teixeira de Sousa	Ensaio	- Desenvolvimento dos conceitos de preto e branco em Cabo Verde; - Festas populares e a questão social; - Proposição de que as relações entre mulatos/mestiços e brancos não é tão tranquila quanto proposta por alguns estudiosos. - Conflitos sociais.
Claridade 5 – Setembro de 1947	Nocturno	Nuno Miranda	Poesia	- Dialoga com o romance Chiquinho de Baltasar Lopes, que por essa altura, já havia sido publicado em volume único.
Claridade 6 – Julho de 1948	Poema do rapaz torpedeado	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	Poesia	- A importância do sonho para a sobrevivência; - Resistência.
Claridade 6 – Julho de 1948	Dona Mana	Baltasar Lopes	Conto	- Violência doméstica; - Situação da mulher cabo-verdiana; - Meios de sobrevivência; - Tema que virá a ser retomado mais fortemente pelas romancistas e contistas cabo-verdianas contemporâneas.
Claridade 6 – Julho de 1948	Dia (Para Filinto de Meneses)	Jorge Barbosa	Poesia	- Drama da burocracia (Lembremos que os intelectuais do grupo Claridade, em sua grande maioria ocupavam ou haviam ocupado cargos administrativos na colônia); - Mar – a fascinação pela fuga; - O drama da pobreza das ilhas.
Claridade 6 – Julho de 1948	Emigrante	Jorge Barbosa	Poesia	- Desejo de partir; - Oposição pobreza e riqueza; - Sucesso e insucesso na emigração; - Poema com forte teor político.
Claridade 6 – Julho de 1948	Banquete	Jorge Barbosa	Poesia	- A celebração da dualidade humana – o bem e o mal.
Claridade 6 – Julho de 1948	Sensibilidade	Aguinaldo Brito-	Poesia	- Capacidade e necessidade de se olhar

		Fonseca		para o mundo com outros olhos: da esperança.
Claridade 6 – Julho de 1948	Esperança	Aguinaldo Brito-Fonseca	Poesia	- Materialização do princípio esperança; - A esperança faz o sujeito poético viver, seguir em frente.
Claridade 6 – Julho de 1948	Tabanca	Félix Monteiro	Ensaio	- Análise dos rituais da Tabanca; - Descrição da tabanca e seus aspectos litúrgicos: totemismo, sacralidade do tambor, invocação de Xangô, lendas e tabus, tabanca e candomblé, orixás . - Carnavalada; - A Festa das Bandeiras; - Sincretismo religioso em Cabo Verde.
Claridade 6 – Julho de 1948	Quatro poemas do ciclo da vizinha: I Canção da minha rua; II Aqui D'El-Rei; III Tonico na ronda infantil; IV A Serenata	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	Poesia	- Solidão; - Busca por sentido da vida: anseio por amores; - Desequilíbrio; - Elementos da literatura brasileira: • cavalinho de Nossenhör; • Caminho do Viseu. • Samba; • Cavaquinhos • Ritmos brasileiros. - Tonico – solidão.
Claridade 6 – Julho de 1948	Batuques da Ilha de S. Tiago • Galo Bedjo; • Bida'l pobre; • Casamento; • Finaçon.	Textos recolhidos por Baltasar Lopes	Finaçon Ensaio sobre a manifestação do batuque.	- Temas do cotidiano; - Linguagem simples e ritmada; - Desigualdade; - Seriedade do casamento; - Tomada de poder pelo mulato – inversão dos poderes. - Estudo sobre o Batuque – (Baltasar Lopes enumera as partes, momentos e características tanto formais quanto os usos linguísticos nos textos – análise da origem das palavras).
Claridade 6 – Julho de 1948	Mala Grande	Manuel Serra	Conto	- Temática da Infância: • lembranças; • mistérios; • descobertas.
Claridade 6 – Julho de 1948	Arquivos da Escravidão	Texto sem autoria	Editorial	- Preocupação com a conservação de material histórico para preservação da memória das ilhas.
Claridade 6 –	História Bíblica	Aguinaldo	Poesia	- Poema de cunho

Julho de 1948	dos homens	Brito Fonseca		modernista; - Diálogo com a produção literária de Manuel Bandeira; - Inquietude do ser humano; busca constante pelo novo.
Claridade 6 – Julho de 1948	Abandono	Pedro Corsino Azevedo	Poesia	- Poema lírico que fala da desistência; o levar-se pela vida; - Retrato do abandono em si e do ser abandonado.
Claridade 7 – Dezembro de 1949	Vozes	Manuel Lopes	Poema	- O porto espaço de fuga.
Claridade 7 – Dezembro de 1949	As férias de Eduardinho	Manuel Lopes	Conto	- A metalinguagem em meio a descrições da natureza, crenças e da luta cotidiana dos homens são temas para um artigo de jornal.
Claridade 7 – Dezembro de 1949	- Era necessário que todos viessem; - Branca flor; - Nasceu um poema.	Osvaldo Alcântara	Poesia	- Diálogo com o discurso bíblico: filho pródigo, dar a face para o tapa, palavra de Cristo; - Diálogo com contos de fadas: fadas, palácios, sapatos de ferro, rei e Drago-Dragante; - Metapoema- Diálogo com a literatura brasileira; - Intertexto com o conto popular português Brancaflor.
Claridade 7 – Dezembro de 1949	Tabanca (Continuação)	Félix Monteiro	Ensaio	- Descrição da tabanca e seus aspectos litúrgicos: totemismo, sacralidade do tambor, invocação de Xangô, lendas e tabus, tabanca e candomblé, orixás.
Claridade 7 – Dezembro de 1949	- Momento; - Poeta e o Povo; - Perdida	Aguinaldo Brito-Fonseca	Poesia	- Personificação da poesia; - O poder da poesia de afetar a todos e de transformar vidas; - A poesia está vindo para transformar (A Claridade é o veículo?); - O poema dando voz ao povo; - O poeta fala da dor do povo. - Violência da prostituição.
Claridade 7 – Dezembro de 1949	Dois contos populares da ilha de Santo Antão: - A Doutrina; - O Cavaleiro e o pão quente.	Baltasar Lopes	Contos	- Tema religioso.

Claridade 7 – Dezembro de 1949	Dinheiro D'És Mundo	Gabriel Mariano	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Poema em língua cabo-verdiana;</li> <li>- A distância entre a riqueza e a bondade (diálogo com as cantigas de maldizer).</li> </ul>
Claridade 7 – Dezembro de 1949	Caco-Leco	Mário Macedo Barbosa	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Texto em língua cabo-verdiana;</li> <li>- A presença constante nos textos da revista, mais uma vez encontramos o galo.</li> </ul>
Claridade 7 – Dezembro de 1949	Quatro finaçons e um batuque da Ilha de S. Tiago: - Um finaçon de Punoí Ramo; - Diálogo de Tchico Pina e Djimi Gomi di Barro no terreiro de batuque; - Ciclo do Doutor Honório: Finaçom do Doutor Honório; - Finaçom da morte do doutor Honório; - Batuque de Tuta Cimbrom	Textos da cultura popular recolhidos por Gabriel Mariano e Baltasar Lopes.	Finaçons	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Pedido de ajuda aos irmãos emigrantes (A esmola da América);</li> <li>- Religiosidade – catolicismo;</li> <li>- Perseguição ao dr. Honório – discussão racial.</li> </ul>
Claridade 7 – Dezembro de 1949	- Voz íntima; - Serenata; - Luar.	Jorge Barbosa	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- A desventura de ser poeta;</li> <li>- O sonho do figurino;</li> <li>- A magia da noite; poema romântico.</li> </ul>
Claridade 7 – Dezembro de 1949	Folclore poético da ilha de S. Tiago	Baltasar Lopes	Ensaio	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Estudo detalhado sobre o Batuque – suas partes. Aprofundamento de ensaio publicado em número anterior.</li> </ul>
Claridade 7 – Dezembro de 1949	Professor Artur Ramos	Sem autoria	Editorial	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Importância dos escritos de Artur Ramos para o estudo das cultura do arquipélago.</li> </ul>
Claridade 7 – Dezembro de 1949	Poemas de quem ficou	Sem autoria	Informe de publicação	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Publicação da coletânea de poemas de Manuel Lopes.</li> <li>- Informação significativa diz respeito a menção da obra de Manuel Lopes como capaz de “concorrer para o aumento do patrimônio da poesia portuguesa” – levanta-se aqui a discussão sobre a literatura cabo-verdiana e portuguesa.</li> </ul>
Claridade 8 - Maio de 1958	Saudade no Rio de Janeiro	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	Poesia	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Diálogo de um conto popular português com o símbolo do Rio de Janeiro (Corcovado)</li> </ul>

Claridade 8 – Maio de 1958	Sobrados, lojas e funcos – contribuição para o estudo da evolução social da Ilha do Fogo.	Henrique Teixeira de Souza	Ensaio	- Estudo antropológico sobre as relações sociais na Ilha do Fogo (festas das bandeiras, emigração, elite cabo-verdiana, costumes etc.)
Claridade 8 – Maio de 1958	Bandeiras da Ilha do Fogo – o senhor e o escravo divertem-se	Félix Monteiro	Artigo	- O artigo traz os seguintes temas com suas descrições: origem das festas das bandeiras; importância do pilão; matança de rês; festa de canisade; utilização do mastro e seu ritual místico; juramento das bandeiras, remontando à cavalaria medieval; missa e procissão; bandeira da praia; cavalhadas e enterro da bandeira.
Claridade 8 – Maio de 1958	Crianças	Jorge Barbosa	Poesia	- Poema dedicado a Arnaldo França em que o sujeito poético retrata padecimento da criança no mundo e ações para amenização, em confronto com a criança pobre das ilhas
Claridade 8 – Maio de 1958	Palavra profundamente	Jorge Barbosa	Poesia	- Diálogo intertextual com o poeta brasileiro Manuel Bandeira, tematizando Pasárgada
Claridade 8 – Maio de 1958	Paz	Arnaldo França		- Soneto em que o sujeito poético lamenta a ilha sem arquipélago e a dúvida da paternidade dela de um rei sem reino, encerrando a esperança no último terceto.
Claridade 8 – Maio de 1958	- Não me aprisionem os gestos; - Ignoto Deo - Por quê?	Ovídio Martins	Poesia	- Grupo de três poemas em que o sujeito poético clama por esperança.
Claridade 8 – Maio de 1958	Herança	Aguinaldo Brito Fonseca	Poesia	- Determinismo hereditário de morrer nas ilhas
Claridade 8 – Maio de 1958	Estiagem	Aguinaldo Brito Fonseca	Poesia	- Insularidade (o desespero do sujeito poético recluso na ilha)
Claridade 8 – Maio de 1958	Presença do amigo morto	Aguinaldo Brito Fonseca Poesia	Poesia	- O sujeito poético lamenta a morte do amigo enforcado em casa abandonada
Claridade 8 –	Impermeabilidade	Terêncio	Poesia	- Imagem da impassividade

Maio de 1958		Anahory		diante do dualismo estiagem/ressaca do mar.
Claridade 8 – Maio de 1958	Viagem	Terêncio Anahory	Poesia	- Devoração do homem pelo peixe
Claridade 8 – Maio de 1958	Depois da chuva	Terêncio Anahory	Poesia	- A desistência da evasão e a emergência da esperança
Claridade 8 – Maio de 1958	Romanceiro de São Tomé	Osvaldo Alcântara	Poesia	- Poema de cunho religioso e de lamentação em que emerge a esperança de Nicolau, o futuro metaforizado na imagem de uma criança.
Claridade 8 – Maio de 1958	Noite de vento	António Aurélio Gonçalves	Conto	- Tematiza o amor de Virgílio por Nita, e os acertos e desacertos dessa relação cujo fim culmina com a partida de Nita de volta para casa de seus pais.
Claridade 8 – Maio de 1958	A Herança	Virgílio Avelino Pires	Conto	- As recordações de Puxim das mortes Tôco e André, enquanto vem a renovação da vida com a chuva, sinalizando o fim da fome e da seca
Claridade 8 – Maio de 1958	Peregrina	Virgílio Avelino Pires	Conto	- Duas crianças, órfãs de mãe, vivem com o pai e fazem o dever de casa. O conto reflete sobre a ausência que uma mãe faz na vida infantil.
Claridade 8 – Maio de 1958	Balanguinho	Baltasar Lopes	Romance (excerto)	- Capítulo do romance “Chiquinho”. Tematiza a saudade que Mamã Marcelisa, mãe do protagonista, tinha do Balanguinho, casa de seus pais, de onde saiu para se casar.
Claridade 8 – Maio de 1958	Apontamento	Texto não assinado - Possivelmente e João Lopes, diretor da revista	Artigo	- As composições poéticas de Jorge Pedro
Claridade 8 – Maio de 1958	Djom pó-di-pilom	Jorge Pedro	Poesia	- a fatura da produção agrícola e dos bens na vida rural do sujeito poético
Claridade 8 – Maio de 1958	Mudjer di Hoji	Jorge Pedro	Poesia	- A superficialidade da mulher atual e seu distanciamento da atenção que a vida doméstica requer
Claridade 8 – Maio de 1958	Saga	Onésimo Silveira	Poesia	- a decadência do Porto Grande, no Mindelo

Claridade 8 – Maio de 1958	Sem título	Não assinado, possivelmente de João Lopes, diretor da revista		- O folclore novelístico do arquipélago
Claridade 9 – Dezembro de 1960	História do tempo antigo			- Estado terminal; - Acompanhamento da agonia tranquila de uma doente; - Eutanásia à luz da lei do Cristo.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Beira do Cais	Virgínio Melo	Conto	- A vida de marinheiros e de suas companheiras.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Titina	Virgílio Pires	Conto	- Reflexões de um marceneiro levado como lavrador para São Tomé por insistência da mulher que, mais tarde, se tornaria prostituta.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Noite	Virgílio Pires	Conto	- Prostituição.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Cantigas de Ana Procópio	Félix Monteiro	Ensaio	- Vida e cantigas de uma cantadeira
Claridade 9 – Dezembro de 1960	- Girassol; - Vendeta; - Pecado; - Original - Meio-dia; - Paixão; - Noites de S. Silvestre.	Corsino Fortes	Poesia	- Navios; - Metalinguagem; - Destino; - Tempo.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	- Roteiro da Rua Lisboa * Poema nº 4 Nocturno	Jorge Barbosa	Poesia	- Marinheiros, mulher na noite.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	- In memoriam de Belarmino de Nhô Talef	Ovídio Martins	Poesia	- A hora derradeira.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Desesperança	Ovídio Martins	Poesia	- Desesperança, fome, seca
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Historieta	Francisco Mascarenhas	Poesia	- A vida difícil da criança e a incerteza de seu futuro.
Claridade 9 – Dezembro de	- Desencontro; - Vinte e quatro	Virgínio Melo	Poesia	- Passagem do tempo, desespero da

1960	horas; - Roteiro; - Agora e eu.			desconciiação interior
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Testamento para o dia claro	Arnaldo França	Poesia	- Esperança
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Soneto	Arnaldo França	poesia	- Distância da amada
Claridade 9 – Dezembro de 1960	A família de Aniceto Brasão	Henrique Teixeira de Sousa	Conto	- O desvario por dívida; racismo
Claridade 9 – Dezembro de 1960	O resgate	Francisco Lopes	Conto	- Perda de bens, disputa, roubo na loja, prisão, injustiça, julgamento, loucura, generosidade
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Pedacinho	Baltasar Lopes	Conto	- excerto do romance “Chiquinho”.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Egídio e Job	Baltasar Lopes	Conto	- Fome, seca, perda de bens, conformação com o destino
Claridade 9 – Dezembro de 1960	A originalidade de Cabo Verde	Pedro de Sousa Lobo	Ensaio	- Colonização, formação étnica do cabo-verdiano, relações senhor/escravo
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Cutchidêra lâ di fora	Jorge Pedro	Poesia	- Cuchir o milho
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Nha tabaquêro	Jorge Pedro	Poesia	- A fama de um tabaquero de jacarandá e prata incrustada.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Fonte de Nha Sodade	Sérgio Frusoni	Poesia	- Reminiscências do passado.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Tempo feliz	Sérgio Frusoni	Poesia	- Saudade do tempo que passou.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Colóquio sobre assuntos cabo- verdianos	Artigo sem autoria – possivelment e João Lopes.	Artigo	- As comemorações do quinto centenário do descobrimto de Cabo Verde.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Registo	Sem autoria – possivelment e de João Lopes	nota	- Anúncio da publicação das obras “Os flagelados do vento leste”, de Manuel Lopes, e “ Cais de Ver Partir”, de Nuno Miranda.
Claridade 9 – Dezembro de 1960	Túnica	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)	Poesia	- O tempo que passou

## 2.2- Quadro 2 – Evasão

<b>Texto</b>	<b>Número da Revista - Data</b>	<b>Autor</b>
Écran	Claridade 1 – Março de 1936	Manuel Lopes
Um galo que cantou na Baía	Claridade 2 – Agosto de 1936	Manuel Lopes
Vertigem	Claridade 2 – Agosto de 1936	Jorge Barbosa
Presença	Claridade 2 – Agosto de 1936	Oswaldo Alcântara (Baltasar Lopes)
Mamã	Claridade 2 – Agosto de 1936	Oswaldo Alcântara (Baltasar Lopes)
Poema de quem ficou	Claridade 3 – Março de 1937	Manuel Lopes
O sentido heroico do mar	Claridade 3 – Março de 1937	Artur Augusto
Tomadas de Vista	Claridade 3 – Março de 1937	Manuel Lopes
O Jamaica Zarpou	Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Manuel Lopes
Terra Longe	Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Pedro Corsino Azevedo
O poeta foi para a Terra-longe .	Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Baltasar Lopes
Liberdade	Claridade 5 – Setembro de 1947	Pedro Corsino Azevedo
Renascença	Claridade 5 – Setembro de 1947	Pedro Corsino Azevedo
Poema para tu decorares (Para Hortênsia)	Claridade 5 – Setembro de 1947	Tomás Martins
Dia (Para Filinto de Meneses)	Claridade 6 – Julho de 1948	Jorge Barbosa
Emigrante	Claridade 6 – Julho de 1948	Jorge Barbosa
Vozes	Claridade 7 – Dezembro de 1949	Manuel Lopes
Palavra profundamente	Claridade 8 – Maio de 1958	Jorge Barbosa
Herança	Claridade 8 – Maio de 1958	Aguinaldo Brito Fonseca
Estiagem	Claridade 8 – Maio de 1958	Aguinaldo Brito Fonseca
Depois da chuva	Claridade 8 – Maio de 1958	Terêncio Anahory
Saga	Claridade 8 – Maio de 1958	Onésimo Silveira
Sem título	Claridade 8 – Maio de 1958	Não assinado, possivelmente de João Lopes, diretor da revista
Beira do Cais	Claridade 9 – Dezembro de 1960	Virgínio Melo
- Girassol; - Vendeta; - Pecado; - Original - Meio-dia; - Paixão; - Noites de S. Silvestre.	Claridade 9 – Dezembro de 1960	Corsino Fortes
Roteiro da Rua Lisboa * Poema nº 4 Nocturno	Claridade 9 – Dezembro de 1960	Jorge Barbosa
In memoriam de Belarmino de Nhô Talef	Claridade 9 – Dezembro de 1960	Ovídio Martins
Desesperança	Claridade 9 – Dezembro de 1960	Ovídio Martins

## 2.3 - Quadro 3 – Fome

<b>Texto</b>	<b>Número da Revista - Data</b>	<b>Autor</b>
Poema	Claridade 1 – Março de 1936	Jorge Barbosa
Mamã	Claridade 2 – Agosto de 1936	Oswaldo Alcântara (Baltasar Lopes)
O lobo e o Chibinho	Claridade 2 – Agosto de 1936	Autoria desconhecida – conto popular
Faminto	Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Oswaldo Alcântara
Dinheiro D'És Mundo	Claridade 7 – Dezembro de 1949	Gabriel Mariano
Sobrados, lojas e funcos – contribuição para o estudo da evolução social da Ilha do Fogo.	Claridade 8 – Maio de 1958	Henrique Teixeira de Souza
Crianças	Claridade 8 – Maio de 1958	Jorge Barbosa
Estiagem	Claridade 8 – Maio de 1958	Aguinaldo Brito Fonseca
Impermeabilidade	Claridade 8 – Maio de 1958	Terêncio Anahory
A Herança	Claridade 8 – Maio de 1958	Virgílio Avelino Pires
Saga	Claridade 8 – Maio de 1958	Onésimo Silveira
Desesperança	Claridade 9 – Dezembro de 1960	Ovídio Martins
Egídio e Job	Claridade 9 – Dezembro de 1960	Baltasar Lopes

#### 2.4 - Quadro 4 – Diálogo com o Brasil

<b>Texto</b>	<b>Número da Revista - Data</b>	<b>Autor</b>
Apontamento	Claridade 1 – Março de 1936	João Lopes
Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil	Claridade 2 – Agosto de 1936	Osório de Oliveira
Notas para o estudo da linguagem das ilhas	Claridade 2 – Agosto de 1936	Baltasar Lopes
Uma experiência românica nos trópicos.	Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Baltasar Lopes
Há um homem estranho na multidão	Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)
Carta para Manuel Bandeira.	Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Jorge Barbosa
Interpretações – “Clarissa” e a arte de Érico Veríssimo (Das notas para um estudo sobre a obra do romancista).	Claridade 4 - Janeiro de 1947.	António Aurélio Gonçalves
Uma experiência românica nos trópicos II	Claridade 5 – Setembro de 1947	Baltasar Lopes
Interpretações: “Clarissa” e a arte de Érico Veríssimo (Das notas para um estudo sobre a obra do romancista) – Parte II	Claridade 5 – Setembro de 1947	António Aurélio Gonçalves
Estrutura Social da Ilha do Fogo em 1940	Claridade 5 – Setembro de 1947	Teixeira de Sousa
Dia (Para Filinto de Meneses)	Claridade 6 – Julho de 1948	Jorge Barbosa
Quatro poemas do ciclo da vizinha: I Canção da minha rua; II Aqui D’El-Rei; III Tónico na ronda infantil; IV A Serenata	Claridade 6 – Julho de 1948	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)
Recaída	Claridade 6 – Julho de 1948	
História Bíblica dos homens	Claridade 6 – Julho de 1948	Aguinaldo Brito Fonseca
- Era necessário que todos viessem; - Branca - flor; - Nasceu um poema.	Claridade 7 – Dezembro de 1949	Osvaldo Alcântara
Saudade do Rio de Janeiro	Claridade 8 - Maio de 1958	Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes)
Sobrados, lojas e funcos – contribuição para o estudo da evolução social da Ilha do Fogo.	Claridade 8 – Maio de 1958	Henrique Teixeira de Souza
Palavra profundamente	Claridade 8 – Maio de 1958	Jorge Barbosa

## 2.5 - Quadro 5 – Aspectos Regionais

<b>Texto</b>	<b>Número da Revista - Data</b>	<b>Autor</b>
Lantuna & 2 motivos de finaçon (Batuques da Ilha de Sant'ago)	Claridade 1 – Março de 1936	Autor desconhecido Texto recolhido da cultura popular.
Bibia	Claridade 1 – Março de 1936	Baltasar Lopes
Tomada de Vista	Claridade 1 – Março de 1936	Manuel Lopes
Almanjarra	Claridade 1 – Março de 1936	Osvaldo Alcântara - Pseudônimo de Baltasar Lopes
Apontamento	Claridade 1 – Março de 1936	João Lopes
Venus	Claridade 2 – Agosto de 1936	Xavier da Cruz
Um galo que cantou na Baía	Claridade 2 – Agosto de 1936	Manuel Lopes
Notas para o estudo da linguagem das ilhas	Claridade 2 – Agosto de 1936	Baltasar Lopes
O lobo e o Chibinho	Claridade 2 – Agosto de 1936	Autoria desconhecida – conto popular
Infância	Claridade 3 – Março de 1937	Baltasar Lopes
Nocturno	Claridade 3 – Março de 1937	Osvaldo Alcântara
Uma experiência românica nos trópicos.	Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Baltasar Lopes
Lúcio – e - Fé	Claridade 4 - Janeiro de 1947.	Autoria desconhecida – recolhido por Baltasar Lopes na Ilha de Santo Antão
Uma experiência românica nos trópicos II	Claridade 5 – Setembro de 1947	Baltasar Lopes
Estrutura Social da Ilha do Fogo em 1940	Claridade 5 – Setembro de 1947	Teixeira de Sousa
Tabanca	Claridade 6 – Julho de 1948	Félix Monteiro
Batuques da Ilha de S. Tiago <ul style="list-style-type: none"> <li>• Galo Bedjo;</li> <li>• Bida'l pobre;</li> <li>• Casamento;</li> <li>• Finaçon.</li> </ul>	Claridade 6 – Julho de 1948	Textos recolhidos por Baltasar Lopes
Arquivos da Escravidão	Claridade 6 – Julho de 1948	Texto sem autoria
Tabanca (Continuação)	Claridade 7 – Dezembro de 1949	Félix Monteiro
- Dois contos populares da ilha de Santo Antão: <ul style="list-style-type: none"> <li>• A Doutrina;</li> <li>• O Cavaleiro e o pão quente.</li> </ul>	Claridade 7 – Dezembro de 1949	Baltasar Lopes
Dinheiro D'És Mundo	Claridade 7 – Dezembro de 1949	Gabriel Mariano
Caco-Leco	Claridade 7 – Dezembro de 1949	Mário Macedo Barbosa
- Quatro finaçons e um batuque da Ilha de S. Tiago: <ul style="list-style-type: none"> <li>• Um finaçon de Punoi Ramo;</li> <li>• Diálogo de Tchico Pina e Djimi Gomi di Barro no terreiro de batuque;</li> <li>• Ciclo do Doutor Honório;</li> <li>• Finaçom do Doutor Honório;</li> <li>• Finaçom da morte do doutor</li> </ul>	Claridade 7 – Dezembro de 1949	Textos da cultura popular recolhidos por Gabriel Mariano e Baltasar Lopes.

Honório; • Batuque de Tuta Cimbrom		
Folclore poético da ilha de S. Tiago	Claridade 7 – Dezembro de 1949	Baltasar Lopes
Professor Artur Ramos	Claridade 7 – Dezembro de 1949	Sem autoria
Sobrados, lojas e funcos – contribuição para o estudo da evolução social da Ilha do Fogo.	Claridade 8 – Maio de 1958	Henrique Teixeira de Souza
Bandeiras da Ilha do Fogo – o senhor e o escravo divertem-se	Claridade 8 – Maio de 1958	Félix Monteiro
Djom pó-di-pilom	Claridade 8 – Maio de 1958	Jorge Pedro
Sem título	Claridade 8 – Maio de 1958	Não assinado, possivelmente de João Lopes, diretor da revista
Cantigas de Ana Procópio	Claridade 9 – Dezembro de 1960	Félix Monteiro
A originalidade de Cabo Verde	Claridade 9 – Dezembro de 1960	Pedro de Sousa Lobo
Cutchidêra lâ di fora	Claridade 9 – Dezembro de 1960	Jorge Pedro
Nha tabaquêro	Claridade 9 – Dezembro de 1960	Jorge Pedro

Com esses quadros propomos uma visão mais clara dos textos presentes na revista, assim como a materialização dos discursos.

É importante analisarmos que a revista não teve a mesma organização desde o primeiro número e também é significativo o grande número de colaboradores que nela publicaram.

Acreditamos que as mudanças de responsabilidade na organização e editoração também são elementos fundamentais para nossa análise. Os primeiros números da **Claridade**, publicados ainda no ano de 1936, não apresentavam a figura do editor. Os números 1 e 2, publicados respectivamente em março e agosto de 1936 tiveram a direção de Manuel Lopes, um dos três fundadores da revista. A partir do número 3 a revista já apresenta a direção de João Lopes, também colaborador assíduo dos textos publicados na revista, que irá ocupar o cargo de

diretor da revista até seu último número em 1960.

Em 1947, com a publicação do quarto número da revista, aparece a figura do editor, ocupada pelo poeta Nuno Miranda, que irá desempenhar a função até o número 7, em 1949. Por fim, nos dois últimos números da **Claridade**, publicados em maio de 1958 e dezembro de 1960, a função de editor será de Joaquim Tolentino.

A sucessão dos quadros aqui apresentados evidencia uma quantidade significativa de textos literários publicados pela Revista Claridade, demonstrando a sua importância para a formação e configuração do sistema literário caboverdiano, pois foi com o seu advento que se iniciou a deflagração de publicações literárias de forma sistematizada no arquipélago.

### Capítulo 3 – Estudo analítico dos textos da revista *Claridade*

*“Revista de arte e letras”, conforme se subtitulou, indicava que a “caboverdianização temática” estava na raiz do pensamento claridoso. (Maria Aparecida Santilli)*

*Ó Jovens todos e há 50 anos,  
ramos da mesma árvore, entrelaçadas,  
onde a vossa mão acaba e a minha começa?  
Em verdade em verdade,  
somos um, ó jovens todos  
se há 50 anos. (Gabriel Mariano)*

*Claridade* é, nos quase 80 anos desde seu lançamento, objeto de importantes estudos, seja relacionando seu surgimento com o modernismo brasileiro, rendendo, desse modo, inúmeros estudos comparativos entre escritores cabo-verdianos pertencentes ao grupo claridoso e brasileiros, seja colocando-a como ponto central nas discussões acerca da formação da literatura cabo-verdiana ou relacionando-a aos aspectos políticos que envolveram o processo de independência do arquipélago<sup>37</sup>.

Os textos publicados na revista *Claridade* entre os anos de 1936 e 1960 constituem um documental importante para a análise não apenas daquele momento em especial da história literária do arquipélago, como também para os acontecimentos posteriores que adviriam do pensamento e produções literárias e teóricas publicados nos nove números que compuseram a revista.

A extensão dos números de *Claridade*, sobretudo no que se pode chamar de segunda e terceira fases da revista, que abarcam respectivamente os anos de 1947

---

<sup>37</sup> No Brasil podemos citar as pesquisas de Benilde Justo Caniato, Benjamim Abdala Junior, Jane Tutikian, Jorge Valentim, Norma Lima, Simone Caputo Gomes, Tania Celestino de Macêdo, entre outros.

a 1949 e 1958 a 1960<sup>38</sup>, colocavam dificuldades para o trabalho de análise. Diante disso e por não ser objetivo aqui privilegiar um número em detrimento de outro, e sim proporcionar mais uma via de acesso aos estudiosos que tenham interesse no estudo da revista, elaboramos um quadro sinótico (quadro 1) no qual se pode consultar todos os textos contidos na revista, como um roteiro para quaisquer pesquisas que se pretenda fazer sobre *Claridade*.

E adentrando na análise da revista foram destacados durante a pesquisa os elementos temáticos que marcaram as publicações. Tendo em vista o objetivo aqui proposto de analisar a luz do diálogo empreendido com o regionalismo brasileiro, em sua vertente pernambucana, a partir dos estudos desenvolvidos por Gilberto Freyre nomeadamente nos seus escritos da juventude, um dos aspectos levantados é a presença do **Regionalismo** na revista e o modo como o discurso da valorização regional, mormente ao proposto por Freyre em seu **Manifesto Regionalista** estão materializados nos diversos gêneros literários presentes na publicação (ensaios, poemas, contos, excertos de romance e editorial).

Por meio de entrevistas e ensaios - inclusive publicados na *Claridade* - é possível perceber que a presença freyriana apresenta-se uma constante entre os intelectuais cabo-verdianos, em especial os Claridosos: veja-se pelo ensaio “Sobrados, lojas e funcos – a contribuição para o estudo da evolução social da Ilha do Fogo”, escrito por Teixeira de Souza e publicado no número 8 (1958), em um claro diálogo com a obra **Sobrados e Mucambos**, que Freyre publica em 1936, e ainda no texto “Apontamentos”, ensaio de João Lopes, *Claridade* n.1 (1936), em que

---

<sup>38</sup> Nas edições 1, 2 e 3 publicadas entre 1936 e 1937, trouxeram publicados 8, 8 e 7 textos, respectivamente. Os números 4, 5, 6 e 7, publicados entre 1947 e 1949 contaram com 15, 19 e 26 textos. Os últimos números, 8 e 9, publicados entre 1958 e 1960, com 25 e 34 textos respectivamente.

afirma que recorrerá às teorias do mestre pernambucano para analisar e compreender a formação do povo cabo-verdiano.

Outro aspecto a perpassar os nove números é a temática da **Evasão**. Bastante presente na literatura cabo-verdiana, o drama da partida, marcado pela necessidade de emigrar do cabo-verdiano, sobretudo pelas condições socioeconômicas das ilhas, já se fazia presente nas produções literárias anteriores à *Claridade*. Com os Claridosos e seu apego ao chão crioulo, que marcou a gênese do grupo, a chamada evasão, surge como uma alternativa ao exílio físico. O mar aparece desse modo como o emissário do convite à evasão e é em Manuel Bandeira, em sua “Pasárgada”, que os literatos cabo-verdianos encontram a inspiração. Elementos como mar, a terra nanhida (seca), os ventos causticantes, o terra-longismo, não mais deixarão a literatura cabo-verdiana.

Deflagradora de todo esse drama, que irá culminar com o evasão, na literatura, e a emigração, em termos políticos, sociais e econômicos das ilhas, está a temática da **Fome**, exaustivamente cantada em prosa e verso.

Os dramas sociais das ilhas, conforme já apontados no decorrer deste trabalho, foram, no período colonial tratados, segundo os intelectuais, de acordo com as ferramentas de que dispunham para tal. Com a implantação do Estado Novo em Portugal, Manuel Lopes recorda que o termo fome era proibido aos textos<sup>39</sup>, embora fosse esse um drama presente de modo terrível na vida da população do arquipélago. António Carreira em sua obra **Cabo Verde** (Aspectos Sociais. Secas e fomes do século XX) tendo em conta a mortalidade registrada em cada ciclo de

---

<sup>39</sup> Entrevista publicada em *Manuel Lopes: rotas da vida e da escrita* (2001). Esta informação é corroborada por Baltasar Lopes, em seu depoimento a edição fac-similada de *Claridade*, organizada por Manuel Ferreira em 1986.

seca, elaborou o seguinte quadro:

	Números absolutos	Taxa (em relação à população média)
1 <sup>o</sup> – 1903 – 1904 .....	11.118	17,2%
2 <sup>o</sup> – 1921 .....	17.575	17,6%
3 <sup>o</sup> – 1941 – 1943 .....	24.463	22,4%
4 <sup>o</sup> – 1947 – 1948 .....	<u>20.813</u>	20,5%
Total .....	78.969	
Óbitos não registrados (calculados em 5% do obituário a partir de 1921 a 1948) .....	<u>3.148</u>	
Total de óbitos pelas fomes .....	82.117	

Fonte: Carreira, António. **Cabo Verde** (Aspectos sociais. Seca e fomes do século XX), 1984, p. 124.

Neste capítulo, focalizamos também marcas do **Diálogo com a Literatura Brasileira** na literatura cabo-verdiana. Note-se que primeiramente na Revista destacamos o **Regionalismo** que, feito à luz das teorias brasileiras, não implica aspectos que dialoguem diretamente com o Brasil. A vinculação explícita será abordada em uma análise voltada somente para os textos que trazem marcadamente essa característica, como “Palavras para serem lidas no Brasil” de Osório de Oliveira.

Em termos estruturais, a revista composta por seus 9 números, durante 24 anos, realizou a publicação de 121 textos poéticos, 25 textos em prosa e 24 textos críticos-ensaísticos, basilares na apreensão dos conceitos que permeiam o pensamento dos intelectuais do grupo, a colocar em causa a afirmação de Manuel Lopes, segundo o qual, *Claridade* surge: “Sem ruído, sem programa a definir

diretrizes...” (1959, p.81). Os ensaios acerca da literatura, cultura popular e linguística apresentam as diretrizes programáticas do grupo. Tal afirmação se encontra no artigo “Temas Cabo-verdianos: *Claridade*”, publicado na revista **Estudos Ultramarinos** (1959). Lopes inicia seu artigo afirmando que a revista, que ele denomina de cultural e com a qual Cabo Verde se tornaria conhecida no meio literário português, não tinha, em sua gênese, um programa definido. É de causar certo estranhamento aos estudiosos da literatura cabo-verdiana a afirmação: “[...] a revista cultural *Claridade*, com a qual umas pobres e desconhecidas ilhas atlânticas dos trópicos vincaram a sua presença no panorama literário português.” (LOPES, 1959, p.81). Ora a afirmação feita por Lopes não vai de encontro ao que era proposto pelos intelectuais claridosos desejosos de criar uma literatura e manifestar uma cultura que se mostrasse verdadeiramente cabo-verdiana, com os pés fincados no chão crioulo? É necessário, desse modo, compreender o lugar e o momento em que falam os intelectuais claridosos.

Por questões didáticas, organizaremos os textos em quadros de acordo com a temática (temas). Como elencado, dividimos nossa análise no levantamento de três temas presentes na revista: Evasão, Fome e Diálogo com a literatura brasileira, particularmente a análise dos Aspectos Regionais aventados nas publicações. Nossa leitura terá como elemento norteador o papel destes temas e aspecto na formação da identidade literária cabo-verdiana.

**3.1 – “Mas uma coisa será o desejo de evasão, de raiz intelectual. Outra será a necessidade de emigração, de raiz econômica.”<sup>40</sup>**

***Poema de quem ficou***

*Eu não te quero mal  
por esse orgulho que tu trazes;  
por este ar de triunfo iluminado  
com que voltas...*

*... O mundo não é maior  
que a pupila dos teus olhos:  
tem a grandeza  
da tua inquietação e das tuas revoltas.*

*... Que teu irmão que ficou  
sonhou coisas maiores ainda,  
mais belas que aquelas que conheceste...  
Crispou as mãos à beira do mar  
e teve saudades estranhas, de terras estranhas,  
com bosques, com rios, com outras montanhas  
- bosques de névoa, rios de prata, montanhas de  
ouro –*

*que nunca viram teus olhos  
no mundo que percorreste...(Manuel Lopes)*

O drama da evasão e da emigração, *leitmotifs*, da/na trajetória do cabo-verdiano, será também o seu grande dilema, “querer partir e ter de ficar” e “querer ficar e ter de partir”. O “querer bipartido”, como nomeou Pedro Corsino de Azevedo<sup>41</sup>, entre a luta pela sobrevivência a marca a fuga do ambiente físico hostil e o desejo das chuvas.

**TERRA-LONGE**

Aqui perdido, distante  
das realidades que apenas sonhei,  
cansado pela febre dos mais-além,  
suponho  
minha mãe a embalar-me,

<sup>40</sup> O subtítulo é uma citação de Manuel Ferreira retirada do livro **No reino de Caliban** (1975).

<sup>41</sup> Pedro Corsino de Azevedo nasceu em São Nicolau em 1905 e faleceu em 1942. De acordo com Gomes e Cavacas “É considerado um precursor do movimento cabo-verdiano *Clareza*. O seu poema “Terra Longe” é particularmente relevado pelos historiadores da literatura”(1997, p.289)

eu, pequenino, zangado pelo sono que não vinha  
 [...]
 Depois vieram os anos,  
 e, com eles, tantas saudades!...  
 Hoje lá no fundo, gritam: vai!  
 Mas a voz da minha mãe,  
 A gemer de mansinho  
 cantigas da minha infância,  
 aconselha ao filho amado:  
 “Terra-longe tem gente-gentio,  
 gente-gentio come gente”

Terra-longe! terra-longe!...

- Oh mãe que me embalaste

- Oh meu querer bipartido! (CLARIDADE, n.4, 1947

p.12).

A postura evasíonista, uma dessas características, presentificadas na literatura cabo-verdiana, inegavelmente esteve desde seu surgimento ligado à gênese da caboverdianidade. Produto das limitações coloniais, espaciais e temporais, a evasão foi, na transformação temática e retórica operada pelos sujeitos da *Claridade* no campo da poesia, a senda pela qual o poeta cabo-verdiano “reconhece e afirma a sua condição de prisioneiro” (FERREIRA, 1986, p.LXIV), Como poderemos perceber pela análise dos textos selecionados. A respeito da evasão assinala Santilli:

Dividido [...] entre o apelo profundo de suas raízes e a perspectiva de libertar-se de pouco ou nenhuma oportunidade de trabalho, das secas, das lestadadas – emissárias da miséria – enfim, vê-se o cabo-verdiano diante de uma situação-limite, de sua mais dramática necessidade de opção existencial (2007, p.40).

Para a análise da temática da evasão selecionamos os seguintes textos: os ensaios “Tomada de Vista” (CLARIDADE, n.1, 1936) e “Tomadas de Vista” (CLARIDADE, n.3, 1937), ambos de Manuel Lopes; os textos ficcionais “Bibia” (CLARIDADE, n.1, 1936) e “Infância” (CLARIDADE, n.3, 1937), de Baltasar Lopes; e

os textos poéticos “Saga” de Onésimo Silveira (CLARIDADE, n.8, 1958), “Écran” de Manuel Lopes (CLARIDADE, n.1, 1936), “Vinte e quatro horas” de Virgílio de Melo (CLARIDADE, n.9, 1960) e Poema para tu decorares de Tomás Martins (CLARIDADE, n.5, 1947).

Em entrevista a Laban, Manuel Lopes, demonstra seu interesse pela leitura ensaística, embora essa declaração, remonte ao período posterior às publicações de *Claridade*, é possível que tais leituras já fizessem parte de sua formação literária, o que se pode perceber neste mesma entrevista. Ao ser questionado a respeito de sua formação intelectual, leituras e orientações, “Embora não passe de um modestíssimo ficcionista, para mais de escassa produção literária, devo, entretanto esclarecer que a minha leitura preferida hoje gira à roda da ensaística...” (1991, p.64).

“Tomada de Vista” e “Tomadas de Vista” são dois textos críticos-ensaísticos de sua autoria<sup>42</sup>, que, pode-se dizer, constituem suas reflexões filosóficas, éticas e teóricas a respeito de Cabo Verde e seu povo. No primeiro texto (CLARIDADE n.1, 1936) Manuel Lopes aponta assuntos capitais na formação da identidade cabo-verdiana, temas e assuntos que farão parte de sua obra literária, como o sentimento do querer partir / ter de ficar; a impossibilidade de o sujeito crioulo renunciar a sua terra, mesmo com as mazelas enfrentadas, como a fome, a seca, o abandono e a morna como expressão musical máxima do cabo-verdiano. Dito de outro modo, o texto delinea um esboço das preocupações que tomariam corpo ao longo das publicações de *Claridade*. Em verdade, é possível verificar, em seus textos ficcionais, poéticos e em outros ensaios, a recorrência das temáticas levantadas já

---

<sup>42</sup> **Manuel António de Sousa Lopes** nasceu no Mindelo, ilha de São Vicente em 1907 e faleceu em Lisboa em 2005. Completou seus estudos secundários em Coimbra. “Leitor entusiasta dos escritores brasileiros. Ficcionista. Poeta. Ensaísta. Membro do grupo de intelectuais que funda a *Claridade* (1936).” (GOMES e CAVACAS, 1997, p.241)

neste primeiro ensaio.

Ainda na esteira das discussões acerca do modo de ser do cabo-verdiano e seu modo de estar no mundo, no n.3 de *Claridade* (1947) é publicado o texto “Tomadas de Vista”. Apresentando novamente as preocupações acerca da formação do povo crioulo destaca-se o papel a ilha de São Vicente como ocupando um espaço central na compreensão dos processos de formação social, cultural e literária do povo ilhéu.

Nos dois textos reflexivos deste intelectual, que também foi um dos fundadores do grupo, é possível perceber a atenção especial dispensada à evasão. Insistentemente atacada por intelectuais que a compreendiam como mero escapismo<sup>43</sup>, a chamada evasão, cantada em prosa e verso, se faz presente não somente na literatura desenvolvida no período marcado pelos anos de 1930, mas também se perpetua em outros momentos da literatura cabo-verdiana. É, assim, um dos divisores de água na construção da tradição literária do arquipélago.

Pejorativamente chamado de evasionismo, revela as leituras que os intelectuais desta época faziam, sobretudo, das obras de Manuel Bandeira, marcado pelo pasargadismo. Manuel Lopes foi, sem dúvida, um dos que mais procuraram se fazer compreender e trazer ao termo e à postura evasionista a clareza que possibilitasse desvinculá-la do aspecto negativo a que muitos procuraram aproximá-la:

A sua ansiedade de partir é impulsionada em grande parte por uma espécie do que poderei chamar de ‘libertação tabú’ (tabú no sentido de interdição) (...) Todavia nunca renuncia à terra. D’aí a nostalgia. A resolução antecipada do retôrno já é nostalgia em estado embrionário (CLARIDADE, n.1, 1936, p. 5).

---

<sup>43</sup> Ovídio Martins e os demais combatentes do escapismo.

(...)

Evadir-se (tem sido este o seu destino) para se libertar da deficiência ambiente, procurar a luta onde ela se apresenta num aspecto mais humano e compensador é, de qualquer modo, uma manifestação contrária à apatia, que engloba o desejo de acção ... (CLARIDADE, n. 3, 1937, p.9-10).

Manuel Lopes em sua meditação sociológica aponta a aporia que enfrenta e constitui o sujeito cabo-verdiano – “evadir-se como destino” e “nunca renunciar à terra” – que aparecerá tanto em seu aspecto real quanto ideal, a busca pela Pasárgada. Ao afirmar isso, Manuel Lopes, coloca o homem cabo-verdiano como um sobrevivente, física e culturalmente, uma vez que onde vai leva sua cultura consigo. Essa postura mostrada nos ensaios publicados nas revistas *Claridade* n.1 e n.3, será também reafirmada em outros momentos, como na entrevista a Michel Laban,

É preciso reanimar as raízes, dinamizá-las. Acordar a consciência da sua realidade latente. Sonhar é já partir. Mas a chamada “evasão” do cabo-verdiano (que alguns zoilos locais usaram no sentido depreciativo, um tanto demagógicamente) torna-se, antes de mais, um imperativo económico. A diáspora cabo-verdiana tem origem nesse imperativo, embora não se possa negar alguma implicação romântica. [...] Evasão não é o caso literário que alguns críticos, levianamente, fazem crer – é um imperativo económico, repito, um determinante da carência alimentar. Uma realidade sociológica. A nossa literatura, ao fim e ao cabo, reflete, necessariamente, esse fenómeno... (in. Laban, v.1, p.65).

Para Lopes, erroneamente compreendida como um modo de fuga, a evasão acaba por se tornar um aspecto e uma estratégia de sobrevivência do homem ilhéu e por isso retratada literariamente - afinal, uma vez que a literatura é o espaço de re(a)presentação da realidade pela linguagem literária.

Manuel Ferreira lembra também que a evasão faz parte de um conceito mais amplo do povo cabo-verdiano: o *terra-longismo*, no qual, além do pasargadismo, de origem intelectual, há também a emigração, de origem econômica e motivação social que é um “tema carregado de sentido social, de denúncia e protesto” (p.LXXV) e foi justamente a este aspecto que a geração nacionalista, os poetas dos anos de 1960, se apegaram para criticar o pasargadismo claridoso, uma vez que, para eles, este era muito mais intelectual e de origem ideal do que voltado para discussões sociais e econômicas<sup>44</sup>. Dentre os poetas que renunciaram à Pasárgada podemos citar Ovídio Martins, cujo poema “Anti-evasão” tornou-se símbolo do grupo que renunciou ao pasargadismo. Além de Martins, podemos apontar os poetas António Nunes, Aguinaldo Fonseca, Onésimo Silveira e Mário Fonseca, cujos poemas integram a **Antologia Temática de Poesia Africana** de Mario Pinto de Andrade.

António Carreira em sua obra **Cabo Verde** (Aspectos Sociais. Secas e Fomes do Século XX) revela que “em face de uma situação de pobreza permanente, da ausência de estruturas de base, e da constatação do desmedido crescimento natural de pessoas a alimentar” só havia em Cabo Verde uma alternativa: *emigrar*. Desse modo, ao falar de evasão e pasargadismo, que foram fenômenos que se materializaram no âmbito literário, sobretudo com a gênese de *Claridade*, é importante lembrar a propensão do sujeito crioulo de emigrar para sobreviver, acontecimento que também irá aparecer na literatura claridosa.

Embora aqui nos interesse muito mais o fenômeno do evasão, trataremos brevemente da questão da emigração, a outra face do drama da partida em Cabo Verde. Este processo de deslocamento/diáspora, se deu primeiramente

---

<sup>44</sup> Como já mencionado no capítulo 1, principalmente o ensaio de Onésimo Silveira no qual faz interpelação direta à postura dos claridosos.

inter-ilhas e posteriormente, a partir da segunda metade do século XIX, para o exterior, principalmente para os Estados Unidos<sup>45</sup> e depois Europa.

Para entender melhor esse processo, voltemos à Carreira. O autor destaca que dentre os critérios de análise dos ciclos de emigração podemos citar dois pertinentes a nossa discussão: emigração espontânea, correntes migratórias livres (aqui se coloca como destino principal os Estados Unidos da América); e a emigração forçada, processo provocado por rupturas, sejam resultantes das secas, fomes, mortandade ou de outra ordem, como administrativas, por exemplo. A título de ilustração da distinção entre estes dois tipos de emigração cita o caso da colônia portuguesa de São Tomé e Príncipe, que recebeu contingentes enormes de mão de obra vindas de Cabo Verde, para trabalhar em condições análogas à escravidão.

A emigração para a colônia portuguesa de São Tomé e Príncipe tem início no ano de 1864. Tendo como produções principais o café e o cacau, São Tomé necessitava de mão de obra para o desenvolvimento de suas roças; por sua vez Cabo Verde enfrentava uma de suas piores estiagens que, de acordo com dados de António Carreira vitimaram 30.000 pessoas. A mão de obra, no entanto, não advinha especificamente de Cabo Verde, mas também das demais colônias de Portugal na África<sup>46</sup>.

---

<sup>45</sup> António Carreira traz uma informação importante acerca da restrição imposta pelo governo Americano, em 1917, aos emigrantes cabo-verdianos com destino ao país: “Com o avolumar da emigração cabo-verdiana (e outra) os Estados Unidos promulgaram uma lei pela qual se proibiu a entrada a “analfabetos de raça preta” com mais de 16 anos de idade.” (p.164). Com isso houve um grande desenvolvimento dos processos de entrada clandestinos, o encarecimento da viagem, fez com que somente os cabo-verdianos com recursos financeiros pudessem partir em direção à América em busca de solução para os problemas que enfrentavam no arquipélago. As leis de restrição à emigração a partir de então se tornaram mais e mais austeras, seguidas de novas medidas impostas em 1921 e 1924 e também pela regulamentação da aplicação de cotas de emigração pelo governo português em 1928 que, segundo Carreira, “mais apertadas que as próprias leis americanas”.

<sup>46</sup> Estima-se que entre os anos de 1901 e 1928 tenham desembarcado em São Tomé e Príncipe para trabalhar nas roças, de acordo com os números da Curadoria Geral de São Tomé 99.826

No caso da emigração oriunda de Cabo Verde, uma portaria régia determinou que o Governador-Geral das ilhas facilitasse a emigração para as roças de São Tomé, porque seria uma maneira de socorrer o povo atingido pela fome no arquipélago. Outras medidas também fizeram parte do incentivo à partida voluntária de cabo-verdianos: custeio da alimentação durante a viagem e a oferta de meios de transporte. A emigração, falsamente voluntária para as roças de São Tomé e Príncipe foi referenciada de forma intensa pela literatura. Neste âmbito, ela recebe a dimensão simbólica que o discurso oficial velava: condenação e punição, degredo. Como sublinha António Carreira “‘dar o nome’ ao agente recrutador para a efectivação do contrato de trabalho para S. Tomé, correspondia a uma auto-condenação” (1984, p.175), sem ter cometido crime algum.

Esta é uma emigração diferente da dos EUA pelo facto de se processar em consequência da ruptura do equilíbrio produção/população, provocada por secas, que geravam fomes e mortandades. Face a esta situação, os governos aproveitaram para incentivar e encaminhar, por meio de medidas legislativas ou de processos administrativos, a saída da população com objetivo de proporcionar mão-de-obra abundante e a baixo salário, às organizações agrícolas e industriais [...] (BRITO-SEMEDO, 2006, p.249).

Para os literatos das gerações posteriores à *Claridade* houve, por parte dos claridosos, um silenciamento, uma espécie de apatia no que dizia respeito ao retrato feito do drama vivido pelos cabo-verdianos exilados nas roças de São Tomé e Príncipe, como se pode notar no já mencionado **Consciencialização na Literatura Cabo-Verdiana** (1963), de Onésimo Silveira, que abordaremos ao longo desta seção. Não nos esqueçamos, no entanto que o regime colonial impunha as regras

---

contratados, vindos de Angola, Moçambique, Cabo Verde e outros lugares, deste total 23.866 faleceram entre 1911 e 1928. (CARREIRA, 1984)

do discurso definindo o que podia e o que não podia ser dito, como em mais de uma oportunidade é evidenciado por Baltasar Lopes. Falar de fome, por exemplo, era um desses silêncios impostos, muito embora este seja um tema bastante presente nos discursos apresentados na *Claridade*, como veremos posteriormente.

E é como elemento constitutivo da formação dos sujeitos cabo-verdianos que Baltasar Lopes<sup>47</sup> apresenta a emigração como um dos temas abordados em seu romance *Chiquinho*, o primeiro romance moderno cabo-verdiano e publicado em excertos em duas oportunidades pela revista (*Claridade* n.1 **Bibia** e *Claridade* n.3 **Infância**). A problemática desenvolvida em torno da personagem principal *Chiquinho*, de acordo com o próprio Baltasar Lopes, é a mesma que ele observou em todos de sua geração (Laban, 1991). A morte, ao lado do exílio, aparece na narrativa no momento em que ao menino *Chiquinho* cabe o papel de ler a carta com a notícia do falecimento do filho de *Nha Tudinha*, um jovem emigrado na América e que fora morto por uma máquina. Mais uma vez a emigração é apresentada como um triste e incontornável destino.

Não valia a pena ter ido tão longe para ser morto pelas máquinas. Antes o falecido tivesse ficado em São Nicolau. Talvez chegasse a velho, no meio da pobreza dos outros, mas a cama de finca pé e o chão de barro batido não o matariam como a máquina (CLARIDADE, n.3, 1937, p.2).

O drama da partida e a impossibilidade do regresso são elementos apresentados no excerto “*Infância*”. Tendo a América como principal destino dos

---

<sup>47</sup> Baltasar Lopes da Silva nasceu na ilha de São Nicolau em 1907 e morreu em 1990. “Usava o pseudônimo poético Osvaldo Alcântara [...] Licenciado em Direito e em Filologia Românica (Lisboa). Doutor *Honoris Causa* (Universidade de Lisboa). Fundador (com Manuel Lopes e Jorge Barbosa) da revista *Claridade*, suporte do movimento literário com o mesmo nome. Funções docentes e de advocacia, com elevado prestígio. Reitor de liceu. Convidado para a faculdade de Letras (Lisboa). Filólogo e investigador da língua (português e crioulo). Poeta, ficcionista, ensaísta.” (GOMES e CAVACAS, 1997, p. 77).

cabo-verdianos que fugiam das secas avassaladoras e retratando a angústia dos mais velhos e mais novos que aguardavam dia após dia notícias ou o retorno do ente querido. Em “Infância” o narrador intercala as marcas dos discursos felizes dos momentos de meninice com as tristezas advindas das catástrofes político-sociais e climáticas a marcar o povo ilhéu. Um mundo povoado pelo maravilhoso, mas que se vê constantemente submetido ao real. Embora esse mesmo real se veja explicado por forças mágicas, numa constante luta entre o real e o maravilhoso:

Vinham à minha memória os perigos terríveis que contavam da passagem estreita, com rochas altas de um lado, e o mar lá em baixo, batendo como um leão. E cantava na minha cabeça a morna triste do ‘Pau matou meu filho’, em que, numa melopeia muito arrastada, a velha deplora a morte do filho que, de regresso da América, desembarcou no Barril e, querendo encurtar o caminho, na grandeza de ver a mãe, caiu no Pau e se afogou no mar. Tudo obra das feiticeiras da Ribeira da Prata que não podiam ver um filho abraçando sua mamãe já muito velhinha, depois de ter trabalhado como escravo durante anos naquelas terras que ficam lá longe, no meio do mar (CLARIDADE, n.3, 1937, p.2).

No que se refere precisamente às emigrações para as roças de São Tomé e Príncipe, consideradas as mais graves e problemáticas a marcar a história das migrações cabo-verdianas, não houve por parte dos integrantes do grupo Claridoso, uma ruidosa reação em relação ao que lá acontecia que consumia contingentes enormes de mão de obra para trabalhos degradantes, em que até mesmo castigos corporais eram autorizados. Onésimo Silveira enfatizaria: “[...] só se reflecte nas obras dos claridosos o facto da emigração para as Américas e jamais a emigração degradante para as terras como S. Tomé e Príncipe, coexistente com aquela, mas que eles escritores nunca desejariam para si mesmo” (1963, p.11).

Em 1958, no número 8 da revista, Onésimo Silveira<sup>48</sup> publica seu poema “Saga” no qual lamenta a decadência do Porto Velho, a situação de abandono vivida pelo Mindelo e a falta de perspectiva do povo cabo-verdiano:

#### SAGA

Cabá Vapor – cabá carvom ...  
 Restam praias vazias e botes agonizantes  
 Rezando como os homens a sua derradeira oração!  
 Cabá Vapor – cabá carvom ...  
 Já não se vêem mulheres do povo rocegando,  
 Gabando o seu cuscus quente, o seu fonguim ....  
 Crianças alegres acabaram-se  
 Acabou também a vida de pândegas  
 Nas canecadinhas de Mindelo!  
 Cabá Vapor – cabá carvom ...  
 Os esqueletos hérculeos dos guindastes  
 Paralizados e humilhados dizem também uma oração,  
 Gritam alarmados na imensidão do seu silêncio...  
 Cabá Vapor – cabá carvom ...  
 Homens definhados vegetam  
 Nutridos pela esperança, castigados pela sôdade...  
 Cabá Vapor – cabá carvom ...  
 Gente de S. Vicente perdê tine, perdê .... fê.  
 Bailes de gente pobre cabá, cabá folia, cabá tudo...  
 Monte Sossego, Chã de Alecrim, Ribeira Bote  
 Dormem o sono da indiferença e do abandono  
 Das suas casas arruinadas e desertas  
 Porque trabalho cabá e gente câ tem...  
 Cabá Vapor – cabá carvom ...  
 Estrangeiros fugiram das nossas ruas de Mindelo...  
 Cabá Vapor – cabá carvom ...  
 No campos dantescos de S. Vicente  
 Já não se fazem mais piqueniques  
 Porque cabá carvom e chuva cabá dias – há ...  
 Movimento cabá na Mindelo  
 S. Vicente é um estendal de misérias  
 Porque cabá vapor, cabá carvom e cabá chuva!  
 Cabá Vapor – cabá carvom ...  
 Gente de S. Vicente pâ câ morrê de fome  
 Tem que bá'mbora pâ S. Tomé!...  
 Cabá Vapor – cabá carvom!!! (Onésimo Silveira)

---

<sup>48</sup> Nascido em 1935 na cidade do Mindelo, ilha de São Vicente, Onésimo Silveira “ [...] Viveu em São Tomé (1956-1959), em Angola (1959-1963), em França, na Holanda e na Suécia. [...] Licenciado em Ciências Políticas (Suécia) . [...] Representante das Nações Unidas em vários países africanos. Representante de Cabo Verde nas Nações Unidas. Deputado,. Presidente da Câmara Municipal do Mindelo. Poeta. Ficcionista. Ensaísta.” (GOMES e CAVACAS, 1997, p. 280)

A opção linguística do poeta mindelense reforça a nova forma e evidencia que a intervenção poética se faz via linguagem e que esta, mais do que mero arranjo das formas linguísticas é também materialidade de uma das facetas do real do povo cabo-verdiano. Os versos livres, o tom agonizante da pontuação, sobretudo as reticências, refletem um eu-poético atormentado pela *saga* de seu povo. O refrão: “Cabá Vapor – cabá carvom...” enuncia a sequência das repetições da saga, seca após seca, perda após perda, desolação após desolação, num círculo vicioso cuja escapatória “pâ câ morre de fome”<sup>49</sup> é a dura e infame emigração para São Tomé. A insistente marcação das pausas com pontos, vírgulas, reticências e exclamações deixa transparecer também a posição de um eu-poético circunscrito pela constante mobilidade determinante na sua reação à seca e a fome, assim como a infinitude ao que está condicionado.

Identificando um intelectual alinhado aos ideais do grupo da chamada Nova Largada<sup>50</sup>, (o primeiro grupo reconhecidamente nacionalista em Cabo Verde, que teve na Casa dos Estudantes do Império seu espaço de germinação), o poema de Silveira se destaca também por recorrer a um léxico que, de um modo geral, não encontraremos nitidamente nos textos da *Claridade*. Termos e expressões como: *homens definhados, indiferença, abandono, misérias, morrê de fome*.

Nas palavras de José Luís Hoppfer Almada, foi “A primeira grande ruptura em relação à Claridosidade (que) acontece, no plano da ideologia e da práxis poéticas [...]” (1998, p.140), geração que teve como um dos textos fundadores

**Conscencialização na Literatura caboverdiana**, também de Onésimo Silveira.

---

<sup>49</sup> “para não morrer de fome” – tradução nossa.

<sup>50</sup> Grupo da Nova Largada foi a denominação a um grupo de intelectuais organizados, a partir de 1958, em torno do “Suplemento Cultural” do *Boletim de Propaganda e Informação* de Cabo Verde, deste grupo fizeram parte jovens poetas, ensaístas e prosadores que também participaram das publicações claridosas.

Assim, no poema *Saga*, já podemos ver sinais dessa ruptura para uma abordagem mais incisiva dos problemas sociais cabo-verdianos, que veremos aprofundadas em publicações como *Certeza*, por exemplo.

A dualidade linguística, português-língua cabo-verdiana, por fim, constitui um registo impactante da opção estético-ideológica de Onésimo Silveira, uma marcação que, mais do que a opção de um grupo, seja *Claridade*, onde publica, seja Nova Largada, ao qual melhor se identifica ideologicamente, retrata o pensamento de toda uma geração que voltou os olhos para a terra, o povo e a língua.

O eu-poético levanta os elementos impulsionadores do drama da partida, sem no entanto colocar esse destino como um lugar utópico, romantizado ou como espaço de salvação, ao contrário, emigrar só para sobreviver e não para viver melhor. Ao contrário do que acontecerá nas produções voltadas para o chamado pasargadismo, que não significa voltar as costas à caboverdianidade, mas tão somente aos dramas vividos, uma fuga “à erosão colonial”.

Em *Claridade* n.1, o poema *Écran*, de Manuel Lopes pode ser considerado um típico exemplo da temática da evasão a dominar a produção literária dos poetas claridosos, principalmente nos primeiros anos da revista, ou a chamada primeira fase que engloba as publicações ocorridas entre 1936 e 1937.

#### ÉCRAN

(a Osório de Oliveira)

Para além destas ondas que não param nunca,  
atrás dêste horizonte sempre igual,  
no extremo dêstes sulcos brancos sobre o mar azul  
(cinzento nos dias de ventania)  
que as hélices deixaram, impelindo  
os cascos inquietos dos vapores ...

- (Sonhos rolando sobre um abismo de Ironia:  
promessas de outro mundo mais lindo,  
- ó meus gritos interiores!...)

- há outros gritos diferentes,  
os olhos cheios de outra imagem do mundo,  
nervos febris picados do delírio da civilização  
que a distância do Atlântico dissolve antes de chegar;  
há o \*homem no meio da multidão\*;  
há as grandes perspectivas dos continentes  
aonde não chega a canção evocativa do quebra-mar;

(e há os pormenores; o comboio – aço a morder aço –  
levando as cidades através do sossego imenso dos campos;  
o avião furando vertiginosamente o espaço  
acendendo e apagando na noite os olhos faiscantes como  
pirilampos;

as ambições multimilionárias  
dos reis de coisas várias  
enchendo o mundo de cartazes  
que são a beleza do século XX.  
e que meus olhos vorazes,  
angustiosos, de pedinte  
sorvem nos jornais e revistas atrasadas;

há as stars soberbas, desejadas,  
efêmeras como deusas de papelão;  
de debaixo de todo o mundanismo perdulário e inútil, de bom-tom,  
a vida fácil que se agita ao alcance de toda mão,  
o ódio impotente, o crime, a miséria, o bas-fond;  
a Jura desesperada no redemoinho,  
- que aqui nada disto existe: é tudo resignação -  
e nessa confusão  
cada segundo o seu caminho ...)

Para além destas ondas que não param nunca...  
... Há lutas que eu desejo  
com a indomável ânsia dum cavalo preso à beira do caminho, todo o  
dia,  
por onde passam cortejos de promessas, tentações, miragem,  
que acordam de tempos a tempos da longa monotonia  
da paisagem...

Atrás dêste horizonte sempre igual...

... Há certos desassossêgos pecaminosos  
(que os petizes sonham em noites de libido:  
debruçando-se em regaços ardentes, de veludo,  
a sorver os perfumes inebriantes das flores do mal)...

E fico mudo  
ouvindo o vento a cantar na penedia,  
olhando as ondas que não param nunca,  
o horizonte sempre igual,

e este sulco branco que umas hélices deixam no mar  
(onde se desfazem os últimos esgares duma longa ironia  
e no extremo do qual  
flutua ainda  
o perfil dum vapor que não quis me levar)... (CLARIDADE, n. 1,  
1936, p.4).

O poema de Manuel Lopes representa duas características marcantes da poesia inaugurada pelo grupo Claridade: a inovação estética e a nova proposta temática. Espelhada nas propostas advindas do modernismo brasileiro e do movimento presencista português propunha a entrada do arquipélago à modernidade literária por meio do retorno às raízes.

Podemos traçar uma linha entre o poema “Écran” e o que Manuel Ferreira chamou de “A metáfora do desassossego interior” (1986) em relação à produção poética de Jorge Barbosa pós-1931, quando este tomou contato com os ideais estéticos presencistas, sobretudo pela inovação formal que sua obra virá a apresentar. Sobre os poemas de Barbosa disse Manuel Ferreira “[...] desapareceram das maiúsculas no início dos versos, com exceção do primeiro de cada estrofe.” (p. XLVII), em comparação aos poetas pré-claridosos José Lopes e Pedro Cardoso, “[...] verificaremos a fuga veloz, para a frente, do ponto de vista formal, por parte de Jorge Barbosa.” (idem). Assim, a publicação de “Écran” vai assinalar a gênese de uma nova poética, os versos se libertam “de formas já gastas”, como diria Manuel Ferreira.

Mas muitos mais que a dinâmica formal do poema é o seu conteúdo, a marca da evasão, a presença do mar e do além-mar que irá marcar também seu apelo à

caboverdianidade<sup>51</sup>. Benilde Justo Caniato (2005) chamou a isto de “O drama da partida” na literatura cabo-verdiana, inquietação que irá impor uma marca que se consolida na *Claridade*, mas que se tornará presente na literatura cabo-verdiana até a contemporaneidade seja como adesão ou negação.

No poema de Manuel Lopes o eu-poético se coloca diante de um écran, uma superfície sobre a qual se reproduz uma imagem, nesse caso a imagem do mar, que no imaginário literário cabo-verdiano tem um sentido ambíguo: ao mesmo tempo em que representa a possibilidade de fuga, configura um elemento de limitação, de cerceamento, de prisão, que impõe a isolamento ao sujeito ilhéu.

Diante de um cenário de estagnação “horizonte sempre igual”, os únicos movimentos são aqueles realizados pelos ventos e pelos vapores, capazes de criar ondas e sulcos brancos no mar, dois elementos alheios às ilhas e que permitem a mudança naquela imagem, que acima de tudo despertam no eu-poético, para além daquele “horizonte sempre igual” a possibilidade de imaginar as “promessas de outro muito mais lindo”.

O convite feito pelo mar é uma resposta aos “gritos interiores”, gritos que encontram ecos em outras partes. O eu-poético cria sua própria versão de Pasárgada, o lugar ideal criado por Manuel Bandeira. Para o Manuel cabo-verdiano, no entanto, sua Pasárgada não é aquele lugar utópico, por vezes bucólico, mas sim um lugar novo marcado pelo progresso, pela indústria, pelas marcas da modernidade. Cabo Verde é uma terra de característica rural nos anos de 1930, o

---

<sup>51</sup> Em comparação entre as produções poéticas anteriores à *Claridade*, os chamados nativistas (nomeadamente dos poetas Eugénio Tavares, José Lopes, Pedro Cardoso e Januário Leite) e a produção no período claridoso, Amílcar Cabral sublinha, em relação ao mar na poesia claridosa, “O mar já não tem sereias e as ondas não beijam a praia. O mar é estrada da libertação e da saudade, e o marulhar das vagas é a tentação constante, a lembrança permanente do ‘desespero de querer partir e ter de ficar’” (p.27).

desenvolvimento industrial sinalizado pelo aço, o avanço das cidades sobre o campo, os aviões, jornais e revistas faziam parte de um mundo que não estava ali. O sentimento de evasão aparecia também motivado pelo desejo de acesso aos meios de conhecimento, ao pertencimento às descobertas do mundo naquele momento, eventos que motivados principalmente pelas questões coloniais estavam interdidas ao povo cabo-verdiano e das demais colônias.

O desejo de aventurar-se mar adentro ou mar fora aparece no poema como a possibilidade de fugir da resignação. Em seu ensaio “Tomadas de Vista” publicado no n.4, Manuel Lopes aponta como constitutivo do sujeito cabo-verdiano a inquietação, o que a leva a emigrar ou evadir,

A noção de nosso afastamento do mundo e as deficiências locais principalmente de ordem econômica – eis os rebentos “ancestrais” do complexo actual da alma crioula. Emigração – eis a solução estas últimas; e espírito de aventura (Wander lust), - eis o resultado da primeira. Estes são heranças directas. Influenciando-se reciprocamente, compenetrando-se através os séculos, mas possuindo sempre cada um a sua característica própria. Evasão será então a solução comum, assim como inquietação, o resultado último também comum. Ambos divisores comuns. Desta feita temos, à *peus prés*, a genealogia ‘psico-física’ dos caboverdeanos. (CLARIDADE, n.3, 1937, p.10).

Esse mar que tem a possibilidade de levar a um mundo cheio de novas oportunidades, nos avanços tecnológicos, é também o responsável pelas novas possibilidades linguísticas, o eu-poético lança mão de vocábulos em inglês numa clara evidência das experimentações em termos de linguagem que o modernismo permitiu.

Mas como o evasãoismo é o desejo, o querer partir não é necessariamente o partir, assim o eu-poético retorna à sua realidade e compreende que tudo aquilo que

viu estava somente no écran, o vapor continua no mesmo lugar. A importante contribuição da evasão e, que por vezes não foi compreendida, advém de sua função de, ao projetar a visão para lugares ideais para onde o poeta deseja ir, conseqüentemente há o olhar para o espaço em que está, e surgem as perguntas do porque não querer estar ali, o que nos leva a refletir sobre a seca, o abandono, o colonialismo e todas as mazelas dos povos colonizados.

Em 1960, no último número de *Claridade*, Virgínio Melo<sup>52</sup> publica o poema “Vinte e quatro horas”, a temática da partida, o mar como rota de fuga e o horizonte como incógnita aparecem novamente como mote principal da angústia do eu-poético,

**Vinte e quatro horas**

Manhã cedo.  
Acordo  
E olho o mar.

Céu nublado  
Vagas raivosas  
Horizonte fechado.

E fico vago  
A ouvir roncar as ondas  
Impaciente como elas.

Meio dia.

O mundo já deu meia volta  
O sol está a meio do céu.  
Só eu estou  
No mesmo lugar.

Noite.

Silêncio na rua deserta.  
Os meninos estão a dormir.  
Tudo passou.  
Só quem ficou –

---

<sup>52</sup> Teobaldo Virgínio Assunção Nobre de Melo nasceu em “3. 1924, São Antão, Cabo Verde. Viveu alguns anos em Angola antes da independência. Vive dos Estados Unidos. 4. Estudos tardios. 5. Pastor Evangélico. Diretor da revista Arquipélago. Poeta. Ficcionista.” (GOMES e CAVACAS, 1997, p.319).

No horizonte fechado –  
Fui eu! (CLARIDADE, n.9, 1960, p.38-39)

Assim como no poema de Manuel Lopes as ações estão presentes somente no mar e no céu configurados nos movimentos das ondas e do sol, como se no mar e no céu estivessem presentes toda a possibilidade de movimento e na terra somente o silêncio e o passar do tempo de modo vago. Esteticamente em relação à Manuel Lopes não há importantes inovações, o poema, no entanto permite refletir que a evasão não é somente a busca por um lugar além dos limites de Cabo Verde, a criação de um lugar ideal, mas também o exílio do poeta em si mesmo.

No desenrolar das publicações o tema da evasão vai se configurando de diversas maneiras, por um viés mais crítico, o desejo de partir em busca do progresso, como no poema de Manuel Lopes, o desejo de partir de si mesmo, em busca da própria evolução como no poema de Virgínio de Melo, ou ainda numa proposta lírico-amorosa como no poema de Tomás Martins<sup>53</sup>, “Poema para tu decorares”:

### **POEMA PARA TU DECORARES**

Para Hortênsia

Eu, feito corsário de aventuras estranhas,  
um dia qualquer partirei  
numa caravela branca de velas brancas  
fazer o meu destino

Na estrada verde que irei sulcar  
As estrelas mostrar-me-ão o brilho dos teus olhos,  
o vento, sussurrando, trar-me-á o ruído do teu riso  
e outras caravelas brancas de velas brancas  
estarão agora à minha procura.

---

<sup>53</sup> Tomás Dantas Martins “3. 1926. Santo Antão/Cabo Verde. Viveu durante anos na Guiné, em Moçambique e em Portugal. 4. Ensino Secundário. 5. Funcionário Aduaneiro. Director de Alfândega. Elemento da Academia Cultural. Co-fundador da *Certeza*. Poeta.” (GOMES e CAVACAS, 1997, p. 322).

E, assim, nós iremos  
Quebrar com a pernas as nossas mãos árvores seculares,  
Abrir com os pés os espinhos do nosso caminho...  
E se algum dia eu voltar,  
numa caravela branca  
sem velas, sem mastros nem equipagem,  
quando eu chegar ao pé de ti  
cansado pelo fragor da luta,  
os pés rasgados pelos espinhos do caminho,  
as mãos ensanguentadas,  
o rosto convulso,  
sem a carícia das tuas mãos  
e o beijo da tua boca  
um grito para que eu volte  
para junto dos meus irmãos  
continuar no fragor da luta  
para a conquista do mundo... (CLARIDADE n.5, 1947, p.32).

Numa outra perspectiva evasionista o eu-poético refere-se a um mundo de aventuras para o qual partirá, tal qual um corsário. Não fala mais em deixar para trás sofrimento, desolação ou incompletude, mas sim a pessoa amada que, por sua vez, neste mundo ideal estará representado por elementos da natureza.

O mundo deixa de ser um espaço para fuga e passa a ser um lugar a ser conquistado. Os verbos partir, sulcar, ir, continuar, quebrar, mostram a partida para um mundo em que a ação faz despertar o lado heroico do eu-poético, o seu verdadeiro lugar. Como fuga, resta apenas o retorno aos braços e beijos da amada, um mero intervalo na luta pela conquista do mundo. O lugar da evasão é este espaço em que o eu-poético torna-se o amante herói, que agora parte em uma caravela branca a fazer seu próprio destino.

As temáticas da evasão e da emigração, presentes nas publicações da de *Claridade*, tornaram-se temas constitutivos da tradição literária cabo-verdiana no período que decorreram as publicações claridasas e o período posterior a essas divulgações, estando inclusive presentes em diferentes revistas que a sucederam e

também nas que coexistiram com ela. Mas com outras tendências estético-ideológicas, como no caso de *Certeza*, em que Arnaldo Carlos publica “Dois poemas do Mar”, logo em seu primeiro número: “Partir, deixar na terra o canto duma morna que o emigrante recorde.” (1944, p.3).

Mário de Andrade quando publica **Antologia Temática de Poesia Africana 1**: Na noite grávida de punhais, em 1976, coloca a insularidade como um dos grandes temas da poesia cabo-verdiana e salienta seu caráter específico ao destacar o papel do evasãoismo que tomou conta dos integrantes do grupo claridoso, poemas de Jorge Barbosa, Manuel Lopes, Pedro Corsino Azevedo e Osvaldo Alcântara. Alguns dos poemas que fazem parte da seleção feita pelo estudioso angolano foram também publicados em *Claridade*.

Mais significativa na prosa do que na poesia a emigração foi tema dos grandes romancistas da literatura cabo-verdiana, como Baltasar Lopes, com **Chiquinho**, Manuel Ferreira, com **Hora di Bai**, Manuel Lopes, com **Chuva Braba** e em tempos posteriores à *Claridade* como Orlanda Amarilis, Germando Almeida escritores que continuaram a explorar e a refletir sobre o tema da emigração em suas obras.

### 3.1.1 - A Geração que não vai para Pasárgada

Pasárgada é o lugar ideal, o lugar utópico, de sonhos, onde não há dificuldade, e onde todos os desejos se realizam. A partir dos anos de 1950 e 1960, no entanto, Pasárgada passa a ser rechaçada pelos poetas da chamada geração nacionalista, a geração da Nova Largada. Evadir-se já não era mais a solução, era preciso “consciencializar-se”. A principal acusação advinda da poesia contestatória

desta geração diz respeito, sobretudo, ao que eles alegavam ser a ausência de denúncia presente na literatura claridosa acerca dos desmandos do sistema colonial.

Gestada no seio da Casa dos Estudantes do Império, a geração nacionalista surgiu da união dos estudantes ultramarinos que iam à Metrópole para concluir seus estudos. Conhecida como “A geração de Cabral” teve como integrantes notórios poetas e literatos como Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto, Noémia de Sousa, Alda Espírito Santo e Francisco José Tenreiro. De acordo com Brito-Semedo, este grupo de jovens passou a discutir as ideias nacionalistas e dissemina-las a partir da Casa dos Estudantes do Império e do Centro de Estudos Africanos, organizado em Lisboa com objetivo de estudar África “como forma de combater a alienação a que estavam sujeitos os naturais das colónias” (2006, p.342).

É neste ambiente que surge o grupo da Nova Largada do qual faziam parte Aguinaldo Fonseca, Gabriel Mariano, Ovídio Martins, Manuel de Jesus Monteiro Duarte, José Leitão da Graça, Francisco Lopes da Silva, José Araújo e Onésimo Silveira, alguns desses jovens inclusive tendo colaborado em *Claridade*. A Nova Largada foi a primeira grande ruptura com a *Claridade*, tanto ideológico quanto na práxis poética. Isso porque a geração da revista *Certeza*, embora marcada por uma linha ideológica e estética mais sociológica e de linha materialista-histórica, foi considerada não uma ruptura, mas um aprofundamento dos ideais estéticos-formais do modernismo inaugurado pela *Claridade*. Para Almada “*Certeza* foi, no seu núcleo formal, uma forma de continuidade e existência da Claridosidade, isto é, o marco da nascença da segunda vaga claridosa” (1998, p.138).

Desse modo, quando surge este grupo de jovens com os ideais nacionalistas, cuja abordagem marxista dos problemas do homem do arquipélago povoam suas

publicações no *Suplemento Cultural do Boletim de Propaganda e Informação de Cabo Verde*, a proposta de uma nova literatura conscientizadora toma corpo. Importantes textos críticos-ensaísticos são publicados a respeito da cultura e literatura cabo-verdiana, dentre eles **Do funco ao Sobrado ou o Mundo que o Mulato Criou**, de Gabriel Mariano, **Consciencialização na Literatura Caboverdiana**, de Onésimo Silveira, **Apontamentos sobre a poesia caboveridiana**, de Amílcar Cabral, entre outros. A respeito das publicações no *Suplemento Cultural*, Almada evidencia que no campo sócio-cultural são explicitados,

[...] o papel do Negro e do Mulato na criação do nosso mundo, a abordagem marxista da problemática da escravatura e, no plano poético, a irredutibilidade do **anti-evasionismo**, a esperança afirmativa, uma forte denúncia e contestação social e um inconformismo ilimitado face à agudização de todas as crises ínsitas na situação cabo-verdiana, num contexto de busca das raízes autênticas da identidade crioula” (grifos meus) (1998, p.141).

A problemática levantada por Almada não havia até então sido apontada nas publicações realizadas em *Claridade* ou em *Certeza*, preocupadas mais em marcar os espaços culturais cabo-verdianos e a configuração de uma literatura com os pés fincados no chão crioulo.

Toda a discussão sobre o papel da literatura em Cabo Verde e o seu valor enquanto expressão artística nos diferentes momentos de sua formação é levantada por Amílcar Cabral em seu ensaio-crítico, **Apontamentos sobre a Poesia Cabo-verdiana** Cabral destaca que é preciso que os poetas cabo-verdianos encontrem o refúgio em sua própria terra, defendendo que a poesia deva encontrar e definir qual sua função social, a reciprocidade entre o complexo social e a obra poética é um

fato, resta saber se “tal obra constitui um bem ou um mal para aquele complexo, isto é, se o serve ou se trai” (1952, p.26).

Na linha contestatária inaugurada pelo grupo da Nova Largada, Amílcar Cabral convoca em seu ensaio-crítico a proposição de uma poética cuja função social tenha bases claras e bem definidas, que o poeta se volte para o povo ilhéu e para suas necessidades, na constante evolução da poesia cabo-verdiana, pois:

Ela tem de transcender a ‘resignação’ e ‘esperança’. A ‘insularidade total’ e as secas não bastam para justificar a estagnação perene. As mensagens da *Claridade* e da *Certeza* têm de ser transcendidas. O sonho de evasão, de desejo de ‘querer partir’, não pode eternizar-se. O sonho tem de ser outro, e aos Poetas – os que continuam de mãos dadas com o povo, de pés fincados na terra e participando do drama comum – compete cantá-lo. O cabo-verdiano, de olhos bem abertos, compreenderá o seu próprio sonho, descobrirá a sua própria voz, na mensagem dos Poetas” (1976 p. 28-29).

Ao poeta não caberia mais apenas o papel de observador, mas de ser a voz de seu povo, assim não há mais espaço para evasão. O lugar ideal surgirá da transformação de seu espaço:

**Poeta e povo**<sup>54</sup>

O povo grita) de fome.  
Muitos ouviram mas ninguém chorou.

O povo caiu na lama.  
Todos souberam, mas ninguém chorou.

O povo martirizado  
morreu em campos de concentração.  
Ninguém chorou.

Mas o poeta escreveu então  
o melhor poema de todos os poemas.

---

<sup>54</sup> O poema **Poeta e Povo** é publicado pela primeira vez na revista *Claridade* n.7, em 1949. É possível perceber assim que o primeiro espaço para as publicações dos poetas da Nova Largada foi a revista *Claridade*, que a despeito das limitações apontadas pelos próprios nova-largadistas tornou-se um espaço democrático para o pensamento literário e crítico-ensaístico a diferentes gerações de intelectuais cabo-verdianos.

A voz do poema não era a voz do poeta:  
era a voz do povo,  
o grito do povo, o choro do povo.

Os versos do poema choravam como o povo ...  
E o poeta, ao escrevê-los,  
chorava também com eles. (FONSECA, Aguinaldo, In: ANDRADE,  
Mario, 1976, p.44).

As temáticas da evasão e anti-evasão são ainda de grande interesse para estudiosos da literatura cabo-verdiana na contemporaneidade.

Eis como fios, às vezes invisíveis, subtis, da intertextualidade percorrem caminhos imprevisíveis. Manuel Bandeira de 1920 vai desembocar em Ovídio Martins da década de 60 e prolongar-se pelas gerações de poetas futuros. Dos poetas e dos críticos ou comentadores literários, tais como Mário Pinto de Andrade (angolano), Gabriel Mariano, Jaime de Figueiredo, etc., e mais recentemente Fernando Fragoso, quando ainda se encontrava no exílio, durante o colonialismo, publicava em 1974 uma pequena antologia, na Bélgica, intitulada *Renunciando Pasárgada...* (FERREIRA, 1989, p.161-162).

José Luis Hoppfer Almada revisita as discussões no artigo: “Que caminhos para a poesia cabo-verdiana?: Antigos e recentes debates e controvérsias sobre a identidade literária cabo-verdiana” e traça um paralelo entre o que chama de antigo e novo evasãoismo:

Diferentemente do antigo evasãoismo claridoso e da sua alegada postura resignativa e escapista em face das prementes necessidades e carências do povo caboverdiano (também ele, aliás, tematicamente problematizado pelos fundadores do nosso modernismo literário e por eles tornado sujeito principal dos enredos literários, mesmo se então a mercê da natureza madrasta e das seculares políticas de abandono colonial) o novo evasãoismo teria como característica diferenciadora e distintiva a fuga pura e simples ao tratamento de temática tipicamente caboverdianas e o enveredamento pela revisitação jubilatória, (des) sacralizante, ou mesmo, sarcástica, de mitos e ícones da cultura europeia ocidental, nela inserindo as margens mais proeminentes das suas periferias passadas e

presentes, reais ou imaginadas. Tratar-se-ia, assim de um evasimismo de cariz predominantemente temático, isto é, de uma escrita na qual Cabo Verde e as suas gentes, nas ilhas e diásporas, primariam pela ausência. (ALMADA, 2011, p.93).

Há neste novo evasimismo a negação do telurismo literário, a fuga da proposta de fincar os pés no chão crioulo. A busca pela legitimação estético formal da poesia “supostamente livre das cangas político-territoriais do nacionalismo identitário e das suas marcas eventualmente etnicizantes [...] (idem, p.93) tornariam esta nova literatura, segundo o crítico, digna “do universalismo literário” e, portanto, passível de reconhecimento nos grandes centros, a defesa do conceito literário de arte pela arte. Num claro movimento cíclico o novo evasimismo pode ser reportado às produções anteriores ao grupo Claridade, em que a temática da antiguidade clássica era uma constante nas produções poéticas. Lembremos de José Lopes, algumas escritas de Eugénio Tavares e Pedro Cardoso. Entre os novos evasionistas Almada aponta João Vário; (o vencedor do prêmio Camões) Arménio Vieira, Filinto Elísio Correia e Silva, para citar alguns nomes.

### 3.2 - “Tão silenciosa tragédia das secas nessas ilhas”

*Em terra  
nestas pobres Ilhas nossas  
és o homem da enxada  
abrindo lavadas à água das ribeiras férteis,  
cavando a terra seca  
nas regiões ingratas*

*onde às vezes a chuva mal chega  
onde às vezes as estiagem é uma aflição  
e um cenário trágico de fome! (Jorge Barbosa)*

Antonio Candido em sua pequena, porém complexa, obra **Iniciação à Literatura Brasileira** - na qual faz um resumo histórico da literatura brasileira a

partir de suas origens, focalizando seu processo de formação - , assinala que a literatura brasileira “não ‘nasceu’ aqui: veio pronta de fora para transformar-se a medida que se formava uma sociedade nova” (2010, p.12). Em Cabo Verde esse processo ocorreu de modo semelhante; em princípio com uma literatura importada de Portugal, o arquipélago crioulo teve que, por meio do desenvolvimento de instrumentos próprios, repensar um fazer literário dotado de características particulares.

Considerando que a ocupação de Brasil e Cabo Verde ocorreu também a partir de processos semelhantes de colonização e que posteriormente a literatura cabo-verdiana, na literatura brasileira, encontrou auxílio metodológico para o estudo das ilhas, graças à identificação com o meio físico e social, a fome será sem dúvida, uma das temáticas a constituir o elo com as gerações posteriores.

A evocação do homem ilhéu e seus problemas sociais é uma das marcas revolucionárias propostas pela *Claridade* no processo de formação e consolidação da literatura cabo-verdiana, a partir dos processos de criação e perpetuação de uma tradição literária.

Estes poetas, pela primeira vez na história da literatura culta de Cabo Verde, arrancam do próprio húmus. Pela primeira vez nas terras africanas de influência portuguesa se experimenta uma poesia de raiz. Uma poesia de raiz predominantemente telúrica e social. E por isso, se não era directamente protestária e militante era com certeza de denúncia (FERREIRA, 1975, p.88).

Assim o tema da fome acabou por ser um dos elementos de expressão dessa raiz telúrica e social proposta pelos poetas da *Claridade*.

No entanto, quando os intelectuais dos anos de 1930 em Cabo Verde

buscaram tratar da realidade das ilhas, para então forjar uma literatura voltada exatamente para o chão do arquipélago, assuntos como a fome não podiam ser ignorados, uma vez que faziam parte do cotidiano crioulo. O retorno à terra, compreendida como mãe-terra (mátria), coloca o sujeito das ilhas em estreita relação com o ambiente que o constitui e que é constituído por ele<sup>55</sup>.

O arquipélago de Cabo Verde tem, sistematicamente, sido marcado por constantes crises no decorrer de sua história, desde a chegada dos portugueses. Durante o governo colonial tais crises, provocadas principalmente pelas condições climáticas, tiveram na falta de ação governamental fatores capitais para seu agravamento<sup>56</sup>. Esse drama, desde o surgimento de *Claridade* está presente na literatura no arquipélago, se não como instrumento de ação militante, ao menos como denúncia, uma vez que o contexto histórico-político das colônias não era propício a livre criação literária e crítica a época.

Em depoimento, para a edição fac-similada organizada por Manuel Ferreira em 1986, na ocasião das comemorações aos 50 anos de *Claridade*, Baltasar Lopes fala do contexto de surgimento da revista e quais os entraves políticos presentes para a total autonomia da publicação,

Logo naqueles terríveis anos trinta, com Mussolini e Hitler berrando pelas Europas e ameaçando este mundo e o outro, com os seus afluentes prontos a imitá-los, tal o Doutor Salazar em Portugal, de que dependíamos politicamente, Salazar e sua censura implacável, que não deixava passar qualquer vislumbre de autonomia do espírito, precursor, na sua óptica, de uma actuação virada para a independência das colónias; censura que, inclusivamente, não admitia nem tolerava o emprego em público da palavra fome, porque,

---

<sup>55</sup> O romance “Flagelados do Vento Leste” de Manuel Lopes é um clássico exemplo na literatura cabo-verdiana da relação concreta do homem com sua terra. A seca, a fome e a luta pela sobrevivência.

<sup>56</sup> A economia de Cabo Verde foi por muito tempo (e continua sendo em algumas ilhas), única e exclusivamente do tipo agropecuária e, assim, dependente dos fatores climáticos para seu desenvolvimento.

a haver a fome, isto seria um atestado de incapacidade da administração colonial portuguesa... (In: FERREIRA, 1986, p. XIV).

O depoimento apresentado por Baltasar Lopes vai também no sentido de atuar contra as críticas feitas pelos que polemizaram sobre o papel não assumido pela *Claridade*, de uma crítica mais marcadamente combativa.

Nas publicações realizadas a partir dos anos de 1930, o drama da fome está necessariamente ligado às crises de seca ocorridas no arquipélago. António Carreira em **Cabo Verde** (aspectos sociais. Secas e Fomes do século XX) (1984), com um detalhado estudo das consequências na vida do arquipélago desde a primeira grande crise ocorrida no século XX (1901-1904) à grande crise de 1947-1948. A partir de dados, registros oficiais, depoimentos e testemunhos, considerando “os condicionalismos sociais e políticos de cada época” (p.21), elabora a transcrição dos acontecimentos dos períodos estudados. De acordo com Carreira, Cabo Verde, no século XX enfrentou 8 grandes crises de seca e fome: 1901-1904; 1911-1915; 1916-1918; 1921-1922; 1923-1924; 1941-1943 e 1947-1948. A respeito da relação do povo cabo-verdiano com a natureza, Manuel Lopes registrou em 1937, na revista *Claridade*, n.3,

A luta entre o caboverdeano e a natureza é heroica. (Porque há que lutar, lutar de qualquer maneira para a conservação da espécie). O drama reside na penosa constatação de que a natureza é, em Cabo Verde, tão rebelde e diabólica, que o homem não consegue vencê-la, que o homem antes de tudo é vítima dela. [...] Deve-se antes de tudo concordar que natureza que envolve estas dez ilhas, desqualifica o homem. (CLARIDADE, n.3, 1937, p.9).

Durante a grande crise de 1941-1943, talvez a mais trágica de todas, por ter causado maior taxa de mortandade (36.199 pessoas), houve por parte do governo

colonial português uma tentativa de precaver o arquipélago de futuras tragédias relacionadas à estiagem, uma vez que, conforme as datas apresentadas acima, já provara ser um fenômeno de ocorrência periódica. De acordo com Antonio Carreira, no entanto, o inspetor enviado pela metrópole para realizar o estudo nada produziu a respeito, uma vez que anos depois, em 1947, Cabo Verde se viu frente a uma nova crise tão grave quanto a anterior.

Diante da problemática envolvendo a seca e a fome no arquipélago de Cabo Verde, o estudioso chega à constatação nem um pouco surpreendente: a, de que o grupo em que ocorreu maior mortalidade foi a população mais pobre, com menos recursos (classificado como pretos e mistos), “A mortalidade dos classificados de ‘brancos’ é a normal em qualquer período” (idem, p.104).

A literatura, em todo esse contexto de crises recorrentes, procurou captar os condicionalismos climático a que o arquipélago estava condenado, as terras estéreis, inóspitas foram cantadas em prosa e verso e também foram objeto de reflexão, por meio dos ensaios críticos-sociológicos publicados a partir dos anos de 1930:

A seca e a fome constituíram todo um quadro espectacular e hediondo que repercutiu largamente em toda a vida e atitude do cabo-verdiano, com reverberações marcantes na historiografia e literatura das ilhas. Mas Cabo Verde é um caso típico da capacidade de resistência e de adaptação do Homem” (SPINOLA, 1998 p. 53).

Nas publicações da revista, a fome e a seca aparecem muito mais marcadas nos textos que expressam a esperança das chuvas, a chuva capaz de germinar a

terra semeada em pó<sup>57</sup>, ou nos textos que falarão da emigração, a necessidade humana de sobrevivência e nas análises acerca das características do sujeito cabo-verdiano e o sua mundivivência.

Mais tarde, com as gerações posteriores, a temática da fome aparecerá por meio da expressão militante dos novos poetas, como poderemos notar nas produções de poetas ligados a revista *Certeza* e ao grupo da Nova Largada.

Para a análise dos textos que se referem ao drama da fome e da seca no arquipélago selecionamos: os poemas “Mamã” de Osvaldo Alcântara, pseudônimo de Baltasar Lopes (CLARIDADE, n.2, 1936), “Crianças” de Jorge Barbosa (CLARIDADE, n.2, 1936) e os textos em prosa “Herança” de Virgílio Avelino Pires (CLARIDADE, n.5, 1947), Egídio e Job de Baltasar Lopes (CLARIDADE, n.9, 1960).

Osvaldo Alcântara (pseudônimo poético de Baltasar Lopes) publica na *Claridade* n.2 (1936) o poema “Mamã”, um canto de esperança para a mãe-terra, adormecida e impossibilitada de alimentar seus filhos,

**Mamã**

Mamã-Terra,  
venho rezar uma oração ao pé de ti.  
Teu filho vem dirigir suas súplicas a Deus  
Nossenhor  
por êle  
por ti  
pelos outros teus filhos – espalhados  
na superfície cinzenta do teu ventre mártir,  
Mamã-Terra

Mamãzinha,  
dorme, dorme,

---

<sup>57</sup> Semear em pó é uma técnica de plantio usada por agricultores em Cabo Verde, consiste em semear a terra antes da chegada das chuvas, que ocorrem em média a cada 9 meses, e esperar. Nos períodos de estiagem essa contagem de tempo não é confiável. Esse tipo de plantio é bastante arriscado, pois se a chuva demora as sementes podem se perder, apodrecendo ou sendo comidas pelos pássaros ou, em caso de chuvas intensas, a água em excesso pode impedir que as sementes germinem.

mas, pela Virgem Nossa Senhora,  
quando te acordares  
não te zanges comigo  
e com os outros meninos  
que se alimentam da ternura das tuas entranhas

Mamãzinha,  
eu queria dizer uma oração  
mas não posso;  
minha oração adormece  
nos meus olhos, que chora da tua dôr  
de nos queres alimentar  
e não poderes.

Mamã-Terra  
disseram-me que tu morreste  
e foste sepultada numa mortalha de chuva.  
O que eu chorei!

Sinto sempre tão presente no meu coração  
o teu gesto de te levatares  
buscando o pão para as nossas bôcas de criança  
e nos dirigires a consolação das tuas palavras  
sempre animadoras ...

Eu procurei o teu túmulo  
e não o encontrei.  
E depois,  
na minha dôr de filho angustiado,  
me disseram que te haviam sepultado  
numa migalha de terra  
no meio do mar.

Embarquei num veleiro  
e fui navegando, navegando...

Não morreste, não, Mamãzinha?  
Estás apenas adormecida  
para amanhã te levatares.  
Amanhã quando saíres  
eu pegarei o balaio  
e irei atrás de ti,  
e tu sorrirás para todo o povo  
que vier pedir-te a bênção.  
Tu nos deitarás a bênção.  
E eu me alimentarei do teu imenso carinho...

Mamãzinha, afasta-te um bocadinho  
e deixa o teu filho adormecer ao pé de ti... (CLARIDADE, n.2, 1936,  
p. 7).

O eu-poético em atmosfera de apelo, clama à mãe-terra o despertar. Embora o afirme que “eu queria dizer minha oração, mas não posso”, o tom que permeia toda a construção poética é de súplica, quase uma oração, marcado pela religiosidade católico-cristã, elemento constitutivo da formação cultural de Cabo Verde, herança da colonização portuguesa do arquipélago.

A inspiração nos sentimentos infantis, enunciada pelos versos que remetem ao universo das crianças (“não te zangues comigo e com os outros meninos”, “mamãzinha”), conferem ao poema a marca da certeza de que, para o eu-poético, a “mamã-terra” nunca deixará de ver seus filhos como meninos que precisam de proteção, “imenso carinho” e, principalmente, serem alimentados, função que pode ser ocupada somente pela mãe que provém seus filhos. A “mamã-terra” é Cabo Verde, esquecida e sepultada: “me disseram que te haviam sepultado / numa migalha de terra / no meio do mar”, esquecimento que seu filho se recusa a aceitar. O despertar da terra, que virá cheia de bênçãos é o que move o eu-poético preso à esperança pelo despertar da mãe-terra “sepultada numa mortalha de chuva”.

Ao contrário dos poemas que tem na evasão um meio de escapar dos dramas infligidos pela esterilidade da terra, o eu-poético de “Mamã-Terra” não procura outro lugar e sim expressa à Mãe-Terra o desejo de, “adormecer ao pé de ti...” na esperança das chuvas. No poema de Osvaldo Alcântara embora identifiquemos que a fome é a temática a traduzir o sentimento do poeta, em nenhum momento há a menção do termo propriamente dito. Assim o poeta recorre aos implícitos para tratar da escassez de alimentos: a terra que quer, mas não pode alimentar, a terra sepulta, a terra adormecida, terra que, no entanto, “amanhã” se levantará e alimentará seu povo.

Numa linha um pouco diferente, em 1958, Jorge Barbosa apresenta na *Claridade* n.8 um texto em que tratará da fome de um modo mais incisivo e direto. Barbosa fala da indiferença com a qual são tratadas as crianças pobres e famintas das ilhas em confronto com a preocupação dispensada pela alta sociedade, provavelmente a portuguesa, em relação às crianças de outras partes de mundo.

**Crianças** (Para Arnaldo França)

[...]

Quermesses

rifas

leilões

tômbolas

a favor das crianças

chinesas

argentinas

italianas

húngaras

sob o patrocínio de damas importantes  
louçadas depois nas revistas ilustradas

[...]

Há também as crianças pobres

do povo das nossas ilhas

mas é um caso apenas

sem importância nenhuma

e ninguém sabe

ninguém dá por isso.

Temos também aqui

crianças sem roupa

sem lar e sem pão

[...]

levando cargas à cabeça

por caminhos longos e ásperos

que os rastros do povo deixou marcados

na terra endurecida e no basalto

dos descampados e dos montes

ignoradas crianças

[...]

Temos também as crianças

pobres das ilhas

mas é também um caso apenas

sem importância nenhuma

gota de água caída

no oceano vasto das crianças

chinesas

argentinas

italianas

húngaras.

Ninguém sabe  
ninguém dá por isso  
a rádio não fala  
os jornais não em  
ninguém telegrafia. (CLARIDADE, n.8, 1958, p.25).

No poema de Jorge Barbosa há a desvinculação que sempre aparece nos textos cabo-verdianos entre fome e seca. Vemo-nos diante de um poema denúncia no qual o enfoque é dado à indiferença dispensada à situação vivida em Cabo Verde e não mais ao condicionalismo do clima.

Assim como no poema de Osvaldo Alcântara, a fome, resultado das longas estiagens a que o arquipélago é ciclicamente submetido, aparece em contraposição com a esperança da chuva, Como é possível ver no texto “A Herança”, de Virgílio Avelino Pires<sup>58</sup>. A temática da fome estará presente também nos textos críticos-ensaísticos e ficcionais de *Claridade*.

“A Herança” conta a história de Puxim, um lavrador marcado pelo sofrimento vivido na seca, na qual perdera toda sua família, esposa e três filhos e sua relação com a terra, sua única herança. A terra também materializada como mãe que, em tempos de estiagem adormece para despertar com a chuva enviada por Deus.

Na narrativa de Pires, a fome fica no passado, pois a chuva já viera e pintara de verde toda a paisagem diante dos olhos da personagem, Puxim: “Puxim abrangeu com a vista toda a boa terra de Cumbém. Tudo estava verde até a Assomada, até Bolanha. Dou outro lado, até ao Junco, e muito mais para cima, até o monte Pico de Antónia” (CLARIDADE, n.5, 1947, p.55).

---

<sup>58</sup> Virgílio Avelino Pires, “1935 Santiago/ Cabo Verde. Viveu alguns anos em Angola. Funcionário dos serviços administrativos. Poeta, Contista” GOMES e CAVACAS, 1997, p. 322).

Como que em um diálogo com o poema “Mamã”, o narrador de “A Herança” refere-se ao período de dormência da terra, finalizado com a chegada das chuvas: “Deus mandara chuva e a fome já não metia medo a ninguém. A terra acordara. Sim, porque a terra não morre. No tempo da crise dorme, mas acorda logo que Aquele Homem manda a velha emborcar o carmã” (idem).

A exemplo do poema, a religiosidade também aparece na narrativa, a intervenção divina é a possibilidade de novos tempos, que de fato chegaram, e que não foram capazes de apagar as lembranças dolorosas dos tempos de crise,

Puxim reviu tudo isto e, dolorosamente, deixou que as recordações continuassem a torturá-lo.

André morreu em plena crise. Daquela vez, Puxim pensou que ele próprio ia morrer. Estava velho e muito fraco. Mas, mais do que a fome, doía-lhe ver os filhos enfraquecidos, com os corpos cheios de rebentos (CLARIDADE n.5, 1947, p.55).

Há, pelo narrador, uma alternância no modo como se refere a Deus, nos momentos de carestia e sofrimento “Aquele Homem” e nos momentos de tranquilidade e conformismo “Deus”, o que nos leva a uma reflexão feita por Manuel Lopes em seu ensaio, publicado no n.3 de *Claridade* acerca da especulação sobre a indolência do sujeito cabo-verdiano. A capacidade dos sujeitos do arquipélago de resistirem às intempéries, ou a alternância entre momentos de crise e alimento, não o torna um indivíduo apático, sua própria postura diante de Deus, o modo como a ele se refere, é um indicativo de que não há qualquer resignação nos desígnios da natureza ou divinos.

A fome, acompanhada do drama da estiagem, perpassará uma gama de textos presentes em *Claridade*, se não como temática principal, como elemento

constitutivo das lembranças, da história e da formação da identidade do cabo-verdiano. Como nos excertos do romance **Chiquinho**, de Baltasar Lopes. Romance fundador da literatura cabo-verdiana moderna, o drama da seca está presente na narrativa do menino, que relembra sua infância, sua formação humana e intelectual, na ilha de São Vicente. Como no conto “Egídio e Job”, em que a personagem Egídio relata um momento de sua vida duramente marcado pela fome,

- Naquele tempo, eu vivia já nos lajedos, veio a fome eu mal tinha com que aguentar o corpo. O Snr. sabe, eu sou trabalhador de jornal. A gente ganha 4 ou 6 mil réis por dia. Não dá pra nada. Para comer, quanto mais para vestir. Um dia senti-me doente. Não pude ir ao trabalho. A fome cada vez mais visita meu castelo [...] (CLARIDADE n.9, 1960, p.62).

Os anos de crise e mortandade criaram no imaginário cabo-verdiano, e transposto para a literatura, a imagem da resistência do povo ilhéu, resistência em seu próprio espaço, as ilhas, ou fora dela, na diáspora.

O que se depreende dos textos literários e não literários publicados em *Claridade*, a respeito do enfrentamento que este faz da grave situação climática do arquipélago, é que a resistência do cabo-verdiano reside mais em sua capacidade de adaptação às condicionalidades do meio do que a uma relação propriamente de combate a esse meio.

### **3.3 - Cabo Verde e Brasil: Ressonâncias de outras latitudes**

Um dos aspectos mais explorados acerca do período claridoso, enquanto momento chave da formação da literatura cabo-verdiana, seja sua identificação e

diálogo com a literatura brasileira. Fartamente explorado em estudos comparativos com as produções literárias de brasileiros como Manuel Bandeira, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e tantos outros escritores regionalistas e modernistas, o projeto empreendido pelos homens dos anos de 1930 em Cabo Verde resultou do intenso contato com as obras dos escritores brasileiros e serviram de motivação às ideias acalentadas de longa data pelos jovens cabo-verdianos.

Mesmo antes da revolução no campo literário ocorrida em Cabo Verde nos anos de 1930, a literatura brasileira já se fazia presente na literatura cabo-verdiana, nas mais diversas formas, por meio de dedicatórias a escritores brasileiros ou menções na imprensa de uma ou outra obra brasileira, nas palavras de Manuel Ferreira, neste período, “[...] de forma a mais variada o Brasil fixou-se na poesia caboverdiana” (1986, p. XXVIII). Com o surgimento do grupo Claridade este contato aprofundou-se por meio do diálogo estético, pela intertextualidade e ainda por meio de estudos mencionados em ensaios teóricos-críticos inspirados nos intelectuais brasileiros.

Em depoimento de Baltasar Lopes mencionado no Prefácio à edição fac-similada de *Claridade* em 1936 - organizada por Manuel Ferreira - , o autor de Chiquinho explica que o aprofundamento do diálogo com a literatura brasileira se deu sobretudo pelo interesse que os intelectuais organizados em torno dos ideais da *Claridade* tinham em encontrar os meios metodológicos que os auxiliasse no estudo de suas raízes e na formação social de seu arquipélago. Na ausência de tais recursos entre os intelectuais do grupo e sendo os estudos portugueses distante da realidade e interesse do grupo (por essa altura já haviam tido o primeiro contato com as ideias presencistas), o Brasil foi a resposta que procuravam.

Isso porque o modernismo e o regionalismo brasileiros foram o equivalente no Brasil ao “finçar os pés no chão”, a expressão genuína do nacionalismo na literatura brasileira. Desse modo, o rompimento ocorrido no Brasil com tudo o que era “de fora”, a identificação na literatura do meio social e físico (regionalismo principalmente) e o rompimento com um modelo estético engessado, com a adoção dos versos livres foram os aspectos que contagiaram os jovens cabo-verdianos.

Não admira, pois, o ‘alumbramento’ dos poetas cabo-verdianos pela poesia brasileira. Havia à sua volta uma realidade social que nunca teria participado dos textos e mal souberam, anteriormente, como fazê-lo. E, de repente, cai-lhes diante dos olhos o Jorge de Lima, o Marques Rebelo, o Manuel Bandeira, o Ribeiro Couto, o Drummond de Andrade, sei lá mais quantos. Era o compêndio, o modelo, isto é, a fórmula sagrada. Bastava pegar nela e aplicá-la no território circundante. Porque o resto estava tudo dentro dos poetas da *Claridade*: conhecimento, sentimento, adesão, emoção – e determinação (FERREIRA, 1989, p.156-157).

Manuel Ferreira aponta que o diálogo com a literatura brasileira se estendeu também aos demais países de língua portuguesa. Para o surgimento e desenvolvimento do neo-realismo português, por exemplo, teve importância capital o contato com a literatura brasileira, e mesmo com o acirramento imposto pelo salazarismo, que não permitia a leitura de determinadas obras brasileiras em seu território, a saber, Graciliano Ramos e Jorge Amado, encontrou meios e modos de acesso a essas obras em Portugal e nas colônias portuguesas na África.

O resultado deste contato foi o surgimento de importantes publicações literárias nos territórios dominados por Portugal na África, como a revista *Mensagem* em Angola (Luanda, 1951-1951), a revista *Msaho*, em Moçambique (1952), *Ilha de nome Santo*, em São Tomé e Príncipe (1943) e *Claridade*, em Cabo Verde (1936).

Expresso de maneira diferente entre as antigas colônias portuguesas, Manuel Ferreira afirma que foi em Cabo Verde que “tal fenômeno (o diálogo com a literatura brasileira) atingiu maior expressão e profundidade” (1989, p. 150). *Claridade* representou o “desabrochar” de uma nova mentalidade em Cabo Verde e a literatura brasileira foi a grande responsável por isso.

Selecionamos para análise do diálogo entre Brasil e Cabo Verde os textos: crítico-ensaísticos “Palavras sobre Cabo Verde para serem lidas no Brasil” de José Osório de Oliveira (CLARIDADE, n.2, 1936), “Apontamento” de João Lopes (CLARIDADE, n.1, 1936), “Interpretações: Clarissa e a arte de Érico Veríssimo (Das notas para um estudo sobre a obra do romancista).” de António Aurélio Gonçalves (CLARIDADE, n.4 e 5, 1947); e os poemas “Carta para Manuel Bandeira” de Jorge Barbosa (CLARIDADE, n.4, 1947) e “Saudade no Rio de Janeiro” de Osvaldo Alcântara (CLARIDADE, n. 8, 1958).

Identificado como uma das forças motrizes do aparecimento de *Claridade*, o Brasil é carinhosamente lembrado no texto “Palavras sôbre Cabo Verde para serem lida no Brasil”, do português José Osório de Oliveira, fundamental colaborador para a formação da mentalidade modernista em Cabo Verde. O texto de José Osório intenta uma trajetória inversa a que até então os intelectuais cabo-verdianos viviam, o contato com o Brasil. José Osório pretende que os brasileiros possam conhecer um pouco de Cabo Verde, seu povo, sua relação com o ambiente, sua relação com o conhecimento e seu modo de estar no mundo. Na linha do que havia até então apresentado Manuel Lopes em seus ensaios, e discutidos por nós anteriormente, o autor português, exalta a característica de resignação do cabo-verdiano, mesmo quando o Destino (com letra maiúscula) exige atitude de contrária. A resignação é

reflexo, segundo o autor, de sua amorosidade e de seus sentimentos afetivos por tudo que o cerca.

Aos brasileiros, José Osório destaca que esse sentimento precisa ser combatido no povo cabo-verdiano e que essa é a luta dos homens cultos do arquipélago. É interessante perceber que, em seu discurso contra o comportamento do povo crioulo, está presente somente a crítica à postura deste frente ao que ele chama de Destino, no entanto não fica claro aos brasileiros o que seria este destino.

Perceberemos que ele não se refere ao peso do fato colonial, uma vez que faz a defesa deste ao afirmar que a inteligência dos homens da *Claridade* é uma prova de que a colonização portuguesa obteve sucesso em Cabo Verde, talvez se refira à seca e a fome, como se coubesse somente ao cabo-verdiano, e não aos seus governantes, o combate às constantes crises de estiagem no arquipélago.

No desenrolar das palavras direcionadas aos brasileiros percebemos que o objetivo de José Osório é mostrar que existe em Cabo Verde um grupo de jovens que se destaca dessa população e que os brasileiros que receberão sua epístola compreenderão que Cabo Verde é uma prova da excelência da colonização portuguesa na África, “O alto nível mental dos caboverdeanos é, há muito, uma das maiores provas da excelência da colonização portuguesa e da nossa capacidade civilizadora” (CLARIDADE, n. 2, 1936, p.4). Esses jovens munidos com os instrumentos fornecidos pela literatura brasileira formaram a *Claridade*, que para José Osório carregam,

[...] a firme certeza de que esse grupo de jovens com a sua revista e os seus livros hão de entrar no porto trazendo a sua mensagem. Que os brasileiros a recebam como se irmãos seus a subscrevessem, porque como irmãos os consideram os caboverdeanos. E que nós portugueses do Continente, saibamos ver nesse entendimento de

brasileiros e caboverdeanos a melhor prova da universalidade da nossa acção espiritual, nossa glória eterna (CLARIDADE, n.2, 1936, p. 4).

As palavras de José Osório de Oliveira são emblemáticas pela defesa que fazem da pátria portuguesa, o que não iria se repetir nos demais números de *Claridade*. O novo discurso literário, trazido pelos claridosos, cuja veia inspiradora viera do Brasil, objetivava desvincular as produções literárias subsidiadas até então pela literatura portuguesa. E não apenas isso, nos textos críticos-ensaísticos, presentes na *Claridade*, observamos a busca por essa desvinculação, ao vermos uma postura de análise do ambiente crioulo que encontra nos estudos de teóricos brasileiros os subsídios para análise, como é o caso do ensaio “Apontamento”, de João Lopes, publicado no n.1 da revista.

No ensaio de João Lopes, diretor de *Claridade* de 1942 a 1960, é notório o diálogo direto com o momento histórico cultural brasileiro e destaca o modo como os cabo-verdianos estavam com os olhos voltados para o lado de cá do Atlântico.

Na esteira das discussões trazidas por Gilberto Freyre em **Casa Grande & Senzala**, cuja primeira edição data de 1933, ou seja, três anos antes do surgimento de *Claridade*, João Lopes traça um paralelo entre a formação social cabo-verdiana e brasileira. Evidenciando que os elementos e materiais insuficientes para sua análise e dadas as semelhanças de constituição sociocultural entre Brasil e Cabo Verde, nada mais natural que “preencher as lacunas” com os estudos realizados no Brasil.

A assimétrica ocupação portuguesa do território cabo-verdiano, segundo João Lopes, criou em Cabo Verde, dois tipos distintos de cultura, dualidade que determinará as condições econômico-agrícolas do arquipélago. Nas ilhas do

Sotavento, mais precisamente Santiago, onde está localizada a capital do país, a presença dos latifúndios e o intenso emprego da mão de obra escrava marcou o desenvolvimento das manifestações culturais, de um modo geral, presentes naquela ilha. De acordo com Lopes, a baixa interpenetração de culturas em Santiago resultou em um importante ônus para os santiaguenses que não puderam usufruir das benesses da miscigenação.

Por outro lado, nas ilhas do Barlavento, onde estão localizada as ilhas de São Vicente e São Nicolau, por exemplo, a adoção do minifúndio de agricultura familiar não permitiu o desenvolvimento da segregação imposta pela escravidão presente no latifúndio, o que se deve principalmente pelo fato de que na agricultura desenvolvida nos minifúndio, não havia condições financeiras para o emprego de vasto número de africanos escravizados, houve neste espaço uma maior reciprocidade e compensação entre o negro africano e o colono português e, portanto um processo mais intenso de miscigenação. De acordo com João Lopes as propriedades do Barlavento “patriarcalizaram-se”, transformando senhores e escravo em família.

Se por um lado, João Lopes nos aponta que a ilha de Santiago não se beneficiou da miscigenação, por outro, aponta que a manutenção de certas tradições de origem africana só puderam permanecer presentes na vida dos caboverdianos porque, de certa forma, houve, pelos escravizados, a preservação dessas tradições, costumes e conhecimentos trazidos da África.

“Santiago é em parte um compartimento estanque em Cabo Verde. Seus batuques invocando na insistência monocórdica do cimbó o que ficou lá longe, em África. As tabancas anunciadas por meio de cornetas de chifre de boi, com as suas missas grandes, em que num curioso sincretismo religioso as bandeiras são solenemente benzidas na igreja matriz. A fé nos bruxedos e histórias de malassombrados. A magia negra. Muita gente vai veladamente aos sítios recônditos do interior ter com o homem da magia negra para este botar o inimigo

da tamborona, mediante mechas de cabelo, fotografias e roupas de baixo” (CLARIDADE n.1, 1936, p. 9).

O apontamento de João Lopes é uma indicação de como a *Claridade* fundou as bases para seu pensamento e suas opções metodológicas e temáticas. Ao aliar a inovação do modernismo brasileiro e a definição do regional como espaço de prática desta inovação, a literatura cabo-verdiana do período claridoso materializou, em sua literatura, duas facetas do importante momento vivido pela intelectualidade brasileira nos anos de 1920 e 30, o modernismo do eixo Rio-São Paulo e o regionalismo pernambucano cuja figura principal é o antropólogo Gilberto Freyre. Freyre é mencionado nas considerações acerca da formação social e cultural do arquipélago apontadas por João Lopes, que esclarece: “A evolução tem de fazer-se, como destaca Gilberto Freyre para o Brasil, no sentido de todas as forças de cultura terem inteira oportunidade de expressão criadora” (1936, p. 9).

O movimento modernista cabo-verdiano, representado pela ação dos jovens integrantes do grupo *Claridade* e materializado nas publicações dos nove números da revista homônima, de acordo com Manuel Brito-Semedo (2001), teria como um dos momentos decisivos a libertação formal impulsionada pela revista *Presença* e pelo modernismo brasileiro. Manuel Bandeira foi, sem dúvida, dentre os poetas modernos brasileiros, que maior impacto provocou nas produções poéticas dos participantes da revista *Claridade*.

#### **Carta para Manuel Bandeira**

Nunca li nenhum dos teus livros.  
Apenas já li  
a Estrela da Manhã e alguns poemas teus.  
Nem te conheço  
porque a distancia é imensa  
e os planos das minhas viagens nunca passaram

de sonhos e de versos.  
 Nem te conheço  
 mas já o teu retrato numa revista ilustrada.  
 E a impressão do teu olhar vagamente triste  
 fez-me pensar nessa tristeza  
 do tempo em que eras moço num sanatório da Suíça.

Aqui onde estou, no outro lado do mesmo mar,  
 tu me preocupas, Manuel Bandeira,  
 meu irmão atlântico.

Eu faria por ti qualquer coisa impossível.  
 Era capaz de procurar a Estrela da Manhã  
 por todos os cabarés  
 por todos os prostíbulos.  
 E eu ta levaria  
 “pura ou degradada até à última baixeza”

Bateria de manso  
 à porta dos teus apartamentos de poeta solitário  
 ali na Avenida Beira-Mar do Rio de Janeiro.  
 Terias qualquer pressentimento  
 porque se fosses pôr a vitrola a funcionar  
 riscarias o disco,  
 se estivesses a escrever na máquina portátil  
 deixarias o poema no meio.

E virias abrir-me a porta.

Então  
 sem qualquer palavra  
 eu te passaria a Estrela da Manhã.

Depois voltaria tranquilamente para a minha ilha  
 No outro lado do Atlântico.  
 E traria saudades do teu sorriso sem ressentimentos  
 Sem orgulho  
 Que eu descobriria naquele instante  
 Através da porta entre-aberta. (CLARIDADE n.4, 1947, p. 25).

Jorge Barbosa foi um dos poetas que maior convívio teve com a obra de outros poetas brasileiros. De acordo com Manuel Ferreira, Jorge Barbosa, em suas criações poéticas, apresenta “[...] um jeito linguístico, que revela o conhecimento do outro e o modo como o outro utiliza a linguagem comum” (1989, p.164). Ao analisarmos o texto “Carta para Manuel Bandeira”, fica evidente a opção pela

simplicidade na escrita. O texto não se estrutura em prosa, como uma carta, mas sim em versos brancos, ao estilo dos modernistas brasileiros. O sujeito poético empreende um diálogo com o poeta brasileiro a partir do poema “Estrela da Manhã” e declara abertamente a admiração que nutre por Bandeira, ao qual se refere como “irmão atlântico”. O impacto da obra de Manuel Bandeira na produção do escritor cabo-verdiano se concretiza em sua carta, não para repetir as estruturas, mas de modo a transformá-la e atualizá-la de acordo com o contexto, o que se pode observar na passagem: “Nem te conheço / porque a distância é imensa / e os planos das minhas viagens nunca passaram / de sonhos e de versos./ (...) / Aqui onde estou, no outro lado do mesmo mar, / tu me preocupas, Manuel Bandeira, / meu irmão Atlântico (*idem*)” (CLARIDADE, n.4, 1947, p.25).

“A distância imensa” materializa a ideia do isolamento, tão recorrente literatura cabo-verdiana: o mar, que ao mesmo tempo significa a possibilidade da saída, é o motivo que a impede. As viagens para o poeta cabo-verdiano podem, no entanto, realizar-se a partir dos sonhos e da poesia, o mar é o elo entre Brasil e Cabo Verde.

A busca feita por Bandeira pela estrela da manhã é retomada pelo poeta: “Eu faria por ti qualquer coisa impossível. / Era capaz de procurar a Estrela da Manhã / por todos os cabarés / por todos os prostíbulos. / E eu ta levaria / 'pura ou degradada até a última baixeza” (*ibidem*).

O eu poético utiliza a linguagem do outro em um diálogo direto com a obra do brasileiro, “pura ou degradada até a última baixeza”. A tão propagada busca pela Estrela da Manhã realizada por Bandeira é, de uma maneira solidária, compartilhada pelo poeta Jorge Barbosa. Por meio do recurso da gradação, o autor cabo-verdiano

constrói a trajetória da procura pela estrela, o mesmo se pode observar no poema de Manuel Bandeira: “Fui assassino e suicida/ Ladrão, pulha, falsário” (BANDEIRA, 1974, p.96).

Jorge Barbosa, em sua carta, escreve uma resposta aos apelos de Bandeira e coloca-se como o amigo para qual Bandeira se dirige para pedir que busque a estrela que tanto procura. A linguagem coloquial presente na carta é também reveladora do conhecimento que o poeta cabo-verdiano tinha do estilo de Manuel Bandeira. Em outras palavras, o tom coloquial em si e a estrutura do texto demonstram a dialética presente na escrita de Jorge Barbosa.

O desejo de realizar o sonho do “irmão atlântico” seria capaz de fazê-lo vencer a “distância imensa”, simplesmente para ter como retribuição um “sorriso sem ressentimentos”. Se o discurso do poema de Bandeira demonstra desalento e urgência, o sujeito poético da “Carta a Manuel Bandeira” materializa a promessa e a serenidade, justamente o que seria retomado com a volta da Estrela da Manhã: “Te esperarei com mafuás novenas cavalhadas / [comerei terra e direi coisas de uma ternura tão simples / Que tu desfalecerás” (CLARIDADE, n.4, 1947, p.25). Maria Aparecida Santilli assinala:

Este ingresso no universo brasileiro pela ponte da poesia que Bandeira representa, leva o poeta cabo-verdiano a resvalar pelo horizonte do sonho em que se converte este comprazer de solidariedade poética (2007 p. 26-27).

Observemos o que afirma Jorge Barbosa: “Depois voltaria tranquilamente para a minha ilha / no outro lado do Atlântico. / E traria saudades do teu sorriso sem ressentimentos / sem orgulho / que eu descobriria naquele instante / através da

porta entre-aberta” (CLARIDADE, n.4, 1947, p.25).

Por meio do uso dos verbos no futuro do pretérito (traria, descobriria, voltaria) toma corpo a ideia da impossibilidade de se atender ao apelo do poeta brasileiro, ideia apresentada pelo próprio sujeito poético da carta: “Eu faria por ti qualquer coisa impossível” (ibid). A esperança no entanto permanece pelo aspecto condicional do tempo verbal. A porta “entre-aberta” conota a abertura, a oportunidade do contato o qual possibilita ao eu-poético a volta tranquila para casa, trazendo na bagagem as marcas e lembranças do poeta brasileiro.

Em maio de 1958, Osvaldo Alcântara (pseudônimo poético de Baltasar Lopes) publica no n.8 de *Claridade* o poema “Saudade no Rio de Janeiro”, no qual fala da não adaptação ao progresso, representado pela cidade do Rio de Janeiro, e a saudade de sua terra,

### **Saudade no Rio de Janeiro**

Caminho, asfalto sem fim,  
minha terra longe,  
dondê a tua voz antiga  
in memoriam de Nhã Isabel?

Brancaflor era alva de Lua,  
Passo – Amor era cavaleiro andante!

Caminho, asfalto,  
pureza violada debaixo das rodas assassinas.  
Vieste escondida na minha mala  
para Cristo te consagrar  
na altura hierática do Corcovado (CLARIDADE n.8, 1958, p.1).

Com a opção por uma estética pelo verso livre e abrindo mão da forma, marca da transformação operada pelo grupo claridoso, o saudosismo materializa-se também na lembrança que tem de Nha Isabel, seu mundo mágico, com suas

histórias, sua voz antiga que rememora um passado que já não existe mais. A “pureza” desse passado é violada pelo progresso, por suas “rodas assassinas”. No entanto, a pureza que o eu-poético considerava presa e segura neste lugar e tempo intocados, o acompanhara até o Rio de Janeiro em busca da benção do Cristo Redentor, símbolo máximo da cidade.

Brancaflor e Passo-Amor que já haviam sido cantados no poema “Brancaflor”, também de Osvaldo Alcântara - publicado na revista *Clareza* n.7 (1949) - , reaparecem neste poema. As histórias de contos de fadas e os contos populares povoarão ainda a escrita em prosa de Baltasar Lopes, as histórias contadas em volta da fogueira fazem parte da narrativa de Chiquinho. A personagem Passo-Amor, a princesa Brancaflor e outros personagens mágicos ou de assombração fazem parte das narrativas da infância do menino de São Nicolau.

Grande contadeira de histórias era Nhá Rosa Calita, velha pretona a quem os rapazes trocistas chamavam *Camões*, por lhe faltar um olho [...] Era um gosto ouvir-lhe referir aqueles casos todos. [...] Aquele Homem – pelo sinal da Santa Cruz – e as demoniarias das feiticeiras que iam ao Esponjeiro tomar ordens do seu chefe, um diabo trocista, de cara descarada, e depois saíam, transformadas em bichos, a agourentar a vida da criatura.

- História, história!
- Fatura do céu, ámen!
- Era uma vez uma princesa que andava a correr mundo à procura de Passo-Amor, seu noivo, mas para o alcançar tinha de furar a sola a sete sapatos de ferro:

Acorda, Passo-Amor,

Há mil léguas em procura de ti... (LOPES, 1986, p. 12).

A retomada do mundo mágico, maravilhoso, representado por Brancaflor e Passo-Amor, aliado aos contos da novela folclórica tradicional cabo-verdiana,

sublinham uma das linhas temáticas condutoras na obra de Osvaldo Alcântara/Baltasar Lopes, a formação pluriétnica do arquipélago.

No que se refere ao diálogo com o Brasil, temos ainda que lembrar os profundos estudos de António Aurélio Gonçalves acerca da literatura de Érico Veríssimo, “Interpretações: Clarissa e a arte de Érico Veríssimo (Das notas para um estudo sobre a obra do romancista)”, estudo publicado em duas partes, *Claridade* n. 4 e n.5, ambas de 1947. Permeando aspectos relacionados à obra geral de Érico Veríssimo com perspectivas pontuais do primeiro romance do escritor brasileiro, Clarissa, António Aurélio Gonçalves tece um panorama geral da escritura do romancista gaúcho, denotando um profundo conhecimento de sua produção literária.

A presença indiscutível do pensamento brasileiro em *Claridade* pode ser comprovada pela análise já dos três primeiros números da revista, nos quais encontramos menção, além de Érico Veríssimo, aos nomes de Jorge Amado, Jorge de Lima, José Lins do Rego, entre outros, fenômeno que irá gradativamente se fortalecer até o último número da revista em 1960.

### **3.4 - Os aspectos regionais materializados nos textos da revista *Claridade*.**

Antes de analisarmos os aspectos regionalistas marcados pelos claridosos nas publicações da revista, cabe-nos apresentar um pouco do que foi a inspiração regionalista na literatura brasileira, nossa retomada justifica-se pelo fato de ter sido a literatura brasileira, sobretudo sua vertente nordestina a inspirar o surgimento da nova literatura cabo-verdiana, representada pelo grupo Claridade e materializada nas publicações da revista que é nosso objeto de estudo.

Para o professor Alfredo Bosi (2001) a inspiração regionalista brasileira toma seus primeiros fôlegos a partir do naturalismo - sobretudo o cearense -, representado por escritores como Adolfo Caminha que “dariam à região da seca e do cangaço uma fisionomia literária bem marcada e capaz de prolongamentos tenazes até o romance moderno” (p.195).

A “decadência” do nordeste brasileiro naqueles anos do final do século XIX, com as constantes secas, o desenvolvimento da cultura de café na região sudeste e o desenvolvimento da região amazônica fez com que muitos escritores<sup>59</sup> desse período se voltassem para o interior cearense, com o intuito de reforçar as marcas da região e a força da tradição de seu povo. O escritor Manuel de Oliveira Paiva, com seu romance **Dona Guidinha do Poço**, é apontado como o melhor escritor do grupo por Alfredo Bosi, uma vez que seria preciso esperar por um escritor como Graciliano Ramos para que se superasse o retrato denso feito por este entre o homem e o meio<sup>60</sup>.

Para o professor Afrânio Coutinho podemos, no entanto, remontar a uma postura regionalista desde o surgimento do ideais românticos em nossa literatura:

Desde o Romantismo, com a valorização do *genius loci*, um fato da maior significação foi a crescente importância do Brasil regional. As influências geográficas, econômicas, folclóricas, tradicionais, que deixaram traços marcantes e características distintivas na vida, costumes, temperamento, linguagem, expressões artísticas, maneiras de ser e sentir, agir e trabalhar fez-se perceber na vida intelectual brasileira desde que a consciência nacional brotou para independência política e cultural (2001, p.234).

---

<sup>59</sup> Manuel de Oliveira Paiva, Domingos Olímpio, Rodolfo Teófilo, Antonio Sales.

<sup>60</sup> O romance de Manuel de Oliveira Paiva, **Dona Guidinha do Poço**, foi objeto de nossa pesquisa de mestrado **Configurações do literário e do histórico em Dona Guidinha do Poço de Manuel de Oliveira Paiva**, desenvolvida na Universidade Estadual de Londrina, com a orientação do professor Joaquim Carvalho, a dissertação está disponível no endereço: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls00011132>

A perspectiva de valorização do espírito do ambiente, porém, se manifestou de maneiras diversas nos diferentes momentos da literatura brasileira, indo do espaço idealizado, com a valorização do exótico e do pitoresco, com nítido pendor para os modelos europeus – Romantismo -, ao espaço como meio de análise da realidade do sujeito brasileiro, do Realismo (mesmo que ambientado no regional), até finalmente chegarmos ao regionalismo autêntico, àquele capaz de retirar “a substância real desse local [...] primeiramente, do fundo natural, como elementos que afetam a vida humana da região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra” (idem, p. 235). Há que se compreender então que falamos não de espaços geográficos, mas sim de espaços culturais, esses espaços compreendidos como “focos regionais de produção literária” (ibid).

A partir do nordeste brasileiro, as ideias regionalistas desenvolvidas por Gilberto Freyre de 1923 em diante e expressas em seu **O Manifesto Regionalista** constituem um importante documento em defesa da criação literária regional como fundamental para o reconhecimento da unidade literária brasileira. Enquanto o modernismo está voltado para a consciência da temporalidade da literatura, o regionalismo é o caracterizador da consciência local (AZEVEDO, 1984), acreditamos que não sejam conceitos e opções estético-literárias excludentes.

Neroaldo Pontes de Azevêdo em sua obra **Modernismo e Regionalismo**: os anos 20 em Pernambuco (1984) ilustra a centralidade do papel do regionalismo na literatura brasileira e a preocupação com a valorização dos aspectos nacionais do país a partir da apresentação da *Revista do Brasil*. Uma revista de São Paulo cuja preocupação desde seu surgimento, 1916, foi demonstrar a necessidade de trazer o

Brasil como assunto principal das obras literárias divulgadas em suas páginas. A respeito do programa da revista, o pesquisador paraibano aponta que o desejo dos responsáveis pelo periódico era de que ele fosse um reflexo da alma brasileira, por meio da valorização e retorno ao que era brasileiro e para isso apontam algumas sugestões:

As sugestões são elencadas em diversos itens que cobrem a realidade brasileira como um todo e nos seus aspectos regionais: 'História e sociologia, etnografia, folclore, biografia, a mulher no Brasil, a população, os tipos, a linguagem, costumes, tradições e aspectos, as artes, aspectos da terra, vários assuntos'. Assim é que a preocupação nacionalista é o caminho para a orientação regionalista [...] (1984, p.97).

No caso do Nordeste brasileiro, nos anos 20 um outro conceito que terá lugar central no desenvolvimento da consciência regional é o conceito de tradição. A defesa dos valores tradicionais no período levará, por vezes, a interpenetração dos conceitos de regionalismo e tradicionalismo. Sublinhado pelo sentimento saudosista, o tradicionalismo<sup>61</sup> refletido na cultura, acaba por ser marcado pelo conservadorismo econômico do passado, principalmente grandes beneficiários da economia do açúcar. Além da literatura brasileira, sem dúvida Gilberto Freyre foi o grande portador dessa postura regional brasileira dos anos de 1920<sup>62</sup>.

Aos jovens claridosos aquele momento foi o marcar de uma tomada de consciência em Cabo Verde, a consciência regionalista. Consciência que os fez romper com os modelos europeus e voltarem-se para as motivações

---

<sup>61</sup> Gilberto Freyre foi o maior pregador do tradicionalismo suas ideias foram publicadas em mais de 100 artigos no Diário de Pernambuco de 1923 a 1925, nestes artigos vai desde às críticas ao modernismo e futurismo a defesa da tradição e dos valores regionais.

<sup>62</sup> Nas entrevistas dos 3 fundadores do grupo *Claridade*, Baltasar Lopes, Jorge Barbosa e Manuel Lopes há menções ao estudos de Gilberto Freyre e sua participação na construção do pensamento da caboverdianidade.

verdadeiramente cabo-verdianas. Ao lado dos textos que falam da evasão, a valorização dos elementos regionais é o aspecto que mais tem o apelo dos escritores de *Claridade*, conforme podemos verificar no quadro 5 no capítulo 2 deste trabalho.

Os textos por nós selecionados para a análise dos aspectos regionais são: os textos poéticos “Almanjarra” de Osvaldo Alcântara (CLARIDADE, n.1, 1936), *Lantuna & 2 motivos de “finaçom”* (batuques da ilha de Sant’lago), recolhido do folclore poético da Ilha de Santiago (CLARIDADE, n.1, 1936); e os ensaios “O Folclore poético da Ilha de S. Tiago” de Baltasar Lopes (CLARIDADE, n.7, 1949) e “Bandeiras da ilha do Fogo- o senhor e o escravo divertem-se”, escrito por Félix Monteiro (CLARIDADE, n.8, 1958).

O poeta Osvaldo Alcântara (Baltasar Lopes) publica no primeiro número de *Claridade* um poema “Almanjarra”. Neste poema Alcântara evoca um momento bastante importante na produção agrícola cabo-verdiana, a moenda da cana-de-açúcar. Em Cabo Verde, entre outras coisas, a cana-de-açúcar serve para a produção do grogue, o equivalente cabo-verdiano da cachaça.

Por meio de uma construção literária que mistura poema e prosa Osvaldo Alcântara canta o drama do boi atrelado a almanjarra. No poema é possível identificar vários elementos que fazem parte da cultura regional cabo-verdiana as cantigas de trabalho e os contos populares.

As cantigas de trabalho fazem parte de uma das mais importantes manifestações da cultura popular em Cabo Verde, a literatura oral. A literatura oral presente em *Claridade* integra desde contos populares, como “O Lobo e o Chibinho”,

como a poesia composta pelo batuque e *finaçom* - “Lantuna & 2 motivos de finaçon” (batuques da ilha de Sant’Iago) -, a textos ensaísticos como “Batuques da Ilha de S. Tiago”, nas publicações n. 2, 1 e 6, respectivamente.

Em Cabo Verde podemos nos referir a dois tipos principais de cantigas de trabalho, as Cantigas Agrícolas, como no poema “Almanjarra”, e as Cantigas Marítimas, estas surgidas a partir das atividades de pescadores e marinheiros e aquelas às atividades agro-pastoris, como a sementeira, as atividades de trapiche, entre outras (Brito-Semedo, 2006).

O poeta e dramaturgo Oswaldo Osório, em 1980, por meio da coleta e reunião de cantigas de trabalho, organizou o livro **Cantigas de Trabalho**, a respeito desta obra declara George Lang:

Ele liga essas canções de trabalho à escravatura e ao trabalho no trapiche, usina de açúcar movida pelos escravos e, mais tarde, por gado. A fotografia de um trapiche movido por escravos e a de outro movido por gado, estampadas na capa, ligam ainda mais as canções com um personagem do folclore cabo-verdiano, o Boi, cujo lamento é conhecido como (“bombar” ou “bramir”), e cujas lutas servem de “arquétipo trazido das profundezas da noite colonial, a simbolizar, talvez, a sujeição, a paciência, mas também as reservas insuspeitadas para lances de coragem e rebeldia” (p.162, 2007).

A atividade incessante do boi no terreiro do trapiche, sua interminável rotação preso à almanjarra é estimulada pelas cantigas entoadas, também chamadas de “colá do boi”, de acordo com Brito-Semedo (2006), o termo *colá* significa cantar, falar em voz alta.

**Almanjarra**<sup>63</sup>

Terreiro de trapiche,  
aromas adocicados do melaço  
pontado na chieira dos tachos

Volteiam os bois na roda intérmina da almanjarra...

Vira boi  
volta boi  
quero uma noiva bonita  
como as sereias do mar!

E os bois giram  
giram mansamente  
mastigando lembranças do canavial  
na digestão das folhas do verde canavial.

Nho Joca Morais conta casos  
as crioulinhas cor-de-tâmara-madura...

ái tâmara  
ái figo  
de Por  
ugal!

Peneira o sol no dorso cinzento da chã  
ao longe,

- o Sol, grande calaceiro  
que vai e volta  
sempre no mesmo caminho

que faz  
e refaz

continuamente ...

E os olhos de Nhô Joca Morais  
perseguem os seios de Maninha  
que roda a pá de mel  
na chieira dos tachos pontando.

- Agora vos vou contar  
uma história divertida  
dos pecados da terra  
das feiticeiras do mar:

- O Boi-Dourado foi-se banhar  
nas águas do mar...

No cocoruto duma onda  
apareceu uma moça  
que tinha corpo de peixe  
cabeça fina de gente.

Ela estava cantando...

---

<sup>63</sup> Almanjarra é uma trave atrelada ao pescoço do animal para mover o engenho.

E o boi foi seguindo  
o canto da moça:

- limpa esta estrada  
p'ra a moça passar!

No mar 'tava armado  
um grande trapiche:  
a cana era verde,  
verde, da verdura  
do mar...

- Eu quero afogar  
canavial  
no teu cabelo verde  
canavial  
da verdura do mar  
canavial

E os bois giravam, giravam ...  
Mansamente iam esmagando a cana  
dos canaviais do mar...

Mas os olhos dos bois viraram verdes  
verdes, da verdura do poente  
quando o sol encosta a cabeça  
no travesseiro de nuvens...

Na pontinha da Almanjarra  
a moça estava cantando  
e os outros bois  
quando ouviam a cantiga  
ficavam pasmados  
no canto da moça.

- Varada do mar  
na boca da ribeira  
paixão calada  
mata a gente!

Mas o Boi-Dourado não ouvia nada...  
Os seus olhos não viravam verdes  
da cor do poente...  
Os olhos de Boi-Dourado tinham a tristeza  
de quem anda penando ...

De repente,  
a linha do sol-pôr se fez encarnada  
da côr-de-fogo abraçou apertadamente  
a linha do sol-pôr...  
E então o mar abriu um grande funil  
e nele se precipitou a moça-do-mar.  
Uma faixa de lume começou aparecendo ...  
E os outros boi arregalaram os olhos...  
Os olhos viraram vermelhos

Vermelhos  
 Côm de pano de rapariga  
 Em dias de noivado ...

E o canto da moça-do-mar  
 chamando...

- Arreda estas águas  
 para os bois irem à casa da moça-do-mar  
 ouvir a cantiga da moça-do-mar

Só o Boi-Dourado não foi ...

Continuou voltando, voltando ...

Ainda hoje está voltando  
 numa almanjarra de espuma –  
 folhinhas brancas do mar ...

O recurso estilístico de inserir no poema outros elementos como o conto popular, a história da sereia e as cantigas de trabalhos remetem ao poema “Evocação do Recife”<sup>64</sup>, de Manuel Bandeira, poema seminal para Osvaldo Alcântara e os jovens poetas de sua geração. O espaçamento entre os versos, que dá ao leitor do poema a ideia de espaço aberto, justamente o necessário ao terreiro do trapiche, é um importante recurso gráfico é usado pelo poeta. O uso abundante das reticências evoca o sentimento de que nada se fechou, ou seja, o movimento contínuo do trabalho na moenda.

O desejo da noiva bonita evoca o conto popular envolvendo a sereia, também chamada em Cabo Verde de *Mãe D’água*, e que compreende um ciclo de histórias chamadas de ciclo da Mãe D’água ou ciclo da Sirena. O conto dentro do poema reforça o destino do boi e sua atividade no trapiche. Em “Almanjarra”, na história de

---

<sup>64</sup> Em “Evocação do Recife”, Manuel Bandeira em meios a seus devaneios acerca do Recife de sua infância leva a seu leitor acontecimentos de sua meninice, as festas (cavalhadas, Fogo em Santo Antonio) e as brincadeiras (chicote-queimado) entre outros elementos pertencentes a tradição e portanto ao regional.

Nhô Joca, mar torna-se um grande canal no qual é montado um trapiche, a sedução do canto da sereia substitui as cantigas de trabalho, enquanto os bois comuns movem-se hipnotizados pelo canto da moça, metade mulher, metade peixe, o Boi-Dourado, personagem principal desta história, no entanto, segue sua repetitiva atividade alheio ao mundo a seu redor.

Em 1958, o n. 8 de *Claridade* apresenta uma importante retomada dos textos envolvendo o folclore novelístico publicados até então na revista. O texto, sem assinatura, de possível autoria do editor da revista à época, Joaquim Tolentino<sup>65</sup>, faz uma apresentação da sistematização em ciclos dos contos populares cabo-verdianos: Ciclo do Lobo, Ciclo da Mãe D'Água, Ciclo da Velha, má e feiticeira.

No que se refere ao ciclo da Mãe D'Água, ou ciclo da Sirena, o autor levanta a hipótese de que este ciclo seja resultado do sincretismo entre os ecos do mito europeu da Sereia e do culto africano a Iemanjá. É neste ciclo que aparece a figura do Boi-Dourado, o mesmo presente no poema de Osvaldo Alcântara, a este respeito destaca ainda: “Esta figura oferece outro interesse, sob o ponto de vista comparativo, porque o **Boi Dourado** é irmão carnal do **Boto** que marca sua presença no poema *Putirum*<sup>66</sup>, de Raúl Bopp” (grifos do autor) (CLARIDADE, n.8,

---

<sup>66</sup> **PUTIRUM**

Vamos lá pro putirum  
Putirum Putirum  
Vamos lá roubar tapioca  
*Putirum Putirum*

Casão das farinhadas grandes.

Mulheres trabalham nos ralos  
mastigando cachimbos.

Chia a caroeira nos tachos  
Mandioca-puba pelos tipitis.

— Joanhina Vintém, conte um causo.

1958, p. 74), o Boi-Dourado, sedutor dos mares, e o Boto, sedutor dos rios. Observa-se inclusive que a estrutura de ambos os poemas são muito parecidas, a história do boto é inserida no poema, assim como a história da sereia e do Boi-Dourado é inserida no poema “Almanjarra”.

A poesia de raiz popular, a *finaçon*, é um dos elementos mais representativos da cultura regionalista cabo-verdiana. No primeiro número da revista (março de 1936), o texto inicial, capa da publicação, é um texto sobre o Batuque da Ilha de Santiago, “Lantuna & 2 motivos de finaçom (Batuques da Ilha de Sant’lago)”. Dois elementos nos chamam a atenção, primeiro um texto escrito em crioulo, a língua cabo-verdiana e, segundo, remonta à uma tradição insular a marcar o regionalismo telúrico representado por *Claridade*.

O Batuque cabo-verdiano é uma manifestação tradicional que tem sua origem na ilha de Santiago, um ritual executado por mulheres que retoma as tradições de uma ilha caracterizada, sobretudo, pela forte presença do elemento africano em sua composição, nas palavras de Carlos Filipe Gonçalves, “Batuque é,

— Causo de quê?

-Qualquer um.

— Vou contar o causo do Boto

*Putirum Putirum*

Amor choviá

Chuveriscou

Tava lavando roupa, maninha,  
quando boto me pegou.

— Ó Joanelha Vintém,  
boto era feio ou não?

— Ah, era um moço loiro, maninha, tocador de violão.

Me pegou pela cintura.

— Depois o que aconteceu?

— Gentes...

Olha a tapioca embolando nos tachos.

— Mas que boto safado!

*Putirum Putirum*

porventura, a forma musical tradicional que mais define as nossas raízes [...] O Batuque é uma forma musical que se poderá talvez considerar como a mais antiga de Cabo Verde” (2006, p.16 e 17). As discussões a respeito da origem do Batuque são muitas e inconclusivas, no entanto, a hipótese que o coloca como originário de antigos ritos africanos é a provavelmente mais aceita.

O ritual do Batuque é composto por certos elementos e partes: a *Finaçom*<sup>67</sup>, prelúdio, canto improvisado sobre os mais diversos assuntos realizado pela profeta e acompanhado pelo instrumento chamado *cimbó* ou *cimboa*, de origem sudanesa.

Nas palavras de Carlos Filipe Gonçalves é o atestado do parentesco em primeiro grau entre a cultura cabo-verdiana e a cultura da Costa Ocidental africana; a *tchabéta* ou *chabéta* a parte principal do Batuque, momento no qual são realizadas sons de percussão com o bater ritmado das mãos sobre panos; e o *torno*, dança frenética executada por uma mulher ao centro, movimentos que muitas vezes evocam o ato sexual. Do crioulo, *torno* significa sacudir, saracotear com as nádegas. O homem pode até participar do Batuque, porém o *torno* é uma dança executada exclusivamente pela mulher. De acordo com Armando Napoleão Gonçalves:

Batuque é uma cantilena acompanhada de cimboa, que canta, soluça, geme e chora, conforme o canto da viola que se despinica, e a Chabéta que segue o ritmo, ora brando e cadenciado, ora forte e repicado, acompanhando a letra e a cadência (Finaçon), seguido do torno (in: GONÇALVES, 2006, p.18).

Ao final do *torno*, a *tchabéta* diminui de intensidade, e o ciclo recomeça com a profeta entoando novamente a *finaçom*.

---

<sup>67</sup>O termo *finaçom* apresenta várias grafias diferentes: *finaçon*, *finaçom*, *finason*. Optamos por utilizar a grafia *Finaçom*, por ser esta a presente na revista *Claridade*, porventura, poderão aparecer nas citações outras grafias da palavra.

Tratamos aqui do Batuque tradicional, uma vez que na versão moderna, alguns desses elementos não estão mais presentes ou foram adaptados, como a extinção da cimboa<sup>68</sup> e a substituição dos panos por tambores<sup>69</sup> ou a inserção do plástico para a obtenção de maior volume de som, evoluindo de uma apresentação de terreiro para um espetáculo de palco.

O Batuque santiaguense, em sua gênese, é característico pela função social que traz, realizado antes e durante as festas tradicionais e cerimônias de casamento é executado em um terreiro (do crioulo têtêro).

O Batuque teve uma função social, com uma utilização em ocasiões específicas: realiza-se geralmente antes e durante as festas de casamento, ou em comemoração a uma ocasião muito especial como nas noites de rituais da Tabanka ou durante as Festas de Santos (GONÇALVES, 2005, p. 16).

O fato de ser o Batuque executado tradicionalmente em ocasiões especiais também nos é significativo aqui, uma vez que o lançamento da revista *Claridade* marcou um importante momento na história cultural cabo-verdiana.

Embora o Batuque nos interesse como um todo, por ora, nos deteremos na análise dos motivos de *Finaçom* publicados na edição número 1 da revista *Claridade*. De acordo com Carlos Filipe Gonçalves, o canto de *Finaçom* é sempre improvisado e versa sobre os mais variados motivos.

A *finaçom* é considerada herança direta das tradições africanas, uma vez

---

68 Nos tempos atuais não se encontram mais tocadores de cimboa em Cabo Verde, há uma tentativa em recuperar o fabrico e uso do instrumento, de acordo com Carlos Filipe Gonçalves, o instrumento hoje tem sido utilizado como peça decorativa, por não existirem mais tocadores de cimboa no arquipélago.

69 Nas manifestações tradicionais do Batuque a ausência do tambor é explicada pelo fato de não existir, quando da chegada dos africanos escravizados vindos do continente, material adequado para a construção dos instrumentos, por esse motivo as mulheres utilizavam panos para obtenção do som.

que a figura das profetas, cantadeiras de *finaçom*, remete aos antigos *griôts* africanos e simbolizam o respeito pelos mais velhos enquanto guardiões da memória coletiva.

A *finaçom* é geralmente entoada por uma mais velha, que transmitirá, com sua voz áspera e sua parte de improvisação, a sua crônica da existência, sua pedagogia social, os conselhos morais, por meio da filosofia dos provérbios, críticas ou recomendações (GOMES, 2008 p.5).

Assim é compreensível o sentido e ensinamento da *finaçom*, que além de transmissão de experiência, evidencia a importância da língua crioula na expressão da identidade caboverdiana. Por esse motivo a execução do ritual do Batuque foi combatido, entre os finais da década de 1930 até a independência de Cabo Verde, pelas autoridades coloniais e a Igreja, nas palavras de Carlos Filipe Gonçalves uma das maneiras de atingir diretamente o Batuque foi denegrindo sua origem e natureza denominando-a de “música de preto”, “música não civilizada”, assim havia uma supervalorização da cultura europeia em detrimento da cultura africana. Obviamente, não foi somente esse fator que provocou a transformação do Batuque, mas com certeza contribuiu muito para o enfraquecimento de suas características originais.

Quando em 1936, a revista *Claridade* traz em seu número um texto do Batuque da ilha de Santiago o faz também numa atitude de resistência da criouldade. Observamos também em outros números da revista textos referentes ao Batuque, como o ensaio “O Folclore poético da Ilha de S. Tiago”, escrito por Baltasar Lopes e publicado no número 7 (1947), portanto, no auge da repressão. O texto de Baltasar Lopes aparece em seguida a quatro *finaçons* e um Batuque, todos em crioulo, da ilha de Santiago recolhidos também pelo claridoso. Outro aspecto

importante é que o ensaio de Baltasar Lopes aparece no número seguinte ao que publicou também uma *finaçom* – *Claridade* nº6 (1949), seguida de um breve comentário sobre as poesias relacionadas ao Batuque santiaguense.

Em seu ensaio, Baltasar Lopes apresenta a *finaçom* como “a expressão de regras morais, de normas de comportamento e de conceitos elaborados pela experiência” (CLARIDADE, n.7, 1949, p.43). Aparece, portanto, como manifestação cujas bases estão na cultura popular, ou seja, na tradição. Os versos da *finaçom*, ainda de acordo com Baltasar Lopes, são instrumentos apoderados pela população para manifestar, “em termos poéticos”, no terreiro do Batuque, sua censura ou seu elogio aos fatos da vida caboverdiana, o que Baltasar Lopes chama de “aptidão para o metaforismo”. A respeito da metrificação Baltasar Lopes destaca,

Não conheço nenhuma *finaçom* que apresente regularidade métrica. A letra está intimamente ligada à toada que se canta no terreiro, mas suponho que o próprio tom de cantilena arrastada da melodia permite que o cantador organize os versos ao sabor da improvisação, e sem necessidade de obediência a ritmos certos (CLARIDADE, nº7, 1947, p.49).

Baltasar Lopes apresenta então dois elementos que ele considera fundamentais para a compreensão do Batuque: o Batuque propriamente dito (tchabéta, canto com cimbó e o torno), e a *finaçom*, a qual coloca como atividade poética que pode ser compreendida independentemente do ritual completo do Batuque. Com o que ele chama de características de romanceiro, a *finaçom* se mostra como uma “tentativa de expressão da ressonância que na alma do povo deixou a lição da vida da personagem contemplada...” (CLARIDADE, n.7, 1949 p.47). Por outro lado, as *finaçons* publicadas na *Claridade* não versam somente sobre figuras heróicas,

mas também sobre os mais variados motivos.

Observemos agora os dois motivos de *finaçom* publicados na revista *Claridade* nº1 (1936):

Texto 1<sup>70</sup>

Pedi a Deus  
para não me matar demasiado idoso  
porque

idoso iria muito esturrado  
novo iria atravessado  
à subida iria encolhido  
na descida iria aprumado  
na planície iria sereno

Quando for grande  
e puder  
mandarei arrombar o Pico de António  
para poder ver dentro de Chuva-Chove!<sup>71</sup>

Um aspecto primordial da *finaçom* é o improviso. Nas palavras de Carlos Filipe Gonçalves o que se pode encontrar hoje em Cabo Verde são apenas os ecos de tais improvisações, uma vez que no espetáculo de palco em que o Batuque tradicional se transformou, praticamente não há mais a presença da *finaçom*. O fato de ser executado em língua crioula acredita-se ser o principal motivo para sua exclusão das execuções de palco, uma vez que as variantes da língua cabo-verdiana ofereceriam obstáculos a sua compreensão.

No poema de raiz popular é possível observar o tom de improviso, ao falar da morte, e também que o cantador (anônimo) o faz de modo bem humorado. O

---

70 Texto com tradução livre do professor cabo-verdiano Tomé Varela da Silva, renomado pesquisador das tradições orais e também responsável pela recolha e, portanto, do registro das improvisações feitas pelas cantadeiras de *Finaçom* Nha Bibinha Cabral e Nhá Nácia Gomi, trabalho lembrado por Carlos Filipe Gonçalves na obra *Kab Verd Band* (2006).

71 'M pidi Nhôr-Dés/ pê câ matám bedjo di-más / pamodi / bedjo 'n tá bá storido /nobo 'n tá bá di trabessado / na subida 'n tá bá mondudo / na dixida 'n tá bá stendedo / na trabessa 'n tá bá sereno / Quel hó qu'n grandi / qu'm pôdê / 'n tá mandâ rombâ Pic' Antone / pân djobê dento chuba chobê!

tempo certo para morrer é o aspecto principal, uma vez que “No Batuque os versos dos cânticos satirizam e criticam acontecimentos da vida social (e até pessoal) ou louvam certas personagens. Outras vezes, os temas podem girar à volta de simples brincadeiras sem maldade” (GONÇALVES, op. cit., p.20).

As dicotomias velho/novo, idoso/jovem, subida/descida sinalizam oposições do próprio dia-a-dia. Os versos publicados pela *Claridade* não possuem métrica, no entanto, é possível perceber o ritmo compassado. Obviamente a tradução acaba por imprimir nova leitura dos versos o que afeta uma análise da metrificação.

No que concerne à temática, porém, é possível observar e destacar alguns elementos, um deles é a religiosidade. A menção ao poder divino - ao relacionamento com Deus - evidencia a religiosidade do povo cabo-verdiano, embora, o Batuque seja um ritual surgido na ilha de Santiago, que tem como elemento predominante a cultura africana, o catolicismo europeu acabou por se incorporar de modo definitivo na cultura do arquipélago.

Observamos também que os versos não parecem ter uma sequência lógica formal, o que há é um objetivo de registrar os elementos naturais da Ilha de Santiago. Com relevo bastante acidentado a Ilha de Santiago é evidenciada pelo cantador ao falar em subida, descida, planície. A menção ao Pico de António, ponto mais elevado da Santiago e terceira maior elevação do arquipélago, destaca mais uma vez o apego aos elementos naturais da ilha. A última estrofe da *fição* também nos propõe reflexões: “quando for grande”, a grandeza permite até mesmo interferir nos aspectos naturais e provocar a transformação, Chuva-Chove é nome de uma localidade da ilha de Santiago.

O segundo motivo de *finaçom* publicado no mesmo número da revista também versa sobre a oposição entre mocidade e velhice e apresenta outros elementos indistintos na cultura cabo-verdiana,

Texto 2<sup>72</sup>

Mocinhos sem namoradas  
são como boca sem bocado  
são como carne sem mandioca  
são como copo sem garrafa.

Se estou com a velhice  
a enfadar-me  
se estou com a mocidade  
a excitar-me

Minha gente  
se não gritar  
não sou atendido  
se não gritar  
me arrevento!<sup>73</sup>

Assim como no texto anterior, o segundo motivo de *finaçom* publicado pela revista *Claridade* nº1 retrata elementos relacionados ao cotidiano caboverdiano, mais uma vez versando a respeito da oposição entre mocidade e velhice, porém, diferentemente do primeiro motivo, que refere-se a aspectos do relevo da ilha, o segundo aponta elementos também dos costumes culinários santiaguense – carne com mandioca, o grogue – entre outros elementos.

A menção feita ao grito é significativa, uma vez que este representa o falar, o se expressar, direito tão importante à “sobrevivência”. Ao pensarmos na contextualização de surgimento da revista *Claridade*, o que nos chama a atenção, além da temática que elenca elementos da cultura crioula, a própria forma de

---

72 Texto com tradução livre do professor Tomé Varela da Silva.

73 Mocinhos sim namorado / ê sim mâ boca sim bocado / ê sim mâ carnisim mandioca / ê sim mâ copo sim garafa. / S'in tenê bedjo / tâ' infadâm / s'in tenê nobo / ta borregam / Nha guenti / s'in ca pupa / n'ca cudido / s'in pupa / 'n ta rabenta!

expressão, a língua crioula, a língua caboverdiana. O grito está, portanto, na aliança entre esses elementos todos.

No ritual do Batuque a mulher caboverdiana tem sua voz, nas palavras de Evaristo d'Almeida, “trinta ou mais bocas femininas se abrem e dão liberdade às vozes.” (1989, p.77), vozes sofridas e marcadas pelas agruras do cotidiano e que também são capazes de impor resistência aos obstáculos impostos pelo colonialismo e manter firmes a raízes que definem a cultura crioula. O batuque e os *finaçons* aparecerão ainda, em *Claridade* n.6 (1948), com poemas recolhidos por Gabriel Mariano e acompanhados de uma relevante interpretação de Baltasar Lopes.

Ainda nas trilhas da análise do regionalismo como um dos aspectos medulares às edições de *Claridade*, queremos aludir ao ensaio “Bandeiras da ilha do Fogo- o senhor e o escravo divertem-se”, escrito por Félix Monteiro e publicado no n.8 de da revista (1959). O mote que perpassa o ensaio crítico-sociológico de Monteiro é o sincretismo presente na cultura cabo-verdiana. O ritual das bandeiras, de origem europeia, a inserção dos elementos de origem africana e sua apropriação como elemento constitutivo da cultura crioula.

O ecletismo do programa das festas religioso-profanas que ilha do Fogo se chamam “Bandeiras” documenta um aspecto curioso dos resultados do contacto cultural verificado em Cabo Verde entre o branco europeu e o negro africano: em compartimentos estanques, os números sucedem-se com igual entusiasmo, a Europa na sala e a África no pátio interior da casa do festeiro, repartidas pela varanda funcional que é uma autêntica materialização das barreiras que outrora discriminavam, cada um para o seu lado, os brancos e os pretos, e hoje separam os ricos, ou socialmente hierarquizados, se quisermos falar com mais propriedade, dos pobres. (CLARIDADE, n.8, 1958, p.9).

O ensaio de Félix Monteiro, ao falar dos rituais da festa da Bandeira acaba

por voltar-se também para as discussões acerca das relações sociais da Ilha do Fogo e como uma festa popular, no caso das Bandeiras, expõe tais relações.

De acordo com José Maria Semedo e Maria Turano (2007) , dois estudiosos dos rituais das festas da Bandeira da Ilha do Fogo, não se sabe ao certo desde quando a Bandeira é festejada na ilha, é provável que os festejos tenham sido iniciados em Santiago, ilha vizinha e de onde vieram os primeiros moradores que se instalaram na Ilha do Fogo.

Assim como ocorreu com a língua cabo-verdiana, proibida em determinada altura de ser usada nas escolas, o Batuque proibido de se executado em ocasiões festivas do arquipélago, a Bandeira também foi objeto de proibição pelo governo colonial nos anos de 1761.

Para Semedo e Turano, dois elementos são sinais da origem portuguesa das festas da Bandeira: primeiro, registro da existência em finais do XVI de organizações religiosas chamadas de “Bandeiras”, organizações cujas apresentações em público consistiam na exibição de imagens de santos em pendões e, segundo, os vestígios da cavalaria medieval, com uma série de atividades envolvendo cavalhadas, juramento da bandeira e etc. Tais elementos mesclados aos costumes e componentes africanos introduzidos nas ilhas fizeram com que a festa adquirisse características próprias. Em que consiste, no entanto a Festa da Bandeira na Ilha do Fogo? Na definição de Semedo e Turano:

Bandeira, como festa é definida, pelos fogueiros, como festa em homenagem a um santo, geralmente de grande aceitação popular (S. António, S. Pedro, S. Paulo, S. Paulinho, S. Sebastião), que tenha como símbolo uma bandeira, e também o pilão [...] É uma festa difícil de se caracterizar como manifestação puramente religiosa (cristã) ou puramente profana [...] Qualquer definição do fenómeno religioso opõe o sagrado e a vida religiosa ao profano e a vida secular, e

mesmo porque o sagrado e o profano são conversíveis um no outro, isto é, o profano pode ser transformado em sagrado por meio da consagração ou purificação, e vice versa. (2007, p.38).

A data de realização da Festa das Bandeiras, maio - mês de São Filipe -, e junho - mês de São João, São Pedro e Santo Antonio - remetem ao caráter profano e religioso da festa, os dias de santo e o solstício de verão. Pilar o milho para fazer o xérem da festa, entoação de cânticos específicos, ritual da matança de reses, danças, tambores são partes e componentes essenciais da festa.

Félix Monteiro discorrerá sobre cada um dos elementos a compor a Festa da Bandeira, dividida em duas categorias: Sobrevivência da África negra (pilão, matança, canisade, mastro e furta, e dá-me); e Vestígios da Cavalaria Medieval (Juramento da Bandeira, Missa e Procissão, Bandeira-da-Praia, Cavalhadas e Enterro da Bandeira).

O pilão marca o início das festividades. O processo de pilar o milho para o preparo do alimento a ser servido na festa, o xérem-de-festa, é geralmente encaminhado por uma mulher mais velha, assim como no Batuque, o que nos reporta à importância do papel da mulher nos rituais tradicionais cabo-verdianos. O trabalho no pilão é movido, segundo Félix Monteiro por canções chamadas 'brial', semelhante à cantiga de trabalho, mas com função mais ritualística.

Na matança também não faltam as canções e danças, acompanhadas pelo tambor. Momento totalmente ritualístico na Festa da Bandeira tradicional cabe ao escravo o sacrifício das reses na véspera do dia santificado, o dia de santo ou o solstício de verão. Embora o sacrifício remeta à religiosidade do ato, há no ritual da

matança a predominância do elemento profano como a dança ao som de tambores em volta do animal sacrificado, a ingestão de bebidas e o oferecimento de bebida ao próprio animal e após o abate danças sincronizadas em torno da vítima agonizante. Monteiro associa esse processo realizado na matança da rês os vestígios do “totemismo”, ou seja, a evolução de um outro processo religioso para um ato profano, não há, no entanto, elementos suficientes para comprovação de tal hipótese.

O momento da *canisade* e do mastro também serão marcados por sua origem africana. *Canisade*, corruptela da palavra encamisados, que alude aos encamisados portugueses (palhaçadas que se faziam pelas ruas usando máscaras e disfarçados com grandes camisas) consiste numa apresentação que mescla dança e representação de uma dada situação corriqueira. O mastro, momento em que os integrantes da *canisade* levam o mastro para o mar e realizam todo um processo ritualístico ligado às previsões para o futuro agrícola da ilha:

De madrugada, depois de com ele, andarem a noite toda, não se sabe por onde, levam-no ao mar, a molhar-lhe os pés em três ondas consecutivas, cerimónia durante a qual o comportamento das ondas revela claramente se o ano agrícola será bom ou mau. Se o mar recua e as ondas se retraem ao contacto com o mastro, claro que o ano não será de boas águas; ao contrário, se o mar vem ao seu encontro e as ondas saltam para ele festivamente, como que a querer arrebatá-lo das mãos dos *canisades*, é sinal evidente de que o ano agrícola será farto (CLARIDADE, n.8, 1958, p.15).

Felix Monteiro lembra que a *canisade* e o mastro não são exibidas nas festividades de Bandeira de São Sebastião (festejado em janeiro) e de São Felipe (festejado em agosto), uma vez que tais rituais estão relacionados ao labor agrícola e, portanto diretamente ligados ao ciclo das chuvas que em Cabo Verde se iniciam

com o solstício de verão, em junho.

Elementos de origem medieval estão presentes na festividade das bandeiras: O juramento da Bandeira, realizado por meio de uma procissão até a igreja da cidade onde é entregue ao pároco e permanece no altar, onde recebe toda sorte de oferendas e pedidos de prece, até a realização da missa em homenagem ao santo festejado; a realização da cavalhada, cujas provas findam com a entrega da bandeira ao um novo festeiro (que irá organizar a próxima festa) e por fim o enterro da Bandeira, para o caso de não haver pretendentes à Bandeira. Neste caso a Bandeira é entregue a igreja, numa nova procissão.

O estudo desenvolvido por Félix Monteiro é um importante documental do empenho de *Claridade* em retratar a “vitalidade e persistência” das tradições mantidas no arquipélago e como essas tradições permanecem e se transformam com o tempo. Registro da memória coletiva, seu ensaio está entre a retomada histórica e a compreensão antropológica da festa das Bandeiras.

No início deste capítulo selecionamos como epígrafe a declaração de Maria Aparecida Santilli que sublinha: “Revista de arte e letras”, conforme se subtitulou, indicava que a “caboverdianização temática” estava na raiz do pensamento claridoso. (2007, p.23). A afirmação de Santilli é bastante significativa para nosso objetivo neste capítulo, que foi apresentar algumas considerações a respeito dos textos publicados em *Claridade*. O critério de seleção dos textos foi no sentido de evidenciar os elementos que definem a identidade literária cabo-verdiana, como se estabelece a tradição literária no arquipélago, ou seja, “o conjunto de elementos transmitidos, formando padrões que se impõem ao pensamento ou ao comportamento, e aos quais somos obrigados a nos referir para aceitar ou rejeitar”

(CANDIDO, 2010, p. 25-26).

## Capítulo 4 – Consciência Regionalista e o Sentimento Nacional

*Se é difícil determinar com precisão o que seja o carácter nacional de um povo, dadas às diversidades interterritoriais (devido aos interesses de classes antagónicas, diferenças em termos político, ideológico, cultural e religioso, as disparidades regionais etc), a verdade, porém, é que algo consegue fazer com que as pessoas de um mesmo país se sintam pertencer a um mesmo espaço, diferenciando-se de outros espaços. No caso cabo-verdiano, esse sentimento de unidade e de pertença é traduzido na ideia e no conceito de caboverdianidade. Ideia e conceito de difícil definição, mas que, para os cabo-verdianos, condensa a morabeza, o ser ilhéu, o ser crioulo, o ter uma identidade capaz de nos diferenciar de tudo e de todos. (David Hoppfer Almada)*

Diante da história da cultura de Cabo Verde, como procuramos demonstrar, não se pode colocar em causa a dimensão da revista *Claridade* e seus ecos no processo de formação identitária do país. Não há dúvida acerca do seu lugar nos debates à volta do sistema literário e das questões levantadas pelo projeto e pelas conquistas que animaram seus fundadores. Os anos passados e o desenvolvimento das ideias que se acumularam, inclusive após a independência e consolidação do estado nacional, no entanto, acendem a discussão a respeito dos dilemas que se desenharam ao longo dessas décadas.

O olhar retrospectivo que se apresenta como base do esforço de sistematização da história literária do país encontrará sempre na revista um marco decisivo. Para Pires Laranjeira (1995), por exemplo, o surgimento de *Claridade* estabelece o terceiro período de desenvolvimento da literatura do arquipélago, antecedido pelos períodos: “Das origens até 1925” e o período “De 1926 e 1935”. O primeiro marcado por uma profusão de publicações, não necessariamente literárias,

e pela criação da imprensa, em 1877; e o segundo, conhecido como Hesperitano, caracterizado pelo “cabo-verdianismo” e pelo culto do mito poético da Atlântida perdida. Para o crítico português, o período claridoso é também chamado de período Regionalista, uma vez que o objetivo dos intelectuais envolvidos no projeto era voltar aos valores da terra, dando origem ao famoso lema, cunhado por Manuel Lopes, “Fincar os pés no chão crioulo”.

Tendo em conta que, assim como nas produções literárias de outros países, os períodos se compõem enquanto resultado de processos contraposição ou transformação do que se propunha em períodos anteriores, o cabo-verdiano Manuel Brito-Semedo, em sua obra **A construção da identidade nacional** (2006), traz uma hipótese de periodização da produção jornalística e literária do arquipélago. Ao associar a atividade jornalística e a produção literária defende que em Cabo Verde o jornalismo e a literatura são campos que muitas vezes se cruzam e até mesmo se completam.

O primeiro momento apontado pelo pesquisador é o que ele chama de **Período do cabo-verdianismo – 1842-1936**. Os textos produzidos não refletem o “real social cabo-verdiano”, uma vez que ainda estão bastante atrelados às produções literárias metropolitanas, não obstante já se registre a valorização da língua cabo-verdiana e sua presença nas produções literárias se torne uma constante. A literatura marcada pela presença do mito das *ilhas hesperitanas* ou “a nostalgia do paraíso perdido”, conforme aponta Manuel Ferreira (1989), acusa a influência e a presença do Neoclassicismo e do Romantismo Português.

Mergulha-se no passado, penetra-se no imaginário, tece-se mistério lendário, avivam-se textos antigos e, ao sopro da fantasia, em cada um daqueles dois poetas reconstrói-se esse fabuloso mundo “fluorescente” que povoou o Atlântico. [...] As ilhas de Cabo Verde

seriam restos desse misterioso continente. E porque filhas do rei Héspero, denominar-se-iam Hesperitanas<sup>74</sup> (Ferreira, 1989, p.191).

A disputa dicotômica entre a *mátria* crioula e a *pátria* portuguesa presente nesta fase será transformada com a assunção, a partir da revista *Claridade*, do conceito único de *mátria*<sup>75</sup>.

Dividido em duas fases - “fase dos primórdios” e “fase da criouldade”-, o **período do Cabo-verdianismo** distingue-se na primeira com a publicação dos primeiros textos, jornalísticos e literários, na imprensa em Cabo Verde e a segunda, iniciada em princípios dos anos de 1900, terá como característica principal a “exaltação dos valores crioulos” (Ibid, p.185), expressão da gênese e consolidação do nativismo no arquipélago<sup>76</sup>, momento em que os “filhos das ilhas” almejam *status* de igualdade em relação aos “filhos da metrópole”, a aliança entre *mátria* e *pátria*, a reivindicação de uma identidade heterogênea. Eugénio Tavares será o maior representante dessa tendência.

O cabo-verdianismo, aliado ao sentimento nativista de sua fase final, é considerado por Brito-Semedo “a primeira etapa do processo da construção da tão almejada identidade nacional [...]” (2006, p.275). Na fase seguinte haverá o chamado **Período da Caboverdianidade** – 1936-1975.

---

<sup>74</sup> O mito das ilhas Hesperitanas é também o aludido mito Arsinário na literatura cabo-verdiana, em referência a *Os Lusíadas*, “Cabo Arsinário” ou “Estrabão”

<sup>75</sup> O escritor Manuel Ferreira na obra **O discurso no percurso africano** (1989) afirma que o aparecimento da revista *Claridade* marcará o parricídio edípiano, o pai representado pela Pátria Colonial.

<sup>76</sup> A partir da compreensão de Mário de Andrade (1997), Manuel Brito- Semedo afirma: “O nativismo foi o termo concebido pelos letrados africanos do século XIX, o segmento intelectual dos *filhos dos pais* ou *dos filhos da terra* – a burguesia mestiça, que a pouco e pouco foi ganhando poder socio-económico e se foi substituindo à elite branca – para exprimir o sentimento colectivo de serem os portadores dos valores culturais das suas origens, como sua identificação e ponto de encontro das suas aspirações a uma futura autonomia.” (2006, p.199)

Surgido da proximidade com os modelos Modernistas português e brasileiro, a caboverdianidade é, sobretudo, caracterizada, ao contrário do que ocorria com o cabo-verdianismo, pela proximidade entre os textos produzidos e a realidade do povo cabo-verdiano e “aquilo que o identifica, e ao mesmo tempo o distingue, sócio-culturalmente como povo” (Ibid, p.186). O marco deste período é o surgimento da revista *Claridade*.

Neste período são consideradas duas fases distintas – Fase do Regionalismo e Fase do Nacionalismo, a primeira com o lema “Fincar os pés na terra” e a segunda, resultante de um processo iniciado na fase anterior tendo a literatura como instrumento para a construção da pátria cabo-verdiana.

#### **4.1 – Identidade Regional**

Primeiro é necessário que conceituemos o termo região. Segundo o dicionário Houaiss, por região compreende-se:

**1** vasta extensão de terreno **2** grande extensão de terreno ou território dotado de características que o distinguem dos demais **2.1** território cuja extensão é determinada seja por uma unidade administrativa ou econômica, seja pela similitude do relevo, do clima, da vegetação, seja pela origem comum dos povos que o habitam. (HOUAISS, 2012).

Tomando, no entanto, a reflexão sobre o conceito de região, na perspectiva da Geografia Humanística e Cultural, Meri Lourdes Bezzi (2002) aponta que o conceito emerge a partir de 1970, partindo do entendimento de região como “foco de identificação” e estrutura-se a partir do entendimento do modo como os fatores culturais e a percepção interferem “nas ações de organização e de elaboração dos

espaços geográficos e também nos recortes regionais” (2002, p.6).

Com base na fenomenologia, as considerações de Bezzi, fundamentam-se nas relações de percepção entre o sujeito e o objeto. A concretude reside na atração pelo conhecimento e reconhecimento do objeto. A percepção que se tem do real é histórica e mediada pela cultura. É nesse processo que se determina a consciência do espaço, e, seguindo esse entendimento, a consciência de região, ou seja,

“[...] a região passa a ter nova interpretação e importância, sendo vista como um conjunto de percepções vividas e estabelecidas a partir de apreensões, valorações, decisões e comportamentos coletivos. Assim, a região é, em substância, uma construção mental que, a partir de uma visão seletiva da realidade, congrega elementos de forma intersubjetiva, criando um código próprio que norteia as decisões e os comportamentos” (BEZZI, 2002, p.7).

Diante desse processo de estabelecimento de uma região - como região cultural - a cultura é chave para compreender e interpretar os espaços intersubjetivos oriundos da seleção e união subjetiva dos elementos de uma dada realidade,

A região ao mesmo tempo em que enfatiza as similaridades espaciais, faz com que as diferenças se tornem visíveis, uma vez que os recortes regionais apresentam distintas formas de organização. A região expressa, então, as necessidades impostas pela sociedade, considerando que o uso do tempo, do espaço e da técnica apresenta-se de forma desigual, pois as atividades do homem demonstram um processo contínuo de transformação do espaço, segundo os períodos históricos. Esses resultam em estágios técnicos diferenciados que se materializam distintamente nos recortes espaciais e são assumidos pelos grupos sociais. Pode-se dizer, então, que o espaço regional é heterogêneo e, portanto, individualizado por recortes espaciais que se originam de acordo com critérios específicos, uma vez que a ordem espaço-temporal ocorre em resposta às necessidades de cada tipo de produção, impostas por códigos culturais diversos, os quais se abrem para os interesses do capital, ao novo, mas que também, às vezes, resiste às mudanças, como forma de preservar a herança cultural (BRUM NETO & BEZZI, 2009, p.66).

Meri Lourdes Bezzi assinala ainda, “É importante salientar que o que se quer pôr em destaque é o novo paradigma regional, ou seja, a cultura. Assim, o espaço passa a ter conotação de uma categoria cultural, ou uma representação coletiva” (2002, p.9). A região, produto da manifestação cultural, tem na identidade (pensamos aqui na identidade cultural) a variável vital para sua formação, convergindo para o entendimento de Stuart Hall de que as “Identidades culturais [são] aqueles aspectos de nossas identidades que surgem de nosso “pertencimento” a culturas étnicas, raciais, linguísticas, religiosas e, acima de tudo, nacionais” (2006, p.8).

Na esteira da argumentação de que as identidades nacionais, para Stuart Hall, são formadas no interior das representações e não algo com o qual o sujeito nasce, as identificações primordiais que eram dadas à tribo, à religião e à região são posteriormente transferidas à cultura nacional. Partimos do pressuposto de que a compreensão de identidade regional é fulcral para o entendimento do processo de formação do Estado-Nação.

A identidade regional, que aqui colocamos no caso de Cabo Verde como precedente à consolidação da identidade nacional, se manifesta no caráter relacional dos sujeitos com a categoria espaço-temporal historicamente construída. Carvalho acrescenta luz ao conceito de identidade regional:

-

-

identidade.

socioespacial evidenciando o elemento fundador das duas entidades: a diferença. (CARVALHO, s/d apud BEZZI, 2002, p. 12).

Sob a orientação de Meri Lourdes Bezzi podemos chegar a contraposição entre regionalismo e regionalização. Enquanto o primeiro emerge das consciências das desigualdades de cada região, por meio da contestação ao centralismo e luta pela autonomia, portanto partindo da base; o segundo é marcado pela aceitação do centralismo, cujos fundamentos, ao contrário do regionalismo, vêm de cima. Nesse sentido, o autor acaba associando as instituições regionais com o “continente”, e a identidade regional com o seu “conteúdo”, sendo ambos indispensáveis à manutenção do grupo social (2002, p.14).

O regionalismo assim retrata uma conduta ativa que, partindo da identidade cultural local encaminha os desejos do grupo, seja por meio dos embates ou aceitação do posicionamento e ações superiores responsáveis por gerir aquele grupo, ações essas que, muitas vezes, “ignoram os problemas quotidianos e as aspirações dos seus habitantes” (2002, p.16). Resumindo o conceito de região e os demais campos de conhecimento que decorrem de sua compreensão, pode-se destacar:

Muito além de seu significado etimológico, a região é uma confluência de forças que se revelam em sua estrutura interna, assim como em suas articulações externas. [...] A região (como interconexão espacial) envolve interações materiais e imateriais, passando por uma sinergia física e social (ROSEIRA, 2011, p. 111).

Portanto, ao falarmos em região e regionalismo e compreendermos *Claridade*

como espaço definitivo para a consciência e identidade regional, o fazemos diante da convicção de que esta consciência constitui mais alguns passos, talvez os mais contundentes, para a emergência do nacionalismo no arquipélago crioulo.

A postura dos intelectuais dos anos de 1930 em Cabo Verde, de se debruçarem sobre o regionalismo como elemento para a contestação de sua identidade e instrumento na luta pela autonomia, materializou-se, sobretudo nas produções literárias que se voltaram para os problemas de Cabo Verde e a condição de vida de seu povo, como nos foi possível identificar no capítulo anterior, em que tomamos as produções literárias e críticos-ensaísticas da revista *Claridade* como registros da decisão de “fincar os pés” no chão crioulo.

Esta perspectiva do grupo claridoso advém de acontecimentos apontados por Manuel Brito-Semedo como precursores para a consolidação do pensamento em defesa de Cabo Verde enquanto espaço regional. Um desses acontecimentos é a criação, em 1932, da “União Regionalista Caboverdeana”<sup>77</sup>, grupo de caráter político, social e cívico, que propunha o debate sobre as condições político, sociais e econômicas do arquipélago. A intervenção de fato, no entanto, viria a acontecer somente em 1936, com a publicação do primeiro número de *Claridade* – Revista de Letras e Artes, cujo cariz político e cultural era de intervenção por meio da produção literária.

A bandeira do regionalismo veiculada pela *Claridade* foi desfraldada quando, no frontispício do seu primeiro número (Março de 1936) apresentou três textos poéticos da tradição oral em língua crioula – “lantuna & 2 motivos de ‘finaçon’ (batuques da ilha de Sant’Iago)” – e nos números seguintes uma morna (“Vénus”) de S. Vicente, o folclore poético da Ilha de Santiago (“finaçom” e “batuque”) e as cantigas de Ana Procópio, da Ilha do Fogo; o folclore novelístico de S. Nicolau e Santo Antão; estudos etnográficos sobre a “Tabanca” da

---

<sup>77</sup> No Brasil, o “Centro Regionalista do Nordeste” foi criado em 1924 em Recife.

ilha de Santiago, e as “Bandeiras”, da ilha do Fogo; e estudos sociológicos sobre a estrutura social da ilha do Fogo e a originalidade humana das ilhas (SEMEDO, 2006, p.319).

A bandeira do regionalismo empunhada pelos claridosos como instrumento para reivindicação de uma identidade cultural própria, distanciada dos conceitos metropolitanos, teve na literatura brasileira sua mais forte inspiração. A sintonização com os romances regionalistas brasileiros de inspiração neorrealista dos anos de 1930 foram, sem dúvida e, confessadamente, sobretudo por meio de entrevistas, o exemplo que os intelectuais claridosos precisavam para repensar o fazer literário no arquipélago e assim consolidar as bases da nova literatura moderna cabo-verdiana, conforme veremos adiante a partir diálogo empreendido com Gilberto Freyre e sua obra.

Importantes estudiosos voltaram-se às pesquisas acerca da formação identitária cabo-verdiana partindo das propostas da criação da consciência regional iniciada pelos claridosos. De algum modo, diante da dimensão de *Claridade*, cabo-verdianos e estrangeiros procuram responder à seguinte indagação: até que ponto as narrativas da nação, uma das estratégias acionadas para a construção do senso de pertencimento (HALL, 2006), não seriam ancoradas nos temas levantados e cultivados pelos claridosos<sup>78</sup>?

Leila Hernandez, em **Os filhos da terra do sol**, defende que os temas levantados pelos claridosos em suas publicações: as secas, a diáspora entre outros

---

<sup>78</sup> Stuart Hall, em **A identidade cultural na pós-modernidade**, seleciona cinco elementos das estratégias representacionais acionadas para construir o sentimento de pertença, elemento fundamental na constituição da identidade nacional: 1- “A narrativa da nação”, 2- “Ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade”, 3- “Invenção da tradição”, 4- “O mito fundacional” e 5 - “Ideia de um povo ou *folk* puro, original”

“cria(m) maneiras de representar a sociedade sob o signo da unidade social” (2002, p.136). Elementos que, para ela, dizem respeito a um problema comum aos povos do arquipélago, e que são de “absoluta relevância para a constituição da consciência nacional” (Ibid, p. 136). A perspectiva da autora articula-se à afirmação de Stuart Hall - para quem a identidade nacional constitui um aspecto particular da identidade cultural - de que “As culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também símbolos e representações” (HALL, 2006, p. 50).

Os efeitos dessa lealdade à terra serão sentidos somente pelas gerações futuras. Se não se efetiva a consciência nacional, ao menos cria-se a polêmica “em torno da consciência do país, isto é, do nacional” (HERNANDEZ, 2002, p.136). Apresentando o romance *Chiquinho*, de Baltasar Lopes como exemplo, a pesquisadora brasileira pontua:

[...] *Chiquinho*, de Baltasar Lopes, editado em 1947, é um marco. Em torno do sentimento básico de “ter de ficar querendo partir e ter de partir querendo ficar”, o autor recria o espaço social do qual emergem as características típicas da sociedade cabo-verdiana. Nesse romance a vida pessoal de “Chiquinho” é utilizada como ponto de partida para a construção de um corpo coletivo passível dos mesmos problemas. (...) em *Chiquinho*, o povo é um elemento de estudo com o qual se estabelece uma convivência mais estreita e por meio dele insinua-se, ainda que de forma velada, uma denúncia social.[...] É que esta literatura, com nítidas pretensões nacionais, cria maneiras de representar a sociedade sob o signo da unidade nacional (2002, p.136-137).

Do ponto de vista cultural e literário não nos resta dúvida de que foi a *Claridade* um marco revolucionário e que, embora não possamos comprovadamente vincula-la aos discursos da constituição da nação, em sua gênese, não podemos negar tampouco que adquiriu esse *status* no pós-independência, qual seja por legitimidade ou por ações políticas governamentais.

Amílcar Cabral, herói da luta de libertação da Guiné e Cabo Verde, considerava o caráter multicultural da população dentro de um projeto de nação não como um fim, mas como um processo permanente de construção. Para ele a construção da nação envolve a luta de libertação nacional do colonialismo e do neocolonialismo, considerado como a ação imperialista de uma burguesia ou pseudo-burguesia local, enfeudada à classe dirigente do país dominador.

Cabral forjou seu pensamento a partir dos contatos com o ideário pan-africanista e com o movimento da Negritude, fundado em Paris por Aimé Césaire, Léon Damas e Léopold Sédar Senghor. Nesse sentido, emerge a valorização do retorno às fontes e da cultura nacional, preferindo o conhecimento interno para apontar os caminhos do futuro do que a importação de modelos exógenos, como se pode depreender do texto abaixo:

Quando o povo africano afirma, na sua linguagem chã, que “por mais quente que seja a água da fonte, ela não coze o teu arroz”, enuncia, com chocante simplicidade, um princípio fundamental não só da física como da ciência política. Sabemos, com efeito, que a orientação (o desenvolvimento) dum fenômeno em movimento, seja qual for o seu condicionamento exterior, depende principalmente das suas características internas. Sabemos também que, no plano político, por mais bela e atraente que seja a realidade dos outros, só poderemos transformar verdadeiramente a nossa própria realidade com base no seu conhecimento concreto e nos nossos esforços e sacrifícios próprios (CABRAL, 2008, p. 175).

Inspirado na Revolução cubana, Cabral desenvolveu, na Guiné-Bissau e em Cabo Verde, uma estratégia de luta de libertação nacional que partia do campo para a cidade, possibilitando um maior envolvimento camponês e a manutenção de zonas libertadas, assegurando o avanço da luta. Para isso, o líder guineense estudou as características dos diversos grupos étnicos da Guiné e as relações que esses grupos mantinham com o colonialismo para melhor cooptá-los. Uma das etnias mais numerosas no exército de libertação foi a dos bambaras. Englobar os povos da

Guiné e de Cabo Verde, promovendo uma elasticidade de fronteiras, foi um dos aspectos mais singulares do pensamento revolucionário de Amílcar Cabral que ele pôs em prática no projeto de unidade política para enfrentar o colonialismo.

Todavia, considerar a Luta de Libertação como um ato de cultura é, dentre todos os aspectos do pensamento de Amílcar Cabral, aquele que maior poder de inovação apresentou nas lutas de libertação dos países africanos. Para ele:

Uma apreciação correta do papel da cultura no movimento da pré-independência ou da libertação exige que se faça uma nítida distinção entre cultura e manifestações culturais. A cultura é a síntese dinâmica, ao nível da consciência do indivíduo ou da coletividade, da realidade histórica, material e espiritual, dum sociedade ou dum grupo humano, das relações existentes entre o homem e a natureza, como entre os homens e as categorias sociais. As manifestações culturais são as diferentes formas pelas quais esta síntese se exprime, individual ou coletivamente, em cada etapa da evolução da sociedade ou do grupo humano em questão (CABRAL, 2008, p.228).

Para Amílcar Cabral, a cultura é a verdadeira base do movimento de libertação, sendo que somente as sociedades que preservam sua cultura são capazes de mobilizar-se, organizar-se e lutar contra o domínio estrangeiro (Ibidem). Ele compreende que “sendo o domínio imperialista a negação do processo histórico da sociedade dominada, é necessariamente a negação do seu processo cultural” (Ibidem). Em relação à importância da cultura, o pensamento de Amílcar Cabral pode ser assim sintetizado, em sua frase lapidar: “A luta de libertação é, antes de mais, um ato de cultura”. (Ibidem).

Amílcar Cabral explica esse pensamento, do qual subjaz o conhecimento e valorização das culturas pluriétnicas guineense e cabo-verdiana, no projeto de unidade política que concebeu:

A luta de libertação é um fato essencialmente político. (...) Com efeito, é no conhecimento concreto da realidade local, em especial da realidade cultural, que se fundamenta a escolha, a estruturação e o desenvolvimento dos métodos mais adequados para a luta. Daí a

necessidade, para o movimento de libertação, de conceder uma importância primordial não só às características gerais da cultura da sociedade dominada, mas também às de cada categoria social. Embora tenha um caráter de massa, a cultura não é uniforme, não se desenvolve igualmente em todos os setores, horizontais e verticais da sociedade (CABRAL, 2008, p. 228-9).

A luta de libertação nacional, para Amílcar Cabral, não era apenas um fato de cultura, mas também um fator de cultura. Para ele, a resistência cultural era uma das formas mais efetivas de resistência à dominação:

(...) é certo que a dinâmica da luta exige também a prática da democracia, da crítica e da autocrítica, a participação crescente das populações na gestão da sua vida, a alfabetização, a criação de escolas e de serviços sanitários, a formação de quadros vindos dos meios camponeses e operários, e muitas outras realizações que implicam uma verdadeira marcha forçada da sociedade no caminho do progresso cultural (CABRAL, 2008, p. 231).

À Citação acima, aduzimos de forma sintetizadora o pensamento de Amílcar Cabral baseado na importância da cultura na luta de libertação nacional e assim na construção da identidade nacional:

A luta de libertação, que é a mais complexa expressão do vigor cultural do povo, da sua identidade e da sua dignidade, enriquece a cultura e abre-lhe novas perspectivas de desenvolvimento. As manifestações culturais adquirem um novo conteúdo e novas formas de expressão, tornando-se assim um poderoso instrumento de informação e formação política, não apenas na luta pela independência como também na primordial batalha do progresso (CABRAL, 2008, p. 236).

O pesquisador cabo-verdiano Gabriel Fernandes em sua esclarecedora obra

**A Diluição da África**, cujo subtítulo é “Uma interpretação da saga identitária cabo-verdiana no panorama político (pós) colonial” - tendo como mote a afirmação de Manuel Ferreira de que o caso de Cabo Verde é um caso de “África Diluída” -, traça uma profunda análise dos aspectos composicionais da identidade cabo-verdiana, a qual, segundo ele, foi profundamente marcada pelo tratamento específico dado por parte do colonizador.

A formação de uma intelectualidade nativa, os chamados filhos da terra, que mencionamos no primeiro capítulo desta tese, criou também o sentimento de “cissiparidade pátrida”. Embora se considerassem cidadãos portugueses, o apego à terra cabo-verdiana fez com que o local na qual habitavam, trabalhavam e nasceram fosse o seu principal foco de identificação.

Com a eclosão do Estado-Novo português, as políticas assimilacionistas e integracionistas, articuladas institucionalmente, fazem com que as tentativas de autonomização da individualidade cultural do arquipélago perca forças,

A partir de então, a função de mediação e produção intelectual, levada a cabo pelos *nativistas*, passa a incumbir-se aos chamados *claridosos*. Estes se engajaram, ao logo dos anos, na triagem e processamento de diferenças e semelhanças, buscando a consubstanciação da mestiçagem, como expressão da *lusitanidade* cultural do cabo-verdiano, e, de Cabo Verde, como um caso de regionalismo português (FERNANDES, 2002, p.16).

Fernandes sustenta que este posicionamento inaugurado pelos claridosos faz com que os intelectuais do grupo incorporassem em seu pensamento a reivindicação de, nos âmbitos político e administrativo, um tratamento específico por parte da metrópole. Os eventos a cercarem posteriormente o processo de independência da colônia crioula teriam aí algumas raízes.

Nos anos de 1950, enquanto a revista *Claridade* ainda circula, emerge o grupo da Nova Largada. Cabo Verde passa a ter dois grupos de intelectuais atentos às condições do arquipélago. O primeiro, de acordo com Gabriel Fernandes, estava preocupado em negociar o estatuto administrativo das ilhas e o segundo, associado aos grupos de resistência das demais colônias portuguesas, pensava o arquipélago em termos “das relações coloniais de dominação” (Ibid, p.18).

Sem dúvida, a importância dos claridosos é que eles constituem, com os nativistas, a primeira etapa de um processo de construção identitária determinado político e ideologicamente. A preocupação de Fernandes está na compreensão da interseção entre o simbólico e o social na construção do sentimento de pertença, aspecto primordial na formação identitária de um grupo. Há nas considerações deste pesquisador cabo-verdiano a defesa de que a atitude dos claridosos, diferente do que foi afirmado pelos próprios, não foi de resistência, mas sim, de negociação. A escolha pela regionalização, nada mais foi que “os desdobramento do projeto uninacional” (Ibid, p.78).

A singularidade de Cabo Verde no quadro colonial lusitano reside em vários fatores que interferiram em seu desenvolvimento histórico-cultural. Lá não houve, por exemplo, a implantação direta do “Estatuto do Assimilado” como ocorreu nas demais colônias portuguesas na África. Os instrumentos da elite letrada cabo-verdiana seriam a exibição de valores próprios, mas que não afetassem as relações e a autoridade da metrópole, “[...] cabia-lhes provar estarem à altura dos metropolitanos, pela assimilação [...]” (Ibid, p.79).

[...] parte considerável das produções literárias e investidas políticas destes novos produtores simbólicos foi posta ao serviço do regionalismo como *locus* de validação da teoria de equiparação do mestiço ao europeu, levando à desqualificação ou subordinação de

todas as manifestações culturais sub-regionais não coincidentes com o estatuto do assimilado ou com a nova versão da mestiçagem (Ibid, p.79-80).

Embora concordemos com Gabriel Fernandes de que a conduta dos intelectuais claridosos foi de negociação frente à situação em que viviam, é evidente que a presença sistemática do elemento africano nas publicações da revista, como vimos no capítulo anterior, é relevante para a repercussão e inserção do imaginário do continente na identidade cabo-verdiana.

A respeito dessa tendência majoritária expressa pelos claridosos de valorização dos elementos europeus em detrimento dos valores negro-africanos, Claudio Furtado afirma,

Ao erigirem a mestiçagem<sup>79</sup> como marca fundamental da sociedade cabo-verdiana, os intelectuais estariam, de certa forma, negando a condição negro-africana da formação social cabo-verdiana. Não podendo afirmar-se brancos, a condição mestiça permitia, no entanto, uma aproximação, sobretudo cultural com aqueles [...] (2013, p.7).

Observe-se que mesmo incentivando a disseminação do assimilacionismo e integracionismo, e proibindo toda e qualquer manifestação que incitasse à autonomia, o Estado-Novo português não pôde combater o uso da língua crioula e a valorização do batuque em *Claridade*, para citar dois exemplos.

David de Hopffer Almada a esse respeito, afirma que a formação da identidade cultural cabo-verdiana inicia-se pelo contato com a cultura portuguesa.

---

<sup>79</sup> A respeito da invenção da identidade mestiça cabo-verdiana aludimos, no primeiro capítulo, às considerações de José Carlos dos Anjos.

Argumentando que sendo formado a partir da colonização lusa, obviamente não se pode ver Cabo Verde ignorando esse aspecto. Surpreende, pois, para o estudioso o fato de que se procure conceituar a identidade cabo-verdiana pela negação da identidade portuguesa. Dessa maneira, a questão da alteridade torna-se fundamental para se entender a formação identitária cabo-verdiana “[...] muitas vezes, as culturas, os povos definem-se por alteridade” (2006, p.67). O grande risco da tentativa de distanciar Cabo Verde tanto da África quanto da Europa é o de criar o que ele chama de gueto. A importância de Portugal advém do pensamento de que “A valorização do nacional (do Cabo Verdiano) passa por uma demarcação em relação à nação colonizadora e, demanda, em contrapartida, um novo elo de ligação. E neste caso, o Brasil serve como um idea-tipo, ou, se se quiser, um arquétipo” (2006, p.70).

Enquanto Gabriel Fernandes estrutura seu estudo na intersecção entre o simbólico e social, Cláudio Furtado, também cabo-verdiano, situa o processo no que ele chama de encruzilhada entre o simbólico e o espacial. A *Claridade*, para Furtado, é também importante marco na gênese das reflexões acerca da formação identitária do arquipélago, corroborando a defesa de que o grupo tenha centrado suas reivindicações da identidade no espaço da “macroestrutura lusitana”.

Sobre a relação entre o espaço, território e a construção da identidade, Furtado afirma:

[...] no contexto das sociedades africanas, os territórios não são meros espaços físicos e geográficos, são, antes, portadores de uma historicidade social e mítica que liga povos e culturas não apenas a uma determinada cosmovisão, mas também à sua relação com os ancestrais. Neste sentido, o território comporta uma dimensão cultural e religiosa indiscutível [...] (2013, p.4).

No caso de Cabo Verde as particularidades a envolverem o processo de ocupação das ilhas precisam ser consideradas, configurando o que o professor chama de “triplo processo”: primeiro, a ocupação das ilhas, desabitadas antes da chegada dos portugueses, consiste um processo de “territorialização” – a construção de um território; segundo, “desterritorialização”, o processo pelo qual os recém-chegado às ilhas deixam de lado seus territórios de origem e adquirem a pertença a espaço construído no arquipélago e; terceiro, o processo de “reterritorialização”, a reconstrução dos sujeitos nos novos territórios das ilhas.

No capítulo anterior, ao sustentarmos nossa análise nos elementos temáticos levantados pelas publicações da *Claridade*, indicamos como um dos temas capitais a evasão, aspecto que dialoga com os processos emigratórios que fazem parte da vida do povo ilhéu, ou seja, a sua relação com o espaço, com seu território, simbólico no que se refere à evasão e físico, em relação à emigração, processos dolorosos e que expressam as relações de desigualdade do arquipélago.

As comunidades cabo-verdianas diaspóricas (re)produzem, em terras alienígenas, um novo território, essencialmente na sua dimensão simbólica, mas também sócio-cultural. É, em certa medida, um Cabo Verde fora do lugar que permite que identidades cabo-verdianas sejam reconstruídas em espaços territoriais juridicamente pertencentes a outros Estados, mas efetivamente apropriados e reapropriados quotidianamente [...] (id, 2013, p.5).

A emigração em todo esse processo de construção da identidade a partir da pertença ao território, constitui outro espaço de reterritorialização<sup>80</sup>.

Victor Barros aponta que a opção do grupo *Claridade* pela valorização do

---

<sup>80</sup> Uma característica do cabo-verdiano exaustivamente explorada por diversos pesquisadores, dentre os quais podemos mencionar Manuel Lopes, em seu texto “Tomada de Vista”, publicado na revista *Claridade*, é a capacidade que este tem de levar seu país consigo, aonde quer que vá.

regional - outro aspecto por nós aventado no capítulo 2 deste estudo -, fez com o que o regionalismo também ganhasse uma “conotação territorializante”, uma vez que, enquanto espaço, “moldou e definiu os contornos, as particularidades e as características da mundivivência e da idiossincrasia sócio-cultural e antropológica cabo-verdiana” (2008, p.198).

O privilégio concedido pelos claridosos à mestiçagem como elemento estruturador da formação identitária cabo-verdiana, em detrimento da efetiva participação do negro-africano, constituindo o que o Furtado classifica como “tendência majoritária” (2013, p. 7), também permeará as considerações de José Carlos Gomes do Anjos, para quem o pensamento da caboverdianidade passou por um processo de essencialização, ou seja, a construção de um imaginário que procura a unificação nacional antes da criação do próprio Estado (2003).

Estudar e analisar o papel da *Claridade* – revista e grupo – configura uma via que se desdobra em duas direções: uma é pensar em *Claridade* em termos políticos, outra é pensá-la em termos literários e culturais.

Em termos políticos é bastante dúbia ainda a sua função na constituição do sentimento nacional e posteriormente na implantação da nação cabo-verdiana, e na valorização da consciência regional. Nas palavras de Victor Barros:

A justificação do caso cabo-verdiano pelos claridosos, através do estudo, da busca e explicação das raízes socioculturais, parece ser uma manifestação da exaltação da missão civilizadora de Portugal. [...] Neste caso o regional é concebido como apêndice ou prolongamento da extensão universalista da identidade lusa; e parte integrante do mundo lusotropical criado por Portugal (2008, p.197-198).

Victor Barros defende que nos textos ensaísticos publicados em *Claridade* já

se antevia “os pressupostos enunciadores da justificativa identitária” (2008, p. 193), pressupostos que serão retomados no pós-independência no intuito de fundamentar os discursos de consolidação do Estado nacional.

Sendo assim, para o historiador, em nenhum momento os claridosos referem-se à sua terra como nação. Na esteira de que por Nação entende-se o estado de pertença a si mesmo e não a um todo maior, os claridosos, ao serem exclusivamente regionalistas, negam o direito de clamar pela nação. A defesa do nacionalismo da revista e do grupo ocorre por uma “ventilação retórica” no pós-independência, a partir da construção de uma espécie de “mito de fundação”.

#### **4.2 - Gilberto Freyre: Manifesto Regionalista e o contato entre *Claridade* e o regionalismo pernambucano.**

O antropólogo brasileiro, Gilberto Freyre, foi, no âmbito dos referenciais teóricos dos intelectuais claridosos, um dos estudiosos mais lidos pelo grupo. A profusão de entrevistas, depoimentos e ensaios aludindo o autor de **Casa Grande & Senzala** corroboram nossa afirmação.

Os elementos lançados à interpretação da realidade e os aportes construídos para a compreensão da consciência e, posteriormente, da identidade regional dialogam com as propostas de Freyre, sobretudo as materializadas em seu **Manifesto Regionalista**, texto marcado pela poeticidade da linguagem a refletir a visão de seu autor sobre o regional e a valorização de suas especificidades com vistas a fortalecer a identidade do nordeste.

Nosso objetivo é buscar o aprofundamento deste diálogo empreendido com a literatura brasileira, sobretudo o regionalismo. No Brasil o regionalismo representou também a afirmação da brasilidade, tanto quanto o regionalismo crioulo significou a consolidação da caboverdianidade no arquipélago africano. Relacionam-se, portanto, esses dois movimentos.

Desse modo, as teorizações de Gilberto Freyre, um dos próceres do regionalismo nordestino (especificamente pernambucano) são de capital importância para nós. Uma vez que confessadamente o pensamento e a obra do antropólogo brasileiro fizeram parte das bases intelectuais e ideológicas dos fundadores de *Claridade* e, portanto, estiveram presentes direta e indiretamente em suas produções literárias e críticas-ensaísticas:

A adoção do nordeste brasileiro, como modelo de apoio e de identificação para explicar o caso cabo-verdiano, constitui uma forma de manifestação da ideia de irmandade elaborada com base numa cosmovisão veiculada através das personagens e do retrato narrativo de uma realidade específica nos romances dos escritores nordestinos (BARROS, 2008, p. 196).

O movimento regionalista irrompe na cidade do Recife em 1924, com a criação do Centro Regionalista do Nordeste. Empenhados em diluir as fronteiras entre a tradição e a inovação, seus protagonistas não ignoravam as propostas do Modernismo Brasileiro de 1922. Entretanto sua adesão não era total aos princípios que seriam sintetizados na conferência que faria, em 1945, Mario de Andrade: “o direito à pesquisa estética”, “atualização da inteligência artística brasileira” “estabilização de uma consciência nacional”<sup>81</sup>. Se partilhavam os dois primeiros, o Grupo do Recife, como ficaram conhecidos os seus integrantes, relativamente ao

---

<sup>81</sup> “O movimento modernista”. In: **Aspectos da Literatura Brasileira**. São Paulo: Martins, 1967, p. 57.

terceiro propunham a substituição do nacional pelo regional. Em suma, o caráter modernista estaria assegurado na defesa da ideia de renovação com base na retomada de valores tradicionais.

O movimento do Recife, traduzido em expressões literárias e artísticas, procurava uma valorização dos elementos regionais, que através da pintura, do desenho, da música, da literatura, evidenciassem o espírito criador de sua gente. É assim que surgem, ou desenvolvem sua criação, na utilização da temática regional. (DIÉGUES JUNIOR, In: FREYRE, 1976, p.7).

Em fevereiro de 1926, Gilberto Freyre, no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, na cidade do Recife, lê pela primeira vez o texto **O Manifesto Regionalista**, cujo conteúdo propunha a necessidade de se estudar e reabilitar “os valores regionais e tradicionais” do nordeste brasileiro.

O texto de Gilberto Freyre aparece em um momento em que Pernambuco é agitado por dois movimentos, “duas vertentes de ideias” (AZEVEDO, 1984, p.11), determinantes para a vida artística e cultural de Pernambuco e do Nordeste.

De um lado o modernismo, importado do sul (São Paulo e Rio de Janeiro) por Joaquim Inojosa, cujo ideário viria a caracterizar a busca por novo modelo estético, um código novo, incluindo também fatores como temas e motivos, em outras palavras, uma verdadeira revolução nas artes brasileiras. De outro, o Regionalismo, propondo a preocupação e valorização de aspectos da cultura nordestina, tendo como principal voz o antropólogo Freyre, que naquele momento retornava ao Brasil depois de passar tempo estudando no exterior, desenvolvendo as ideias basilares para seus estudos futuros sobre a sociedade brasileira.

Essas duas vertentes desenvolveram em Pernambuco a polarização entre os

intelectuais, cujos embates se percebiam, sobretudo nas publicações da época, enquanto o Diário de Pernambuco abrigava as publicações e propagandas regionalistas, o Jornal do Comércio apoiava a propaganda modernista (AZEVEDO, 1984).

Joaquim Inojosa (1968), o mais importante nome do movimento modernista em Pernambuco, escreve mais tarde em 3 volumes “O movimento Modernista em Pernambuco”, no qual, retrata a presença e os ideais modernistas por meio de importante documentação colhida de seu contato com o grupo modernista de São Paulo e Rio de Janeiro.

A propaganda modernista no nordeste brasileiro (não restrito ao caso de Pernambuco) foi, para Bosi (2001), embora não tenha havido o que ele chama de derivações das propostas, “uma realidade poderosa com o *facies* próprio da região e deu o tom ao melhor romance dos anos 30 e 40” (2001, p. 345).

Por outro lado, o Regionalismo, organizado em torno de Gilberto Freyre, centrava suas preocupações não com vistas a uma revolução estética literária, embora também tenha havido reflexos nesse aspecto, mas sim em torno de seu interesse nas instituições e valores brasileiros.

A despeito de toda a efervescência que a rivalidade entre ambos os movimentos provocou na vida intelectual pernambucana não os compreendemos como ideários opostos, uma vez que o modernismo aponta para uma ruptura com a estética vigente, enquanto o regionalismo propõe a definição de um espaço social, cultural e porque não, literário. Ou seja, a tradição defendida pelos regionalistas é ressignificada e torna-se o novo na constituição do texto literário.

O texto fundamental para compreendermos esses ideais propostos por Freyre e pelo Centro Regionalista é **O Manifesto Regionalista**, apresentado pelo antropólogo no Primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo<sup>82</sup>, em 1926. Nesse texto, figura-se o que Afrânio Coutinho chama de “valorização do ‘genius loci’” (1988, p.201), sem, no entanto, colocar em dúvida a unidade nacional. O regionalismo<sup>83</sup> é entendido assim como uma importante peça na construção da unidade.

O conjunto de regiões é que forma verdadeiramente o Brasil. Somos um conjunto de regiões antes de sermos uma coleção arbitrária de “Estados”, uns grandes, outros pequenos a se guerrearem economicamente como outras tantas Bulgárias, Sérvias e Montenegros e a fazerem às vezes de partidos políticos – São Paulo contra Minas, Minas contra Rio Grande do Sul - num jogo perigosíssimo para a unidade nacional (FREYRE, 1976, p. 56).

Gilberto Freyre lança nesse momento os pressupostos, defendidos por ele e pelo grupo regionalista, de valorização regional. Observamos que seu objetivo é, a partir de aspectos cotidianos pernambucanos, dentre os quais destacamos a culinária nordestina, lançar as bases para a valorização da tradição em contraposição, naquele momento, ao futurismo, apresentado por Joaquim Inojosa.

É importante evidenciar que não apenas os aspectos gastronômicos estão no foco de interesse do antropólogo e de seu grupo, mas também aspectos relacionados à arquitetura, ecologia, danças, músicas e artesanato tipicamente

---

<sup>82</sup> A denominação do evento, no entanto, passa por algumas discrepâncias: Gilberto Freyre em seu manifesto refere-se ao evento como “1<sup>o</sup> Congresso Brasileiro de Regionalismo”, porém, no livro *Região e Tradição* refere-se ao evento como “1<sup>o</sup> Congresso Regionalista do Nordeste”. Neroaldo Pontes afirma que os noticiários da época o denominaram de 1<sup>o</sup> Congresso Regionalista do Nordeste, como a primeira designação é a aceita e disseminada pelo próprio Gilberto Freyre é a que usaremos.

<sup>83</sup> Convém lembrar que no Brasil não temos somente um momento em que o regionalismo se apresenta como instrumento de expressão artística e cultural, pensamos aqui, sobretudo no período romântico em que obras de José de Alencar também propunham a construção do nacionalismo brasileiro, queremos, porém abrir um parêntese para explicar que o modernismo a que nos apegamos refere-se especificamente ao regionalismo modernista, ocorrido entre os anos 20 e 30.

nordestinos.

Em sua obra **Região e Tradição**, publicada em 1941, Freyre volta ao debate que animava a cena intelectual do Recife nos anos de 1920, argumentando agora contra a distinção entre modernismo e regionalismo. Em relação à produção literária desenvolvida sob a égide das discussões acerca do regionalismo afirma:

Na ficção, foi nos romances de ambiente regional de José Lins do Rego – obra ao mesmo tempo de crítico social e de criador poético – que aquelas tendências tiveram sua expressão mais forte e mais pura. Ellas se encontram também, com extraordinário viço literário, nas melhores páginas da *Bagaceira*, de José Américo de Almeida – o primeiro escritor moderno da região nordestina a ser lido pelo grande publico brasileiro; nos melhores contos de Luís Jardim; no romance autobiográfico – infelizmente ainda inédito – de Cicero Dias, cujo título é um nome de engenho de Pernambuco: *Jundiá*. Em Jorge de Lima e em Ascenso Ferreira: no Jorge de Lima de *Essa negra Fulô* e no Ascenso de *Mulata sarará*. (1941, p.27).

Gilberto Freyre faz, no entanto, uma interessante defesa do caráter moderno do seu grupo regionalista-tradicionalista. Em uma comunicação realizada no Conselho Federal de Cultura e publicada em sua obra **Manifesto Regionalista** (1976) apresenta uma série de aspectos que caracterizam o movimento “a seu modo, modernista”, porém completamente independente do modernismo do eixo Rio-São Paulo. O caráter moderno do movimento regionalista pernambucano se expressaria, sobretudo, no modo de se dar novas formas à tradição. Um exemplo apontado pelo antropólogo diz respeito ao tratamento dado a língua portuguesa que, de acordo com ele, sofre um processo de abrasileiramento nas obras de representantes do movimento regionalista,

A essa contribuição – que inclui ritmo, uso de repetições, pontuação, forma, musicalidade, sem sacrifício de precisão e evitada sempre à eloquência convencional - se vêm juntando inovações e ressurreições artísticas em técnicas de novela e de teatro – notável a

de Ariano Suassuna com o tão regionalista quanto tradicionalista e a seu modo modernista *Auto da Compadecida* – de conto e ensaio<sup>84</sup>. (FREYRE, 1976, p.25).

Quando Gilberto Freyre organiza o congresso regionalista em Recife e apresenta o manifesto regionalista, há que se considerar que este contexto inclui também, de certo modo, uma intervenção nas discussões modernistas basicamente pautadas nos acontecimentos ocorridos no eixo Rio-São Paulo. Ao afirmar que o Manifesto Regionalista (a envolver também o congresso organizado em defesa do regionalismo em 1926) é também “a seu modo, modernista”, Freyre amplia a compreensão do entendimento das tendências modernistas da época.

Defendido, por outro lado, por alguns estudiosos como uma franca oposição aos valores defendidos pelo movimento modernista, o **Manifesto Regionalista** para estes pesquisadores, marcados por elementos conservadores, estava por demais preso aos valores rurais da sociedade nordestina, de acordo com Robson dos Santos (2011).

Embora esse seja um argumento defendido por Gilberto Freyre, conforme vimos, o sociólogo Robson dos Santos defende que “O Regionalismo que irrompe no *Manifesto regionalista* difere daquele que ressoará em parte do romance nordestino da década de 1930” (2001, p.401). Coincidentes no ponto de partida, muitas das obras ligadas ao pensamento regionalista nordestino dos anos de 1930 distinguem-se do pensamento freyriano pelo entendimento das questões sociais a envolver o nordeste brasileiro. Grande parte das obras regionalistas destes anos

---

<sup>84</sup> Ao fazermos uma comparação entre a afirmação de Gilberto Freyre a respeito da literatura brasileira regionalista e os textos publicados na revista (capítulo 2 deste trabalho), percebemos a relevância em aproximarmos os dois acontecimentos, uma vez que são nítidos os pontos de contato.

caracteriza-se pelo caráter de denúncia, uma vez que estão ligadas ao pensamento neo-realista a reger as produções literárias da época.

O *Manifesto Regionalista* reporta-se “a um quadro de alterações das estruturas sociais e econômicas” (SANTOS, 2011, p. 402) da região, a decadência dos engenhos, por exemplo, é um dos elementos a marcar a literatura que se estrutura sob a égide das discussões freyrianas, marcada, entre outros aspectos por uma espécie de saudosismo e que vislumbra com temeridade as transformações em curso.

O congresso regionalista acontece no ano de 1926. O texto lido por Gilberto Freyre em sua abertura foi publicado, pela primeira vez, somente no ano de 1952. Embora publicado anos mais tarde, as ideias expostas por Freyre, na ocasião da realização do congresso, foram amplamente divulgadas na imprensa pernambucana na época e inseridas na obra **Livro do Nordeste**<sup>85</sup>, nas quais já se vislumbram os ideais propostos para a valorização da cultura regional nordestina.

Na abertura do manifesto, Gilberto Freyre destaca a primazia do evento realizado em Recife no ano de 1926 “primeiro do gênero, não só no Brasil como na América” (1976, p.52). No próprio manifesto, seu autor, já destaca terem sido publicados partes de seu texto nos jornais da época, cujas ideias desenvolvidas serviram como arcabouço teórico para estudos encaminhados em outros lugares, como o sul do Estados Unidos da América.

---

<sup>85</sup> “[...] uma coletânea de trabalhos, definidos, no artigo de apresentação, como um ‘pequeno esforço’ de estimativa em torno de alguns valores mais característicos da região” (AZEVEDO, 1984, p. 162). É no **Livro do Nordeste** que Manuel Bandeira publica “Invocação do Recife”, poema que teve importante repercussão nos poetas e intelectuais claridosos, o que reforça a certeza que os intelectuais cabo-verdianos tiveram contato com as propostas pernambucanas de valorização da identidade regional.

O manifesto faz uma proposta de que se desenvolvam no Brasil outros regionalismos com o intuito de torná-lo um movimento que tenha o regional como suporte para o fortalecimento nacional. Para tanto, Freyre aponta o nordeste brasileiro como base primordial para que o sentimento nacional fosse gestado no Brasil. A valorização regional seria o caminho para se suprir as “necessidades de união nacional” (Ibid, p.55).

Regionalmente é que deve o Brasil ser administrado. É claro que administrado sob uma só bandeira e um só governo, pois regionalismo não quer dizer separatismo [...]. Regionalmente deve ser estudada, sem sacrifício do sentido de sua unidade, a cultura brasileira, do mesmo modo que a natureza; o homem da mesma forma que a paisagem. Regionalmente devem ser considerados os problemas de economia nacional e os trabalhos (FREYRE. 1976, p.56).

Há na proposta de Freyre a explícita necessidade de combater o furor da novidade estrangeira que ameaça, segundo ele, a defesa das tradições que correm o risco de serem definitivamente abandonadas no Brasil, a única solução passaria pela defesa dos valores regionais.

Num claro sentimento saudosista, Freyre defende em suas considerações que o nordeste com sua história, seu passado e sua tradição, forneceu ao Brasil elementos regionais que, com o tempo tornaram-se valores nacionais, “[...] é o passado nordestino-pernambucano que será concebido como portador das características mais profundas da nação” (Santos, op.cit, p.402).

Assim, a cultura regional nordestina - culinária, a flora, a arquitetura, a música, a medicina popular, os costumes entre outros-, é apresentada por Freyre em seu manifesto como aspectos que mais que defendidos, precisam ser desenvolvidos, em benefício não apenas do Nordeste, mas em especial em

benefício do Brasil.

Manuel Ferreira, no prefácio à edição *fac-similar* da revista *Claridade*, lançada em 1986, aponta a contribuição do Brasil como decisiva no âmbito do desenvolvimento das ações do grupo e, por consequência, no desenvolvimento do sistema literário cabo-verdiano. A literatura brasileira se fez presente na formação literária de todos os países africanos de língua portuguesa, de acordo com Tania Macêdo,

[...] o papel exercido pela literatura brasileira no processo de formação dos sistemas literários dos países africanos de língua portuguesa deve ser examinado de forma a ressaltar as tensões, escolhas e projetos que recobrem questões como a sistema de produção colonial, as reações ali engendradas e a da literatura nacional. (2008, p.126).

Conforme vimos por meio das análises dos textos da revista, a presença do Brasil acabou por ser materializada fortemente também nestas publicações, assim como obras (romances, poemas, ensaios) sob a chancela dos ideais claridosos. Tais sinais evidenciam a necessidade de se pensar a literatura cabo-verdiana como manifestação autônoma da literatura portuguesa, uma literatura com características, temas, motivos e objetivos próprios. A consequência dessa efervescência cultural em torno de jovens intelectuais crioulos levou-os a criar um instrumento de divulgação e reflexão de aspectos culturais e literários do arquipélago, a revista *Claridade*.

O ideal da revista associa-se, a exemplo do **Manifesto Regionalista**, concebido por Gilberto Freyre, ao apego aos valores regionais, o retrato do homem em seu espaço de pertencimento, e ao mesmo tempo traz também em suas

publicações poemas e textos em prosa alinhados aos preceitos modernistas de renovação estética.

O pensamento freyriano é a luz que necessitávamos lançar sobre nossa leitura de *Claridade* atentando para o fato de **O Manifesto Regionalista** ter sido lido pela primeira vez em 1926, oito anos antes da publicação do primeiro número da revista, e *Casa Grande e Senzala*, obra considerada uma bíblia para muitos dos intelectuais cabo-verdianos, publicado em 1933, três anos antes do surgimento do primeiro número.

Nosso interesse se justifica, sobretudo por serem o grupo e a revista *Claridade* marcos da consolidação do sistema literário cabo-verdiano.

A partir da atividade de jovens autores ‘conscientes de seu papel de estarem produzindo para sua terra’, assistiremos à formação de um grupo de intelectuais e a publicação de uma revista que procurará veicular textos empenhados em afirmar valores nacionais, buscando uma nova forma de expressão e sob esse aspecto, instaura-se ‘uma continuidade entre corredores, que assegura no tempo o movimento conjunto, definindo os lineamentos de um todo’(Candido, 1993), ou seja, o sistema literário está consolidado. (MACEDO, 2007, p. 89).

Com uma pauta voltada também para os aspectos regionais e tradicionais das ilhas, conforme podemos verificar na escolha de textos e estudos publicados em seus nove números, observamos que o grupo claridoso encontra por meio do resgate das tradições crioulas, um caminho para a valorização de seu “genius loci”.

Um exemplo da materialização e valorização das tradições é o batuque, que analisamos no capítulo 2 deste estudo, uma das mais importantes manifestações tradicionais de Cabo Verde, cujo texto vem impresso na primeira página do primeiro número da revista, publicado em 1936. Além disso, observamos a materialização

dos ideais tradicionalistas em todos os seus números, seja por meio da publicação de textos de *finaçom*, elemento fundamental do batuque, como estudos desenvolvidos a respeito desta manifestação cultural tradicional de Cabo Verde. E não só, podemos observar também textos e estudos antropológicos sobre as relações culturais das ilhas. Lembramos aqui do estudo assinado por Teixeira de Souza, "Sobrados, lojas e funcos – Contribuição para o estudo da evolução social da Ilha do Fogo", sobre as relações sociais na Ilha do Fogo, mencionando diversas manifestações culturais e tradicionais da ilha como as festas das bandeiras.

Citamos ainda o texto "Bandeiras da Ilha do Fogo – o senhor e o escravo divertem-se", no qual Félix Monteiro traça uma importante reflexão sobre elementos essenciais para a compreensão da cultura cabo-verdiana, como as festas e juramentos das bandeiras, o pilão, a matança de rês, festa de canisade, cavalhadas, entre outros elementos festivos da Ilha do Fogo.

Assim, por meio da análise de *Claridade*, investigando os discursos presentes na revista, a partir do primeiro número, observamos um importante apelo para o regionalismo nos moldes do manifesto apresentado por Freyre.

#### **4.3 - “O mestre desiludiu-nos”: os escritos de Gilberto Freyre e a repercussão nos intelectuais cabo-verdianos.**

Presença constante nas leituras dos intelectuais cabo-verdianos, Gilberto Freyre tem a oportunidade de conhecer Cabo Verde em 1951, acontecimento registrado na obra **Aventura e Rotina** – Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação, cuja primeira edição é publicada em

1953.

A viagem de Gilberto Freyre à Cabo Verde e às demais colônias portuguesas, encomendada e patrocinada pelo governo português de Antonio Salazar, tinha como objetivo identificar a excelência da presença portuguesa em seus territórios espalhados pela África e Oriente. Uma das primeiras análises de Freyre sobre Cabo Verde traz a seguinte impressão:

Dez ilhas pirandelicamente à procura de alguma coisa que até hoje não encontraram: um destino definido, claro, digno deles e do autor de sua vida histórica que foi, sem dúvida, Portugal. Autor e personagem vivem inquietos à procura deste destino; e às vezes os personagens queixam-se do autor. (FREYRE, 2001, p. 264).

O pesquisador brasileiro demonstra que a imagem que formou acerca de Cabo Verde está eivada das imagens criadas e transmitidas pelos próprios portugueses.

A visita que serviria para aproximar o intelectual brasileiro e os intelectuais cabo-verdianos mostrou-se uma decepção para ambos. De um lado Gilberto Freyre esperava encontrar em Cabo Verde a confirmação de sua teoria lusotropicalista - o que não ocorreu -, os intelectuais cabo-verdianos, por sua vez, ansiavam serem reconhecidos por seus estudos e produções à luz das teorias freyrianas, o que também não aconteceu.

Em seu relato da visita a Cabo Verde, Gilberto Freyre deixa clara sua percepção de que a população é muito mais africana que europeia, pois, embora seja etnicamente e sociologicamente parecida com Brasil e Portugal, culturalmente apresenta de modo predominante as marcas da raça e cultura africana. Ele

considera que um exotismo africanóide impede Cabo Verde de ser mais semelhante ao Brasil ou Portugal.

O relato feito por Gilberto Freyre por ocasião da visita descontentou os intelectuais da época, em especial aos claridosos, uma vez que os esforços para compreender a sociedade cabo-verdiana como uma sociedade acima de tudo mestiça foi de todo negada por Gilberto Freyre, quando este afirma que a predominância africana na constituição do homem cabo-verdiano é explícita.

Diante disso, Baltasar Lopes pronuncia-se contra essas impressões de Gilberto Freyre, refutando suas críticas à sociedade e cultura cabo-verdianas, em uma série de intervenções na Rádio Barlavento, em São Vicente, posteriormente reunidas na publicação **Cabo Verde visto por Gilberto Freyre** (1956). Assim, o aval científico esperado do “mestre”, de que a sociedade cabo-verdiana era parecida com a brasileira e a portuguesa, aspecto essencial do lusotropicalismo, não se concretiza, frustrando a intelectualidade crioula.

As emissões da rádio Barlavento ocorrem em 6 edições, entre os dias 12 de maio e 13 de junho de 1956. Baltasar Lopes divide suas considerações em temas, apontando os aspectos levantados por Freyre acerca das ilhas cabo-verdianas: elementos africanos e europeus na constituição do sujeito cabo-verdiano, a (in)caraterização regional do arquipélago, a língua e a culinária cabo-verdianas.

A primeira consideração feita por Lopes diz respeito à gênese da *Claridade*. Invocando a necessidade, vinte anos antes, de os intelectuais, preocupados com a formação social das ilhas, encontrarem o auxílio metodológico para o desenvolvimento de suas pesquisas e, assim, de uma literatura que estivesse

voltada para os problemas dos sujeitos das ilhas.

Lopes refere-se a Gilberto Freyre, entre outros brasileiros, como a “revelação” naquele momento de definição das bases do grupo. A “pressão jornalística ou turística” não permitiu ao antropólogo brasileiro vislumbrar o que os claridosos teriam compreendido da sociedade crioula anos antes e, ironicamente tendo por base as teorizações de Freyre.

Voltando ao sentimento biográfico com que iniciei estas notas, direi que a geração com que cresci se sente frustrada na sua necessidade de interpretação vinda do exterior. Para que não falar claro? O Messias desiludiu-nos. Verificamos que, afinal de contas, com todas as nossas deficiências e todo o nosso amadorismo, temos, devemos ter, uma ideia mais justa da problemática que há vinte anos nos preocupava. (LOPES, 1956, p.11).

Baltasar Lopes em seu texto explicitamente dialoga com o **Manifesto Regionalista**. Ao chamar a atenção para as características arquitetônicas das construções da ilha de Santiago, não observadas pelo visitante, o que nos remete às considerações feitas por Freyre a respeito da riqueza dos prédios característicos da cidade de Recife.

Teria Gilberto Freyre sido impressionado pelo tipo de cobertura das casas com palha de sacarina e soca – em Santiago creio que se chama pala de balão -, e pela perícia e arte, que me encantaram, com que o *badio* rural e até mesmo o dos arrabaldes da cidade, como Boncoio, cobre a sua casa em sistema de dois oitões triangulares, como conhecemos em Barlavento, ou, até, num requinte do domínio do homem sobre a matéria, em sistema de quatro abas de desaguamento? (LOPES, 1956, p. 8).

No **Manifesto Regionalista** a atenção às riquezas arquitetônicas do nordeste foi um dos aspectos mais desenvolvidos pelo antropólogo Gilberto Freyre. A análise

do papel dos mocambos (mucambos), com sua arquitetura e materiais a harmonizar com o clima é um elogio à capacidade do homem de utilizar de modo máximo a natureza de sua região.

Com toda a sua primitividade, o mucambo é um valor regional e, por extensão, um valor brasileiro, em mais do que isso, um valor dos trópicos: estes caluniados trópicos que só agora o europeu e o norte-americano vêm redescobrimo e encontrando neles valores e não apenas curiosidades etnográficas ou motivos patológicos para alarmes. O mucambo é um desses valores. Valor pelo que representa de harmonização estética: a da construção humana com a natureza. Valor pelo que representa de adaptação higiênica: a do abrigo humano adaptado à natureza tropical. Valor pelo que representa como solução econômica do problema da casa pobre: a máxima utilização, pelo homem, na natureza regional, representada ela madeira, pela palha, pelo cipó, pelo capim fácil e ao alcance dos pobres. (FREYRE, 1976, p.59).

Para Baltasar Lopes as análises de Freyre feitas ao calor da “pressa jornalística ou turística” impediram-no de um estudo mais aprofundado das realizações do homem crioulo para além dos limites urbanos, espaço ao qual ficou restrita a viagem do pesquisador brasileiro.

O mocambo para Gilberto Freyre é a prova da possibilidade de se pensar uma forma de habitação superior para os trópicos, logo a superioridade do caboclo que a idealizou e a desenvolveu. Entende-se assim que o reconhecimento por parte de Freyre de uma habitação também pensada em termos climáticos e econômicos em Cabo Verde seria a prova de adaptação do homem crioulo e mais, um elemento da autenticidade do povo ilhéu. Assim como o mocambo é para a cultura nordestina.

Não foi apenas a falta de reconhecimento dos “esforços” dos intelectuais cabo-verdianos que despertou o descontentamento na elite crioula. Foram, sobretudo as considerações acerca da sociedade ilhoa proferidas pelo antropólogo

brasileiro. Para o professor Fernando Arenas, “O sentimento que mais profundamente feriu susceptibilidades cabo-verdianas foi a “repugnância” expressa por Freyre em relação ao que ele (Freyre) denomina de “dialecto cabo-verdiano” (2010, sem paginação)”. A esse respeito declara Baltasar Lopes em um de seus pronunciamentos publicados na obra **Cabo Verde visto por Gilberto Freyre**:

Quanto ao crioulo, foi grande a minha surpresa em ver que Gilberto Freyre emprega, em “Aventura e Rotina” e em “Um brasileiro em Terras Portuguesas” o verbo “repugnar” e o substantivo “repugnância” para definir a sua atitude de sociólogo perante o crioulo. Mas, justo céus! Gilberto Freyre é um cientista. E a um cientista é reconhecido o direito de sentir repugnância pela matéria observada? [...] Confesso não compreender a alergia de Gilberto Freyre em relação ao crioulo. Não compreendo porque é que Gilberto Freyre aceita e louva as expressões regionais daquilo que chama de o “Mundo que o português criou”, e ao mesmo tempo lhe “repugna” o crioulo de Cabo Verde. É claro que a esta realidade, o crioulo, apresenta na sua problemática muitas facetas. Embora. Seja como for, o crioulo é a criação mais perene nestas ilhas. Tudo pode desaparecer ou modificar-se no arquipélago: conduta, trajos, mobilidade das classes; se não ocorrer um cataclismo, físico ou social, que está fora das nossas previsões, podemos ter a certeza de que, para me citar a mim mesmo, o crioulo está radicado no solo das ilhas como o próprio indivíduo.(1956, p.27).

Desde os primeiros números de *Claridade* a língua cabo-verdiana teve lugar de destaque no processo de valorização regional. Frisamos em outros momentos deste trabalho as publicações de textos, principalmente do folclore cabo-verdiano, escritos na língua crioula. Textos cuja função adviera sobretudo da proposta do grupo de estudar as raízes e buscar sua identidade cultural.

De acordo com Benilde Justo Caniato (2005), a função da língua crioula foi preencher a necessidade de comunicação dos povos das ilhas. O português como “língua-fonte” foi sofrendo alterações: os “desvios e mutilações [...] sofridas na fonologia, morfologia e sintaxe acabaram por resultar no falar cabo-verdiano” (2005,

p.39). À *Claridade* coube o papel de “consagração definitiva” (Id, 2005, p.40) ao coloca-la na centralidade de suas discussões.

Os textos de Baltasar Lopes corroboram sua afirmação, realizada anos mais tarde, de que para se atingir a “medula regional”, ao escritor cabia não se afastar de todo da língua cabo-verdiana como seu principal instrumento de comunicação. Na revista, ele trata diretamente da questão em pelo menos três textos: “Notas para o estudo da linguagem das ilhas” (CLARIDADE n. 2, 1936), “Uma experiência românica nos Trópicos I” (CLARIDADE n. 4, 1947) e “Uma experiência românica nos trópicos II” (CLARIDADE n. 5, 1947).

No primeiro texto, Lopes inicia pela teorização do surgimento das línguas crioulas, cuja gênese, embora obedecendo a causas de ordem vária, como a psicológica<sup>86</sup>, por exemplo, “resulta de uma necessidade de carácter social” (CLARIDADE n. 2, 1936, p. 5). Seguindo a linha claridosa de escrutínio do processo de formação cultural das ilhas, Baltasar Lopes empenha-se em compreender a participação do elemento afro-negro na formação da língua cabo-verdiana, menor nas ilhas do Barlavento e maior nas ilhas de Sotavento. Para ele, todavia, não se colocava em questão o carácter românico, assim portuguesa, do crioulo cabo-verdiano.

Independente de se chegar a uma conclusão ou não sobre os graus de participação europeia e afro-negra na língua crioula cabo-verdiana, o texto de Baltasar Lopes traz à tona a problemática da pesquisa da linguagem das ilhas e

---

<sup>86</sup> Baltasar Lopes (1936) parte das teorizações de Adolfo Coelho a respeito do surgimento das línguas crioulas. Nas teorias de Coelho, as línguas crioulas, nascidas primeiramente como dialetos “obedeceram, na sua formação, a uma acentuada tendência de simplificação gramatical, para facilitar o entendimento entre vencedores e vencidos” (CLARIDADE, n.2, 1936, p.5), este seria o aspecto psicológico a atuar na gênese das línguas crioulas.

abre a discussão que irá se refletir em outros estudos de sua autoria e da autoria de outros estudiosos.

Ao comparar a língua cabo-verdiana ao português falado no Brasil, Baltasar Lopes faz a seguinte consideração:

[...] o crioulo de Cabo Verde tem mais condições para se afirmar em língua autônoma do que, por exemplo, o falar brasileiro. É que a linguagem brasileira está mais perto do português de Portugal, a força diferencial foi menor por no seu processo formativo ter havido maior aportação do elemento metropolitano. Já no crioulo de Cabo Verde o choque foi maior, devido ao predomínio étnico do elemento afro-negro na miscigenação e ao carácter, possivelmente, menos impositivo da acção do metropolitano na vida Colonial – consequências, a meu ver, do fator econômico: - o elemento português menos poderoso economicamente em Cabo Verde, terra de limitados recursos agrários do que no Brasil, em que a casa-grande representa os grandes latifúndios e a monocultura, possíveis num regime profundamente escravocrata (CLARIDADE n.2, 1936, p.10).

No extenso ensaio “Uma experiência românica nos trópicos” (CLARIDADE, n.4, 1947), Baltasar Lopes traz um diálogo direto com as conferências de Gilberto Freyre na Europa e publicadas na obra **O mundo que o português criou** (1940). Partindo do mote apresentado por Freyre de que as colônias portuguesas na África e no oriente constituem “uma unidade de sentimento e de cultura”, Baltasar Lopes procura mostrar como a língua cabo-verdiana é um dos aspectos dessa unidade.

Por meio da discussão dos aspectos histórico-culturais de formação da língua cabo-verdiana, o autor de Chiquinho, recorre a elementos do passado histórico para comparar a assimilação da cultura europeia por Brasil e Cabo Verde.

Como já havia defendido em “Notas para o estudo da linguagem das ilhas” Baltasar Lopes argumenta em “Uma experiência românica nos trópicos I” que as

sobrevivências lexicais de origem africana são comprovadamente pequenas na formação do crioulo cabo-verdiano, “em Barlavento quase insignificantes” (CLARIDADE, n. 4, 1947, p. 19). Ao mestiço cabo-verdiano coube o papel preponderante na ação social, cultural e econômica, essa é a razão para o fortalecimento de uma língua também mestiça. Em termos linguísticos invoca a colocação pronominal no Brasil como reveladora do caráter próprio do brasileiro, enquanto em Cabo Verde há uma tendência de aproximação com o falar metropolitano.

Os chamados de dialetos do ultramar, dentre os quais coloca o português brasileiro e a língua cabo-verdiana, são por ele denominados de “dialetologia neo-europeia”, insistindo no diálogo com as teorias freyrianas:

Como é obvio, a influência da língua matriz europeia não se põe nos mesmos termos para todas as áreas ultramarinas. Numa, depois de ter sido decisiva, perdeu nos tempos modernos a força actuante. [...] Resta saber, desapassionadamente, em face de alguns aspectos da atitude psicológica dos brasileiros perante a sua linguagem, se não será, em certa medida, esta a posição actual do Brasil. Em outras zonas a situação é diferente e a influencia europeia continua actuante. É o caso de Cabo Verde, em que, no entanto, é possível desde já descortinar a concorrência de um outro prestígio, o brasileiro, o que não é de admirar se aderirmos à ideia da existência de uma consciência transnacional dentro do “bloco de sentimento e de cultura” que os territórios de cunho português representam - umas das teses mais atraentes de Gilberto Freyre - e, por outro, se atendermos a esta espécie de consciência profunda e misteriosa que o povo tem das suas afinidades, mesmo quando não doutrinados neste sentido (CLARIDADE, n. 5, 1947, p. 9).

Baltasar Lopes, filólogo, debruçou-se totalmente nos estudos da formação, funcionamento e pertencimento da língua cabo-verdiana ao grupo de línguas surgidas a partir do contato da cultura europeia e africana. E foi grande defensor da riqueza da língua crioula surgida em Cabo Verde e do papel desta enquanto

elemento primordial do que ele chama de “democracia social” nas ilhas.

Em ambos os ensaios suas reflexões estão eivadas das teorias apreendidas das obras de Gilberto Freyre. Por esse motivo foi tão difícil aceitar as impressões que Freyre registrou em suas obras **Aventura e Rotina** e **Um Brasileiro em Terras Portuguesas** acerca da língua cabo-verdiana.

Para ele, assim como para os demais claridosos que entenderam a língua como elemento crucial para o estudo e compreensão das raízes crioulas, a linguagem das ilhas é “fator importantíssimo para exprimir a vida” (1956, p. 40) e, portanto a identidade regional do arquipélago. Mesmo aceitando parcialmente a afirmação do antropólogo brasileiro de que a língua crioula não tem futuro literário, dada a sua restrição aos espaços insulares, é evidente que a língua cabo-verdiana dispõe “de recursos expressivos suficientes para uma literatura regional” (idem, 1956, p. 42), objetivo e programa do grupo que se formou tendo por base teórica e metodológica os estudos de Gilberto Freyre.

A posição de Baltasar Lopes leva-nos a outro ponto levantado por Gilberto Freyre, segundo o qual, em Cabo Verde, haveria ausência de uma arte popular e a culinária é insignificante. Em **O Manifesto Regionalista**, a valorização cultural regional, para Freyre, passa, incondicionalmente pelo destaque à culinária nordestina, sobretudo pela doçaria da região, resultado do equilíbrio entre os três elementos a formar a sociedade brasileira: o português, o africano e o indígena<sup>87</sup>.

---

<sup>87</sup> Gilberto Freyre voltará ao aspecto culinário da cultura brasileira em sua obra maior **Casa Grande e Senzala (1933)**. A respeito da participação do africano enfatiza: “O escravo africano dominou a cozinha colonial, enriquecendo-a de uma variedade de sabores novos. [...] No regime alimentar brasileiro, a contribuição africana afirmou-se principalmente pela introdução do azeite de dendê e da pimenta-malagueta, tão característico da cozinha baiana; pela introdução do quiabo; pelo maior uso da banana; pela grande variedade de maneira de preparar a galinha e o peixe. Várias comidas

Em relação à contribuição portuguesa, há em Freyre, na consideração feita por Moema Selma D'Andrea (1992), além da descrição da culinária, uma evangelização da comida. E é com esse parâmetro - procurando encontrar exclusivamente as marcas culturais lusas na culinária - que Gilberto Freyre teve contato com a culinária cabo-verdiana e declara: “Nem conheci nenhum prato regional que me parecesse uma ‘daquelas contribuições para o bem-estar da humanidade’” (FREYRE, 2001, p. 279).

Em *Claridade* n.8 (1958), no ensaio “Bandeiras da Ilha do Fogo – o senhor e o escravo divertem-se” - analisado no capítulo anterior -, Félix Monteiro destaca a importância dos rituais envolvendo a alimentação nas festas religiosas das Bandeiras. Assim apresenta o processo do preparo da comida, os instrumentos utilizados, assim como os rituais envolvendo a preparação do alimento. Monteiro aponta com isso que a culinária está presente, em Cabo Verde, nos importantes ritos de convivência e ligados à identidade cultural.

Ao contrário do que afirma Gilberto Freyre, a culinária cabo-verdiana é rica e diversificada, conforme sublinha Baltasar Lopes:

Para amostra, vejamos os pratos (e não estou certo de os citar a todos) que se preparam por cá com milho: a cachupa, feita com o milho preparado da mesma maneira que para a “canjica” brasileira, mas muito diferente dela, porque primeiro, não leva açúcar e leite de coco e, segundo, é prato de substância na dieta comum e não simples sobremesa; [...] – tratando o milho com o “moedor”, a “pedra rala” ou pilão, temos a “papa”, o “rolão”, o “xerém” e até a “papinha” [...] temos o admirável cuscus, que é o pão dos pobres e também dos ricos ou remediados [...]. e temos mais o *fongo*, *fonguinho* a *banana-de-fongo* (que é o acassá baiano), o *gufongo*, a *brinhola*, tão bom para os gulosos, a *batanca*, espécie de variante tropical da broa, como também me parece ser a *banana-de-fongo*, o *milho-em-grão*, tão de uso em S. Vicente, nas festas populares do mês de junho, a

---

portuguesas ou indígenas foram no Brasil modificadas pela condimentação ou pela técnica culinária do negro, alguns pratos mais caracteristicamente brasileiros são de técnica africana: a farofa, o quibebe, o vatapá” (FREYRE, 2006, p. 541-542)

*jagacida*, típica da Brava e creio que também do Fogo [...]. (LOPES, 1956, p. 48-49).

A rica presença do milho na culinária de Cabo Verde para Baltasar Lopes é um modo de comprovação da “fertilidade regional” em aproveitar os recursos locais.

De acordo com José Luis Hopffer Almada o milho tem grande valor simbólico na história cabo-verdiana. Nos primórdios da colonização Cabo Verde recebe grande variedade de culturas e modos de trabalhar a terra, é o milho, originário da América do Sul que facilmente adapta-se ao clima cabo-verdiano, tornando-se “núcleo essencial da economia de subsistência cabo-verdiana” (1998, p.65), e posteriormente, estando presente em todas as ilhas, consolida-se como base da alimentação no arquipélago<sup>88</sup>.

O milho é fundamental na cultura cabo-verdiana representa o alimento básico daquela culinária e também um dos mais importantes vetores da identidade cabo-verdiana. O milho está presente em várias manifestações culturais das ilhas e no convívio dos cabo-verdianos no arquipélago e na diáspora. É a base do principal prato da gastronomia das ilhas: a cachupa. Almada destaca:

Nesse sentido, o milho continua a desempenhar o seu papel de agregador da caboverdianidade, na sua simbologia fundamental. Isso no estrangeiro, lugar onde tudo o que suscita saudade, isto é, vontade irreprimível de viver Cabo Verde, ainda que em suas componentes mínimas, é de um grande valor identitário (1998, p.75).

Outra declaração bastante significativa refere-se ao fato de que para o

---

<sup>88</sup> Nos primeiros séculos da colonização, o milho destinou-se a alimentação dos escravos, mas com a miscigenação e o empobrecimento da sociedade cabo-verdiana torna-se base da alimentação em todo o arquipélago. (ALMADA, 1998)

antropólogo brasileiro se verifica em Cabo Verde uma pobreza de regionalismo, “Surpreende-me nos cabo-verdianos a pobreza de um regionalismo que se exprimisse por esses vários modos e que, também, se manifestasse num interesse que raramente venho encontrando na gente das ilhas, pelos valores naturais” (Freyre, 2001, p. 279).

Baltasar Lopes defenderá a noção de que a fisionomia regional de Cabo Verde não se define por um traço único de cultura, mas sim por meio de um conjunto de fatores, como a língua, a culinária, as narrativas tradicionais: “No inventário que acabo de prometer entram: o folclore novelístico; o folclore dos provérbios e das adivinhas; os jogos infantis; a música popular e sua instrumentação; as festas populares [...]” (LOPES, 1956, p.26). Lopes defende esse ponto de vista, principalmente pelo fato de Gilberto Freyre colocar a caracterização regional pautada, sobretudo pela ausência de um artesanato marcante em Cabo Verde, por exemplo.

Manuel Ferreira em **A Aventura Crioula** (1967) responde ao antropólogo, talvez em nome daqueles que tiveram sua formação marcada pela presença de obras de Freyre,

Não. Cabo Verde não é um povo tão incaracterístico como pareceu ao sociólogo brasileiro. Na rotina insular há muita riqueza humana e social, congênita e adquirida ao longo de séculos, na amálgama de duas culturas diferenciando-se, a pouco e pouco, de uma e de outra, embora com traços acentuados de África e um inesgotável substrato europeu (FERREIRA, 1967, p. 61).

A despeito da desilusão que a visita de Gilberto Freyre provocou, é consenso a relevância de sua obra na formação dos intelectuais cabo-verdianos. De acordo com Arenas, “Baltasar Lopes reconhece que o aparelho conceitual proporcionado

pela obra gibertiana seja pertinente à realidade das ilhas, em particular à noção de ‘unidade na pluralidade’ que bem caracteriza o crioulo” (2010, sem página).

O diálogo empreendido entre a literatura cabo-verdiana e brasileira tem, nos últimos anos, rendido importantes trabalhos de pesquisa no campo dos estudos comparados, que se pautam, sobretudo pela proximidade geográfica, e pelas afinidades culturais e literárias entre esses dois países banhados pelo Atlântico.<sup>89</sup>

As pesquisas realizadas sobre o diálogo entre a literatura brasileira e a literatura do grupo claridoso, de um modo geral, tem se pautado principalmente na correlação com o modernismo brasileiro. Conforme mencionamos no decorrer desta pesquisa, o modernismo brasileiro foi fundamental para a renovação estética e formal almejada pelos intelectuais claridosos, porém, nossa opção de análise foi o diálogo teórico, metodológico e temático com o movimento regionalista brasileiro, em especial o regionalismo desenvolvido e cultivado na região nordeste do Brasil, mais precisamente o pernambucano, a partir das ideias e propostas teóricas de Gilberto Freyre, em finais dos anos de 1920.

---

<sup>89</sup> Mencionamos aqui algumas pesquisas que tiveram como objeto principal de estudo a revista *Claridade*: **Revisitando Claridade**: Encantamento da poesia caboverdiana com o modernismo brasileiro, tese de doutorado de Norma Sueli Lima (UFF, 2000); **Manuel Bandeira e Claridade: confluências literárias entre o Modernismo brasileiro e o cabo-verdiano**, dissertação de mestrado de Júlio César Machado de Paula (2006, USP), **Cabo Verde em revista: análise da primeira fase de Claridade (1936-1937)**, dissertação de mestrado de José Marcel Lança Coimbra (UNESP, 2001).

## Considerações finais

*Claridade*, desde sua gênese, tem ocupado um espaço central no contexto dos estudos da formação da identidade cultural cabo-verdiana. Primeira mudança significativa no panorama literário do arquipélago, a revista inovou, sobretudo pela presentificação da caboverdianidade<sup>90</sup>, “sentimento de unidade e pertença” (ALMADA, 2006, p.76), que interpela os cabo-verdianos.

Em princípio, idealizada e desenvolvida por três escritores, Baltasar Lopes, Manuel Lopes e Jorge Barbosa, teve também a contribuição ideológica e literária de outros importantes intelectuais preocupados com os rumos das produções literárias insulares e com a proposição de um meio de expressão artística capaz de retratar espaço e sujeito cabo-verdianos.

Centrada no fortalecimento da identidade regional das ilhas, à revista de artes e letras coube de modo indireto as críticas ao abandono do governo colonial, à crise econômica provocada pelas adversidades que atingiram o porto de São Vicente, aos dramas provocados pela emigração, entre outros acontecimentos nas ilhas, nas primeiras décadas do século XX.

Considerando a ascensão do fascismo em Portugal como impactante nas possibilidades de colocar em prática o programa e projeto do grupo, para Pires Laranjeira a escolha do nome *Claridade*<sup>91</sup> é a grande referência da concepção da

---

<sup>90</sup> A respeito da caboverdianidade pondera Cláudio Furtado “[...] no que se refere à formação da caboverdianidade, seria mais rigoroso dizer que ela é, de certa forma, a resultante de um processo dialéctica, conflitual e de correlação de forças políticas desiguais entre o colonizador e o povos africanos transplantados para as ilhas” (1998, p.201)

<sup>91</sup> Em 1921, Henri Barbusse funda a revista *Clarté*, na França, cuja proposta era de um movimento pacifista. A respeito da revista francesa, Baltasar Lopes, em depoimento a Manuel Ferreira declara “Intervieram na adopção deste nome duas ordens de factores. Por aquela altura era-nos familiar o pungente romance *Le Feu*, de Henri Barbusse, que era em França figura importante se não

revista: iluminar, trazer à luz do dia os problemas do arquipélago:

O lexema *Claridade*, ainda que forçando a etimologia, compõem-se de dois qualiteiros: clara + idade. A raiz semântica do lexema é *clara*, sempre definidora, em qualquer contexto, do sentido genético de *luz* (iluminação, entendimento). É, ainda como sentido interno, por troca dos semas, a *idade clara*, que se opõe, paradigmaticamente, a *escura idade*, a obscuridade, portanto, à *idade escura*. (grifos do autor) (LARANJEIRA, 1985, p.12).

A semântica da palavra claridade refletiu também outras características e escolhas do grupo: a composição gráfica das publicações com um arranjo “leve, acessível, anti-acadêmico, quase juvenil”; o aspecto geográfico das ilhas, banhada por “intenso luar e luz solar”; a opção social, oposição à escuridão intelectual<sup>92</sup>; e as tendências ideológicas presentes nos intelectuais claridosos, a clareza quanto aos objetivos propostos.

Nossa proposta neste trabalho foi de também trazer à luz alguns aspectos da formação da literatura cabo-verdiana tendo como ponto de partida a gênese de *Claridade*, cuja contribuição maior foi - pela valorização do regional- , o trabalho em favor da construção da identidade cultural do arquipélago. David Hopffer Almada sublinha que a partir dos anos de 1930, “Fala-se de nós, os cabo-verdianos; canta-se Cabo Verde; procura-se conhecer Cabo Verde, sua formação social, a sua história, os seus dramas e os seus amores” (2006, p. 65-66).

A afirmação identitária regional, que posteriormente seria o amálgama na construção da identidade nacional do arquipélago, foi o resultado da tomada de consciência da especificidade cultural das ilhas. A literatura inaugurada nos anos de

---

dominante do grupo *Clarté*; por outro lado, tínhamos conhecimento da existência na Argentina, de uma revista *Claridad*; se não me falha a memória, não tínhamos notícias da adopção deste título por qualquer grupo de qualquer outro centro de vida intelectual” (In: FERREIRA, 1986, p.XIII)

<sup>92</sup> Pires Laranjeira aponta também o sentido da palavra *Claridade* em oposição a *Negritude*. Como um modo de negação da “africanidade pura” em defesa da mestiçagem.

1930 ocupou-se do registro desta idiossincrasia.

O reconhecimento e defesa da singularidade da cultura crioula permitiu reconhecer a perspectiva de que as ações do grupo Claridade e o processo de independência política das ilhas estiveram ligados por estreito vínculo. A esse respeito enfatizou Baltasar Lopes:

Pela militância expressa ou latente nas suas páginas, a ação da revista, e com ela, do grupo, configura-se bem como um movimento precursor da independência política, na medida em que, como foi notado por vozes estranhas insuspeitas, ela revelou que Cabo Verde possuía uma personalidade autônoma bem caracterizada e diferenciada, que merecia um tratamento e um atendimento específicos (LOPES, in: FERREIRA, 1986, P. XIV).

Gabriel Fernandes (2006) sublinha, no entanto, que a postura dos claridosos revela que a pretensão não era de uma ruptura total, e por esse motivo, as ações do grupo não podem ser analisadas desvinculadas da “experiência política colonial” (p.149). E reforça:

Realce-se que, sob o Estado Novo, a consagração formal da unidade do Império convivia com o viés nitidamente rácico do regime, levando ao esvaziamento do princípio de cidadania pelo qual o poder central era obrigado a dispensar ou reconhecer similares papéis sociais e políticos a colonizadores e colonizados. Isso significa que o Portugal metropolitano não se confundia com o Portugal ultramarino. Paradoxalmente, o princípio da unidade do Império obedecia à lógica da descontinuidade entre seus membros. Os claridosos terão pretendido quebrar essa lógica e impedir que entre os portugueses e os cabo-verdianos se estabelecesse uma descontinuidade absoluta de que pudesse resultar a marginalização dos crioulos (2006, p.149-150).

A respeito da posição dos intelectuais do período colonial – de reivindicação de uma identidade autônoma, Gabriel Fernandes destaca duas possibilidades: a de que teria havido uma demanda, no bojo da qual estaria se desenhando os anseios

para a independência política; ou então almejavam somente melhora nas condições dos cabo-verdianos dentro do contexto de dominação colonial. Independente dessas possibilidades, as realizações do grupo Claridade foram revisitadas, no pós-independência, “por meio de actos solenes de consagração” (ANJOS, 2006, p. 76), cujo objetivo era “forjar” as bases locais do nacionalismo.

Desse modo, Furtado destaca que, entre estudiosos da identidade cabo-verdiana, há certo consenso de que a consciência de nação, no arquipélago, precede a constituição do Estado.

Em todo esse processo de estruturação do pensamento claridoso, a presença de Gilberto Freyre é de capital importância. O grande contributo de Freyre, neste processo, foi o de oferecer o arcabouço teórico-metodológico para o fortalecimento da identidade regional, embora, de certo modo, ainda integrada “no todo português”<sup>93</sup> (ALMADA, *idem*). A opção pelo regionalismo, que emerge “das consciências das desigualdades regionais, e revela-se na contestação, na autonomia” (BRITO-SEMEDO, 2006, p.282), dialoga, a nosso ver, com as proposições freyrianas capituladas no **Manifesto Regionalista**, cujo pressuposto era “amalgamar as forças da região, partindo das premissas culturais” (D’Andrea, 2002, p.112). No caso cabo-verdiano, seria: partir das forças da região para a consolidação e valorização dos aspectos culturais, em sentido estrito, a literatura.

Acreditamos que nosso enfoque neste trabalho constitua apenas uma das perspectivas de abordagem de estudo da revista, sem tentar esgotá-la no momento.

---

<sup>93</sup> Concordamos que esta integração ainda com o todo português, da qual fala David Hopffer Almada, tem suas motivações principalmente pelas condições políticas e ideológicas das ilhas durante a vigência do Estado Novo português. É importante lembrar que os nove números de *Claridade* foram publicados após liberação pela censura. A afirmação de Almada sobre “o todo português” remete-nos também ao conceito de lusotropicalismo de Gilberto Freyre que alude aos portugueses dispersos pelos trópicos como constituintes da unidade lusa.

Há muito a questionar, propor e problematizar a respeito dessa referência, cujos temas e formas figuraram definitivamente no sistema literário cabo-verdiano.

## Bibliografia

ABDALA JUNIOR, Benjamin. História Literária e o Ensino das Literaturas de Língua Portuguesa. In: **De vãos e ilhas: Literatura de Comunitarismos**. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **Literatura, História e Política**. Cotia: Ateliê Editorial, 2007.

\_\_\_\_\_. Crioulidade e identidade nas Literaturas de Língua Portuguesa. In: -. **Anais do 1º e 2º Simpósios de Literatura Comparada**. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

ALBUQUERQUE, Luís de & SANTOS, Maria Emília Madeira (org). **História Geral de Cabo Verde**. Praia: Direcção Geral do Patrimônio, 1991.v.1.

ALMADA, David Hopffer. **Pela cultura e pela identidade: em defesa da caboverdianidade**. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2006.

ALMADA, José Luís Hopffer. A poética cabo-verdiana pós-Claridade Alguns traços essenciais da sua arquitectura. In: VEIGA, Manuel (org) Cabo Verde: **Insularidade e literatura**. Paris: Karthala, 1998, p.137-165.

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição Regionalista no Romance Brasileiro**.(1857-1945). Rio de Janeiro: Achiamé, 1980. (Série Universidade. Teoria Literária; 15)

AMOROSO LIMA, Alceu. **Estudos literários**. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966. v. I.

ANDRADE, Mario (org). **Antologia Temática de Poesia Africana 1: Na noite Grávida de Punhais**. 3ed. Sá da Costa/Instituto Caboverdeano do livro, Lisboa/Praia, 1980.

\_\_\_\_\_. **O canto armado**. 2 ed. Praia: Instituto Caboverdeano do livro, 1980. Antologia Temática de poesia Africana, vol. II.

\_\_\_\_\_. **Origens do nacionalismo africano**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. **Intelectuais, Literatura e poder em Cabo Verde: lutas de definição da identidade nacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGRS; Cabo Verde: Instituto Nacional de Investigação Promoção e Patrimônios Culturais, 2006.

\_\_\_\_\_. Elites Intelectuais e a Conformação da Identidade Nacional em Cabo Verde. In: **Estudos Afro-Asiáticos**. Ano 25, n.3, 2003, p.579-596.

ARAÚJO, Alceu Maynard. **Folclore Nacional: Festas, Bailados, Mitos e Lendas**. São Paulo: Melhoramentos, 1964.

ARENAS, Fernando. Reverberações Lusotropicais: Gilberto Freyre em África 1 – Cabo Verde. **Buala**. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/a-ler/reverberacoes-lusotropicais-gilberto-freyre-em-africa-1-cabo-verde>>. Acesso em: fev. 2013.

\_\_\_\_\_. Reverberações Lusotropicais: Gilberto Freyre em África 2 – Cabo Verde. **Buala**. Disponível em: <<http://www.buala.org/pt/a-ler/reverberacoes-lusotropicais-gilberto-freyre-em-africa-1-cabo-verde>>. Acesso em: fev. 2014.

AZEVEDO, Neroaldo. **Modernismo e Regionalismo** (Os anos 20 em Pernambuco). João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.

BANDEIRA, Manuel. **Antologia Poética**. 7 ed. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1974.

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/Zygmunt, Bauman; tradução, Carlos Alberto Medeiros. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

BARROS, Víctor. As “sombras” da *Claridade*: entre o discurso de integração regional e a retórica nacionalista. In: TORGAL, Luís Reis, PIMENTA, Fernando Tavares e SOUSA, Julião Soares. **Comunidades Imaginadas**: Nação e Nacionalismos em África. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.

BARBOSA, Jorge. **Obra poética**. Lisboa: Imprensa Nacional, 2002.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I**: Magia, técnica, arte e política. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

BEZZI, Meri Lourdes. Região como foco de identidade cultural. In: **Geografia**. Vol.27 (1), abril. Rio Claro, 2002. pp 5-19.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Historia Concisa da Literatura Brasileira**. 38 ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

\_\_\_\_\_. **O ser e o tempo da poesia**. 6. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BRITO-SEMEDO, Manuel. **A construção da identidade nacional**: Análise da imprensa entre 1877 e 1975. Praia: IBNL, 2006.

\_\_\_\_\_. O modelo brasileiro e a literatura moderna cabo-verdiana. Estudo comparado. In: **África**: Revista do Centro de Estudos Africanos. USP. São Paulo, 22-23:253-265. 1999/2000/2001.

CABRAL, Amílcar. **Obras Escolhidas**. Mario de Andrade (org.) Seara Nova, 1976.

\_\_\_\_\_. **Documentário** – textos políticos e culturais. Lisboa: Cotovia, 2008.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da

modernidade. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Educação pela noite e outros ensaios**. 3 ed. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. **Formação da Literatura Brasileira- Momentos decisivos (1836-1880)**. 6 ed. Belo Horizonte: Itatiaia; 1981, 2v

\_\_\_\_\_. **Formação da Literatura Brasileira: Momentos decisivos**. 12 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Ouro Sobre Azul/FAPESP, 2009.

\_\_\_\_\_. **Iniciação à Literatura Brasileira**. 6 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2010.

\_\_\_\_\_. **Literatura e Sociedade: estudos da teoria e história literária**. 7 ed. São Paulo: Nacional, 1985.

CANIATO, Benilde Justo. **Percursos pela África e por Macau**. Cotia: Ateliê, 2005. Estudos Literários 18.

CARREIRA, António. **Cabo Verde (Aspectos Sociais. Secas e fomes do século XX)**. 2 ed. Lisboa: Ulmeiro, 1984.

CARVALHAL, Tania Franco e COUTINHO, Eduardo (Orgs.) **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**. São Paulo: Fundo Bibliográfico de língua portuguesa / Via Atlântica, 1999. Coleção Via Atlântica n.1.

COIMBRA, José Marcel Lanca. **Cabo Verde em Revista: análise da primeira fase de Claridade (1936-1937)**. Or. Tania Celestino de Macêdo. Dissertação de Mestrado (Faculdade de Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista). Assis, 2001.

COUTINHO, Afrânio (direção) e COUTINHO, Eduardo de Faria. **A literatura no Brasil**. 7.ed. São Paulo, SP : Global, 2001-2004, 6 v.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

D'ALMEIDA, José Evaristo. **O escravo**. 2 ed. Linda-a-Velha: ALAC, 1989.

D'ANDREA, Selma Moema. **A Tradição Re(des)coberta**. Campinas: Editora Unicamp, 1992.

DUARTE, Dulce Almada e ALFAMA, Jorge Miranda (org). **Antologia da Ficção Cabo-Verdiana - Claridosos**. Mindelo: AEC, 2001. Vol.II.

EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura: uma introdução**. Trad. Waltensir Dutra. 4 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FERNANDES, Gabriel. **A diluição da África**: Um interpretação da saga identitária cabo-verdiana no panorama político (pós) colonial. Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

\_\_\_\_\_. **Em busca da nação**: notas para uma reinterpretação do Cabo Verde crioulo. Florianópolis: Editora da UFSC / Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do livro, 2006.

FERREIRA, Manuel (Org.). **A aventura crioula ou Cabo Verde**: Ou Cabo Verde uma síntese étnica e cultural. Prefácio Baltasar Lopes. Lisboa: Ulisseia, 1967. Coleção Poesia e Ensaio, 14.

\_\_\_\_\_. **Claridade**. 2ª. Ed. Fac-similar. Lisboa: ALAC, 1986.

\_\_\_\_\_. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. São Paulo: Ática, 1987.

\_\_\_\_\_. **No reino de Caliban**: Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Angola, São Tomé e Príncipe, Moçambique. Seara Nova, 1975

\_\_\_\_\_. **O discurso no percurso africano I**: Contribuição para uma estética africana. Lisboa: Plátano, 1989.

FREYRE, Gilberto. **Aventura e Rotina**: Sugestões de uma viagem à procura das constantes portuguesas de caráter e ação. Prefácio Alberto da Costa e Silva. 3 ed. Rio de Janeiro: UniverCidade/GF Gilbertianas Topbooks, 2001.

\_\_\_\_\_. **Casa Grande e Senzala** . 51 ed. São Paulo: Global, 2006.

\_\_\_\_\_. **Manifesto Regionalista**. 7 ed. Recife: Fundaj, Ed. Massangana, 1996. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/freyre/freyre.pdf>>. Acesso em: out. 2012.

\_\_\_\_\_. **Manifesto Regionalista**. 6ed. Recife: Ministério da Educação e cultura / Instituto Joaquim Nabuco de pesquisas sociais, 1976.

\_\_\_\_\_. **Região e Tradição**. Prefácio José Lins do Rego. Rio de Janeiro: José Olympio, 1941.

FURTADO, Cláudio. Cabo Verde: Dilemas étnicos-identitários num território fluido. In: **Ciências Sociais Unisinos**. São Leopoldo, vol. 49, n.1, jan/abr 2013, pp. 2-11.

\_\_\_\_\_. Caboverdianidade & Tropicalismo. In: VEIGA, Manuel (org). **Cabo Verde**: Insularidade e Literatura. Praia: Karthala, 1998, pp. 199-204.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Prad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde**: Literatura em chão de cultura. Cotia, Ateliê

Editorial; Praia, Instituto da Biblioteca Nacional e do livro, 2008.

GOMES, Aldónio e CAVACAS, Fernanda. **Dicionário de Autores de Literaturas Africanas de Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1997.

GONÇALVES, Carlos Filipe. **Kab Verd Band**. Praia, Instituto do Arquivo Histórico Nacional, 2006.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a Organização da Cultura**. 4 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. Coleção Perspectivas do Homem.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço**. Trad. Rosa Freire Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, s.d.

HALL, Stuart. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP & A Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Da diáspora. Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HAMILTON, Russel G. **Literatura africana, literatura necessária**: Moçambique, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe. Lisboa: Edições 70, 1984.

HERNANDEZ, Leila Gonçalves Leite. **Os filhos da terra do sol**: a formação do Estado-nação em Cabo Verde. SP: Summus, 2002.

HOUAISS. **Dicionário Eletrônico**. Disponível em: < <http://houaiss.uol.com.br>>. Acesso em: 20 de Maio, 2012.

INOJOSA, Joaquim. **O movimento modernista em Pernambuco**. 3 vol. Rio de Janeiro: Guanabara, 1968.

JUREMA, Aderbal. Ciclo Nordeste. In: COUTINHO, Afrânio e COUTINHO, Eduardo. **A Literatura no Brasil**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olímpio; UFF – Universidade Federal Fluminense. 1986.

LABAN, Michel. **Cabo Verde**: Encontro com escritores. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida, [s.d.] V.1.

LANG, George. **Tem morna, tem coladera** - . Trad. Astrid Masetti Lobo Costa. In: **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p.155-165, 1o sem. 2007.

LARANJEIRA, Pires. As certeza da *Claridade* e a influências na sombra. **Ponto & Vírgula**, São Vicente, n. 15, p. 11-16, out/dez. 1985

\_\_\_\_\_. Literatura Cabo Verdiana: Periodização. In: ROCHA, Izabel Nobre de Melo. **Autores e Escritores de Cabo Verde**: naturalidade e bibliografia. 2014. Disponível em:

<<http://www.minhasimagens.org/site/elivros/zabela/autescr/files/res/downloads/book.pdf>>. Acesso em: jun. 2014.

LEÃO, Ângela Vaz (org.). **Contatos e ressonâncias**: literaturas africanas de língua portuguesa. Belo Horizonte: PUC Minas, 2003.

LENCIONI, Sandra. **Região e Geografia**. São Paulo: Edusp, 1999 – (Acadêmica 25).

LIMA, Norma Sueli Rosa. **Revisitando Claridade**: O encantamento da poesia caboverdiana com o modernismo brasileiro. 2000. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) - Universidade Federal Fluminense: Centro de Estudos Gerais, Niterói, 2000.

LOPES, Baltasar. **Cabo Verde Visto por Gilberto Freyre**: Apontamentos Lidos aos Microfones de Rádio Barlavento, Imprensa Nacional, Divisão de Propaganda, 1956.

\_\_\_\_\_. **Chiquinho**. São Paulo: Ática, 1986. Autores Africanos, 25.

\_\_\_\_\_. Depoimento. In: FERREIRA, Manuel. **Claridade** – Revista de Arte e Letras. Edição Fac-similada. Linda-a-Velha: ALAC, 1986. (Coleção para a história das Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa). pp. XIII-XV

LOPES, Manuel. **Os flagelados do Ventos Leste**. São Paulo: Círculo do livro, 1982.

\_\_\_\_\_. Temas Cabo-verdianos: Claridade. In: **Estudos Ultramarinos**, n.3, 1959, p. 81-88.

LOPES FILHO, João. **Contribuição para o estudo da cultura cabo-verdiana**. Lisboa: Ulmeiro, 1983.

\_\_\_\_\_. **Génese da Claridade - Revista de Artes e Letras**. Disponível em: <<http://www.lopesfilho.com/?ID=4&cod=378E95D9397AC6A839E>>. Acesso em: 20 nov. 2014

MAIA, Maria Armandina (coord). **Manuel Lopes**: rotas da vida e da escrita. Lisboa: Instituto Camões – Ministério dos negócios estrangeiros, s/d.

MACÊDO, Tania Celestino de. “Claridade e Certeza: Duas revistas de Cabo Verde e seu diálogo com as literaturas do Brasil e de Portugal.” In: TUTIKIAN, Jane e ASSIS BRASIL, Luiz Antonio de (org.). **Mar Horizonte**: Literaturas insulares lusófonas. Porto Alegre: ediPUCRS, 2007. Coleção Memória das Letras, 22.

MARIANO, Gabriel. **Cultura caboverdeana**: ensaios. Lisboa: Vega, 1991.

MEMMI, Albert. Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador. Trad.

Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.  
OLIVEIRA, Vera Lúcia de. **Brasil e Cabo Verde: Duas margens do mesmo mar.** In: **Navegações.** V.3, n.1, p.84-87, jan/jun 2010.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PEREIRA, Daniel A. **Estudos da História de Cabo Verde.** 2. ed. Praia: Alfa Comunicações, 2005.

\_\_\_\_\_. **Apontamentos históricos sobre a Ilha do Fogo.** Praia: Alfa Comunicações, s.d.

PRADO COELHO, Eduardo. “Novas configurações da função intelectual”. In: MARGATO, Izabel e GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.) **O papel do intelectual hoje.** Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 13-22.

REVISTA VIA ATLÂNTICA – São Paulo, Publicação da área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, 2006. nº10.

CERTEZA: Folha da Academia. São Vicente, 1944-1945.

ROSEIRA, Antonio Marcos. **Nova Ordem Sul-Americana: Reorganização geopolítica do espaço mundial e projeção internacional do Brasil.** Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, 2011.

SAID, Edward. **Representações do intelectual:** As conferências Reith de 1993.

SANTOS, Elsa Rodrigues dos. **As máscaras poéticas de Jorge Barbosa e a mundivivência cabo-verdiana.** Lisboa: Caminho, 1989.

SANTOS, Robson. Cultura e Tradição em Gilberto Freyre: Esboço de interpretação do Manifesto Regionalista. In: **Soc. e Cult.** Goiânia, v.14, n.2, jul/dez 2011, p. 399-408.

SANTILLI, Maria Aparecida. **Literaturas de Língua Portuguesa – Marcos e Marcas – Cabo Verde:** Ilhas do Atlântico em prosa e verso. São Paulo: Arte e Ciência, 2007. (Coleção Literatura de Língua Portuguesa. Org. Maria Aparecida Santilli e Suely Fadul Villibor Flory, v.3)

SEMEDO, José Maria e TURANO, Maria R. **Cabo Verde: O ciclo ritual das festividades da Tabanca.** Praia: Spleen, s.d.

SEPÚLVEDA, Maria do Carmo; SALGADO, Maria Teresa. **África & Brasil: letras em laços.** Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.

SILVA, António Leão Correia e. **Nos tempos do Porto Grande do Mindelo.** Praia-Mindelo: Centro Cultural Português, 2005.

SILVA, Augusto Santos. “Podemos dispensar os intelectuais?” In: In: MARGATO,

Izabel e GOMES, Renato Cordeiro (Orgs.) **O papel do intelectual hoje**. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 39-68.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais** (org.). 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

SILVA, Tomé Varela (org). **Antologia de Ficção Cabo-Verdiana: Pós-Claridosos**. Mindelo: AEC, 2002. Vol. III

SILVEIRA, Onésimo. **Consciencialização na Literatura Cabo-Verdiana**. Lisboa: Edição da Casa dos Estudantes do Império, 1963.

SOUZA, Octávio. **Fantasia do Brasil: as identificações na busca da identidade nacional**. São Paulo, Escrita, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Literatura Brasileira**. Seus fundamentos econômicos. São Paulo: Civilização Brasileira, 1969.

SPINOLA, Daniel. Sementeira, Chuva e Seca. In: VEIGA, Manuel (coord). **Literatura e Insularidade**. Praia: Karthala, 1998.

STRIEDER, Inácio. O homem situado e inculturado: A propósito do Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre. **Recanto das Letras** – revista online. <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3607843>>. Acesso em: abr. 2014.

TRIGO, Salvato. **Ensaio de literatura comparada afro-luso-brasileira**. Lisboa: Vega, s.d.